

WEDNESDAY
MARTIN

PRIMATAS DA PARK AVENUE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

WEDNESDAY MARTIN, PH.D.

Primatas da Park Avenue

TRADUÇÃO DE LOURDES SETTE



Copyright da tradução para o português © 2015 by Intrínseca
Copyright © 2015 by Wednesday Martin

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo
com a editora original, Simon & Schuster, Inc.

NOTA

Este é um livro baseado em memórias e reflete minhas vivências ao longo de vários anos. Alguns nomes e detalhes facilmente identificáveis foram modificados e alguns personagens são inspirados em mais de um indivíduo. A fim de dar fluidez à narrativa e preservar a identidade de algumas pessoas, a cronologia dos acontecimentos foi alterada ou condensada.

TÍTULO ORIGINAL

Primates of Park Avenue: A memoir

PREPARAÇÃO

Marluce Faria

REVISÃO

Nina Lua

Luísa Ulhoa

TRATAMENTO/COMPOSIÇÃO DAS IMAGENS DE CAPA E MIOLO

ô de casa

CAPA

Claudia Warrak

IMAGENS DE CAPA

Loomis Dean/The LIFE Picture Collection/Getty Images

George Marks/Retrofile RF/Getty Images

ILUSTRAÇÕES

Andreas Gurewich

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Vanessa Goldmacher

E-ISBN

978-85-8057-849-2

Edição digital: 2015

1ª edição

TIPOGRAFIA

Perpetua

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99 / 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel. / Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Blossom e Daphne. E para todas as mães.

SUMÁRIO

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[**CAPÍTULO UM** *Comme il faut*](#)

[**CAPÍTULO DOIS** *Pária do playdate*](#)

[**CAPÍTULO TRÊS** *Virando nativa: mamãe quer uma Birkin*](#)

[**CAPÍTULO QUATRO** *Gueixa de Manhattan*](#)

[**CAPÍTULO CINCO** *Uma noitada em casa com as meninas*](#)

[**CAPÍTULO SEIS** *Um ansiolítico e um bloody mary: as mães de Manhattan à beira de um ataque de nervos*](#)

[**CAPÍTULO SETE** *Um dia chuvoso*](#)

[**CAPÍTULO OITO** *Notas de campo resumidas*](#)

[Bibliografia](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

INTRODUÇÃO

Um dos primeiros presentes que ganhei após o nascimento do meu primeiro filho foi um livro sobre bebês, dado por uma velha amiga, que tem dois filhos e ainda mora na cidadezinha de Michigan onde nós duas crescemos. O presente não apenas celebrava a chegada do meu filho, mas também era prova de que eu agora vivia na cidade de Nova York, um lugar muito diferente daquele onde passamos nossa infância. *Urban Babies Wear Black* é um livro cartonado, com ilustrações fantásticas e que lista, com a concisão de uma aula de sociologia de cinco minutos, exatamente como os bebês urbanos são diferentes — começando pelas roupas (pretas e chiques *versus* fofinhas cor-de-rosa ou azuis), passando pelo que comem e bebem (sushi e latte *versus* cachorro-quente e leite) e pelos seus passatempos (idas a óperas e galerias de arte *versus* parquinho). Tenho certeza de que gostei mais do livro do que meu filho. Em suas primeiras semanas em casa, eu o li várias vezes para ele. Às vezes, até me peguei lendo-o enquanto ele dormia.

Mais tarde, ocorreu-me que o livro era atrativo por também ter algo a dizer sobre as *mães* dos bebês. Tais criaturas eram visíveis apenas em vinhetas pequenas e fascinantes — um salto alto aqui, uma elegante coleira de cachorro ali — enquanto passeavam, praticavam corrida, andavam de táxi e carregavam seus bebês pelas páginas do livro, tornando-os chiques e urbanos, sendo elas mesmas chiques e urbanas. Examinei minuciosamente as unhas feitas e os cangurus forrados de pele enquanto lia em voz alta para meu filho. Quem eram, afinal, aquelas mulheres glamorosas e elegantes com seus bebês sofisticados? O que faziam? E como faziam aquilo?

Eu queria ver mais essas mães de bebês urbanos porque queria conhecer melhor meus pares: as outras mães de Manhattan. Por ser uma mulher com filhos no Ocidente industrializado, eu era uma mãe totalmente diferente daquelas sobre as quais estudei e escrevi ao

longo dos anos em meus trabalhos como pesquisadora social; meu foco, entre outras coisas, estava na história e na pré-história evolutiva da vida familiar. Caçadoras-coletoras, vivendo tal como nossos antepassados, criam seus filhos em comunidade, em uma rica rede social de mães, irmãs, sobrinhas e outras mulheres com as quais podem contar para cuidar dos filhos umas das outras (e até mesmo amamentá-los) como se fossem seus. Minha mãe tinha uma versão desse sistema de apoio quando meus irmãos e eu éramos pequenos em Michigan: mais de uma dezena de mulheres da vizinhança que não trabalhavam fora e eram famílias postigas a quem ela podia recorrer para que cuidassem de nós caso precisasse resolver algo fora de casa, tirar uma soneca ou se simplesmente desejasse a companhia de um adulto. Nesse meio-tempo, convivíamos com outras crianças. Os quintais enredavam casas, mães e filhos em uma teia de altruísmo recíproco: você me ajuda, eu ajudo você. Hoje eu vigio as crianças da minha janela, você faz o mesmo amanhã. Obrigada pela farinha; vou trazer uma fatia ou duas do bolo quando estiver pronto.

Em contraste, meu bebê nova-iorquino e eu vivíamos de uma forma intensamente privada, apesar de estarmos perto de muitas outras pessoas. Eu mal *via* minhas centenas de vizinhos de Downtown, os quais estavam ocupados demais com as próprias vidas. Tudo que faziam ocorria em espaços (escritórios, apartamentos, escolas) fora da visão do público. Por ter deixado meu grupo de origem e estar vivendo longe da minha terra natal, eu não tinha nenhum familiar a quem recorrer. Meus parentes adotivos mais próximos eram meus sogros idosos, que adoravam nos ver, mas não tinham condição de ajudar. E, uma vez que a residência nos Estados Unidos é neolocal — após o casamento, deixamos nossas famílias estendidas para formar a nossa própria —, eles ainda por cima estavam a meia hora de carro.

Enquanto isso, meu marido, como o meu pai e tantos outros pais no Ocidente, sobretudo os de Manhattan — uma área extremamente cara em que a pressão financeira sobre os provedores com dependentes é tremenda —, retornou ao trabalho depois de apenas uma semana em casa comigo e com o bebê. Por um tempo tivemos

uma enfermeira, presença certa na infância de Manhattan, contratada por acordo verbal para ajudar com aquelas noções básicas de cuidados com bebês que costumavam ser ensinadas por nossas mães e avós. Ela chegava alegre todas as manhãs para dar uma ajudinha e me lembrar das minhas breves aulas de puericultura dadas na maternidade e também da época longínqua em que fui babá. No entanto, tirando a enfermeira e os amigos que vinham nos visitar, na maior parte do tempo eu ficava sozinha com nosso recém-nascido e com minha ansiedade por fazer tudo certo dia após dia.

Eu também era um pouco reclusa. Tínhamos um jardim adorável, uma pequena joia na parte de trás da casa onde eu gostava de me sentar com o bebê. Fora isso, eu quase não tinha vontade de sair. Taxistas camicases, uma multidão de transeuntes apressados, britadeiras e buzinas faziam a cidade que eu amara por mais de uma década parecer agora inóspita, até mesmo perigosa, para meu filho. Uma grande amiga, que dera à luz um pouco antes de mim, ficou tão desencantada com a maternidade na cidade grande que fugiu para as áreas residenciais, mais afastadas. E eu não tinha feito nenhuma amiga no estúdio de ioga Mommy & Me mais próximo. Embora nenhuma parecesse trabalhar fora, as mães novatas que se contorciam nas posições de ioga se dispersavam com acenos de cabeça educados após a aula todos os dias, provavelmente para se trancarem em suas próprias casas com seus próprios bebês e suas próprias atividades.

Quem, eu sempre me perguntava, me ensinaria a ser a mãe urbana de um bebê urbano?



Nascida no Meio-Oeste, tive uma infância devagar e relativamente tradicional. Todas as manhãs, ia para a escola e voltava para casa com um grupo de crianças do bairro, de idades variadas; depois, brincava de chutar latas e ficava à toa nos quintais e bosques próximos com elas, sem nenhum adulto por perto, até o início da

noite. Nos fins de semana, todos nós andávamos de bicicleta e participávamos do grupo dos escoteiros ou das bandeirantes. Quando fiquei mais velha, passei a trabalhar como babá em algumas noites e nos fins de semana também, um primeiro trabalho lógico para uma irmã mais velha bastante participativa, e um passatempo popular entre as jovens pré-reprodutoras de nosso bairro.

Talvez a única coisa notável sobre o ambiente em que fui criada, a única que poderia me ajudar a me situar agora, tenha sido o fascínio da minha mãe pela antropologia e pelo campo então nascente da sociobiologia. O livro *Adolescência, sexo e cultura em Samoa*, de Margaret Mead, era um de seus favoritos. A sugestão de Mead de que o estilo ocidental de infância e adolescência não era o único ou o certo e de que o dos samoanos talvez fosse melhor escandalizou o país quando o livro foi lançado, em 1928, e de novo quando foi reeditado em 1972. Mead, explicou minha mãe, era antropóloga. Estudava as pessoas em culturas diferentes, aprendendo sobre elas ao viver entre elas e fazendo o que faziam. Depois, escrevia sobre isso. Ser antropóloga parecia um trabalho incrivelmente exótico, glamoroso e atraente para alguém como eu, que cresceu cercada de mães que eram quase todas donas de casa e de pais que eram quase todos médicos ou advogados.

Aquela também foi a época de Jane Goodall, uma loira de rabo de cavalo, sedutora em suas calças cáqui e capacete de cortiça, que se tornou a face pública da primatologia. Goodall — que observou e protegeu um bando de chimpanzés de Gombe, na Tanzânia, apresentando-os ao mundo por meio da *National Geographic* — era a minha ideia de estrela do rock. Nos jantares em minha casa, conversávamos sobre como tinha sido o dia do meu pai, o da minha mãe, o que eu e meus irmãos tínhamos feito na escola e sobre Mary Leakey, mãe de três filhos, amante de charutos, cujas descobertas de fósseis na Garganta de Olduvai e em Laetoli, na Tanzânia, obrigaram todo mundo a repensar a pré-história humana.

Quando meus irmãos mais novos brigavam durante o jantar, minha mãe invocava as teorias de Robert Trivers sobre investimento parental e rivalidade fraterna. Quando eram bonzinhos, ela falava sobre a seleção de parentesco e o altruísmo. Não era estranho,

refletiu ela um dia, quando eu tinha cerca de dez anos, obviamente com E. O. Wilson em mente enquanto dobrava a roupa lavada, que se eu estivesse prestes a ser atropelada por um carro e ela me puxasse, o fizesse para proteger não apenas a mim, mas também a seus próprios genes?

Essa abordagem nada sensível (embora bastante simplificada, por volta de 1975) da sociobiologia da maternidade, essa teoria inteiramente nova das relações entre pais e filhos, chamou minha atenção. Junto com a coleção de livros de minha mãe — Mead se misturava com livros de Colin Turnbull sobre o povo ik de Uganda e os pigmeus mbuti do Zaire, Betty Friedan, *O relatório Hite*, *Primavera silenciosa* e pilhas imponentes da *Natural History Magazine* —, provavelmente foi o que me levou a estudar antropologia biológica e cultural, com foco na vida de mulheres. Nada me fascinava mais do que a catação, as amizades e as lutas pela liderança entre os babuínos da savana. Ou a estranheza de mundos dentro de mundos, como o sistema das irmandades e fraternidades de meu campus universitário, com seus rituais coreografados de escolha de novos membros e as lealdades e rivalidades intensas. Estudei macacos do Velho e do Novo Mundo, o tamanho dos cérebros do *Homo habilis* e do *Homo ergaster*, e escrevi sobre como as garotas das irmandades não eram muito diferentes dos grandes macacos.

Aos vinte e poucos anos, quando buscava novas emoções, me mudei para Nova York para fazer o doutorado em estudos culturais e literatura comparada. Manhattan mudou tudo em mim: meus objetivos (terminei o doutorado, mas decidi não seguir a carreira acadêmica); meu senso de moda (as roupas, que sempre me interessaram, tornaram-se uma fixação em uma cidade cheia de mulheres belas e bem-arrumadas); até mesmo quem eu era em nível celular (a simples euforia de estar em uma cidade grande alterou meus níveis de cortisol e meu metabolismo, transformando-me no estereótipo da *manhattanita* magra e insone). Energizada, escrevia e revisava para revistas e ministrava alguns cursos em minha área para pagar o aluguel.

Aos trinta e poucos anos, tendo postergado o casamento e a chegada dos filhos como tendem a fazer as mulheres com alta formação em metrópoles muito opulentas, casei com um nativo sarcástico com profundas raízes profissionais e emocionais na cidade. Ele nasceu e cresceu aqui, uma realidade tão exótica e atraente para mim quanto, digamos, ser taitiano. Ou ser samoano. Ele tinha um conhecimento detalhado e agradavelmente nerd da história da cidade e parecia ter uma lembrança pessoal para quase toda esquina, prédio e bairro. Se eu tinha alguma dúvida quanto a construir uma vida em Nova York, ele a dissipou com sua paixão pelo lugar. Um atrativo adicional era o fato de seus pais, o irmão e a cunhada morarem aqui, além das filhas adolescentes de seu casamento anterior, que passavam os fins de semana com ele. Sua família era acolhedora e serviu como substituta para mim, uma vez que a minha estava tão longe.

Nova York tinha o benefício extra de ser um dos poucos lugares em que uma escritora como eu poderia prosperar, em nichos tão diversos quanto publicidade, mercado editorial e ensino. Apinhada de gente e vivaz, a cidade me lembrava uma floresta tropical, o único outro hábitat que poderia suportar uma variedade tão extrema e vigorosa de formas de vida. Certa época, morei em um bairro indiano que era colado a um peruano; em seguida, fui para perto de um enclave chamado Pequena Suécia. Meu marido não queria se mudar, e eu não via problema nisso. Nós nos instalamos em Downtown e, aos seis meses de casada, engravidei. Nunca cogitamos deixar Nova York. Afinal, meu marido tinha sido criado aqui, e eu havia me dado ao trabalho de cruzar o país para morar em Manhattan. Por que a cidade não seria boa o suficiente também para os nossos filhos? E assim o momento da descoberta — *Vamos ter um filho!* — não foi apenas uma alegria pessoal. Foi também o começo de algo muito maior do que eu, meu casamento, minha história ou meus sentimentos sobre ser mãe. Ele marcou uma transição que só vim a perceber mais tarde: minha iniciação em um outro mundo, o mundo da maternidade em Manhattan.



Este livro é uma história mais estranha do que qualquer ficção, resultado do que descobri quando transformei minha vida em uma experiência acadêmica ao estudar a maternidade em Manhattan. É a história de um mundo dentro de outro mundo — uma descrição que não emprego à toa. Nós nos mudamos para o Upper East Side logo após o 11 de Setembro, desejando tanto a distância física da tragédia quanto a proximidade da família de meu marido. O último motivo era especialmente importante agora que tínhamos um filho. Num momento em que o mundo parecia tão perigoso e nossa cidade, tão vulnerável, ansiávamos dar a ele e a nós mesmos o conforto de um círculo seguro de parentes amorosos. Essa seria a parte fácil. Eu também teria de aprender sobre as outras mães e conviver com elas.

Por fim, escolhemos a Park Avenue, lá pela 70th Street. De meu acampamento-base, fui para os grupos Mommy & Me, me inscrevi em aulas de música de alto padrão, discuti com babás, tomei café com outras mães e “me candidatei” a pré-escolas, tentando uma vaga para o meu primogênito e, mais tarde, para o meu caçula.

No processo, aprendi que a maternidade era outra ilha na ilha de Manhattan, e que as mães do Upper East Side eram, na verdade, uma tribo à parte. Tal tribo era um tipo de sociedade secreta regida por regras, rituais e padrões de migração inteiramente novos para mim, além de ser marcada por crenças, ambições e práticas culturais que eu sequer imaginara que existiam.

Tornar-me uma mãe do Upper East Side, aos poucos me estabelecendo, interagindo e visitando o parquinho, foi uma experiência que enfrentei com certo receio. A vizinhança onde pousáramos, ultrarrica e consciente de seu status, além das mães aparentemente esnobes muito bem-vestidas ao meu redor, parecia estranha e intimidadora. Mas, como uma primata de ordem superior e como os humanos no mundo inteiro, eu ansiava por me encaixar para meu próprio bem e, ainda mais, para o bem de meu filho — e posteriormente para meu outro filho também.

Eu sabia muito bem, por ter estudado literatura e antropologia, que, sem um sentimento de pertencimento e sem de fato pertencer, nós, os grandes símios, ficamos perdidos. Na literatura e no mundo real, os excluídos podem ser anti-heróis interessantes com os quais conseguimos nos identificar, mas, em geral, são infelizes. De Ulisses a Daisy Miller, de Huck Finn a Hester Prynne, de Isabel Archer a Lily Bart, os párias e os excluídos sociais, sobretudo os do sexo feminino, não se dão bem. Desprotegidos, sem o apoio de uma rede de relacionamentos, eles morrem figurativamente e às vezes literalmente, não apenas nas páginas dos livros, mas também na sociedade e na vida selvagem, conforme documentado de forma consistente pelos biólogos de campo. E não há ninguém em situação de maior perigo do que uma fêmea primata transferida para um grupo novo com um recém-nascido. Os primatólogos afirmam, por exemplo, que as mães chimpanzés que tentam se juntar a um grupo de estranhos costumam ser vítimas de assédio e violência física excruciante por parte das fêmeas já estabelecidas; às vezes elas e seus filhotes chegam a ser mortos pelos pares aos quais buscavam se integrar.

É claro que ninguém estava me caçando enquanto eu tentava descobrir meu lugar no Upper East Side, pelo menos não no sentido literal. No entanto, encontrar um jeito de entrar no grupo e conquistar a aceitação dele era importante para mim, era até mesmo urgente. Quem quer ficar de fora? Quem não quer ter amigas para tomar um café depois de deixar os filhos na escola? Quem não quer que os filhos tenham coleguinhas para brincar dentro e fora da escola? Meus sogros e meu marido ajudaram, me ensinando onde comprar comida e explicando as regras bizantinas das festas de gala, dos *bar* e *bat mitzvahs* exageradamente luxuosos, dos clubes, dos conselhos de moradores, além de outros ritos e práticas que eu desconhecava, mas que eram próprios à nossa nova vizinhança. Contudo, a cultura das mães do Upper East Side era algo singular, meu enigma pessoal a ser resolvido, já que eu era uma mãe que queria — precisava — fazer parte do jogo. Sim, eu fizera muitas incursões ao Upper East Side desde que chegara a Nova York. Sabia que era exuberante, endinheirado e privilegiado. Sabia que

simplicidade não tinha nada a ver com o Upper East Side. Sabia que o uniforme, a filosofia e o *ethos* não eram os mesmos que prevaleciam em Downtown. Entretanto, não havia como fincar o pé no secreto mundo-dentro-de-outro-mundo que era a *maternidade* do Upper East Side sem ingressar nele. Se não tivesse filhos, talvez eu nunca percebesse esse universo parental paralelo de criações e infâncias privilegiadas. No entanto, por ter filhos, estava mais do que fascinada por ele — sentia-me obrigada a entendê-lo, a me infiltrar nele, a decifrar seu código cultural. Conhecer as mães que me rodeavam, aprender a fazer o que faziam do jeito delas e tornar-me uma mãe do Upper East Side foi uma jornada tão estranha e inesperada que nada do que tinha estudado ou vivenciado — nem os ritualísticos saltos por cima de vacas e as ingestões de sangue dos masai ou as lutas de machado dos ianomâmi na Amazônia, tampouco os bacanais ritualizados para a escolha de membros de irmandades das universidades da divisão Big Ten de rúgbi — poderia se comparar com aquilo ou me preparar para o que estava por vir.

A infância no Upper East Side é singular independentemente do padrão adotado. Há motoristas, babás e passeios de helicóptero até os Hamptons. Há aulas de música “ideais” para crianças de dois anos, tutores para as de três em preparação para as provas e entrevistas de admissão ao jardim de infância, além de consultores de brincadeiras para as de quatro que não sabem como brincar por não terem tempo para isso, já que têm tantas “aulas enriquecedoras” (francês, mandarim, centros de desenvolvimento infantil e aulas de culinária, bem como de golfe, tênis e canto) depois da pré-escola. Há consultores de moda para ajudar as mães a comprar as roupas certas para levarem e buscarem os filhos na escola. Há saltos altíssimos e casacos de pele deslumbrantes da J. Mendel e da Tom Ford não só em parquinhos, mas também em festinhas de aniversário que custam pelo menos cinco mil dólares, em apartamentos tão grandes e com pés-direitos tão altos que podem abrigar — e de fato abrigam — castelos infláveis de tamanho real.

Se a infância aqui é peculiar, a maternidade é ainda mais bizarra. Aprendi em primeira mão quais “objetos” definem a vida das mães

privilegiadas e perfeitas com quem convivi. Descobri que suas identidades são construídas por meio de ritos de passagem cruéis e específicos do Upper East Side: a entrevista com o conselho de moradores e de “continuidade pós-maternal”, na qual as crianças são encaminhadas a outras escolas; as seitas da Physique 57 e da SoulCycle, onde mulheres altamente instruídas, quase sempre subempregadas e ricas, que passei a considerar as gueixas de Manhattan, convertem a alardeada ambição profissional em aperfeiçoamento físico. Há uma busca obsessiva por itens de luxo quase impossíveis de adquirir (como a minha própria, quando “virei nativa”, por uma bolsa Birkin) e “tráfico” de informações privilegiadas, como de que maneira contratar, por trás dos panos, um guia da Disney com passe para deficientes a fim de evitar as filas. A identidade de uma mãe do Upper East Side também emerge de seus relacionamentos tensos e complicados com as mulheres que contrata para ajudar a criar os filhos e a cuidar da casa (ou casas). Aprender sobre a maternidade no Upper East Side a leste da Lexington Avenue convivendo e aprendendo com as mães dali, descortinou um mundo que me empolgou, fascinou, educou e, de vez em quando, horrorizou.

As mulheres que me ensinaram a ser uma mãe do Upper East Side podiam ser implacáveis ao defenderem sua prole — e a si mesmas. Claro, elas eram mães amorosas, mas também chefes de dinastias empreendedoras, determinadas a serem bem-sucedidas e, portanto, a terem filhos “bem-sucedidos”. Por exemplo, nenhuma delas admitia nem mesmo para as melhores amigas que o filho de três anos tinha feito um curso preparatório para o exame ERB de acesso ao jardim de infância. Mas todas faziam isso — arranjando tutores por meio do boca a boca, às vezes gastando milhares de dólares em aulas particulares — por amor, medo e ambição pura e simples, em iguais proporções. Além disso, muitas agendavam visitas para seus filhos brincarem com a “descendência alfa” dos ricos e influentes, na tentativa de ascender na hierarquia invisível, porém onipresente e poderosa, que organiza a vida aqui, estrategicamente descartando as crianças com pais “de nível inferior” como o fariam com um Band-Aid usado. Fiquei chocada ao perceber que, no caso de algumas

mulheres com quem convivia na vizinhança e conversava nos corredores da escola, os filhos eram outra maneira de “ostentar” — mais como bibelôs do que bebês, alguém para quem comprar as coisas certas, inundar com o tipo certo de atenção dos melhores especialistas, alimentar com os melhores e mais saudáveis alimentos e ajudar a ingressar nas escolas mais prestigiadas. Tenho de admitir: por vezes, minha aventura me deixava desiludida.

Descobri que o outro lado da ambição e da agressividade dessas mulheres é uma ansiedade extraordinária. A pressão para fazer tudo certo, para ser a mãe perfeita, perfeitamente integrada, perfeitamente vestida, perfeitamente sensual, e o tempo e a energia dedicados a tudo isso pareciam deixar algumas à beira de um colapso. Para remediar tal situação, apelavam para a bebida, para os medicamentos com receita, para as “festas pelo mundo” com as amigas em Vegas, St. Barths e Paris, em seus jatinhos particulares, para os exercícios físicos e cuidados pessoais compulsivos (bicicleta ergométrica, caldo de tutano e dieta de sucos naturais, orgânicos e prensados a frio são os mais populares), para a compra de roupas e acessórios estonteantes (entre as mulheres que conheço, “pré-liquidação” é um verbo, e gastar 10 mil dólares na Bergdorf Goodman ou na Barneys em um só dia não é necessariamente um exagero), e para os almoços e banquetes ou dias em spas com amigas muitas vezes igualmente ansiosas, e às vezes “aminimigas” invejosas.

A princípio, meu objetivo era assimilar e, ao mesmo tempo, manter certa distância do estresse, da loucura e da cultura de competitividade das mães do Upper East Side. Eu acreditava que minha formação em pesquisa social e antropologia me ajudaria a manter a sanidade e os meus pés no chão enquanto conquistava um lugar para meus filhos e para mim mesma em um mundo que, às vezes, parecia inóspito. Entretanto, como antropólogos pelo mundo todo, em dado momento me descobri “virando nativa”. Esse é o termo para o que acontece quando o cientista de campo resvala da objetividade para a identificação com as pessoas que está estudando, cruzando a linha que separa compreender e “se tornar” uma delas em essência. Minhas conexões com meus amigos de

Downtown se desgastaram à medida que eu me empenhava em trabalhar, criar meus filhos e cultivar amizades com as mães de Upper East Side, e pouco a pouco, mesmo sem perceber, passei a me vestir, agir e pensar mais como as mulheres ao meu redor e a me preocupar com as coisas com as quais elas se preocupavam. Seu mundo era, na mesma proporção, estranho, sedutor e alienante para mim, mas o meu desejo de tentar encontrar um lugar entre elas era surpreendentemente forte.

Para minha sorte, acabei fazendo amigas na tribo de mães sofisticadas que conheci no Upper East Side. Não é fácil conseguir uma amizade verdadeira e solidária em um ambiente social com hierarquia rígida, em que disputas, competição, insegurança generalizada e estresse são a norma. Os rituais, as regras e as práticas da tribo eram em grande parte estranhos, e com frequência irritantes para mim. Assim também foi a atitude de superioridade e indiferença que enfrentei no início. Tais características eram o diferencial dessas mulheres. Contudo, vi que elas tinham muito em comum com as mães de qualquer cidade no mundo. Nos momentos difíceis, muitas vezes se uniam e cuidavam umas das outras de maneiras inesperadas e extraordinárias. O milenar e universal imperativo evolutivo de nossa espécie e de tantos outros primatas de cooperar e cuidar uns dos outros transpassa, caracteriza e define a maternidade e a amizade entre as mulheres em todos os lugares. Até mesmo no Upper East Side exuberante, atlético, hipercompetitivo e megaendinheirado.

O que percebi — e ainda percebo — de mais singular entre essas amigas específicas era a sua generosidade e vontade de traduzir para mim aquele mundo que compreendiam melhor do que eu, o entusiasmo em partilhar conhecimentos sobre aquele universo, a ironia com relação à vida que elas próprias e outras ao seu redor levavam. E o senso de humor. “Qualquer uma que não entenda como nossa vida é ridícula e exagerada, e como tudo isso é engraçado e louco, não serve mesmo para ser nossa amiga”, disse-me uma mãe quando, meio a sério, meio brincando, expressei minha preocupação de que, depois que todos ficassem sabendo do meu projeto, ela pudesse ter problemas por ter sido vista comigo. Eu

tinha medo de escrever este livro. Entretanto, ela e outras me tranquilizaram ao me mostrarem que, mesmo nos contextos mais estranhos e desconcertantes e nos mundos de aparência mais esquisita, existe uma boa porção de normalidade, e também ao me lembrarem de que, até em climas aparentemente inóspitos e hostis, há carinho e bondade genuínos a serem celebrados.

Em meus anos de estudo e convivência entre elas, como pesquisadora social e mãe, aprendi que as mulheres com filhos do Upper East Side querem aquilo que as mães em todo o mundo querem para seus rebentos: que sejam saudáveis e felizes, se sintam amados, prosperem e, um dia, sejam alguém na vida. Mas as semelhanças param aí. A menos que se tenha sido criado em Manhattan, e talvez até mesmo se tiver sido, nada sobre a infância no Upper East Side parecerá natural. E, por extensão, a menos que tenha sido criado por uma mãe do Upper East Side, nada sobre a maternidade aqui parecerá lógico, simples ou senso comum. Aprendi da maneira mais difícil que as mães do Upper East Side não nascem ao darem à luz. Elas são construídas. Esta é a história de como fui construída, e reconstruída, e como muitas vezes senti que me desconstruí. Trata-se de considerações sobre uma parcela pequena da maternidade em uma ilha minúscula e uma reflexão sobre o que isso pode significar para todas as outras pessoas.

CAPÍTULO UM

Comme il faut

Notas de campo

Meio ambiente e ecologia

A ilha é um bloco de terra quase sete vezes mais comprido do que largo, isolado geográfica, cultural e politicamente. O clima é temperado, com invernos relativamente severos e verões quentes e úmidos ao extremo, características que nos últimos anos se aproximam das condições tropicais, em parte devido a dois séculos de atividade industrial e desmatamento intensivos. A longitude da ilha é 40°43'42"N e sua latitude é 73°59'39"L.

Os habitantes da ilha vivem em um estado de alívio das restrições ecológicas — os recursos, tais como comida e água, são abundantes e obtidos com facilidade; as doenças são raras; não há predação. Por viverem em um nicho caracterizado por uma abundância literalmente inédita, sem dificuldade de obtenção, os habitantes mais ricos podem investir pesadamente em cada um de seus filhos e inventar códigos sociais e ritos elaborados e complexos, cuja observância requer um gasto intensivo de tempo, esforço e dinheiro.

Apesar da fartura extraordinária de comida, água e outros recursos em toda a ilha, existe pobreza acentuada e persistente em certas áreas. O isolamento, a densidade populacional extrema e as enormes discrepâncias em termos de riqueza, bem como os papéis e comportamentos tradicionalmente estereotipados de gênero quanto à educação das crianças e ao trabalho, podem explicar e, em parte, inspirar os muitos comportamentos aparentemente estranhos dos habitantes mais abastados da ilha, discutidos nas páginas a seguir.

Habitações da ilha

Os habitantes da ilha são sobretudo moradores verticais, construindo seus lares diretamente em cima uns dos outros, em estruturas de pedra finamente moída. Viver nessas “aldeias verticais” lhes permite maximizar o espaço físico, um bem precioso e raro nessa ilha minúscula com uma densidade populacional surpreendentemente alta. Em certos locais, sobretudo onde os mais ricos residem, essas aldeias verticais são notavelmente restritivas, com um misterioso “conselho de anciões” que decide quem será ou não autorizado a viver lá. Procurar uma moradia é uma das práticas mais penosas dos membros femininos da tribo que estudei — em geral, a tarefa é realizada por mães de primeira viagem. Quase sem exceção, “xamãs da habitação” orientam essas mulheres em sua busca por uma casa — que também é uma busca por uma identidade. Os xamãs oferecem conhecimentos especializados, conselhos e apoio emocional ao longo desse processo de iniciação caro, demorado e minucioso.

Origens geográficas dos habitantes

Os habitantes da ilha possuem origens geográficas heterogêneas. Ao atingirem a maturidade sexual, muitos deixaram seus grupos de origem em vilas distantes, menores e até mesmo rurais, imigrando para a ilha a fim de melhorar suas oportunidades profissionais, sexuais e matrimoniais. Outros habitantes da ilha são nativos. Seu status é superior ao dos residentes não autóctones, principalmente se foram criados em determinados cantos da ilha ou frequentaram “cabanas de aprendizagem” específicas durante a infância.

Crenças dos habitantes e sobre eles

Os estrangeiros, muitos visitantes e seus próprios conterrâneos acreditam que, sejam autóctones ou imigrantes, os habitantes da ilha têm uma atitude arrogante com relação a si mesmos e à sua ilha. Eles são conhecidos em todo o país pela grosseria; pelos dotes intelectuais; por usarem adornos deslumbrantes; e pela perspicácia em escambo, comércio e negociação. Cada vez mais, seu comércio consiste em ideias invisíveis e abstrações, aumentando a sensação de que possuem conhecimentos privilegiados e até mesmo poderes

“mágicos”. As jornadas e provações daqueles que se mudam para a ilha e enfrentam dificuldades para ser bem-sucedidos são, literalmente, material para lendas — há uma longa tradição oral e escrita sobre o espírito supostamente indomável e singular das pessoas capazes de serem bem-sucedidas lá. Dizem que, uma vez instaladas na ilha, elas podem ser bem-sucedidas em qualquer lugar.

Aquisição e distribuição de recursos

Em geral, os habitantes da ilha são os mais ricos de toda a nação, vivendo sem as restrições ambientais cujo impacto é tão profundo sobre as trajetórias de vida em outros habitats pelo mundo. A obtenção de calorias adequadas para si mesmos e seus filhos, o maior desafio ecológico para os pais no mundo inteiro e durante toda a nossa pré-história evolutiva, é uma simples formalidade para os ricos habitantes da ilha. No entanto, assim como em muitas sociedades industriais e pós-industriais, os pais integrantes da tribo que estudei, caracterizada por funções estereotipadas de gênero bastante tradicionais, tendem a focar no trabalho de prover as esposas e as famílias com recursos menos tangíveis, incluindo capital financeiro, social e cultural. Embora muitas mulheres que vivem na ilha trabalhem fora de casa, durante a gravidez e os primeiros anos de vida dos filhos muitas habitantes ricas acreditam que seu “papel” é permanecer em casa com as crianças, onde muitas vezes são auxiliadas por parentes postíças — outras pessoas além dos pais que assumem o papel parental. Elas são chamadas de “governantas”, “babás” e “cuidadoras”.

Organização da ilha

Na mente dos habitantes da ilha, ela é organizada em quatro quadrantes: Superior [Up], Inferior [Down], Direito [Right] e Esquerdo [Left]. As áreas Superior, correspondente a Uptown, e a Inferior, correspondente a Downtown, são consideradas marcadamente distintas — sendo a Superior a região preferida para criar os filhos e a Inferior vista principalmente como um lugar para pré-reprodutores, “outsiders” culturais, festas e ritos noturnos animados. Os habitantes ainda dividem a sua ilha em um hemisfério

esquerdo e outro direito. Segundo eles, "Esquerdo" e "Direito", como "Superior" e "Inferior", possuem características nitidamente distintas, até mesmo opostas. A Esquerda é considerada mais informal e progressista, em contraste com a Direita, percebida como formal e conservadora.

Mapa da ilha
Mostrando a afiliação dos quadrantes e suas identidades sociais.

Legenda:

----- : fim do mundo conhecido

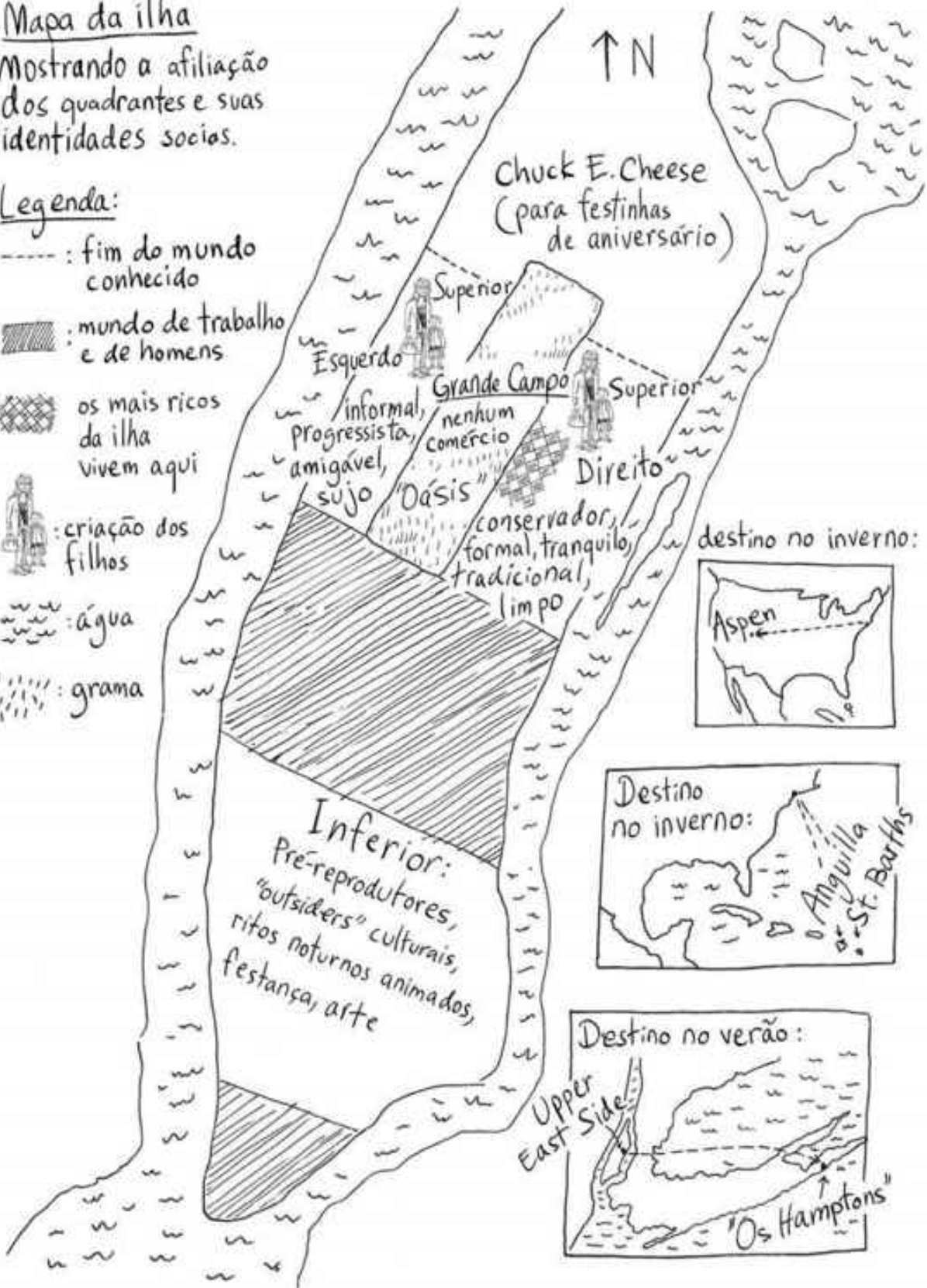
▨ : mundo de trabalho e de homens

▩ : os mais ricos da ilha vivem aqui

👤 : criação dos filhos

~ : água

⋯ : grama



Para os habitantes, Superior/Inferior e Direita/Esquerda são mais do que meras indicações ou coordenadas; são oposições poderosas e profundamente sentidas como tais e que organizam a identidade e a experiência cotidiana dos moradores da ilha. Apropriadamente, as subtribos insulares são definidas por seu quadrante — por exemplo, moradores da Direita, moradores da Esquerda, moradores da zona Superior, moradores da zona Inferior. Em geral os habitantes da ilha são indiferentes aos moradores das áreas adjacentes ao arquipélago, é raro irem lá ou até mesmo falarem delas. “Cruzar” para as partes periféricas de seu bloco de terra e para outras ilhas requer meios de transporte complexos, um conhecimento íntimo das rotas e o pagamento de uma tarifa, o que serve para reforçar ainda mais não apenas a xenofobia intensa dos habitantes da ilha, mas também sua separação geográfica literal.

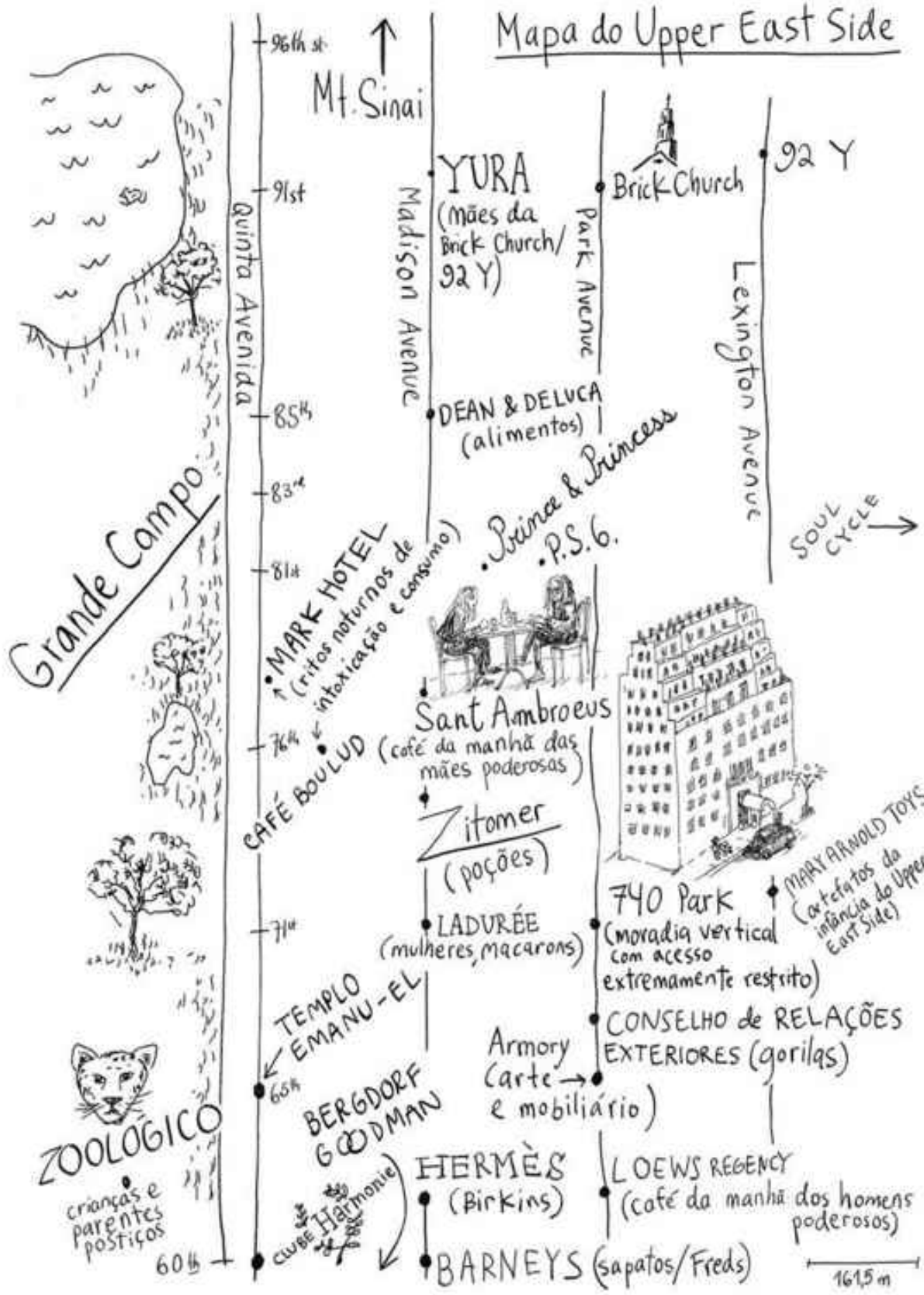
Afiliação ao quadrante e construção de identidade social

Muitos habitantes expressam apreensão e sentem ansiedade e angústia quando viajam de seu quadrante da pequena ilha para outro, considerando tais deslocamentos inconvenientes, demorados, difíceis e até mesmo azarados. Por superstição, alguns organizam suas vidas e seus compromissos (com os xamãs da medicina, das finanças e do cuidado infantil) de maneira a terem de deixar sua área imediata com pouca frequência. A identidade do quadrante também influencia práticas como vestuário e adornos, educação dos filhos e padrões de migração sazonal voluntária (os habitantes da zona ocidental são mais propensos a ir para as montanhas no verão, enquanto os residentes da zona oriental, sobretudo a zona Superior Direita, têm preferência acentuada por um destino específico e de elite no litoral. Há também destinos quentes específicos às zonas durante o inverno).

Há uma crença generalizada em toda a ilha de que duas zonas são “melhores” para se criar filhos e para a vida familiar. Essas duas zonas, Superior Direita e Superior Esquerda, flanqueiam o imenso, cultuado e apropriadamente chamado “Grande Campo”, cuja proximidade é muitíssimo desejável. Esse fato pode ser justificado

pela história e pré-história coletiva dos habitantes; por serem moradores da savana que se mudaram para as árvores em busca de proteção e mais tarde proprietários rurais que precisavam estar atentos à chegada de intrusos hostis, eles talvez valorizem e se sintam mais confortáveis ao vislumbrarem uma extensão descampada de uma altura “segura”. Por isso, uma moradia com vista para o Grande Campo é desejável e cara, e ainda confere e reforça o alto status social. O Grande Campo também é considerado ideal para crianças, que brincam ali sob a supervisão de professores, pais e, principalmente, parentes postigos. Não é permitida a instalação de indústrias no Grande Campo; o comércio é mínimo. É uma zona sagrada e tida como um poderoso tônico para a saúde: dizem que olhar para o Grande Campo e andar por ele tem efeito calmante e fortificante. Aqueles que vivem mais perto dele, no quadrante Superior Direito (ou Upper East Side), são os mais ricos da ilha, com alguns dos rituais, práticas e crenças tribais mais singulares, arraigados e de aparência mais bizarra. Esses habitantes são o objeto de nosso estudo.

Mapa do Upper East Side



DECIDIMOS NOS MUDAR para Uptown em busca de uma “infância melhor” para nosso filho. Afinal, lá estão o Central Park, uma espécie de oásis encravado entre o Upper East e o Upper West Side, e muitas escolas públicas e particulares boas. Na época, Uptown também tinha aquilo que era tão difícil de encontrar em Downtown: restaurantes que não se incomodavam com a presença de crianças, lojas de roupas infantis e lugares para seu filho cortar o cabelo onde ele poderia assistir a cliques infantis sentado em um carrinho de bombeiros. Queríamos uma trégua dos lembretes constantes do 11 de Setembro, que ainda pairavam sobre Downtown quase um ano depois, em múltiplas formas — a qualidade precária do ar nos ambientes fechados, a ansiedade permanente e a tristeza palpável. Queríamos acesso a parquinhos e a uma vizinhança focada na família, em um bairro com uma escola pública excelente. E queríamos ficar perto dos meus sogros, assim como do meu cunhado e a família dele, uma rede de primos e adultos que nos ajudaria e nos apoiaria quando estivéssemos exaustos, lidando com o início da dentição ou com os ataques de raiva. Ao decidirmos permanecer em Manhattan, só havia uma opção: o Upper East Side.

Sempre que eu comentava com nossos amigos de Downtown que iríamos nos mudar para a parte alta da cidade, eles me olhavam como se eu estivesse divulgando toda animada minha intenção de me afiliar a uma seita.

“Pelo menos as esposas troféu de Downtown usam óculos, têm doutorado e a própria organização sem fins lucrativos”, observou o marido de uma amiga enquanto tomávamos uns drinques certa noite. Ele não disse o que todos nós sabíamos: as esposas troféu do Upper East Side eram louras e siliconadas. E ficavam em casa com os filhos. E com os empregados. Certo? Eu não tinha certeza. Havia anos que não me aventurava acima da West 23rd, exceto para visitar meus sogros e ocasionalmente ir a um museu. Nessas ocasiões, não pude deixar de notar a aparência envernizada e brilhosa das pessoas, das lojas, de cada superfície, roupa e artigo de metal. No entanto, as mães nunca chamaram muito a minha

atenção. Afinal, eu nunca tinha de fato conhecido uma mãe do Upper East Side. Como seria isso? Como elas seriam? “Guarde dinheiro para um casaco de pele”, disse minha amiga, com um sorriso malicioso. Eu ri, e meu marido se engasgou com uma castanha-de-caju. Não faltavam estereótipos sobre Uptown *versus* Downtown, e eu estava ansiosa para ver com meus próprios olhos o quanto eram verdadeiros.

Mas primeiro eu precisava encontrar um lugar para morarmos. E, repito, *eu*, porque meu marido prontamente me delegou o projeto da busca por um apartamento. A lógica disso era bem óbvia, já que, por ter um bebê, eu havia reorganizado meus horários de trabalho como escritora de modo a me tornar “flexível” e “freelance” — conseguia postergar coisas por dias ou semanas seguidas. Também tínhamos uma babá por meio período, que poderia cuidar de meu filho enquanto eu procurava. Entretanto, também havia uma lógica cultural mais profunda em ação: em Manhattan, a mulher é encarregada de encontrar um lugar para a família. Além disso, talvez ela pague pela moradia ou por metade dela. No entanto, nos casamentos heterossexuais, independentemente de quem faz o quê, costuma ser a mulher quem procura pelo apartamento. Refleti muito sobre essa questão, e por fim atribuí tudo à agricultura. Enquanto nossos ancestrais caçadores-coletores vagavam e seguiam as fontes de comida, montando e desmontando acampamentos com apego mínimo ao local ou aos bens, a transição para uma economia baseada no cultivo mudou tudo. Com ela veio a noção de propriedade — “Esses campos são meus!” — e o aumento da fertilidade das mulheres, que então eram relativamente sedentárias e assim ovulavam com mais frequência. Antes que se pudesse dizer “milho”, as mulheres foram transformadas de coletoras — com toda a influência, o poder e a liberdade relacionados ao fornecimento de quase todas as calorias diárias desses bandos — em guardiãs do fogo e da casa, sem outra influência além de determinar a hora de servir o jantar que tinham passado o dia inteiro preparando, e sem prestígio, a não ser como recipientes para bebês. Eu não me importava de ser quem cuidava do bebê e da casa e quem tinha de encontrar um novo lar. Fazia sentido, uma vez que a carreira do meu

marido rendia uma remuneração melhor do que a minha, e dado o meu grande desejo de ficar junto de nosso filho. Mas certos dias eu me questionava se o que minha amiga e seu marido tinham dito enquanto bebíamos era verdade: que, em comparação com Downtown, a política de gêneros do Upper East Side era ainda *mais* acentuadamente agriculturalista bantu do que a política do povo !kung san, caçadores-coletores que prezavam pela liberdade e um estilo à la Downtown.

Nesse meio-tempo, eu suspeitava que não seria muito difícil vender nossa casa no centro e encontrar um apartamento em Uptown, mesmo se tratando de alguém tão desinformada quanto eu. Afinal, em Nova York as casas no centro da cidade são símbolos de status de primeira e mais alta ordem. Para os *manhattanitas*, ter uma moradia própria, sem ninguém em cima ou embaixo, é uma maneira incomum, muitíssimo valorizada e desejável de viver. Supõe-se que isso confere privacidade, o que é valorizado no Ocidente, e certa grandeza espacial em uma cidade em que se paga por cada metro quadrado. Dessa forma, apesar de nossa casa ser relativamente modesta — a cozinha era pequena e não havia elevador —, potenciais compradores faziam fila para vê-la. Eu estava sempre arrumando tudo para a casa parecer imaculada e, em seguida, saindo porta afora para que o corretor e o cliente pudessem “dar uma olhada”.

Eu usava esse tempo em exílio para ir até um café nas proximidades e telefonar para corretores. A maioria era mulher. Elas me mantinham ao telefone por certo tempo, de alguma forma *me* enchendo de perguntas — sobre o trabalho do meu marido, o meu, de onde eu vinha, que escola frequentara, até mesmo sobre meu patrimônio — em vez de responder às minhas.

Os *manhattanitas* também fazem uma versão desse interrogatório nas festas e em outros encontros sociais, com toda a sutileza de um trabalhador do censo, a fim de identificar quem você é. Na primeira vez que aconteceu comigo, fiquei confusa. “Ah, eles fizeram geografia judaica com você”, observou meu marido judeu. “Queriam saber onde você se situava.” Entretanto, até onde eu sabia, o jogo não conhecia religião. Em uma cidade enorme, saber se e como

você pode estar conectado a alguém, se conhecem alguém que você conhece ou quer conhecer — os chineses chamam isso de ser *guanxi*, um sistema de conexões em um país de bilhões — faz certo sentido. Mesmo que pareça um pouco (ou muito) mercenário.

Após cada interrogatório, as corretoras inevitavelmente me diziam que não tinham o perfil *específico* de imóvel que eu procurava, mas tinham algumas *outras* coisas para me mostrar. Na verdade, parecia que *nenhum* dos belos apartamentos que eu via na internet ou em anúncios impressos existia — os telefonemas revelavam que “já haviam sido vendidos”, “estavam em fase de fechamento dos contratos” ou apareciam como disponíveis porque “o site precisa ser atualizado”. Quando contei isso a meu marido, ele disse que se tratava de uma malandragem típica e sugeriu que precisávamos de um “corretor do comprador”. “Uma espécie de informante nativo? Ou um guia?”, perguntei, animada, e meu marido afirmou que ele seria exatamente isso. Assim como os rastreadores leais que ajudaram Dian Fossey a encontrar seus gorilas por vários dias e como o povo inuíte da ilha de Baffin, que se encarregou de explicar seu modo de vida para Franz Boas, o pai da antropologia moderna, quando ele surgiu em seu meio, eu precisava de um *insider* para me aconselhar e esclarecer tudo.

Meu marido me deu o telefone de uma mulher que o ajudara a vender seu pequeno apartamento no Upper East Side alguns anos antes. No dia seguinte liguei para ela, apresentei-me e disse que gostaria de ver alguns apartamentos. Achei que, com alguém do meu lado, tudo seria fácil. Como eu era ingênua. Tinha apenas dado a largada. Agora começaria o verdadeiro trabalho.

Inga tinha um sotaque glamoroso — meu marido me contou que ela era uma ex-modelo dinamarquesa — e foi energética e eficiente.

— Antes de mais nada, alguém está vendendo sua casa, certo? Porque eu não costumo trabalhar em Downtown. — Explicou que o mercado imobiliário de Uptown e o de Downtown eram mundos completamente diferentes. E que o Upper *West Side* não era seu forte; ela era acima de tudo uma corretora do Upper *East Side*.

— Ah, bem, sim, queremos morar no Upper East Side. — Tropecei um pouco nas palavras, assimilando as diferenças imensas e, ao que

parecia, insuperáveis entre os bairros no que dizia respeito às práticas de corretagem. — E — prossegui, agora mais segura — queremos um lugar em um distrito com uma boa escola pública.

Houve um longo silêncio. Em seguida, veio o pronunciamento conciso:

— Isso não vai ser fácil. — Eu a decepcionara de alguma forma com os meus requisitos, e de repente me vi cabisbaixa e deprimida. *Isso não ia ser fácil.* — Mas — falou Inga, em uma cantilena escandinava com a qual simpatizei de cara — vamos tentar. Tenho algumas coisas para lhe mostrar.

Nessa hora, eu me animei e senti uma onda de otimismo e alívio. Ela tinha coisas para me mostrar! Sim, eu tinha uma guia! Ao desligar o telefone, senti que Inga não me ajudaria apenas a encontrar um lugar para morar. Ela também me ensinaria a gramática do Upper East Side. Todo antropólogo precisa de pelo menos um informante nativo confiável e perspicaz que esteja disposto a mostrar o caminho, traduzir a língua, explicar os costumes e revelar os segredos sujos e acordos sociais tácitos da cultura pesquisada. Em suma, os informantes ajudam você a penetrar na cultura. E eu tinha certeza de que encontrara o meu.



— Sua chefe vem hoje? — perguntou-me com desconfiança a mulher bem-vestida, com uma echarpe Hermès no pescoço. Sua testa oleosa e paralisada por botox expressou levemente o que deve ter sido confusão quando cheguei ao saguão ornamentado da Park Avenue antes de Inga, em nosso primeiro dia de caça a apartamentos.

— Hã... eu não... tenho chefe... — consegui dizer, estendendo a mão e me apresentando. Com certeza ela achou que eu era a assistente da cliente de Inga, com base em minhas roupas informais e "nerd hipsters" da Marc Jacobs, a última moda em Downtown. Ali estava minha primeira indicação de que mulheres sem emprego

nesta parte da cidade tinham assistentes para procurar apartamento por elas. E que eu precisava de um novo uniforme de caça a apartamentos. Inga apareceu logo em seguida, uma morena alta, bonita e macérrima vestida em um terno off-white muito elegante e estiloso, e percebi que a outra corretora a admirava, o que de repente me deixou à vontade com tudo — minhas roupas, nossa mudança e todo o processo de encontrar um lugar para morar. Foi como mágica.

Eu não estava longe da verdade. O negócio de corretagem imobiliária em Manhattan — a compra e venda de apartamentos — é um nicho ecológico dominado por mulheres. Isso é ainda mais forte no Upper East Side. A linguagem das corretoras são suas roupas. A corretora do vendedor se veste para canalizar o respeito que deseja obter para seu cliente; já a corretora do comprador se veste para impressionar e intimidar a corretora do vendedor, e para projetar uma imagem da sua potencial compradora, que, por sua vez, se veste para transmitir seriedade às duas corretoras (se ela é extremamente rica, pode se vestir com mais simplicidade, pois sabe que elas sabem que não precisa fazer esse jogo: as corretoras se vestem para *ela*). Tudo transcorre, saguão após saguão, visita após visita, dia após dia, como um tipo de duelo de roupas. Imagine a música de Sergio Leone e mulheres vestidas de Brunello Cucinelli e Loro Piana ao amanhecer.

As bolsas pareciam ter particular importância; muitas das corretoras que vi no primeiro dia, quando “vimos” quatro ou cinco apartamentos, tinham bolsas Chanel brilhantes, de matelassê, com correntes, abas pesadas e Cs entrelaçados. Ou então retangulares, de couro macio, sem fecho e com os Cs logo abaixo das alças, práticas e elegantes. “Se queremos encontrar um apartamento, vou precisar de uma bolsa nova”, brinquei com meu marido ao chegar em casa, na noite do primeiro dia. Estava cansadíssima de tanto andar (se eu fosse outro tipo de cliente, mais sintonizada com as práticas do Upper East Side, teria providenciado um motorista para mim e Inga), e exausta também pela ginástica psicológica inesperada, pelo esforço emocional de olhar os apartamentos, interagir com as corretoras, forçar meus padrões e desejos para me

ajustar a seja lá o que cada lugar apresentava, me questionando se seria bom para nós.

Nas semanas que se seguiram, toda manhã vesti meu uniforme de caçadora de apartamentos no Upper East Side: vestido justo e recatado, sapatilhas da Agnès B. ou da French Sole e a bolsa mais feminina que eu tinha — uma bolsa de pano desleixada não estaria à altura da tarefa. O toque final era um elegante (eu esperava) rabo de cavalo. Afinal, eu estava indo para a Terra da Elegância. Assim preparada, pegava um táxi e, após um trajeto que em geral levava meia hora para o norte e para o leste, encontrava Inga em dado saguão de dado edifício pré-guerra, quase sempre a oeste da Lexington. Nossa área de pesquisa era ditada pelos limites do distrito das escolas públicas de excelência, por isso basicamente procurávamos na vizinhança mais cara de toda Manhattan. A fim de, no futuro, colocar nosso filho em uma escola gratuita. A ironia dessa situação não passava despercebida por mim, meu marido ou Inga, que logo se tornou a terceira pessoa em nosso casamento. “Poderíamos ver muito mais lugares se vocês fossem flexíveis quanto ao distrito escolar”, sugeriu ela, diplomática, quando já nos conhecíamos melhor. “Mas sei o que você e seu marido querem”, acrescentou depressa quando a encarei. “Então vamos continuar nessa vizinhança.”

Encontrar um apartamento parecia levar uma eternidade. Afinal, estávamos no auge da valorização imobiliária e o mercado estava difícil. Os donos pediam valores altíssimos e os compradores ficavam à sua mercê. O lugar em que queríamos morar, Inga insinuou diversas vezes, era o mais difícil de se conseguir na cidade. Por isso, procuramos sem parar.

Vimos os “clássicos de seis cômodos”, os “clássicos de sete” e os “clássicos de oito” em “edifícios bonitos”, em “edifícios bons” e até mesmo em “edifícios de luvas brancas”, nos quais os funcionários literalmente usavam luvas brancas. Todos os edifícios tinham porteiros para nos cumprimentar e muitos dispunham de serviço no elevador, o que significa alguém para apertar os botões por você. No entanto, nenhum era um “edifício maravilhoso”, o qual poderia estar no mesmo quarteirão e parecer exatamente igual aos outros pelo

lado de fora, mas exigir uma entrada altíssima, recusar hipotecas e requerer que o comprador em potencial provasse ter três, cinco ou até mesmo dez vezes o valor do imóvel em ativos líquidos. No início, Inga explicou que os edifícios maravilhosos podem fazer tais exigências e também abrir certas exceções para certas pessoas se assim desejarem, porque em essência são clubes privados geridos por conselhos de moradores que criam e impõem as regras que julgam adequadas. São o tipo de edifício que costuma recusar pedidos de celebridades ricas, que dispensaram Richard Nixon e Madonna, forçando-os a comprar casas e deixando-os sem dúvida revoltados e magoados pela rejeição. Os grandes prédios são habitados por titãs da indústria e suas esposas socialites e são conhecidos por seus endereços: 740 Park. 927 Fifth. 834 Fifth. 1040 Fifth. Outros têm nomes: o Beresford. O San Remo. O Dakota. O River House. São construídos em pedra calcária e projetados por arquitetos renomados, tais como Rosario Candela e Emery Roth. Eles não eram para nós, mas aparentemente tampouco eram os prédios “família”, que pareciam perfeitos para mim. “Não”, explicou Inga com paciência quando perguntei, “isso *não* significa que eles têm salas de jogos. Significa que permitem um financiamento de 90%. Podemos conseguir algo melhor.” Inga me explicou que, assim como suas roupas (Jil Sander, Piazza Sempione, Prada) eram um reflexo do meu status, o edifício em que eu acabasse morando refletiria o status dela. Ela queria o melhor para nós porque sua reputação também estava em jogo.

Eu não era muito exigente com relação a essas distinções — precisávamos apenas de um lugar bom o suficiente no distrito escolar certo. Entretanto, para minha surpresa e posterior frustração, ser flexível não facilitava o processo de procura ou a descoberta do imóvel certo. Simplesmente não havia uma grande quantidade de “inventário”, nos disseram as corretoras repetidas vezes. E era absoluta e inesperadamente estranho entrar na vida e nos espaços das pessoas de maneira tão íntima — ver suas coisas, seus hábitos, ou, nesse caso específico, a ausência de qualquer vestígio de moradores na perfeição de lugares intocados. Notei o estilo característico de decoração no Upper East Side. Havia muito

toile de jouy. E amarelo. E azul. De novo e de novo. Era difícil imaginar o que eu faria de diferente, como a nossa mobília se encaixaria ali, como viveríamos em cada um desses apartamentos, meu marido, meu filho e eu. Qual o melhor canto para a caminha do meu bebê? Se decidíssemos ter outro filho, onde ele ou ela ficaria? Eu poderia trabalhar de casa nesse apartamento? E assim por diante.

Se o apartamento passasse no teste inicial — localizado no distrito escolar certo, com o número certo de banheiros, além de iluminação e vista agradáveis —, no dia seguinte meu marido, como todos os maridos, daria uma olhada. E as mulheres (Inga e eu, a corretora do vendedor, talvez a própria vendedora) seriam tomadas por uma nova energia, uma atenção ansiosa, uma ânsia de agradar. Eu me senti como a apresentadora de TV Vanna White, ridícula, enquanto as outras mulheres e eu “demonstrávamos” o apartamento, abrindo portas e exibindo armários. Não faz meu gênero sorrir com afetação e agir de forma submissa, mas lá estava eu agindo assim, como se estivéssemos todos numa peça e soubéssemos nossos papéis. Seguindo esse roteiro de caça ao apartamento, meu marido examinava o ambiente, as corretoras atentas a cada palavra e gesto, procurando sinais sutis de seu (des)prazer. Ele costumava ser educado, mas nunca excessivamente amistoso nessas situações. Nunca deixava transparecer coisa alguma diante das corretoras, e, após circular rapidamente pelas instalações, voltava logo para o Importante Mundo do Trabalho dos Homens. Em seguida, ele me telefonava e dava sua opinião.

Tudo isso teria feito eu me sentir como Marion Cunningham em *Happy Days*, exceto pelo fato de que a decisão sobre onde iríamos morar seria, em última instância, minha. A esfera da casa era coisa de mulher. Por isso todos os corretores e potenciais compradores eram mulheres. Os homens estavam lá para fornecer gravidade, um pouco de emoção, para então desaparecer e assinar embaixo. Ou não. Depois disso, faríamos o que quiséssemos. Bem-vindo ao Upper East Side.

Enquanto eu refletia sobre essas divisões de gênero no que se refere a trabalho e no significado disso naquele que seria o meu

novo hábitat, não pude deixar de focar em questões mais práticas. Por exemplo, apesar de termos uma quantia que em Atlanta ou em Grand Rapids equivaleria a uma mansão com piscina, muitos dos apartamentos foram uma decepção. Havia um padrão: um saguão lindo, dourado e com porteiro em um endereço “de prestígio” na Park, na Madison ou na Quinta Avenida. Subíamos, entrávamos no apartamento... e eu achava que ia desmaiar. *É aqui que todas as mulheres elegantes do Upper East Side vivem?*, me perguntava muitas vezes, incrédula. Alguns dos imóveis eram impecáveis, até mesmo “zero quilômetro”, mas muitos, se não a maioria, estavam em um estado de leve ou moderada decadência. Tapetes e carpetes velhos e desgastados. Cozinhas muito usadas. Pintura amarelada. E quase sempre uma empregada tirando o pó, polindo a prataria ou dobrando roupa.

E todas as vezes, sem falhar, as fotos e lembranças emolduradas na sala de estar me contavam a mesma história. Fiquei hipnotizada por elas, em apartamento após apartamento: a imagem de uma jovem ao lado de um diploma de Brearley ou Spence. A foto de formatura de um jovem... perto de um diploma emoldurado, as letras folheadas a ouro e em alfabeto latino, de Horace Mann, Buckley ou St. Bernard’s. O cabelo perfeito. Os rostos jovens sem rugas. Os sorrisos retocados e os dentes alinhados com perfeição por ortodontistas. O pensamento me ocorreu de repente, quando estava em um apartamento na Madison, na altura da 80th Street — essas pessoas estavam vendendo ou buscando algo menor porque era isso que precisavam fazer. Os filhos, em quem haviam investido tanto e de modo tão intenso, tinham enfim se formado e partido. Os pais chegaram a seus limites financeiros pagando por... governantas e escolas particulares. Eles preferiam se mudar a abrir mão de qualquer uma das duas. Então agora venderiam e se mudariam para um lugar menor. E levariam os diplomas e as empregadas junto.

— Você acredita nisso? — perguntei a meu marido na noite de minha grande descoberta ao desabar na cama, exausta e deprimida por ter visto quatro apartamentos um atrás do outro com saguões dourados, tapetes desgastados e diplomas pomposos.

— Acredito — respondeu, suspirando. Nativo do Brooklyn que se mudara para o Upper East Side na adolescência, ele era de Nova York, mas não de Manhattan, sendo fluente nos desejos, crenças, aspirações, ansiedades e prioridades das pessoas em cujos apartamentos eu entrava todos os dias, mas também capaz de enxergar como aquilo era estranho. — Tudo isso, as governantas e os diplomas de escolas particulares, não é apenas enfeite de fachada. É quem eles são.

Ele bocejou, mas de repente eu fiquei bem desperta. Lembrei-me de um professor meu de antropologia tentando nos ajudar a entender o conceito de honra da tribo que ele estudara no Iêmen. “Não é uma ideia abstrata”, explicou à sala cheia no seminário da graduação, tantos anos atrás. “Quando alguém mancha sua honra, você não pode ignorar isso e seguir em frente, apenas se sentindo envergonhado.” Não, ele nos disse: é como se alguém tivesse cortado um pedaço de sua carne. Está faltando algo, e você está danificado e ferido. Percebi então que os diplomas de escolas particulares e as empregadas não eram apenas marcadores impregnados de status, não eram apenas algo para vestir, ter ou exibir com orgulho. Eram também algo intrínseco à identidade dos moradores do Upper East Side, tão crucial e fundamental que se renunciaria a sisal fresco, uma reforma da cozinha e um apartamento em condição “zero quilômetro” para mantê-los.

Então, isso explicava tudo. Incluindo a maneira como, ao meu redor, as mulheres — corretoras com filhos, as donas dos apartamentos que eu visitava, amigas de amigas no Upper East Side — falavam sobre onde os filhos estudavam e como usavam as idades e afiliações escolares deles ao se apresentarem. Sim, era uma forma de se descrever e construir coligações no processo. Mas era também quem elas eram. Ponto.

— Oi, sou a Alicia. Meus filhos, Andrew e Adam, estudam na Allen-Stevenson. Imagino que os seus também, não?

— Não, meus filhos estudam na Collegiate [Bam! Aqui ela estabelece uma posição superior devido à matrícula dos filhos em uma escola PL (de primeira linha)], mas os quatro filhos de minha amiga Marjorie estão todos na AS. [Subtexto: Minha amiga Marjorie

é muito rica (é preciso ser rica para ter quatro filhos) e, por associação, eu também sou.] — Talvez você a conheça. Quantos anos os seus têm?

— Ah, espera, é mesmo? Meus dois sobrinhos estão na Collegiate. [Aqui ela revela que ela própria está a apenas um degrau do status de uma escola PL, já que os filhos da *irmã* frequentam uma escola PL; portanto ela tem quase o mesmo grau de importância.] Eles são gêmeos, estão no segundo ano: Devon e Dayton? — E assim por diante.

A afiliação a uma escola particular era tão importante que, sem exceção, essas mulheres pareciam estupefatas por eu planejar mandar meu filho para a excelente escola pública do bairro, a PS6, quando chegasse a hora. Algumas arqueavam as sobrancelhas e diziam, educadamente, depois de uma pausa: “Sim, quando chegar a hora, você vai ver para onde ele vai acabar indo.” Outras eram mais diretas. “*Até parece...*”, disse uma corretora com um sorriso forçado, soando um pouco irritada, enquanto abria os armários da cozinha para me mostrar que acendiam por dentro. “Você vai mandar seu filho para uma escola particular como todo mundo faz. Vai mandar o motorista deixá-lo na escola. Como todo mundo faz. Então, você pode comprar *em qualquer lugar*.”

Mas meu marido e eu éramos inflexíveis. Tínhamos frequentado escolas públicas e nosso filho poderia fazer o mesmo. Parecia normal e sensato, por isso continuamos a procurar um lugar perto da excelente escola pública na East 81st, entre a Madison e a Park. Essa é uma área à qual os corretores se referem como “Upper East Side Prime”, o que só servia para tornar nossa missão ainda mais difícil.

Agora que tínhamos chegado tão longe, eu precisava de algumas explicações de meu marido e de Inga. Eu sabia que, ao me casar, tinha superado a primeira e fundamental divisão da identidade social do mercado imobiliário de Manhattan, a que separa “locatários” de “proprietários”. Meu marido me colocara na escritura de sua casa, ela passou a ser nossa, e fim de papo; mas pelo visto isso significava muito em nossa cidade. Muitas pessoas que pagam aluguel em Manhattan mantêm tal fato em segredo, ou pelo menos não falam

sobre isso devido a um sentimento de inferioridade, uma sensação de que alugar é algo degradante e contingente. “Você é proprietária, certo?” era uma das primeiras perguntas que as corretoras me faziam (ou, com mais frequência, perguntavam *sobre* nós para Inga antes de concordar em nos mostrar apartamentos), querendo se certificar de que não ergueríamos mais um obstáculo, satisfeitas por confirmar que já éramos membros da tribo dos proprietários.

Uma distinção adicional era a de edifícios construídos antes da guerra *versus* edifícios erguidos depois da guerra. Obviamente achei que seria bom morar em um edifício antigo, bonito, celebrado e histórico, decorado com detalhes originais e planejado por um arquiteto renomado. No entanto, eu não criaria caso por isso. Então vinha outra distinção essencial, que, em grande parte, seguia a distinção pré/pós-guerra: cooperativa *versus* condomínio. Por ter morado em uma casa em Downtown, eu ignorava essa oposição binária específica, uma das distinções fundamentais que organiza os edifícios de Manhattan e a identidade do Upper East Side.

Inga e meu marido me explicaram que em uma cooperativa os membros do conselho de moradores decidem quem vai ou não morar lá e estabelecem as regras a serem seguidas. Algumas das normas são simples e lógicas. Por exemplo, as “regras de verão” garantem que as reformas de apartamentos só podem ser feitas no verão, quando é mais fácil fugir do barulho ao sair de casa ou até ao viajar para sua casa de campo durante toda a estação. Vivemos diretamente acima e abaixo uns dos outros em Manhattan, portanto uma obra pode arruinar sua qualidade de vida. As regras de verão são “muito Upper East Side”, informou-me Inga; quase nenhuma cooperativa no Upper West Side possui regulamento semelhante. E elas fazem sentido.

Outras normas das cooperativas são mais arbitrárias, mais culturais do que funcionais. Por exemplo, em uma cooperativa não se pode simplesmente sublocar o apartamento ou deixar os filhos de vinte e poucos anos se mudarem para lá. Tais situações precisam ser aprovadas pelo conselho de moradores. E a cooperativa de um edifício específico pode exigir que um candidato comprove a propriedade de ativos líquidos astronômicos. Ou não. Eles “exigem”

isso (quando decidem não ignorar tal requisito) como uma espécie de “seguro”, apesar de, em essência, terem o direito de retenção referente aos apartamentos no edifício — o que se deve ao fato de ninguém realmente ser dono de um apartamento em uma cooperativa. Apenas se possui “ações” — um apartamento maior, em geral, significa mais ações. Ações são poder. As pessoas que querem comprar um imóvel em uma cooperativa quase sempre precisam ser entrevistadas pelo conselho. Meu marido e Inga me avisaram que numa entrevista os membros do conselho podem nos perguntar qualquer coisa. Ou decidir não concordar com a nossa mudança por qualquer motivo. É por *isso* que os poucos apartamentos que visitamos em prédios de cooperativas na Park e na Quinta Avenida com o anúncio “Sem aprovação do conselho” estavam abarrotados de compradores, percebi, especulando se possuir ações de uma cooperativa era como ter uma governanta e o filho matriculado em uma escola particular.

Descobri que os condomínios são um pouco mais caros, em geral permitem mais financiamento e você é de fato o dono do imóvel. Eles também são um pouco mais liberais. Você pode sublocar seu apartamento ou usá-lo como residência temporária, se assim desejar. E em um condomínio uma administradora examina a sua candidatura, o que, de certa forma, parece menos pessoal e invasivo que um bando de futuros vizinhos debruçados sobre cada detalhe de sua vida financeira e pessoal.

Fosse uma cooperativa ou um condomínio, do pré ou do pós-guerra, eu pensava todos os dias enquanto fazia o trajeto do West Village ao Upper East Side, era hora de tomar uma decisão. O custo dos táxis estava me matando. Precisávamos nos mudar para Uptown para que eu não precisasse ir até lá todos os dias.



E então um dia encontrei um lugar que me pareceu bom. Era um edifício moderno na Park Avenue, e não um do pré-guerra e “de

prestígio”, projetado por um arquiteto famoso. Eu não me importava — afinal, ficava a menos de dois quarteirões do Central Park. A princípio o apartamento em si parecia um pouco escuro, mas era apenas por causa da pintura, e eu podia “ver além disso”. A cozinha era “top de linha”, como dizem as corretoras, apesar de pequena. Tinha “vista panorâmica da cidade”, o que significava que não tinha vista para o parque, mas também não havia prédios bem diante das janelas; todos eles ficavam distantes, deixando entrar muita luz e dando uma agradável sensação de espaço e companhia ao mesmo tempo. Ele tinha o número certo de quartos, um dos quais com uma mesinha e cadeirinhas bonitas e um trabalho de arte manual inacabado — botões, pedaços de macarrão seco e lantejoulas em cartolina cor-de-rosa. Esse quarto de menininha poderia facilmente ser o quarto do meu menininho, pensei, absorvendo aquilo tudo. A sensação calorosa da *mise-en-scène* atraente para crianças neutralizava minha insatisfação com o pé-direito um tanto baixo, com o barulho, por estar localizado em uma esquina movimentada, e com o layout longe do ideal.

Andei pelo apartamento uma segunda e uma terceira vez, e minha empolgação só aumentava. “A corretora não pôde vir”, explicou Inga. Eu sabia que isso era uma demonstração de desprezo no mundo dos corretores, compradores e vendedores. A mensagem era a de que Inga e eu não justificávamos seu gasto de tempo, de que ela estava ocupada em outro lugar ou algo assim, mas eu não me importava. Uma segunda visita foi agendada com toda a pressa possível, para que a corretora — irritada, indiferente, pouco amistosa — pudesse me conhecer e me aprovar. Após fazê-lo, marcamos mais uma visita, dessa vez com meu marido a tiracolo.

O primeiro indício de que a proprietária estava em casa, quando abrimos a porta para iniciar nossa “visita de casal”, foi sua voz repreendendo a filha. Ao espiar pelo corredor, vi que era loira, como eu, e da minha idade e do meu porte. Ela dizia: “Leda, se você for comer, ofereça às outras pessoas na sala primeiro!”

Ao que parecia, ela estava se referindo à sua corretora, uma mulher grande de cabelo ruivo e curto que eu conhecera brevemente na visita anterior e que agora estava entre nós e a

família como um pit bull com acessórios da Jean Schlumberger. Com anéis e pulseiras brilhando, ela literalmente tentou bloquear minha passagem enquanto eu me dirigia à proprietária, a qual estendeu a mão e me deu um sorriso amigável.

— Sou Allie — apresentou-se, soando estressada e educada ao mesmo tempo, uma cadência e um modo de ser que se tornava familiar para mim à medida que conhecia as mulheres do Upper East Side nas ruas e em seus apartamentos. Aparentemente, era importante para Allie ver quem queria comprar o espaço que ela tentava vender, e fiquei feliz por eu estar bem-vestida, relativamente falando. Seu estilo era muito elegante: calças capri pretas, uma blusa lavanda justa, unhas dos pés perfeitamente pintadas de um rosa-claro brilhante. Ao que parecia, ela tinha um profissional para fazer seu cabelo e suas unhas. E era só uma quarta-feira à tarde.

— Esta é Sharon — disse-me Allie, e a corretora apertou minha mão frouxamente, olhando para além de mim.

— Oi. Bom vê-la de novo — respondi com uma voz que esperava ser agradável.

Não era a primeira vez que eu via uma corretora ser exageradamente protetora com seus clientes e estranhamente hostil em relação a um potencial comprador. Por fim entendi que as corretoras do vendedor são guardiãs automeadadas das famílias em transição, suas guias através de um estado liminar enquanto passam de proprietários a vendedores, então a compradores e de novo a proprietários. As corretoras gostavam de estar presentes em todos os momentos de grandes transições, porque eram também os de grandes transações, com a possibilidade de grandes comissões no processo. Tinham pavor de que qualquer coisa complicasse um negócio em andamento, incluindo o contato entre o proprietário e um comprador em potencial. E de serem excluídas. Mas também havia algo mais, algo estranho com relação às corretoras e os clientes no Upper East Side, e eu percebia isso então, enquanto Allie me dizia que precisava dar uma olhada na filha, que tinha ido para o quarto. Virei-me para Sharon e, apenas para ser educada, perguntei qual era a idade de Leda. “Ela tem três e vai para o jardim de infância do Templo Emanu-El”, respondeu, de forma brusca e

arrogante, como se relatasse que ela própria ganhara o Prêmio Nobel da Paz. Eu percebera a tendência de corretoras, arquitetos e babás no Upper East Side de agir como se o status deles e de seus clientes ou chefes fossem o mesmo — e ali estava essa tendência de novo. Quando perguntei se o Templo Emanu-El ficava nas proximidades, dando a entender que não sabia nada sobre o estabelecimento, Sharon ficou boquiaberta, incrédula. Sorri, na esperança de suavizar o golpe de minha óbvia ignorância e indiferença. No entanto, por dentro eu estava exasperada e pensava: “Espera aí, minha senhora. Esta não é a sua casa. Ou a sua família.” Ela queria a comissão, sem dúvida, mas provavelmente tinha vários outros interessados em comprar o apartamento. Sharon era rica, como tantas outras corretoras do Upper East Side. A comissão de seu escritório sobre cada venda era de 6%, e sua parcela pessoal era de 3%. No meio de um *boom* econômico e imobiliário, eu não significava nada para ela, e isso era evidente. Eu não gostava dela. Ficamos esperando em silêncio.

Felizmente, Allie voltou logo, desculpando-se e oferecendo água mineral com gás. Conversamos sobre nossos filhos — a filha dela era um pouco mais velha do que meu filho — enquanto ela me mostrava o apartamento, falando sobre o que gostava e o que não gostava com uma franqueza encantadora. Sharon vinha atrás de nós. Ela não tinha condições de acompanhar a conversa de mães. Inga, que nos contou que meu marido telefonara para dizer que estava preso em um engarrafamento, soubera manter certa distância desde o começo, e agora mantinha uma conversa paralela com a colega, a qual, pensei com um lampejo de orgulho bizarro, nunca chegaria à sua altura. Inga era a melhor corretora em todos os sentidos — equilibrada, sociável, profissionalmente capaz e linda. Rá!

“As pessoas que trabalham no edifício são *ok*”, disse Allie enquanto me levava pelo corredor em direção ao quarto principal. “Não são *maravilhosas*, mas *ok*.” Explicou que eles continuariam a morar no prédio, mas se mudariam para a cobertura, que tinha mais um quarto e vista para o parque. Fiquei um pouco constrangida — ela estava se mudando para um lugar melhor, e nós para o seu descarte —, mas logo afastei o sentimento. Quem se importava?

Presumi que estivesse grávida quando me contou seus planos, mas não perguntei. Em vez disso, murmurei algo sobre como eu ficaria aliviada só por ter um saguão de entrada e um elevador — a vida em uma casa, todas aquelas escadas etc., não era fácil com uma criança pequena e um carrinho de bebê. Ela se iluminou. “Você mora numa *casa*? Esse é meu sonho!”, exclamou enfaticamente. De alguma forma, senti que tinha agora me redimido pela ofensa de me mudar para a casa que ela descartara, como um caranguejo-eremita desabrigado. Enfim, chegamos ao quarto, e ela começou a abrir armários, descrevendo-os para mim. Aqui ficavam bolsas (vi flashes de Gucci, Louis Vuitton e Goyard) e ali as prateleiras para sapatos, uma após a outra.

— Você quer ficar com o cofre? — perguntou, inclinando-se para me mostrar como funcionava. Hesitei. *O que eu colocaria em um cofre?*, pensei. Não sou muito de usar joias. Nas nossas primeiras férias juntos, meu marido quis me dar uma, e eu lhe disse: “Obrigada, mas não gosto muito de... pedras preciosas.” Era verdade. Ele teve de me convencer a aceitar até mesmo um diamante relativamente modesto como anel de noivado, o que a princípio me pareceu ser uma sinalização estranha, muito grosseira e de mau gosto: sou propriedade de alguém. Por fim, rendi-me só porque era mais fácil e porque fazer parte da tribo me dava certa sensação de segurança. E porque, bem, era bonito.

— Claro — respondi, atrapalhada, não querendo deixar transparecer para Allie que eu não era como ela neste ou em qualquer outro aspecto, e ela logo explicou:

— É bom para o básico. Você pode guardar as coisas maiores no banco privado da esquina; é o que eu faço.

Eu observava os sapatos de salto e os suéteres de caxemira, dobrados com esmero e organizados por cor, enquanto ela continuava a falar.

— Mandei fazer um armário sob medida, mas cometi alguns erros — resumiu, levantando-se. — Se você quiser, posso mostrar as modificações que eu faria, para ficar mais eficiente.

Então, ela suspirou e se desculpou pela “bagunça”, embora eu não conseguisse ver nada disso. Na verdade, era algo que todas as

mulheres que conheci no Upper East Side sempre faziam: pedir desculpas por uma bagunça inexistente. Lembrete para mim mesma: entender isso melhor.

Allie estava sorrindo e estendendo a mão novamente.

— Bem, estou muito contente por ter conhecido você. — Explicou que tinha que dar uma saída com Leda e lamentava não poder conhecer meu marido naquele momento. — Mas espero que dê tudo certo — declarou com sinceridade. — E... vou procurar você em Palm Beach. Você vai, não vai? Vamos ficar no The Breakers.

Eu estava confusa.

— Hum... — Passei os olhos pelo cômodo, pousando-os no papel de parede *toile de jouty* azul, como se ele pudesse me esclarecer algo. — Nós vamos... mas só em maio — enfim respondi, lembrando que no final da primavera iríamos a uma conferência da qual meu marido participaria e me perguntando como diabos ela sabia disso.

Ela pareceu um pouco surpresa.

— Ah, bem... Acho que... *acho* que ainda é bom nessa época — declarou, hesitante. Então, inclinou a cabeça e disse: — Aspen, então!

Ela disse isso com muita confiança, como se todo mundo se encontrasse em Aspen, e por um breve momento pensei que ela sabia de algo que eu desconhecia sobre meus planos de viagem e que de fato iríamos para lá. Mas é claro que eu não esquiava havia anos e disse-lhe que na verdade passaríamos o Natal em Nova York. Seus olhos se arregalaram.

— Ah, certo — disse ela. — Preparando-se para a mudança e tudo o mais, não é? — Eu assenti e sorri, como se para indicar a possibilidade de que, sim, no próximo ano estaríamos de volta a Palm Beach para o Dia de Ação de Graças e a Aspen para as férias de inverno. *Sem dúvida.*

Ao que parecia, eu a tinha deixado tão confusa quanto ela me confundira. Ficou óbvio que eu precisava entender melhor os padrões de migração do Upper East Side. Eu não fazia parte daquele grupo.



O apartamento que esperávamos comprar ficava em um dos poucos condomínios na Park Avenue, o que o tornava especialmente atraente para quem não queria lidar com uma cooperativa e todos os seus regulamentos, regras e restrições, ou quem temia ser barrado. E para quem de fato se importava com um endereço na Park Avenue. Contudo, havia um porém: o edifício era, na verdade, um "condoperativa", uma besta híbrida que tecnicamente era um condomínio, mas "funcionava como uma cooperativa". *Ai, Senhor*, pensei quando Inga deu a notícia. Existe uma *palavra* para isso?

Fosse o que fosse, o formulário era longo e detalhado e exigia que revelássemos tudo, desde os números de nossos cartões de crédito e coeficientes de rendimento da faculdade até todas as escolas que nós, nossos pais e nossos filhos frequentamos. "Por que eles simplesmente não nos perguntam com que frequência transamos?", quase gritei com meu marido quando conversamos sobre isso. Por ser do Meio-Oeste circunspecto, eu estava indignada e muito ofendida pela ideia de que toda essa intromissão podia ser feita por pessoas totalmente desconhecidas.

Eu começava a compreender que o processo de "proposta de compra" era um dos ritos de passagem mais humilhantes que se poderia imaginar, após o qual, todos disseram, eu sentiria que uma porção de gente que nem conheço direito me conhece até demais. Porque é verdade. E isso, percebi enquanto refletíamos sobre o próximo passo e sobre nossa proposta, é uma das formas como as hierarquias são estabelecidas e mantidas em Manhattan, onde os edifícios abrigam completos desconhecidos vivendo em grande proximidade física e onde prevalece uma dependência mútua frágil, porém absolutamente imperativa. Fabricamos relacionamentos e um sentimento de obrigação de fazer a coisa certa ao trocarmos informações, como fazem as mulheres que fofocam por cima das cercas ou ficam sentadas lado a lado, lavando roupa na beira do rio.

É claro, a troca é desigual. Na condição de suplicantes (prefiro esse termo a *candidatos*, por parecer mais honesto) que se

humilhavam para ter acesso, estávamos em desvantagem e à mercê de nossos potenciais vizinhos. Ao mostrar a nossa artéria carótida, ou a nossa barriga, como os cães fazem quando deitam de costas em uma luta, demonstramos uma vontade de nos submeter, de ceder poder, de nos tornarmos vulneráveis por completo. Tal como acontece nos trotes punitivos e nos ritos de passagem em todo o mundo, sairíamos absolutamente exaustos e esgotados, com uma identidade recém-criada: moradores da Park Avenue, nº XYZ. Ou assim esperávamos.

Eu estava nos estágios iniciais de uma gravidez complicada, com recomendações rígidas do médico para ficar de repouso, quando chegou a hora da nossa entrevista com o conselho. Não havia problema, os representantes do conselho disseram que iriam até nossa casa. E eles foram. Lá estávamos nós, só nós e sete estranhos. Em nosso quarto. Eu usava pérolas, um casaco e calças de pijama sob as cobertas. Servimos queijo, biscoitos e vinho. Eles tiveram de ficar em pé. Fizeram um comentário desajeitado sobre a nossa coleção de livros, perguntaram sobre nosso filho e se planejávamos fazer obras no apartamento.

Pelo visto, nossa proposta e nossas respostas foram adequadas. Nós nos mudamos para o novo apartamento na Park Avenue no auge do *boom* econômico, um momento em que a renda, as carteiras de investimentos e os egos cresciam por toda a cidade — e em nenhum outro lugar com mais força do que em nosso recém-adotado código postal de elite. Se achávamos que tudo tinha terminado, que após concluirmos esse rito de passagem específico, humilhante e extenuante estaríamos livres em casa, ou pelo menos em casa, que enfim poderíamos baixar a guarda um pouco e relaxar, estávamos errados.

Ai, meu Deus, dei-me conta certa tarde, surpresa, quando estava sentada com meu filho no sofá novo em nossa nova sala de estar, lendo a história de uma professora e seus alunos em um ônibus escolar mágico. *Esqueci completamente de inscrevê-lo no processo seletivo do maternal.*

CAPÍTULO DOIS

Pária do *playdate*

DO PONTO DE vista geográfico, o Upper East Side fica a poucos quilômetros do West Village. Tínhamos apenas trocado um canto da cidade por outro, o que não parece ser grande coisa. Entretanto, em termos sociais, emocionais e culturais, era outro mundo. Houve mudanças grandes e pequenas, tais como fazer nosso filho se acostumar à cama nova e ao barulho da banheira. E depois houve o processo de aclimação, de todos nós, à nova vizinhança. O lugar parecia mais engomado e formal do que eu imaginara. Nas primeiras idas à mercearia da esquina para comprar mantimentos, me senti terrivelmente malvestida em meus jeans e tamancos; as mulheres ao meu redor estavam enfeitadas, extremamente elegantes às dez da manhã de uma terça-feira. Tudo nelas — suas botas discretas, mas visivelmente sofisticadas, sobretudo de caxemira verde com botões brilhantes, cabelos brilhantes bem penteados e bolsas lindas — tinha uma aparência ostensivamente cara e bem cuidada. Em nosso novo nicho ecológico, parecia que o mundo inteiro era um palco, com cada dia sendo uma oportunidade para uma mudança de look fabulosa e minuciosamente avaliada, bem como para a atenção meticulosa com cabelos e maquiagem.

O interior do nosso novo prédio não era mais tranquilo ou descontraído. Ou amigável. Justo na época em que nos mudamos, os moradores discutiam se pessoas com bebês e crianças em carrinhos deveriam ser obrigadas a pegar o elevador de serviço, usado em geral para transportar entregas e lixo. Alguns de nossos vizinhos aparentemente achavam que os elevadores sociais deveriam ser reservados para todos, exceto crianças, incluindo cachorros. Estes vestiam caxemira e acessórios finos de couro, complementados com coleiras e guias adornadas com brilhantes, e

levados no colo de viúvas endinheiradas completamente diferentes de nossas avós e que ostentavam diamantes imensos.

— Aquela coisa é de verdade? — sussurrei para o ascensorista depois que uma mulher mais velha muito elegante, portando a maior pedra que eu já tinha visto, saiu do elevador certa tarde.

— Acho que sim — sussurrou ele de volta, sobrancelhas levantadas de espanto. — Na verdade, ela tem vários deles.

Dia após dia, eu ficava maravilhada com a *abundância* ao meu redor. Não era apenas o fato de o bairro e os vizinhos serem ricos. Através das lentes da antropologia, vi que eles viviam em um estado que só poderíamos denominar *liberação ecológica extrema*. Todo ser vivo está ligado a seus arredores. As condições ambientais — clima, fauna e flora, predação — ajudam a determinar o curso diário, o ciclo de vida completo e a evolução de todas as populações de todas as espécies. Em grande parte do mundo, os seres humanos ainda lutam para se proteger de predadores e doenças e trabalham duro para prover para si mesmos e suas famílias em ambientes extremamente difíceis — em uma savana, floresta tropical ou favela brasileira. Não é novidade dizer que as coisas são diferentes para os bem-sucedidos do Ocidente industrializado, onde comemos comida processada, temos vacinas e, nas palavras da primatóloga Sarah Hrdy, não há jaguares espreitando do lado de fora de nossos berçários. Em suma, muitos de nós vivem, de maneira inédita, sem restrições impostas pelo meio ambiente. Contudo, em nenhum lugar — pensei enquanto andava de um lado para outro todos os dias, caçando lençóis novos da Frette, painéis brilhantes da All-Clad e arandelas perfeitas — somos tão radical e *completamente* liberados como no Upper East Side de Manhattan. Essa era a terra dos morangos gigantes e provocantemente vermelhos da Dean & DeLuca, das jaquetas justas e chiques da Barbour e de doces impecáveis e preciosos em requintadas confeitarias pequenas, localizadas em ruas laterais serenas e irretocáveis. Tudo era tão adocicado, endinheirado e imaculado que às vezes me deixava tonta.

No entanto, o que de fato me chamou a atenção foi a profusão de lojas indescritivelmente adoráveis *voltadas para crianças*. Havia cerca de uma dúzia a poucos quarteirões de nossa nova casa, e elas

eram especializadas no tipo de roupa clássica e lindamente trabalhada para crianças que não existia em Downtown: shortinhos e meias de lã até o joelho, sapatos azul-marinho com solas de couro bege, blusas brancas com golas Peter Pan e detalhes vermelhos em zigue-zague, além dos tradicionais suéteres com losangos *argyle* para homenzinhos. Era tudo feito na Itália ou na França. Exceto os pijamas, que vinham sempre de Portugal. Dessas sofisticadas boutiques para crianças, minha favorita se chamava Prince & Princess. “Não, nós não vamos entrar em liquidação, *nunca* fazemos liquidações. Mas podemos lhe dar um tamanho *perfeito*”, explicou uma vendedora quando perguntei se um minúsculo suéter azul-claro de caxemira que eu cobijava para meu menininho teria um preço mais baixo no futuro. Viver em um estado de liberação ecológica, eu suponha, deveria ter um impacto sobre a criação de um filho. Entretanto, além de pagar preço cheio por roupinhas elegantes para meninos, o que de fato significava ser uma criança e uma mãe vivendo no exagerado, exótico e profícuo Upper East Side? O que isso fazia às mães e às crianças que vivem nesse mundo — e eu me perguntava um pouco ansiosa: que impacto isso teria no meu filho? E em mim?

As coisas não eram igualmente paradisíacas para todos, nem mesmo ali; isso eu sabia. O Paraíso era segmentado pelos Têm, os Têm Mais e os Têm Muito. Era muito fácil perceber a diferença — as mulheres Têm Muito pareciam fazer as combinações *mais* cuidadosas e chegar aos resultados *mais* lindos, e em geral eram as que tinham *mais* filhos. A primeira vez que vi uma morena baixa, vestida e penteada à perfeição, com suas duas babás arrastando uma ninhada de seis crianças para dentro de uma sofisticada boutique infantil, foi tão espantoso que mal consegui entender. Eu me perguntava se ela era madrasta de alguns deles, olhando fixamente enquanto as crianças mexiam e protestavam entre as roupas preciosas, cujas etiquetas de preço deviam marcar milhares de dólares. Ela deve ser. Certo? Ah, não, não era, a vendedora mais tarde me contou. Ela era uma dona de casa cujo marido possuía várias empresas, edifícios e outros negócios. E ela não era uma raridade em meu novo nicho, nem de longe.

Logo me tornei insensível às famílias enormes — elas estavam em todos os lugares. Três era o novo dois, algo comum de fazer nesse novo hábitat. Quatro era o novo três — antes encerrava uma conversa, mas agora não representava nada incomum. Cinco não era mais questão de loucura ou religião — significava apenas que você era rica. E seis aparentemente era a nova mansão, ou um avião Gulfstream. A guerra cultural em nosso prédio entre os moradores antigos e as famílias com filhos — aposentados que possuíam cãezinhos estridentes e achavam que bebês em carrinhos deviam transitar apenas pelos elevadores de serviço *versus* casais com filhos pequenos que pressionavam para ter uma sala de jogos ao lado do saguão — espelhava uma grande tendência na cidade. Os casais com filhos haviam decidido ficar na cidade em vez de fugir para as áreas residenciais afastadas como fizeram as gerações anteriores. A economia superaquecida significava que os ricos — fossem os mais recentes, os do tipo fundo de *hedge* ou os que herdaram grandes quantias — estavam arrematando casas, às vezes dois ou mais apartamentos ao mesmo tempo, derrubando paredes e criando moradias com três, quatro e seis quartos, com um espaço que antes só era possível encontrar em Westchester ou Wyoming.

A mudança gerava pressão em dois pontos: no mercado imobiliário — no qual, como eu acabara de aprender, não havia estoque suficiente para atender à demanda — e nas escolas particulares de Manhattan. Eu sabia que houvera um tempo em que, se você pudesse pagar as mensalidades de uma escola particular, seus filhos seriam aceitos — o valor agora subira para algo em torno de 25 mil dólares por ano para o maternal e 35 mil dólares ou mais pelos anos seguintes. Entrar para a Brearley era só uma questão de ter dinheiro. Mas agora, segundo eu lia nos jornais e ouvia nos sussurros das mães que tomavam café nos bancos do parque, com tantas famílias decidindo morar ali, e tantas delas com condição para pagar escolas particulares, tudo mudara.

Tantos filhos. Tanto dinheiro. E um número limitado de vagas. Parecia que nessa terra de abundância algumas coisas eram muito, muito difíceis de obter. Na ecologia alterada do Upper East Side, a perspectiva de não conseguir matricular o filho em uma escola de

elite era o predador aterrorizante a ser ludibriado e derrotado. Era o nosso jaguar.



“Você *esqueceu?*”, perguntou a mulher, com a segunda palavra em um tom mais elevado e um pouco mais duro do que a primeira.

Sua voz transmitia descrença, desaprovação e mais do que uma pitada de arrogância, própria de alguém que tem algo e sabe que outra pessoa deseja desesperadamente. Tínhamos certeza de que em algum momento nosso filho iria para uma escola pública. Por isso, não precisávamos procurar vaga em uma pré-escola “fornecedora” de uma escola particular prestigiada. Contudo, conseguir vaga em *qualquer* maternal nas redondezas — “top de linha” ou não — era uma empreitada impiedosa. Com tantos pais empenhados em educar todas aquelas crianças que geravam na cidade, as vagas no maternal das escolas, anteriormente consideradas “moleza”, eram agora muitíssimo disputadas e quase impossíveis de conseguir. Manhattan fervilhava de crianças e seus progenitores ansiosos e ambiciosos por eles. Entretanto, as pré-escolas ainda não tinham conseguido se adequar à demanda. A maioria não tinha expandido o tamanho das turmas de forma significativa. E não havia nenhuma pré-escola “nova”.

A possibilidade de não matricular seu filho no maternal simplesmente não existia. O grande e esmagador consenso era o de que as crianças se saíam melhor com alguma preparação e socialização formais antes de ingressarem no jardim de infância. E assim a mulher ao telefone tocou em meu ponto mais fraco — no cruzamento da minha ambição com a ansiedade quanto ao bem-estar do meu filho. Perguntei-me como estaria minha pressão arterial (parecia que meu coração tentava sair pelos olhos) e respirei fundo antes de me defender. Mais uma vez. Era o terceiro telefonema que eu dava naquela manhã. Sim, eu sabia que soava estranho, mas tínhamos nos mudado há pouco de Downtown, onde

as coisas eram diferentes e os prazos, mais longos, e se ela pudesse *apenas* me dizer se ainda havia alguma perspectiva, eu ficaria muito, *muito* agradecida. E, se desse tempo, e ela se dignasse a permitir, eu correria *imediatamente* para buscar o Envelope — o envelope pardo contendo o formulário de inscrição de pais e, em alguns casos, formulários de cartas de recomendação. Eu estava *muito* grata pelo tempo que ela gastou comigo, muito mesmo, e pedia desculpas por incomodar.

No entanto, o que eu de fato queria dizer a ela, a todos eles, era “*Por que você é tão antipática?!*”. Afinal, estávamos falando sobre o maternal. Claro, havia muitas crianças e pouquíssimas vagas. Eu sabia disso. Mas, espera aí, tratava-se de biscoitos, pintura com dedos e sentar em círculos. Divertimento prático, alegre e carinhoso. Fazer amigos e ler histórias. Não era obrigação dela, na condição de intermediária entre a escola e o mundo exterior, ser útil e educada, ainda que a solicitante fosse completamente ignorante e cheia de perguntas ingênuas? Entretanto, aqui em cima, no Upper East Side, as brincadeiras de criança pareciam ser um negócio muito sério. E davam muito trabalho. Havia uma maneira certa de fazer aquilo — inscrições, *playdates*, tudo. Em se tratando de escolas, eu tinha coisas a aprender.

Algumas mães da aula de música e minha cunhada, mãe de quatro adolescentes e moradora do Upper East Side, encarregaram-se de me educar e instruir sobre o ritual da escola. Elas me explicaram que certas diretoras de maternal tinham ligações com diretoras de escolas “subsequentes” (isto é, K-8, que vai do jardim ao oitavo ano, ou K-12, que vai do jardim ao terceiro ano do ensino médio), as quais, com base em suas relações, tinham históricos melhores ou piores de colocar as crianças nas “universidades boas” — o que, em um ambiente superaquecido e ultracompetitivo, já não significava as universidades da Ivy League, mas basicamente qualquer faculdade dos Estados Unidos com professores e instalações para pesquisa decentes. Além disso, muitas escolas maternas e escolas “subsequentes” tinham uma “política para irmãos” acessível — se você já tivesse um filho na escola, a admissão do próximo seria quase garantida. Considerando que a

escola maternal desempenhava um papel no ingresso do seu filho em uma universidade e a probabilidade de que, se você soubesse fazer as coisas direito, precisaria se inscrever no K-12 apenas *uma* vez, a pré-escola tinha uma importância muito maior do que se poderia imaginar. E as diretoras das pré-escolas eram pessoas muito, muito poderosas. Sim, tínhamos certeza de que a escola pública do bairro seria boa para nosso filho e para nossa família. Mas e se mais tarde quiséssemos ter a opção de matriculá-lo numa escola particular? E se a turma da escola pública fosse grande demais para ele aprender de forma eficaz? E se a qualidade do ensino da escola pública caísse enquanto ele estivesse lá (o que não é nenhuma novidade, quando um novo diretor assume) ou até mesmo antes de ele chegar? E se a tendência de “ensinar para passar na prova”, uma prática que parecia estar exaurindo e estressando tanto os professores das escolas públicas, quanto pais e filhos, persistisse e criasse problemas para o meu filho como fez com tantos alunos? E se, por *qualquer* razão que fosse, quiséssemos que ele frequentasse uma escola particular em algum momento? Isso significava que precisávamos de uma ótima diretora de pré-escola agora, para que ela pudesse mexer os pauzinhos para nós mais tarde. Lição aprendida.

Suspirei enquanto esperava ao telefone. Mais uma vez eu era uma suplicante, e dessa vez, pelo que entendi, estava em desvantagem ainda maior do que quando procurava um apartamento, porque ao contrário de todas as outras mães do Upper East Side, eu não tinha recebido o Memorando. Aquele que aparentemente diz: “Sempre planeje com muita, *muita* antecedência.” Em minhas conversas com outras mães nos playgrounds e no parque aprendi que uma das práticas tribais era sempre fazer o que você deveria fazer *muito* antes do que você achava necessário. Por exemplo, antes do maternal, a criança deveria ter aulas na escola de música Diller-Quaile. Antes da Diller-Quaile, você deveria frequentar um determinado grupo de bebês. Ao que parecia, uma coisa levava à outra, e ter esses conhecimentos, compartilhá-los e agir em tempo hábil era algo parecido com o tráfico de informações privilegiadas no

mercado financeiro. Isso afirmava que você fazia parte da tribo de mães do Upper East Side.

Era também uma forma de ser, viver e criar os filhos que provocava ansiedade, pois significava que nunca se poderia baixar a guarda e relaxar com relação a *qualquer coisa*. Quando essas mães franziam o cenho ao ouvir que meu filho “fez música” no medíocre Gymboree, eu não conseguia deixar de pensar em Flo, a macaca matriarcal de Jane Goodall, a chefe de uma dinastia empreendedora cujas defesa sagaz, pura ambição e habilidade na construção de coalizões em nome de seus rebentos, Fifi, Figan e Faben, catapultaram-nos para o topo da hierarquia dominante de seu bando em Gombe, na Tanzânia, tornando o reinado da família algo inédito: um acontecimento intergeracional. Ao que parecia, chegar ao topo no Upper East Side exigia a perseverança, a inteligência, a prudência e a estratégia de Flo.

Outras vezes, quando essas mulheres me passavam informações, a impressão era a de que brotavam as penas escuras, os bicos afiados e os frios olhos brilhantes das aves — as aves-mãe de David Lack, para ser mais específica. Lack, um ornitólogo britânico, acabou com nossas suposições mais enraizadas sobre a maternidade e o amor maternal em seu estudo pós-Segunda Guerra do comportamento das aves no interior da Inglaterra. Ele notou que algumas mães de aves eram melhores que outras, criando mais filhotes que, por sua vez, criariam mais filhotes, e quis entender a questão. Ele se perguntava: por que algumas mães de aves eram bem-sucedidas e outras fracassavam? As mães pouco inteligentes, ele enfim descobriu, eram as que se esforçavam ao máximo, botando e cuidando do maior número de ovos possível, vibrando com cada filhote em cada estação de procriação, e esgotando-se no processo. Cansadas e desgastadas pelo esforço, com ninhadas maiores para defender e prover, elas ficavam mais propensas a morrer, assim como seus filhotes. Essas mães “abnegadas” nem de longe obtinham o sucesso granjeado pelas mães mais frias e calculistas, que faziam todas as contas *antes* de se lançarem na incubação e na alimentação de sua prole. “Parece que a primavera será horrível, tardia e fria, e provavelmente haverá poucas

minhocas. Devo chocar esses ovos ou deixá-los para lá e botar mais da próxima vez, quando as condições ecológicas estiverem melhores? Ou só chocar dois?” Lack descobriu que, após as aves serem chocadas, o jogo de probabilidades continuava. Uma ave-mãe não muito esperta alimentaria sua prole inteira. Uma mais esperta *talvez* fizesse o mesmo. Contudo, dependendo das circunstâncias, talvez deixasse o filhote maior empurrar os menores para fora do ninho. Ou bicar seus irmãos mais jovens até a morte. Ou ela talvez abandonasse o ninho de vez, entendendo que poderia fazer melhor da próxima, em outra época de reprodução com mais parceiros em potencial e frutas mais abundantes. Segundo Lack, tais “cortes nos cuidados maternos” eram tão importantes para ser uma mãe bem-sucedida quanto a disposição para a alimentação e o sacrifício. As aves-mães inteligentes calculavam as probabilidades e tomavam “decisões maternas” bem informadas todos os dias. Não demorou muito para os pensadores da evolução e os primatólogos, como Sarah Hrdy, descobrirem que os primatas — tanto a variedade humana quanto a não humana — faziam exatamente a mesma coisa.

Claro que, com o advento do controle de natalidade, e nesse ambiente de riqueza e liberação ecológica extrema, as mães do Upper East Side eram completamente diferentes das aves-mães, pois podiam sustentar todo e qualquer filho e cobrir *todos* eles com alimentos, atenção e roupas da Bonpoint. No entanto, isso não significava que não havia estratégia em seu jogo. Um exemplo: a questão da concepção. Você gosta da ideia de ter seu bebê no verão quente e preguiçoso, quando é mais fácil para o pai tirar uma licença-paternidade? Parece legal a ideia de todos os anos fazer uma festa de aniversário infantil ao ar livre e com bolo na mesa de piquenique? *Aqui não, querida!* Descobri que aniversários no verão simplesmente não eram bons, sobretudo se você tivesse um garoto. Os meninos, diziam, eram mais indisciplinados, menos obedientes e mais lentos para desenvolver habilidades motoras apuradas — por isso, precisavam ficar “mais velhos” para frequentarem a escola. No Sul, tais “atrasos propositais” tinham surgido para que eles ficassem maiores e pudessem fazer parte de equipes esportivas. Já em Nova

York, o motivo era inteligência, desenvolvimento e aquela vantagem cognitiva vencedora. Dizia-se que as escolas queriam que os meninos começassem cada ano tendo feito aniversário no máximo em agosto. Nesse caso, meu filho, nascido em julho, por pouco não ficava fora. Contudo, minha cunhada me explicou que na verdade queriam *mesmo* que tivessem nascido até o final de maio. E preferiam, digamos, um aniversário em outubro. As mães que engravidavam em janeiro, fevereiro ou março ganhavam o prêmio Flo — e, se tudo mais desse certo, também levavam as vagas nas escolas cobiçadas. O resto de nós tinha filhos que passavam pela vida e pelo sistema de educação particular de Manhattan com uma marca negra por fazerem aniversário em junho, julho ou agosto. Uma amiga minha brincava dizendo que as clínicas de fertilização do Upper East Side deveriam colocar avisos em setembro, outubro e novembro: *Pule este ciclo*.

Então percebi que eu não apenas demorara para fazer a inscrição na escola maternal, como também concebera um filho do gênero errado no mês errado.

— Essa não, você ainda não se inscreveu e ele também tem uma *data de aniversário ruim*? — exclamavam sem exceção as mães que eu começava a conhecer quando pedia conselhos. Uma disse isso na frente do meu filho no parquinho, e ele começou a chorar.

— O que tem de ruim no meu aniversário, mamãe?

— Nada, querido — consolei-o. Mas eu estava mentindo. Eu me mudara para um lugar em que os aniversários podiam, de fato, ser “ruins”. A essência de tudo era que eu precisava pegar o telefone *imediatamente*. Então, lá estava eu.

“Lamento muito”, disse-me a mulher de agora. Ela voltara na linha com um barulho alarmante e não parecia lamentar nada. “Não há mais vagas.” Desligou sem se despedir, antes que eu pudesse agradecer. Provavelmente, estava com pressa.

Poderíamos apenas ignorar toda essa bobagem, pensei, desligando o telefone com o máximo de calma que consegui. Era estressante e tolo. Quem se importaria com qual escola nosso filho tinha frequentado no maternal, ou até mesmo se ele tinha ido para o maternal? Crianças no mundo inteiro não estavam se saindo bem

sem isso? Eu não tinha frequentado uma, raciocinei, e estava bem. No entanto, o Upper East Side não era a África Ocidental ou a bacia Amazônica ou Grand Rapids. Não, eu não podia desistir daquele jogo se o futuro do meu filho estivesse em risco, mesmo que apenas potencialmente. Que tipo de mãe eu seria?

Assim começou minha confusa transformação de espectadora a alguém pertencente: com medo. Eu tinha sido tomada pela ansiedade culturalmente específica e universal de não ser uma mãe boa o suficiente, de ser uma mãe que fazia menos do que devia pelos filhos.



A infância prolongada é um diferencial dos primatas. Enquanto outros mamíferos passam de recém-nascidos a jovens desmamados e então a adultos sexualmente maduros com uma velocidade (para nós) surpreendente, nós, humanos, e nossos parentes mais próximos vamos com calma. Katherine C. MacKinnon, primatóloga e professora-associada de antropologia da Universidade de Saint Louis, observa que “a maioria das espécies de primatas gasta entre 25% e 35% de sua vida útil no período juvenil”. Ela cita o exemplo dos orangotangos, que são classificados como “bebês” pelos primeiros cinco anos de sua vida e “jovens” durante cerca de dez ou doze anos. “Uma juventude prolongada em relação ao tempo total de vida e ao tamanho do corpo ocorre em todos os grandes primatas, assim como na maioria dos macacos”, afirma a antropóloga.

É um gradiente, ressalta. Entretanto, de todos os primatas, somos os mais dependentes desde o nascimento, e assim permanecemos por mais tempo. Começa quando chegamos ao mundo em essência como fetos, ainda não formados, neurologicamente incompletos, singularmente necessitados e dependentes. Ao contrário dos primatas não humanos, não conseguimos sequer nos agarrar ao nascer; outros precisam nos segurar. E isso é apenas o começo: a

prole “altricial”, ou extremamente dependente, e a neotenia, a retenção de características juvenis por um período prolongado de tempo, afetam pais e filhos de maneiras profundas e diversas, durante muitos anos. Como observa a antropóloga Meredith Small, “a infância humana torna a paternidade humana mais longa e mais complicada”. Somos física e psicologicamente vinculados à nossa prole, e eles a nós, muitas vezes pela vida inteira. Vestimos, alimentamos e pagamos pela educação de nossos filhos até a idade adulta. A essa altura, podemos financiar o custo de sua moradia e, mais tarde, contribuir emocional e financeiramente para o bem-estar dos filhos *deles*. Como podemos, como espécie, justificar esse investimento custoso e interminável em nossos filhos?

O fato é que, por muitos milênios, *não* pudemos. Nossos primeiros antepassados, ao que parece, não se demoravam entre a infância e a independência como fazemos agora, mas passavam direto para a maturidade sexual. E então, conforme afirma o jornalista especializado em ciência Chip Walter, “por volta de um milhão de anos atrás, as forças da evolução inseriram mais seis anos entre os primeiros anos e a pré-adolescência (a infância) na vida de nossa espécie”. Por quê? Durante décadas, os especialistas acreditaram que tal mudança surgira porque os primeiros hominídeos jovens precisavam de um período adicional para aprender habilidades, tais como a linguagem e a utilização de ferramentas. De acordo com tal raciocínio, a infância foi sendo esticada como um caramelo para que pudéssemos transmitir todas as lições necessárias da humanidade. Por sermos tão especiais, precisávamos de algo especial — a infância.

No entanto, havia falhas nessa teoria. É improvável que a seleção natural favorecesse o surgimento de um período idílico oneroso e arriscado para os pais, os seus filhos dependentes e os grupos inteiros apenas para que algumas crianças aprendessem a fazer fogo e a falar bonito. A fim de tentar descobrir a *verdadeira* razão para a infância, foi preciso que os pensadores parassem de presumir que ela sempre fora igual ao que é agora. Talvez originalmente *não* fosse um tempo para brincar e aprender. Talvez a infância tivesse evoluído não para as crianças, mas para os *adultos*, e fosse *benéfica para*

e/es. Na verdade, segundo os antropólogos Barry Bogin, Kristen Hawkes e Anne Zeller, o único cenário que faz sentido é o de que a infância teria surgido para tirar o ônus da reprodução dos adultos reprodutores, para que assim pudessem reproduzir novamente. Eles sugerem que as crianças eram ajudantes, babás que deixavam suas mães descansarem e se alimentarem, o que, por sua vez, permitia que estas alimentassem os filhos e tivessem outros mais. Foram as crianças, não os parceiros do sexo masculino, que nos tornaram “reprodutoras cooperativas”, ajudando-nos a prosperar enquanto outros *Homos* definhavam. Infância significava trabalho, não brincadeiras.

A prova está na humanidade contemporânea. Na maioria das culturas, as crianças são contribuintes líquidos para suas famílias aos sete anos. Elas cuidam do gado, limpam a cozinha e pegam lenha; cozinham, lavam roupa e vendem coisas em mercados. Mas, acima de tudo, são babás para os irmãos mais novos e às vezes para os primos. Por sinal, em uma pesquisa em 186 sociedades no mundo inteiro, Thomas Weisner, antropólogo da Universidade da Califórnia em Los Angeles, constatou que na maioria dos lugares as mães *não* são as principais cuidadoras ou acompanhantes dos filhos mais jovens. As crianças mais velhas é que desempenham tal papel. De acordo com aqueles que as estudam, as crianças nascem programadas para ajudar, para passar seus dias em grupos de outras crianças com idades variadas, cuidando umas das outras, absorvendo e passando adiante as habilidades aprendidas através da observação e do trabalho com adultos.

Tal ordem das coisas parece funcionar bem para todos, sobretudo em contextos de trabalho de baixa qualificação, em que a contribuição infantil é significativa. Por exemplo, nas aldeias maias tradicionais, no México, o controle dos lares e das barracas na feira é feito, em essência, por crianças. A antropóloga Karen Kramer descobriu que elas possuem níveis elevados de autoconfiança: sabem exatamente o que se espera que façam, dão conta do recado e se sentem importantes. E seus pais não se queixam de estresse, depressão ou fadiga, como o fazem tantos pais no Ocidente. Nos países da África Ocidental, onde as crianças começam a ajudar logo

aos três anos, costuma-se dizer: “Um homem com filhos nunca pode ser pobre.” Os filhos constituem ativos e são amados e valorizados como tal. Crianças, nesses contextos, trazem alegria genuína porque de fato contribuem. Elas enriquecem seus pais.

Contudo, no Ocidente industrializado viramos a infância de cabeça para baixo. Esperamos que nossos filhos não façam quase nada até muito mais tarde. Eles recebem todos os cuidados. Em vez de se misturarem em grupos ricos em linguagens e habilidades com muitos irmãos e primos mais jovens e mais velhos, nos quais aprendem a falar e a contribuir para a economia familiar, eles vão para a escola — às vezes ainda aos dois anos. Ali, são separados do resto da sociedade e colocados com crianças da mesma idade (a maneira mais eficiente de criar grupos de crianças quando as taxas de natalidade são baixas) e adultos estranhos chamados professores, que podem ou não ter seus melhores interesses em foco. Desprovidos de um grupo de familiares mais velhos que possa ensiná-los habilidades práticas e transmitir a língua simplesmente falando ao seu redor o dia inteiro, eles precisam aprendê-la em uma díade que requer trabalho intensivo (dizemos “dá dá dá dá” e “gato gato gato” repetidas vezes). Esse é apenas um exemplo de como, em nosso mundo, as crianças significam *trabalho* e nossa vida é organizada em função de suas necessidades, e não o contrário. Você pode sentir isso todas as vezes que faz a cama de seu filho ou arruma a cozinha após preparar uma refeição especial e apropriada para crianças. Ou todas as vezes que paga alguém para fazer isso.

Meredith Small fez a famosa observação de que as crianças do Antropoceno, nossa época geológica atual, são “preciosas, porém inúteis”. Nós as valorizamos de uma maneira especial, praticando o que podemos considerar “veneração dos descendentes”, da mesma forma que outras culturas praticam a veneração dos ancestrais. No entanto, também reclamamos que as crianças são muito cansativas e caras — o que é verdade, pois fazem muito pouco para compensar seus gastos. Essa reversão da ordem evolucionária das coisas cria circunstâncias ecológicas, econômicas e sociais singulares para as *mães*. Se a ideia da infância como um idílio tranquilo é uma invenção ocidental moderna que deriva da riqueza, também o é a

noção de que as mães deveriam ser as principais cuidadoras e acompanhantes dos filhos, sobretudo, se não exclusivamente, responsáveis não apenas por sua sobrevivência, mas também por seu bem-estar ao longo da infância e até mesmo por seu sucesso durante toda a vida. Ao modificar a infância, modificamos também a maternidade, até ela ficar quase irreconhecível se comparada com o que costumava ser e com o que é em outros lugares.

Em nenhum lugar essa mudança na infância e na maternidade é mais enraizada, mais evidente ou mais intensificada que no Upper East Side de Manhattan. Em um nicho de liberação ecológica extrema com uma cultura altamente competitiva, os filhos “bem-sucedidos” são objetos de status — e espelhos. Promovê-los num trabalho constante por eles é uma vocação. Ser mãe aqui significa ter uma carreira implacável e arriscada, estressante e aflitiva justamente porque a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso é toda nossa, o que leva ao sucesso ou ao fracasso de nossa prole. E de nós mesmas. O circuito é contínuo — e, eu estava aprendendo, quase inescapável.

Isso explica por que todas as mães do Upper East Side usavam medalhinhas gravadas com as iniciais dos filhos no pescoço. E empilhavam anéis, um para cada filho, nos dedos. E incluíam outras mães na lista de contatos do celular sob o nome dos *filhos*, de modo que, em muitos dos celulares e e-mails das minhas novas amigas, eu não era “Wednesday Martin”, mas “Eliot M / mãe, Wednesday M”. Nós éramos nossos filhos, totalmente fundidas a eles. A mensagem era reforçada todas as vezes que eu via uma mulher usando o crachá da escola do filho: “Fulana de Tal, mãe, Escola Tal.” Em e-mails, nos apresentávamos ou assinávamos as mensagens como “a mãe de Pierce”, “a mãe de Avery”. Em nossas conversas, dizíamos: “Você perguntou à mãe de Schuyler?” Essas mulheres tinham se tornado sua prole e vice-versa. Como minha amiga autora Amy Fusselman escreveu: “Era como se eu não tivesse vida ou identidade próprias antes deles, como se meus filhos tivessem me dado à luz.”

De todo modo, será que essas outras crianças, cujas mães já haviam feito a inscrição no maternal, eram de alguma forma melhores do que meu filho? Era o que me preocupava enquanto

pensava em como nossas opções de maternais se reduziam à medida que os dias passavam sem nos inscrevermos, as vagas sendo ocupadas em uma dança das cadeiras que cada vez mais eu temia perder. Elas eram mais inteligentes ou mais bonitas do que o meu filho? Seus pais eram, em algum nível, mais simpáticos do que meu marido e eu? *Eu duvidava*. Ia conseguir uma vaga nem que isso me custasse a vida. Ligaria para minha cunhada. E para minha guia nativa, Inga. Eu pediria favores. Elas não tinham filhos da idade do meu. Nem suas amigas. Então, podiam ser generosas. Eu estava pegando o jeito. Ou perdendo a cabeça por completo. Depende de como você encare a situação.



Inga concordou em ajudar e tinha muitos contatos. Ela conhecia literalmente dezenas de pessoas com filhos em escolas maternais importantes, tendo negociado muitos de seus apartamentos ao longo dos anos. Minha cunhada também estava disposta a ajudar. No entanto, havia um porém: o Dilema da Primeira Escolha. Em Manhattan, após passar pelo processo de inscrição, calcular as probabilidades e calibrar seus desejos, é preciso mandar uma carta para a escola ou ter uma conversa com a que é sua "primeira escolha". Nesse documento ou bate-papo, você usa a linguagem da monogamia e do compromisso, prometendo basicamente que, se eles aceitarem seu filho, ele irá para lá. Se seu filho for aceito em uma escola por indicação de um amigo seu, mas depois acabar indo para outra, seu amigo ficará com a imagem manchada. E você deve considerar a ponte para essa escola queimada para sempre e dar a amizade como perdida. Quando os quatro filhos de minha cunhada frequentaram o maternal, era apenas uma simpática pré-escola do bairro, logo ali na esquina. Contudo, na época em que nos inscrevemos, com todo o novo dinheiro na cidade e o histórico forte da diretora de conseguir colocar as crianças em disputadíssimas escolas subsequentes, já era o maternal mais prestigioso de

Manhattan. Na verdade, recentemente tinha superado um escândalo em que um todo-poderoso do mercado financeiro tentou inscrever o filho de um cliente com uma doação de 1 milhão de dólares. A criança não foi aceita.

Antes de matricularmos nosso filho em qualquer lugar, havia fichas de inscrição e entrevistas com os pais e *playdates* para as crianças nas escolas. Foi fácil obter as fichas, apesar do nosso atraso, após Inga e minha cunhada telefonarem para amigas que tinham como consegui-las. Andei baratinada pelo Upper East Side pegando envelopes pardos por dias; em seguida, escrevi ensaios sobre o que tornava meu filho especial, quais eram seus pontos fortes e fracos, que tipo de aluno ele era. Fiquei muito tentada a escrever “Não tenho como saber isso ainda, já que ele tem apenas *dois* anos”; em vez disso, bati com a cabeça na parede até conseguir respostas que esperava que fossem bem encorajadoras. Em seguida, vieram os *playdates*, aos quais, resmungando, me referia como “audições”, por parecer mais honesto. Em geral, eram marcados para a hora da sesta — algo incompreensível até você considerar que as escolas basicamente tentavam excluir ao máximo os filhos únicos. A criança exausta teve um acesso de raiva na cozinha de brinquedo? Ou deu um tapa em alguém na mesa de artesanato? Ou simplesmente não estava prestando atenção durante a hora da historinha? Boa sorte na próxima audição na escola seguinte. Nunca vou esquecer o “*playdate*” em que havia um único brinquedo desejável — um forquinho em cores berrantes com puxadores, luzes e botões — cercado por alguns brinquedos inferiores. Era o centro de uma dança das cadeiras manipulada pelos responsáveis pelas admissões, os quais queriam ver como um grupo de crianças cansadas responderia ao estresse de confrontar exatamente o que ainda eram incapazes de lidar naquela altura de seu desenvolvimento: a necessidade de esperar a vez, adiar a gratificação e controlar sua frustração em circunstâncias incomuns. Sem qualquer recompensa.

Após esperar um bocado, a irritação do meu filho era visível. As outras crianças empurravam umas às outras, e a ele. O “*playdate*” estava virando um caos. Fiquei enojada e com raiva, e, quando meu filho desabou em lágrimas, levantei-me do meu lugar no chão para

confortá-lo (ninguém me disse onde eu deveria me sentar ou como deveria agir naqueles “*playdates*” idiotas, porque observá-la enquanto você se questiona e tenta descobrir fazia parte da “avaliação”). E eu esperava, então, como ainda espero hoje, que a diretora daquela escola acabasse em um círculo especial do inferno, reservado àqueles que estressam crianças de dois anos e suas mães esperançosas, tensas e vulneráveis, sem qualquer motivo.

Ao meu redor, em cada uma daquelas sessões deploráveis, as mães estavam lindamente vestidas e arrumadas, nervosas, prontas para desabar se seus filhos assim o fizessem. Todas nós estávamos sendo testadas. E sabíamos disso. Muitas vezes, se tinha a sensação de que alguns dos administradores gostavam de nos ver desconfortáveis, de fazer mulheres relativamente ricas e privilegiadas se sentirem pequenas, exercendo seu próprio capital cultural, seu poder de escolher famílias, para incluir ou excluir criancinhas. Não era incomum ver uma mãe chorando na rua enquanto agasalhava seu filho e ia embora. Eu mesma chorei quando meu filho foi “reprovado” em uma audição por comer um punhado de areia da mesa de areia e gritar “DEVOLVE!” quando um garotinho arrancou um livro de sua mão. Em outra escola maternal, esta em uma igreja, ele entrou e declarou “Dane-se tudo!”, e eu sabia, ao ver o olhar de reprovação dos administradores, que eles não acharam graça. O ritual cruel foi realizado diversas vezes ao longo de semanas. Para mim, parecia sadismo institucionalizado, e eu me resenti muito disso.

Mas o que eu, ou qualquer outra mãe, poderia fazer? As escolas maternas tinham todo o poder, e ficou claro que muitas delas acreditavam que o fato de estarmos todas lá implorando por admissão comprovava sua excelência. Contudo, na verdade, nenhuma delas era tão excelente assim; era uma questão matemática. Não havia escolas suficientes. E, por causa das inúmeras pessoas tentando a ex-escola dos sobrinhos de meu marido, muitas delas com seus próprios pistolões e conexões, precisávamos tentar *todas*. Assim, continuei arrastando meu filho para as audições. Um dia, segurando minha mão quando estávamos prestes a entrar em mais um “*playdate*” cheio de crianças

desconhecidas, ele olhou para mim e disse “Mãe, eu não consigo mais fazer isso”, e eu quis chorar.

Achamos que seria melhor meu marido, uma pessoa calma e controlada, levar nosso filho para as audições na pré-escola elegante de seus sobrinhos. Ele ressaltou que aquela diretora específica era, provavelmente, uma das pessoas mais poderosas da cidade, e portanto do mundo. Demos boas risadas, mas havia um fundo de verdade na brincadeira dele. Esperei, ansiosa, pela ligação depois da audição. Quando o telefone tocou, quase caí da cadeira.

— Vou me atirar pela janela — sussurrou meu marido. Meu coração pulou para a boca.

— Por quê? — perguntei, lutando para não parecer tão histérica quanto me sentia.

Acabou que a diretora da escola estava na sala para a audição de meu filho. Enquanto ela falava, enrolava massinha, colava e desenhava com meu filho e outras crianças, ele quis chamar sua atenção. Chamou-a pelo nome várias vezes e, ao não obter resposta na sala barulhenta, ele deu-lhe um soco (felizmente de leve) no braço, e disse: “Ei, estou falando com você!”

Não faço a menor ideia de por que meu filho foi aceito naquela escola. Nunca perguntei. Atribuímos à influência de minha cunhada e ao fato de que a escola, tão desejável, também era profundamente tribal. Se algum parente seu tivesse colocado os filhos ali, sobretudo alguém que inscreveu quatro filhos, doou uma quantidade significativa de dinheiro e era de convivência agradável, suas chances seriam grandes. Do ponto de vista deles, você já tinha sido investigado e era uma aposta relativamente segura. Ao que parecia, até mesmo se seu filho tivesse socado o braço da diretora. E lá estávamos nós, com um filho na “melhor” escola maternal da cidade. Eu estava aprendendo como angariar os benefícios da afiliação tribal. Agora, eu aprenderia que também havia desvantagens nisso.



Ficamos eufóricos quando nosso filho conseguiu uma vaga em uma escola maternal “boa”. Parecia um gol de placa, uma verdadeira conquista e, embora soubesse que não devia falar muito sobre aquilo para não parecer presunçosa, saboreei os olhares invejosos das outras mães quando me perguntavam para que escola maternal ele iria. Tal como uma casa na cidade, um diamante enorme ou uma vista do mar nos Hamptons, a vaga nessa escola maternal — que refletia conexões e influência social e aumentava as chances de seu filho passar para uma escola fundamental e de ensino médio “top de linha” — era um “objeto” cobiçado em Manhattan. Entretanto, acima de tudo, isso me fez sentir como uma “boa” mãe. Como Flo.

No entanto, mais uma vez, a nossa sensação de haver cruzado a linha de chegada e ter “terminado” era uma ilusão, pois, com exceção de uma poça d’água que se resseca no Serengeti durante a estação seca, não havia lugar mais desesperador, agressivo, perigoso e hostil do que os corredores de uma escola particular de Manhattan na hora de deixar e buscar as crianças. Aqueles corredores faziam as salas de reunião da Goldman Sachs (onde, observou um conhecido que era banqueiro de investimentos certa vez, “eles não se preocupam em apunhalar você pelas costas, simplesmente apunham pela frente e ainda passam por cima de seu corpo”) parecerem lugares simpáticos e amigáveis para passear com a Tia Bea de Duluth. Eu chegara à escola mais elegante no código postal mais esnobe da cidade mais rica da América, onde todos defendiam e viviam por meio de sua prole. Então, talvez eu devesse estar preparada para aquilo. Mas não estava.

Meu filho começou a escola maternal no auge do *boom* financeiro. Havia adrenalina em nosso sangue e esperança no ar. Pessoas fechavam negócios. Pessoas compravam uma segunda, uma terceira e uma quarta casa. Todos em Manhattan pareciam maníacos de felicidade. E, todos os dias, após deixar meu filho na escola, eu chorava. Não porque era emocionante e doce assisti-lo entrar em sala. Não porque deixá-lo fosse uma metáfora para vê-lo crescer. Não porque ser mãe é, por vezes, comovente e doloroso.

Não, eu chorava porque as outras mães eram muito cruéis. Eu as chamava de Mães Malvadas ao descrevê-las para meu marido e

meus amigos de Downtown.

Elas se reuniam nos saguões em bandos e facções, cabeças abaixadas, murmurando, rindo e sussurrando. De alguma forma, todas pareciam se conhecer “de antes”. Seus uniformes transmitiam a ideia de que faziam parte de uma tribo unida — as capas de chuva idênticas da Burberry nos dias de chuva, os casacos de matelassê nos dias de frio. As sapatilhas Lanvin com elástico, ou os saltos altos que gritavam “Tenho motorista”. Elas podiam levantar a cabeça de seus grupinhos para responder ao meu cumprimento quando eu passava — mas isso quase nunca acontecia. Eu chegava cedo na escola todos os dias para evitar a sensação de cair no espaço infinito que tinha quando elas agiam como se eu não existisse. Em pé, constrangida e sozinha nas proximidades do grupo, eu apressava meu filho para entrar na sala assim que a porta abria, dava tchau e ia embora depressa. Na calçada, sentia meus braços vazios e, nos piores dias, meu estômago revirava. Porque era perturbador se sentir invisível. E porque, apesar de meus esforços, eu não conseguia fazer nenhuma delas marcar um *playdate* para nossos filhos.

Eu sabia o que era um *playdate*: nossos filhos pedem que marquemos um encontro para brincar com alguém depois da escola, e nós marcamos. Fazemos isso por e-mails, mensagens de texto ou telefonemas. Eu sabia como proceder por causa das outras mães e de outras escolas. Contudo, meus e-mails, mensagens e ligações para as mães dos coleguinhas do meu filho ficavam irritantemente sem resposta. Pior ainda, quando tentava marcar o encontro cara a cara com uma delas nos corredores, costumavam me ignorar ou mudavam de assunto. Às vezes, quando eu tocava no assunto, lançavam olhares alarmados ou envergonhados para as amigas, como se dissessem: “Oh meu Deus, ela está *realmente* fazendo isso? É *tão* constrangedor!” Percebi enquanto as outras mães continuavam a agir como se eu não existisse que meu filho e eu éramos párias do *playdate*. Eu fiquei numa perturbação fora do comum.

Com o destino daqueles chimpanzés fêmeas em minha cabeça, avaliei o campo de jogo. Ser evitada não era uma situação legal, nem um destino que eu desejava para mim ou para o meu filho.

Sim, as mulheres que me ignoravam pareciam desagradáveis e irritantes. Sim, eu queria furar os olhos de algumas delas. Mas em algum nível eu precisava delas, precisava ser inserida no grupo, e meu filho precisava de um ou dois *playdates*, além de alguns amigos. Levá-lo para Downtown não era uma opção — e de todo modo nossos amigos não tinham filhos da mesma idade ou, na maioria dos casos, sequer tinham filhos. Encontros espontâneos com crianças desconhecidas no playground ou no parquinho, chegar ali e fazer amigos na hora, parecia uma ideia agradável, mas, em uma cidade onde a rotina das crianças era programada a partir da entrada na escola até a hora de dormir, tais arranjos eram extremamente improváveis. Além disso, quando me aproximava de forma amigável, as mães do parquinho pareciam me achar, na pior das hipóteses, uma *stalker* ou, na melhor delas, alguém sem noção de limites. Estava claro que no Upper East Side mães e filhos tinham sua posição na hierarquia, seus lugares definidos e suas agendas cheias muito antes de os pimpolhos largarem as fraldas. Eu chegara atrasada, e isso me deixava desesperada. Meu pobre filho. E, sim, pobre de mim. Não queria me sentir tão mal ao deixar e buscar meu filho na escola. Precisava gostar das outras mães e que elas gostassem de mim.

Durante esse período, não fiquei bem fisicamente — havia muitos dias em que sentia tonteira e alheamento, a impressão de estar dissociada do meu corpo e das pessoas ao meu redor. Ao descrever isso para meu marido certa noite, percebi que se tratava de uma condição sobre a qual eu já tinha lido em meus estudos. Eu estava com choque cultural — uma síndrome provocada pela falta de familiaridade e pelo isolamento que atormenta antropólogos, estudantes em programas de intercâmbio e jovens pobres que ingressam em faculdades de elite. A essa altura em minha vida, eu já tinha vivido em muitas culturas estrangeiras e sempre encontrara uma maneira de me inserir nelas. Trabalhei por um período curto na ONU, escrevendo discursos e participando de eventos com diplomatas de todo o mundo, por isso tinha consciência de que meu traquejo social não era de todo desprezível. Eu me vestia bem, relativamente falando, e era simpática. O que mais aquelas mulheres

queriam de mim? Eu estava deixando de fazer algo? Havia algo que eu deveria dizer? Tentando com todas as forças me livrar da sensação de que estava sendo julgada e considerada deficiente, ou de que aquilo tinha muita importância para mim, jurei que pararia de tentar me inserir no grupo e ficaria só observando. Eu era uma mãe insegura e com dificuldades, mas também era uma pesquisadora social. Então, agiria como uma.

Observar era fácil, já que ninguém queria mesmo falar comigo. A primeira coisa que percebi foi que, do lado de fora, os Escalades com motoristas estacionavam em fila tripla e as mães se vestiam de maneira muito chique, embora nenhuma delas parecesse trabalhar fora. Iam sabe-se lá para onde, mas estava claro que era algo importante para elas. Muitas vezes, a maioria das hiperbem-vestidas — equilibrando-se em botas com plataformas e sapatos de saltos altíssimos — gritava “Nos vemos lá!” depois de deixar os filhos na porta da sala. “Lá” deveria ser horrível, peguei-me pensando. No elevador, a regra era mais ou menos o silêncio total. Numa certa manhã em que eu tinha uma reunião e troquei minha calça jeans, blusa térmica e rabo de cavalo por algo mais elegante, cabelo escovado e um pouco de maquiagem, duas mulheres impecavelmente arrumadas me observaram com olhar raivoso quando saí do elevador. Uma rosou “Quem é *essa*?” e meu couro cabeludo se arrepiou. O mundo da escola estava virado do avesso — tudo girava em torno das mães. Elas jogavam beijos, conversavam e, às vezes, se apunhalavam pelas costas. As crianças, nesse mundo reordenado, eram parte de um conjunto da moda, pendendo dos braços impressionantemente malhados de suas mães como enfeites ou acessórios. A maternidade, percebi, era outro tipo de vestuário. E a amizade e o bate-papo eram racionados, disponíveis para poucas.

Notei também que, na maioria das manhãs, se uma mãe se dignasse a falar comigo, era para dar um oi seco e em seguida teatralmente virar as costas para falar com outra pessoa. A diretora da associação de pais e professores da escola (que eu passara a considerar a Rainha das Abelhas-Rainhas) foi a primeira a fazer isso comigo. Em um dos primeiros dias na escola, cometi o erro de achar que estava em um mundo em que as regras se aproximavam das do

ambiente de trabalho ou de um coquetel informal, então me aproximei dela — que, afinal, era o elo dos pais com a escola e por isso meio que a representante oficial — e me apresentei. Ela me olhou como se, ao dizer oi e estender a mão, eu tivesse cometido uma gafe, como se tivesse bebido do potinho para limpar os dedos num jantar de gala e depois tirado toda a roupa. “Como é estranho e presunçoso de sua parte me cumprimentar”, pareciam dizer com desprezo as sobranceiras arqueadas. Depois simplesmente se virou sem dizer nem oi. Fiquei chocada. Mas, por fim, percebi que aquela era apenas uma versão extrema do que quase todas as mulheres da escola do meu filho faziam. Guardavam seus “ois” para um grupo seleto e não gastavam nada com a maioria das outras.

Notei que esse tipo de recusa a cumprimentar e a virada de costas dramática costumavam acontecer quando a interlocutora esperada era uma socialite, alguém que eu reconhecia das páginas de uma revista feminina, ou a esposa de um rico cujo nome eu lembrava por tê-lo lido em jornais ou pela época em que trabalhei com publicidade. Sim, logo concluí que essas mulheres não falavam umas com as outras tanto quanto disputavam a posição *de falar com uma, duas ou três mães específicas*. Era óbvio que tinham um foco laser no que eu passei a considerar as mulheres do mais alto status — aquelas que pareciam ser as mais ricas, bonitas, bem-sucedidas ou, mais importante de tudo, casadas com alguém mais bem-sucedido do que qualquer outra pessoa —, alguém que, pelo visto, tinha muito mais peso.

Muitas vezes, eu ligava para minha grande amiga Lily, a mãe mais calma e a anfitriã mais graciosa que eu conhecia, cuja filha era da idade do meu filho, e ela suspirava quando eu contava as últimas novidades. “Isso não pode ser verdade! Elas não podem achar que é certo ser tão desagradável!”, exclamava ela ao telefone, e só de imaginá-la dizendo isso em Downtown, no estúdio onde trabalhava como designer de moda, lembrava-me de que havia um mundo diferente daquele que eu tentava invadir, um mundo que eu entendia. Era um lugar onde as mulheres trabalhavam fora, em que existiam casais homo e heterossexuais, onde nem sempre havia dinheiro suficiente para tudo o que você queria e nem todos tinham

carro com motorista. “Odeio todas elas”, dizia minha amiga Candace, pedindo-me para encenar um episódio de desprezo do dia anterior enquanto tomávamos café. E, em seguida, ela me lembrava do que a escritora Wendy Wasserstein, cujos filhos foram para a mesma escola que o meu, dissera sobre a experiência: “Tantas mulheres magras, tantas bolsas gigantescas.” E ríamos. Isso ajudava, mas eu ainda tinha de voltar para a escola no dia seguinte.

Meu marido achava que tudo isso era coisa de mulher e que eu estava exagerando. “Por favor, não pode ser tão ruim assim”, dizia-me quando eu compartilhava os detalhes de mais um drama na hora deixar nosso filho na escola. Então, deixei que ele o levasse no dia seguinte. “O que diabos tem de errado com aquelas mulheres?”, perguntou ele depois de sua primeira desventura. “Elas nem sequer responderam quando eu disse ‘Bom dia!’” *Eu avisei*, sorri com ironia. Ficamos espantados por aquelas mulheres terem decidido que até mesmo o princípio mais básico e universal do convívio social — responder a um cumprimento — fosse coisa de idiotas. Elas estavam acima disso.

Pouco tempo depois da experiência do meu marido, nosso filho chegou em casa um dia e anunciou muito animado que tinha sido convidado para brincar com sua amiga Tessa — no jatinho de sua família. Foi um convite estranho e nada realista, pensei, até nossa babá, Sarah, me contar que todos na escola tinham jatinho e que todas as crianças estavam discutindo os méritos relativos dos seus quando nosso filho disse que não tinha um. Tessa ficou com pena e convidou-o para brincar no *dela*. Fiquei nauseada, mas era um começo. Ele estava se saindo melhor do que eu.



Enquanto sentava em um banco vendo as crianças entrarem na escola, ansiando por um *playdate* de verdade para mim e meu filho, não pensava apenas nos vulneráveis chimpanzés fêmeas e seus bebês. Também lembrava o que aprendera sobre *Papio anubis*, ou os

babuínos-anúbis, nos seminários sobre o comportamento social dos primatas. Os babuínos-anúbis vivem em bandos de até 150 membros, sendo que os machos se dispersam quando atingem a maturidade sexual. Dessa maneira, os bandos são compostos de babuínos fêmeas que em geral são aparentadas, formam redes cooperativas coesas e em essência mandam em tudo. Os grupos são rigidamente hierárquicos, assim os babuínos fêmeas de status mais alto recebem todo tipo de benefício: comida melhor, lugares mais seguros para dormir, “amigos” e protetores machos mais desejáveis (que precisam emigrar de outros bandos e passar por uma inspeção antes de serem aceitos), muitas oportunidades para copular e taxas mais altas de sucesso reprodutivo — isto é, mais filhos que sobrevivem até a idade adulta e se reproduzem.

As fêmeas de status mais baixo, claro, também desejam uma parcela dessa boa vida. Uma estratégia que podem usar para “subir” na sociedade *Papio anubis* é tentar (em muitos casos, repetidas vezes) cuidar das fêmeas-alfa e de seus bebês. As fêmeas de alto-escalão podem rejeitar essas tentativas diversas vezes, com golpes, tapas e até mesmo ataques cruéis às candidatas a babá, mas ao final uma fêmea com status alto pode permitir que uma de status inferior se torne o que deseja desesperadamente ser — uma “mãe postiça” ou cuidadora extra dos filhotes ou filhos mais jovens da alfa — por períodos de tempo limitados. Isso confere à fêmea inferior uma “entrada”; afinal, ela está aprimorando a forma física da mandachuva ao dar-lhe mais oportunidades de coletar alimentos para ela mesma e para seu bebê, sem empecilhos. E o prestígio de sua afiliação com a mãe, através do filho que está carregando e de quem cuidando, pode conferir-lhe mais poder e segurança no bando com o passar do tempo. As mães babuíno-anúbis influentes têm o poder de dar mais status às menos poderosas por tabela.

Longe da savana, nos salões de uma escola maternal do Upper East Side durante um *boom* econômico, meu marido e eu éramos primatas de status baixo, e isso era evidente. Todas as crianças eram extensões de seus pais, utilizadas em tentativas de ascensão social. “Se nos aproximarmos de Ari, cujo pai é gerente de um fundo de *hedge*, talvez viremos amigos e a mãe de Ari conte ao pai de Ari

a respeito da startup de meu marido e...” Outras vezes, tinha-se a sensação de que as mães de status inferior só queriam desfrutar o brilho da riqueza fantástica dos outros e aquecer seus filhos nela. Éramos novatos na cena, e meu marido não tinha como ajudar a carreira de ninguém, por isso éramos um elemento desconhecido, com lenta aceitação. No Upper East Side, há a sensação de que os amigos e companheiros de brincadeiras do filho podem definir sua posição em uma hierarquia, alavancando você para cima ou puxando para baixo. Você é apenas tão fabulosa quanto os coleguinhas de brincadeiras que conseguiram para seus descendentes e, se não possui status, tampouco seu pimpolho possuirá. Eu estava aprendendo que tal estrutura precária e agonizante transformava as mães em poderosas guardiãs... e em esperançosas suplicantes.

Como ocorre com muitos primatas não humanos que se unem a um bando, eu estava presa na parte inferior da hierarquia de dominância. Era vista com desconfiança, certas vezes ignorada e outras acossada. Havia dias em que eu desejava ser uma macaca bugio — *aquelas* jovens do sexo feminino que saltam para o lugar mais alto, empurrando as mais estabelecidas para baixo na hierarquia. Mas, não, eu era um babuíno nesse caso. Não há ninguém com status mais baixo do que uma fêmea nova em um bando de babuínos, e, se ela não consegue construir coalizões com as de nível médio e superior, suas circunstâncias de vida e as de sua prole podem ser desesperadoras. Eu sabia disso: se meu filho e eu fôssemos marginalizados, seria difícil mudar essa condição enquanto permanecêssemos ali. Eu não queria que meu filho fosse a criança sem amigos na escola. Não queria que nós — ele — fôssemos isolados. Então, refletia e sorria nos corredores, muito embora aquilo me matasse. E, apesar de todas aquelas horas de observação, não sabia o que fazer.

Minha salvação veio de forma inesperada, mas, se eu tivesse me lembrado melhor de meus estudos, poderia ter esperado ou até mesmo tentado engendrar as circunstâncias que mudaram o meu destino. Ela veio da mesma maneira que acontece com tantas fêmeas primatas não humanas na minha situação: através da atenção de um macho alfa. Em uma “festa da turma” organizada

pela “mãe da turma”, conversei em leve tom de flerte com o pai de um colega de meu filho. Ele era educado, inteligente e um pouco avesso às convenções, um tipo incomum entre os homens tradicionalistas do setor financeiro que moram no Upper East Side, com os quais eu ainda tentava me acostumar. A conversa fluía fácil e, uma vez que meu marido tinha ficado em casa com nosso filho e as outras mães estavam ocupadas conversando entre si, em um grupinho no qual eu não tinha esperança de entrar, nós dois batemos papo. Mais tarde, soube que era herdeiro de um império financeiro de Manhattan, filho de uma matriarca poderosa e abastada, como Flo, e um verdadeiro “top de linha” na escola e em nossa turma. No dia seguinte, na hora da entrada das crianças, ele sugeriu na frente de um grupo de mães que nossos filhos brincassem juntos. “Que tal esta sexta-feira?”, perguntou, e concordei.

“Como você conseguiu fazer *isso?*”, sussurrou uma das mães mais simpáticas, com olhos arregalados, enquanto ele ia embora. “Estou há semanas tentando marcar um dia para nossos filhos brincarem, e ele nunca confirma! Mesmo com nossos pais tendo se conhecido quando moravam em Westchester.” Dei de ombros e sugeri que, na próxima vez, ela tentasse tomar uma taça de vinho com ele.

Daquele dia em diante, a maré do *playdate* mudou de forma drástica. O meu filho passou a ter um *playdate* por semana com o filho do Pai Alfa, o que pavimentou o caminho para *playdates* com as crianças amigas do filho dele, cujos pais — ricos e poderosos como o Pai Alfa — eram seus amigos. Quando nos viram envolvidos em uma conversa amistosa no corredor, essas mães observaram com atenção: a nova linguagem corporal e os sorrisos amigáveis sugeriam que, para elas, eu tinha sido testada e aprovada. Agora elas estavam certas de que falar comigo não necessariamente rebaixaria seu status ou seria uma total perda de tempo. E, quanto mais reconheciam e retornavam meus cumprimentos nos corredores da escola, mais difícil era para essas mães ignorar meus e-mails e pedidos para marcar *playdates*.

Ao analisar com certo distanciamento, as manobras em torno da hierarquia dos *playdates* me pareceram estranhas e desagradáveis.

Seu aspecto sórdido era a noção de que alguns pais e algumas crianças valiam mais do que outros. Isso era repulsivo, mas também fazia parte das regras do jogo. Se meu filho enfim estava brincando com os colegas da escola e estava feliz, eu estava feliz. E me sentia muito grata, de verdade, ao Pai Alfa, mesmo com Candace e Lily achando que era má ideia contar com ele. *Ele não era casado com uma daquelas mulheres hostis? Ele podia ser muito melhor que elas?*, questionavam. Eu não tinha certeza. Só sabia que, nesse mundo invertido, onde os pais viviam através dos filhos, era como se eu fosse uma adolescente de novo e tivesse atraído as atenções do melhor jogador do time de futebol americano. Sua postura informal e amistosa transformara a fundo a vida social do meu filho e o meu status, os quais, eu agora me dava conta, estavam inquestionável e inextricavelmente ligados. Como Candace e Lily, eu não confiava que esse estado de coisas durasse muito tempo, e estava certa — o Pai Alfa seguiu em frente, como costumam fazer os alfas. Contudo, àquela altura meu filho tinha o que precisava, o que significava que eu também tinha. Talvez isso não fosse ser tão difícil assim, no fim das contas.

CAPÍTULO TRÊS

Virando nativa: mamãe quer uma Birkin

QUANDO ESTUDEI ANTROPOLOGIA na graduação e na pós-graduação, fiquei fascinada pelas descrições de antropólogos que decidiram “virar nativos” — fundindo-se com a cultura que deveriam estudar, *tornando-se* um daqueles que deveriam examinar e analisar. No caso de Bronislaw Malinowski, sobre quem escrevi minha tese de doutorado, foi um processo gradual. Ele ficou cada vez mais aborrecido com seus informantes nas ilhas Trobriand, que não eram tão sociáveis quanto ele gostaria, e, por fim, começou a ter relações sexuais com mulheres do lugar. Em outro caso, um professor de cultura do Oriente Médio que conheci revelou ter “virado nativo” em um jantar, quando cumprimentou seus alunos de pós-graduação vestindo trajes tradicionais do Iêmen, onde fizera trabalho de campo, e se portou como membro de uma tribo indígena iemenita pelo resto da noite (o que envolveu o uso de sabres). Em *Reflections on Fieldwork in Morocco* [Reflexões sobre trabalho de campo no Marrocos], Paul Rabinow fez uma narrativa inteira sobre perder a cabeça — e a si mesmo — no Marrocos.

Hoje em dia, virar nativo é visto por antropólogos como algo tão inevitável quanto instrutivo, um processo dinâmico que acontece quando pesquisadores de campo conhecem seus objetos de estudo e passam a entender, valorizar e internalizar algumas de suas crenças. Num primeiro momento, um pesquisador de campo pode se sentir perdido, alienado, sobrecarregado pela falta de familiaridade com tudo que o cerca. Aos poucos, no entanto, ele se acostuma, até que por fim começa a “pensar como um samoano”, sem perceber que isso está acontecendo. Ou como um aka. Ou como um habitante do Upper East Side.

Porém, no campo, por muito tempo “virar nativo” foi visto de maneira pejorativa. Isso porque a antropologia lutou muito para se distinguir como uma “ciência” à parte e superior a suas raízes históricas, estabelecidas no trabalho missionário, na “ciência de poltrona” vitoriana e no imperialismo puro e simples. Passar de cientista a “um deles” é problemático e pouco científico, para dizer o mínimo. Portanto, durante um longo tempo, os antropólogos se gabaram de sua “distância objetiva” das culturas que estudavam e nas quais viviam, evitando “se tornar nativo” como quem foge da malária. “Tornar-se nativo” sempre foi acompanhado por um toque de impropriedade e uma sensação ameaçadora e excitante de perda da própria identidade.

Como uma autodesignada observadora-participante da maternidade elitista do Upper East Side, uma intrusa na tribo das mães da região, muitas vezes senti um conflito quanto ao meu relacionamento com as mulheres e a cultura ao redor. Por um lado, eu queria fazer parte, unir-me a elas e virar uma delas, e sentia que *precisava* fazer isso, principalmente pelo meu filho (e, mais tarde, filhos). Mas eu também lutava para manter meu senso de distância ou separação — um certo afastamento analítico — enquanto observava e participava das manobras e dos acontecimentos à minha volta, que muitas vezes pareciam insanos. As viradas de costas, as dezenas de Escalades estacionados sem respeitar as leis, um dos quais quase atropelou meu filho enquanto penávamos para encontrar um táxi na hora da saída. *Quem gostaria de fazer parte deste mundo egoísta e metido a besta?*, eu me perguntava às vezes.

Em última análise, no entanto, os dramas da hora da saída e a experiência de ser uma pária do *playdate* — com os quais me senti muito vulnerável, triste e rejeitada — fizeram com que eu me envolvesse mais no mundo da escola do meu filho. Eles endureceram minha determinação de me encaixar e obter aceitação. Eu não deixaria ninguém me rejeitar, nem ao meu filho. Danem-se. E uma vez que ele (e eu) tínhamos *playdates* e uma vida social ligada à escola, esses “triunfos” me envolveram de modo ainda mais profundo no mundo que eu observava, tornando mais tênue minha base no mundo externo. Eu contatava e encontrava minhas amigas

de Downtown cada vez menos, dados os rigores e as demandas do trabalho, a necessidade de desempenhar o papel esperado, de manter minhas amizades e as do meu filho em Uptown. Antes de entender ou perceber, eu tinha me rendido a esse novo mundo de uma forma real, e não havia como escapar disso.

O golpe final foi um talismã poderoso que tinha poderes quase mágicos e, certamente, magnéticos — uma bolsa Birkin da Hermès.



Na primeira vez que de fato notei o que estava acontecendo, estava indo para casa depois de uma ida rápida à mercearia da esquina. Balançando um saco plástico com bananas e uma caixa de leite enquanto andava pela East 79th, cruzando a Madison Avenue em direção à Park, sentia-me efusiva e feliz. Estava ensolarado, e a larga calçada se encontrava excepcionalmente vazia. Era um momento de calma — a correria da manhã tinha acabado e ainda não chegara a hora do almoço — e não havia quase ninguém na rua em nossa vizinhança em geral movimentada. Para uma habitante do Meio-Oeste acostumada a ter espaço e tranquilidade, por um momento eu parecia estar de volta à minha cidade — só que com elegantes edifícios pré-guerra e porteiros alegres cumprimentando os transeuntes. Meu filho estava em uma boa escola. Tinha amigos lá, uma vida social, podemos dizer. Portanto, por extensão, eu também tinha. Claro, eu queria que as mães fossem um pouco mais amigáveis e ainda sentia que minha exclusão era evidente na maioria das vezes que ia deixá-lo ou buscá-lo. Mas eu era uma mãe de filho único boa o suficiente, com outro prestes a chegar. Finalmente, encontrava meu caminho e meu lugar no Upper East Side, e estava satisfeita nesse dia.

Um pouco à frente, vi uma mulher bem-vestida e solitária andando de maneira determinada em minha direção. Anda-se rapidamente em Manhattan, então num instante ela (talvez com pouco mais de cinquenta anos) e eu (com quase quarenta) fomos

nos aproximando. Obedecendo à etiqueta das calçadas de Manhattan — que parecia mais uma lei de trânsito, na verdade —, fiz como os carros e os nova-iorquinos, e me mantive à direita. Então, por que essa mulher bem-vestida e bem penteada pendia para a esquerda, colocando-se no meu caminho a cada passo que dava? Estávamos na Inglaterra?

Cheguei um pouco para a direita, e depois outra vez, dando-lhe ainda *mais* espaço, enquanto ela continuava seu rumo em minha direção. Se eu continuasse a desviar para a direita, como era óbvio que ela estava me forçando a fazer ao manter a rota de colisão, iria me chocar com a grande lata de lixo de metal laranja que estava agora alguns passos à minha frente. Isso era *ridículo*, pensei, observando toda a largura da calçada vazia e desacelerando. Pouco antes da lata de lixo, parei de maneira abrupta (que escolha eu tinha? Voar na frente dela para chegar ao outro lado da calçada?) e encarei a mulher, que agora estava a apenas quinze centímetros de mim, apesar do grande espaço à sua direita. Ela olhou bem nos meus olhos enquanto, deliberada e bruscamente, roçou meu braço esquerdo com sua bolsa magnífica. Então deu um sorriso de superioridade — deu um sorriso mesmo! — e continuou sua passagem proposital por mim. Virei-me para ver suas costas se afastarem pela calçada, estarrecida pelo que ela fizera, seja lá o que tenha sido. O que foi *aquilo*?

Eu tinha sofrido uma carga. Pelo menos é assim que parecia à antropóloga em mim, a qual, nos anos de universidade, assistira a horas de documentários sobre chimpanzés investindo uns contra os outros com postura e intenção agressivas — braços balançando, dentes expostos, emitindo gritos e sons guturais. Desempacotando minhas compras, repassei mentalmente o encontro, sentindo-me desconfortável e até mesmo irritada. Que diabos estava acontecendo? Percebia, agora que pensava sobre aquilo, que esse tipo de coisa já tinha acontecido — uma mulher me avaliando e depois me empurrando —, mas nunca de modo tão explícito. Era hora de começar a prestar atenção, prestar atenção *mesmo*, aos comportamentos sociais dos primatas do Upper East Side.

Então, comecei a perceber que encontros semelhantes aconteciam ao meu redor. Nas faixas de pedestres de Uptown, nas butikues de luxo e na sala de espera de um famoso cosmetólogo, percebi que, de formas sutis e não tão sutis, mulheres vestidas com esmero não apenas avaliavam, mas também “faziam carga” em outras mulheres. Não raro, uma dessas outras mulheres era eu. Em alguns desses encontros, tive de dar um passo em direção ao meio-fio ou me encostar na parede de um edifício para que uma mulher passasse por mim, de tão inflexível que ela estava em não ceder ou desviar um milímetro de seu rumo, um rumo que tinha sido alterado como se quisesse me dizer... alguma coisa. Eu me perguntava: o que a mulher opressora queria que a mulher oprimida fizesse?

Meu território anterior, o West Village, ficava a poucos quilômetros de distância, mas parecia outro país no que tange aos uniformes, aos costumes e à guerra entre mulheres. Claro, lembro agora que, de vez em quando, via-se uma supermodelo assustadoramente alta, com rosto impassível, caminhando pela faixa de concreto desnivelada e estreita que margeava a Bleecker Street como se fosse sua passarela pessoal. Mas aquilo se tratava apenas de uma narcisista profissional fazendo o que sempre fazia. Por outro lado, ao sair para uma compra rápida no Upper East Side, é possível acabar se envolvendo, sem querer, em um jogo de força extraordinariamente antagônico e bem-ordenado por gênero, em que uma mulher com jeito inteligente, bem-vestida e aparentemente normal em outros quesitos pergunta à outra: *Quem será a primeira a desviar?*

Após algumas semanas observando e andando por aí enquanto prestava atenção ao fenômeno da carga, a pedestre dentro de mim estava inteirada por completo da experiência, em alerta constante e pronta para o confronto ao sair para uma caminhada ou ir de um lugar para outro. Mas minha pesquisadora social interna queria mais dados. Então, no começo de uma manhã, depois de deixar meu filho na escola, comprei um café, me postei na frente de um prédio com porteiro e fiquei observando. No dia seguinte e no próximo e no próximo, me postei do lado de fora de uma loja, e depois perto de um cruzamento com muitos transeuntes. Algumas vezes, fiz

observações até mesmo no interior de edifícios frequentados por mulheres, ou melhor, nas entradas, uma vez que a entrada e a saída pareciam ser momentos muito tensos e beligerantes nos quais a carga tendia a ser praticada — lojas luxuosas, um restaurante conhecido por ser o hábitat de uma amostra representativa (no que se refere à idade) de senhoras chiques, e alguns saguões.

Acabei testemunhando quase uma centena de confrontos semelhantes aos que tive naquele dia na East 79th. Minha pesquisa foi informal, é claro, mas cheguei a certas conclusões. A principal delas: as mulheres do Upper East Side, sobretudo as com trinta e poucos anos e as que se aproximam do fim da meia-idade, estão totalmente sintonizadas com o poder e obcecadas por ele. Em muitos confrontos que observei, era uma mulher mais velha que “fazia carga” em uma mais nova, indo em sua direção até provocar uma espécie de crise social, quando um impacto verdadeiro era evitado (muitas vezes no último segundo) conforme a mulher mais jovem agilizava o seu desvio para o lado. Em seguida, as personagens da cena continuavam como se a (falta de) interação nunca tivesse ocorrido entre elas. Era como se ambas as jogadoras fossem cúmplices em algum sentido profundo, concordando em concordar que o que acontecera não acontecera.

Assisti ao desenrolar desses confrontos repetidas vezes, até que uma explicação começou a tomar forma em relação às mulheres e às suas tentativas de exercer dominância sobre as outras. Era seu direito, diziam elas enquanto faziam a carga, expandir seu espaço forçando as outras a desistir do delas. Depois de ter observado um número suficiente desses confrontos, a mensagem ficou bastante clara. Não se tratava de dizer apenas “Saia do meu caminho”, mas algo mais incisivo: “Eu não vejo você. *Porque você nem sequer existe.*” Ao que parece, suas bolsas — lindas de morrer e caríssimas, transpassadas pelo peito, penduradas no ombro ou balançando em suas mãos, acolchoadas e tingidas, de pele de cobra, carneiro e avestruz, com fechos ou fivelas em Cs ou Fs entrelaçados — tinham muito a ver com isso. Eram como armaduras, armas, bandeiras e muito mais: todas que faziam carga em alguém tinham uma bolsa

fantástica e se deleitavam em esfregá-la na oponente. Esse era o golpe de misericórdia.

A finada Nora Ephron escreveu que as pessoas em Los Angeles têm carros e nós em Manhattan temos nossas bolsas, e esses confrontos entre mulheres sugeriam novos significados para essa analogia. Se as bolsas são os nossos carros, como Ephron sugere (ao mesmo tempo funcionais e extremamente simbólicas, nossa tentativa de ir de um ponto para outro levando nossas coisas e também de sermos vistas, como esperamos ser vistas enquanto andamos pela cidade), então me parecia que havia muitos acessos de fúria no trânsito por todas as avenidas afluentes de Uptown. Com apenas uma bolsa de plástico da mercearia no braço, pedi para que aquilo acontecesse.

Pensei também sobre as demonstrações de dominância de Mike, um chimpanzé no bando de Jane Goodall. Mike é famoso entre os primatólogos e estudantes de antropologia por ter mostrado o tipo de sabedoria extraordinária que pode reordenar o mundo, ou pelo menos subverter toda uma hierarquia social bem estabelecida. Pequeno e sem status, Mike era um recruta relativamente novo no bando quando Goodall chegou, em 1960; muitas vezes, ela observou que ele apanhava dos chimpanzés mais velhos e maiores de Gombe. Sua vida era a de um forasteiro maltratado e infeliz, um recém-chegado à festa cuja presença era ignorada.

E, então, Mike adquiriu uma bolsa linda.

Na verdade, ele encontrou umas latas metálicas de querosene que haviam sido descartadas; eram leves, estavam vazias e tinham alças. De maneira brilhante, percebeu que podia incorporar esses itens às suas demonstrações de dominância — atuações coreografadas, por meio das quais os chimpanzés machos buscam intimidar e impressionar os demais de seu convívio, sem de fato machucá-los. Em geral, em uma demonstração de dominância, perseguem os outros ou esbarram neles, reforçando ainda mais esse comportamento ao balançar galhos, bater no chão e jogar pedras, o tempo inteiro emitindo arquejos seguidos por gritos altos e eufóricos.

Primatólogos e fotógrafos da vida selvagem com frequência são confrontados com tais demonstrações de dominância. Relatam que eles são chocantes e até mesmo assustadores. Então, imagine a surpresa dos membros do bando de Gombe quando Mike veio correndo até eles arrastando, pelas alças, *coisas* grandes, desconhecidas e barulhentas, batendo-as e balançando-as pela grama alta como se fossem cetros. E, em seguida, reforçou *ainda mais* sua exibição ao ficar em pé no meio do grupo e bater os misteriosos objetos uns contra os outros, fazendo uma algazarra tremenda e inédita que parecia dizer "*Quem manda agora sou eu!*". Esse espetáculo social inovador fez até Golias, o macho alfa reinante, entrar em pânico e se acovardar. Os pesquisadores de Gombe rapidamente removeram os objetos, sem grande resultado. Os outros chimpanzés continuaram a reverenciar Mike de maneira absoluta, e logo ele destronou Golias mesmo na presença de seu aliado de alto escalão, o ex-macho alfa Davi Barba Grisalha, para se tornar ele próprio o chimpanzé alfa. Por cinco anos inteiros. Tal foi a meia-vida poderosa de uma grande bolsa.

Eu não conseguia mudá-las ou derrotá-las, e não, com certeza não conseguiria nem queria me juntar a essas Mães Malvadas a oeste da Lexington. Ou talvez quisesse e conseguisse, de certa maneira. O que eu precisava era da minha própria lata de querosene. Sim, algo naquelas mulheres arrogantes, que me empurravam e me acotovelavam como se eu não existisse ou não tivesse qualquer importância, fez com que eu desejasse uma bolsa linda e cara. Eu acreditava que, como um totem, ela me protegeria daquelas senhoras que estavam em todos os lugares do meu hábitat adotado e diziam tanto sem proferir palavra alguma, usando apenas os olhos e o rosto, e sempre suas bolsas. Talvez, pensei, uma bolsa bonita como as que elas tinham poderia enganá-las, deixá-las de queixo caído e acreditando que não deviam me desafiar para duelos nas calçadas e tudo o mais. Que valeria a pena me cumprimentar, quando nos víssemos em uma festa, nos corredores da escola ou em um restaurante, sem me lançar um olhar de desdém. Além disso, pensei, poderia irritá-las. Ponderei que, com uma bolsa maravilhosa, eu não apenas teria uma espada e um escudo. Teria algo que elas

não tinham, ou algo que desejavam, ou algo que *tinham* e não queriam que *ninguém mais* tivesse. Imaginei a Rainha das Abelhas-Rainhas tentando esbarrar em mim e recebendo uma espetada na barriga da minha Birkin quadrada. Isso, de fato, não tinha preço.



Vi uma bolsa Birkin da Hermès pela primeira vez em Paris, no fim dos anos 1980. A bolsa que a mulher de jeans e terninho segurava era Perfeita. Era vermelha: não o escarlata previsível, não um vermelho-rosado insípido. Um vermelho desafiador, de uma confiança singular, a cor de batom que você procura há anos e nunca encontra, o ideal platônico que a leva a comprar bastões e bastões de vermelhos errados em busca Daquele. O formato também era simplesmente perfeito — um pouco fora do mapa visual costumeiro, provocador em sua diferença sutil se comparada com uma bolsa comum ou uma bolsa carteiro. Dava para ver as pontas de algumas pastas em seu interior, que sugeriam uma vida de trabalho e beleza. Eu acabei seguindo a mulher por alguns quarteirões do Oitavo *arrondissement* (claro que era o Oitavo, o bairro de todas as coisas soberbas e sensuais francesas), perseguindo sua bolsa, tentando entender o que era aquilo.

Mais tarde, ofegante, desenhei-a para uma amiga, que gritou quando descrevi os detalhes da chave e do fecho:

— Ah, isso é uma Birkin! Uma bolsa Birkin da Hermès! Claro, *todo mundo* quer ter uma!

Ela passou a exaltar a beleza da bolsa e a falar toda empolgada sobre as formas ao mesmo tempo descontraídas e reverentes com que as francesas carregam suas Birkins, muitas vezes com um gasto *Guide Rouge* dentro, ou a ponta de uma *baguette* para fora. Era tão... francesa. E tão cara, explicou ela. Suspirei, dolorida e cansada da viagem enquanto fazia a conversão de francos para dólares, certa, a princípio, de haver cometido um erro. Eu era estudante de

pós-graduação na época e, dado o meu orçamento, querer uma Birkin era tão razoável quanto querer ser presidente da França.

A bolsa Birkin da Hermès tem história, e a história de suas origens é, como o *clochette* que se pendura nela, inextricável de sua aura, de seu jeito Birkin de ser, de seu apelo irresistível. Reza a lenda que, em 1981, a atriz e cantora inglesa Jane Birkin (conhecida por seu espírito livre e por sua parceria romântica e artística com Serge Gainsbourg que durou décadas) embarcava em um avião com uma bolsa de passeio feita de palha, cujo conteúdo se espalhou pelo chão quando ela tentou colocá-la no compartimento de bagagem. Como um cavaleiro refinado em uma armadura brilhante, Jean-Louis Dumas, naquela época presidente-executivo da fabricante de couro mais proeminente e exclusiva do mundo, a Hermès, estava lá para ajudá-la a pegar suas coisas. Agradecendo-lhe, Birkin explicou que não tinha uma bolsa que funcionasse bem para suas idas e vindas entre Londres e Paris, e isso, assim contam, o fez pensar. E, ao que parece, desenhar.

Em 1984, a Hermès começou a oferecer uma bolsa de couro preto, de elaboração, refinamento e bom gosto impressionantes, e mesmo assim com um tom boêmio também. Versão reduzida de uma bolsa Hermès criada há cem anos para carregar selas de cavalo, ela tinha história, *duas* alças e uma dobra superior que poderia ser deixada para trás e aberta ou fechada com a fivela. Claro, era possível carregá-la no braço, mas também simplesmente levá-la em uma das mãos. Ou colocá-la no ombro — as alças tinham o comprimento certo e de alguma forma a faziam parecer jovem e descontraída, do tipo socialite descolada e profissional, diferente daquelas com uma alça só das senhoras chiques. Era algo entre uma bolsa de dia a dia e uma de fim de semana, em termos de tamanho. Sua aparência e sua própria essência provinham da união da praticidade com o estilo. Era o oposto da Kelly, aquela outra bolsa icônica desenhada pela Hermès especialmente para a princesa Grace, a fim de ajudá-la a esconder sua gravidez. A bolsa Kelly tem tudo a ver com dignidade, com uma correção matronal e enrubescida. A Birkin, em contraste, não dá desculpas por estar

grávida antes do casamento. É a irmã mais jovem, divertida e rebelde da Kelly.

Isso não a torna barata ou acessível — *mais non!* Desde o início, a Birkin foi fabricada em quantidades muitíssimo limitadas — apenas 2.500 por ano. Isso se deve, pelo menos em parte, ao fato de que fabricar uma Birkin é muito trabalhoso, requerendo quase cinquenta horas de trabalho atento, detalhista e preciso, do início ao fim. As Birkins são quase inteiramente feitas à mão, por trabalhadores que precisam aprender com os experientes artesãos de couro da Hermès durante pelo menos dois anos para se qualificarem para o emprego. As Birkins são obras de arte nesse sentido e, para reforçar essa ideia, cada Birkin é feita por um único artesão, que “assina” e data sua criação com um selo especial que contém o ano e suas iniciais. As proporções da Birkin são rígidas: seja nas variedades de 25, 30, 35, 40, ou na grandiosa de 55 centímetros, a proporção do comprimento à largura e à altura é precisa, tornando sua silhueta inconfundível e à prova de qualquer crítica. Apenas os franceses poderiam casar o Iluminismo e a revolução sexual da forma como a Hermès conseguiu na Birkin. Ela é o pretinho básico moderno das bolsas.

Hoje, é possível comprar uma Birkin na cor Blue Jean (não, não é a cor de *denim* escuro ou de qualquer outro jeans, mas um tom caprichoso, da cor do céu de um verão perfeito). Ou dourada. Essa é uma “Birkin de iniciante”, segundo aquelas que possuem mais de uma, e não é nada dourada, mas um caramelo queimado com costuras brancas contrastantes, que invoca um doce e faz qualquer uma salivar. Há dezenas de outras cores, cada uma tão vívida e surpreendente que cativa até os não iniciados. (“*Que cor é essa?!*” Uma amiga minha, que é artista, assustou a proprietária de uma Birkin de avestruz fúcsia ao lhe fazer a pergunta em um dia cinza de inverno. “Nunca vi um tom de rosa como esse, nunca!”). O custo inicial de um modelo básico (feito de couro de bezerro, em vez de crocodilo ou pele de avestruz, com as ferragens douradas ou em paládio coberto com platina, em vez de placas e fecho encrustados de diamantes) é de 8 mil dólares. Há uma gama alucinante de couros à disposição: Togo é o couro de bezerro, Clémence (a mais

pesada) é de filhote de touro (*taurillon clémence*). Existem também Birkins feitas de pele de carneiro e de cabra. Uma pele exótica (lagarto, crocodilo ou avestruz) ou um modelo personalizado pode custar 150 mil dólares ou mais. A lista de espera, as suplicantes cansam de ouvir, é de dois ou três anos. Em Hong Kong e Cingapura, onde a Birkinmania chegou a um patamar inédito devido à economia aquecida, vendedores do mercado negro voltados à elite vendem grandes volumes de Birkins novinhas em folha, recém-compradas da Hermès e com certificado de autenticidade. Pelo privilégio de driblar essa lista de espera de quatro anos, existe, por vezes, um ágio de 50% a 100%. "HERMÈS PARIS MADE IN FRANCE" está estampado em três linhas perfeitamente espaçadas, em prata ou ouro, sobre o fecho de cada Birkin.

Os homens podiam ter seus carros esportivos, seus casos, suas adegas com vinhos de 15 mil dólares, ou quaisquer que fossem suas chupetas e travesseirinhos de meia-idade ou seus meios de compensar probleminhas psíquicos. Mas a Birkin — o couro, as ferragens, o contraste do pesponto e a miríade de detalhes que a tornam uma Birkin, que a tornam algo desejável, inclusive e talvez acima de tudo a quase impossibilidade de obtê-la — seria minha. Eu teria aquela bolsa quadrada, estruturada, cara, descontraída, sensual e funcional para compensar tudo o que eu tinha perdido e que ainda viria a perder (perdemos estas coisas mais devagar em Manhattan, empenhadas como estamos em aparentar ter vinte ou trinta anos até chegarmos aos cinquenta, mas mesmo assim as perdemos): coxas duras, pele sem rugas, fertilidade, a capacidade de ficar eufórica pela última edição da *Vogue*. Decidi: chega dessas bolsas de marcas mais baratas e de formação de compromisso, como as Marc by Marc Jacobs, as quais as jovens de vinte e poucos anos e até mesmo adolescentes do Upper East Side carregavam. Eu estava envelhecendo e queria uma Birkin porque sentia que era enfim, de alguma forma, merecedora. Eu estava na meia-idade, era um fato, uma realidade que me fazia engasgar sempre que a ideia me ocorria. Mas ainda era jovem, bonita, loura e magra o suficiente para que uma Birkin e eu pudéssemos brilhar juntas. Eu também tinha idade suficiente para pagar por ela e talvez fosse influente o

suficiente, depois de tanto tempo em Manhattan, para consegui-la. Era óbvio que essa idade, minha idade, representava o momento certo de adquirir uma Birkin, e a Birkin era agora, ao mesmo tempo, meu prêmio de consolação e meu direito.

Mas é claro que não poderia haver sequer a fantasia de ter uma Birkin sem confrontar a questão de como obtê-la. *Como?* Assim como é o caso de tantos “objetos” de Manhattan, solicitar e ser rejeitada fazia parte do jogo da Birkin, assim como aguardar, ser colocada na lista de espera e ouvir que ela estava encerrada — eu sabia disso por amigas que trabalhavam na indústria da moda e outras que eram simplesmente obcecadas por moda. Ouvi dizer que, às vezes, se a pessoa conhecesse alguém na Hermès, poderia obter uma Birkin mais depressa — talvez em seis meses ou em um ano, em vez de três anos.

Uma vez, enquanto tomávamos uns coquetéis, a mãe da minha amiga JJ nos contou que estava na Hermès uma tarde quando uma mulher simpática e bem-vestida, com mais ou menos a mesma idade que JJ e eu, entrou e anunciou:

— Eu gostaria de comprar uma Birkin.

Ela logo foi informada de que não havia Birkins disponíveis e que, na verdade, a lista de espera estava encerrada naquele momento.

— Você não me ouviu; *eu gostaria de comprar uma Birkin de 35 centímetros preta e com ferragens douradas* — insistiu, levantando a voz. Quando seu pedido foi recusado várias vezes, ela jogou as mãos para cima, exasperada, e bufou: — Ótimo! Eu não queria fazer isso, mas vou chamar meu marido aqui!

Segundos depois, entrou novamente, com o marido, uma megacelebridade da comédia, e eles foram prontamente conduzidos à sala dos fundos, onde os negócios da Birkin eram realizados. Um triunfo.

Muito mais comuns são as anedotas sobre humilhação e rejeição nas mãos dos guardiões ferozes e notoriamente *froids* da Birkin. Como aquela sobre a amiga de uma amiga que chegou a chorar, ali mesmo na loja, quando foi informada com frieza de que a lista de espera estava encerrada. Ela tinha ido lá todas as semanas durante *meses*, contou às amigas, cada vez comprando um cinto ou um

lenço de que não precisava (devem ter sido muitos lenços e cintos, murmuraram elas em solidariedade), na esperança de conquistar a dose de boa vontade necessária para provar às vendedoras que era merecedora de uma Birkin. Ou a mulher que forçou o marido, que viajava a negócios, a fazer um desvio para uma determinada capital asiática para trazer uma Birkin (a viagem era para a *Alemanha*). Há também a mulher para quem foram oferecidas bolsas Kelly de todos os formatos, tamanhos e cores pelo pessoal da Hermès, mas recusou todas porque era obcecada pela Birkin; mais tarde descobriu, por meio de uma amiga que era editora de moda e conhecia alguém na equipe de vendas, que tinha sido taxada de “difícil” e era provável nunca mais conseguisse uma Birkin.

Claro, era humilhante e estúpido ouvir que uma lista de espera estava encerrada, como se fosse uma boate na qual você não conseguiu entrar por não ser importante ou fabulosa o suficiente. Era absurdo precisar esperar numa fila para ter o privilégio de gastar, pelo menos, 10 mil dólares por uma bolsa. Mas esses percalços não eram apenas obstáculos. A dificuldade de obter esse item específico, sua quase impossibilidade, fazia parte da coisa em si, algo tão intrínseco à Birkin quanto a história de sua origem e do carimbo com a data de fabricação.

De alguma forma, valeria a pena. Eu sabia disso assim como sabia que a Birkin vinha dentro de uma grande caixa laranja, enfeitada com fitas marrons, e que dentro havia um papel de uma espessura muito específica dobrado na forma de, acreditem, um travesseirinho especial para a bolsa descansar. Eu morava em Manhattan havia vinte e poucos anos, e também sabia de outra coisa: que estava partindo no tipo de busca (cheia de clichês, fácil de ser ridicularizada, o auge da frivolidade) que, provavelmente, me levaria a odiar a minha cidade mais do que já odiava. Era outra versão da tentativa de entrar numa escola ou da luta por uma mesa em um restaurante (“Por favor, só me arranje uma mesa boa para podermos pular a etapa de eu reclamar e você me trocar de lugar. Por favor”, começava a dizer para as recepcionistas e os *maitres*, de maneira tão doce quanto conseguia ao fim de minha segunda gestação, quando minha paciência com tudo, inclusive com os rituais sádicos

quanto a quem se senta onde, tinha esgotado). Eu sabia que minha saga por uma Birkin ameaçava me deixar emocionalmente exausta e ressentida. E talvez até mesmo decepcionada, caso tivesse a força e a sorte de conseguir o que tanto queria após cumprir todas as exigências necessárias.

Mesmo quando decidi que precisava mesmo ter uma Birkin, eu me sentia cansada e derrotada só de pensar naquilo. Sentia-me também desafiada e pronta para o ataque. Manhattan tem uma maneira curiosa de virar seus desejos do avesso para você ver suas costuras, do que eles de fato são feitos. Aqui no Upper East Side, organizamos parte dos nossos desejos e das nossas identidades ao redor de itens específicos e raros, ou melhor, impossíveis de obter. Uma Birkin significava muitas coisas, e uma delas é o flagrante desamparo do não possuir, até mesmo (sobretudo) em um mundo de excessos. Claro, a Birkin é algo que você quer, mas é também a essência da experiência de desejar, com espera, decepção, demora e esperança costuradas em cada um de seus pespontos.



Quando você se pergunta *por que* todo mundo em Manhattan, inclusive você, quer uma Birkin, e por que há tal fervor pela coisa em si, é fácil cair numa lógica circular. A resposta é muito evidente: *só porque eu quero*. Existem teorias com mais nuances, é claro. Em uma cidade que valoriza seus significantes de privilégio e sucesso — é obcecada por eles, na verdade —, a Birkin é um símbolo estratosférico de status, talvez o supremo, para as mulheres. E, não por coincidência, também para os homens que podem comprá-las para nós. “Uma mulher com uma Birkin é uma *excelente* extensão narcisista para um homem bem-sucedido”, refletiu a psicóloga clínica de Manhattan Stephanie Newman quando pedi sua opinião. “Ele prova o quanto é poderoso e especial, já que conseguiu essa coisa rara e cara para ela.”

Sobre a mulher em cada milhão que insiste que não deseja uma Birkin, só posso dizer: dê-lhe uma e veja se não vai usá-la. O toque de classe e a carga social imensa que proporciona seriam demais para resistir. Algo como escolher um Hyundai em vez de um Porsche quando ambas as chaves são oferecidas. Duvido. Você quer a bolsa porque ela está, de alguma forma, vagamente, ao alcance — difícil, mas não de todo impossível. E porque ela é linda. E, é verdade, porque você iria inspirar um tipo muito especial e distorcido de respeito em Manhattan, também conhecido como inveja (sentida por outras mulheres informadas, outras mulheres cuja opinião você valoriza e cuja admiração deseja conquistar), por ter uma Birkin.

Conforme escrevia o registro diário de minha vida no Upper East Side, eu percebia que se tratava de um jogo de um determinado grupo para incitar a inveja de outras mulheres. Muito já foi escrito sobre o olhar masculino — como ele objetifica, redesenha a hierarquia entre homens e mulheres, transforma os primeiros em observadores e as segundas naquelas a serem observadas. Mas eu começava a entender que viver no Upper East Side é ver e sentir os “olhares” trocados entre as mulheres, ou impostos a nós umas pelas outras — um olhar que muitas vezes é devorador, competitivo e com a precisão e a intenção de uma mira a laser. O olhar atrai você para o jogo, mesmo que não deseje jogar. Às vezes é uma forma de se defender, de se sustentar. *Não me olhe assim*, você diz com o seu olhar; *isso não é legal!* Outras vezes, as mulheres o usam para se promover às custas de outra: *Onde está o defeito?*, perguntam as mulheres com esse olhar, avaliando as outras. Onde está a imperfeição no que você tem (cinto, sapatos, vestuário, cabelo) que me fará sentir melhor, fará eu sentir que você não é tão boa assim, que não é melhor do que eu? As Birkins, desejadas e “escassas”, despertam a hostilidade feminina, a fascinação latente em tantas interações e olhares entre as mulheres em Manhattan, olhares que entrecruzam a calçada, a rua, o restaurante da moda e o evento de caridade — no Pierre ou no Cipriani — enquanto verificamos os sapatos e acessórios das outras, olhares carregados de sentido, com *significados* suntuosos, brilhantes, cobiçosos e deliciosos, que passam despercebidos por nossos maridos e filhos. Há os olhares

disfarçados e os não tão disfarçados enquanto esperamos pelo elevador nos corredores da escola, olhares que absorvem um guarda-roupa completo, mulheres engolindo as outras inteiras como jiboias, para digeri-las e criticar os detalhes mais tarde: *Quem é ela? Por que ela tem uma dessas? Com quem ela é casada? O que ela faz? Por que ela e não eu?* As relações entre as mulheres no Upper East Side são mais complexas do que, provavelmente, qualquer outro lugar do país ou do mundo, e é possível que as bolsas, assim como os carros, precisem desempenhar muitas funções diferentes ao mesmo tempo. Uma mensagem sobre onde a mulher se situa na hierarquia inevitável de Manhattan, um barômetro de sua riqueza, suas conexões e suas influências em uma cidade em que a riqueza, as conexões e a influência são tudo. Uma expressão da moda. Um dispositivo de segurança, uma forma de compensação em uma cidade singularmente estressante.



Eu tinha certeza de que meu pedido não surpreenderia meu marido, porque vinha falando sobre Birkins havia anos. Não do mesmo jeito nada irônico das Outras Mulheres, assim eu esperava, mas isso não tinha importância. "Lá está uma!", dizia a ele, apontando e observando, tão empolgada quanto um naturalista vendo um raro pássaro sul-americano no Central Park durante o inverno. Se eu tivesse sorte, teria a oportunidade de avaliar a bolsa e a dona, convencida de que essa justaposição me permitiria saber se era falsa. A bolsa, quero dizer.

Minha obsessão pela Birkin murchou, diminuiu e retornou ao longo de duas décadas, de tempos em tempos reativada pelo estresse (que ver uma Birkin provoca), como um vírus adormecido. Até mesmo agora, vinte anos depois da primeira vez que a vi, em um momento diferente de minha vida, com mais conforto financeiro, um momento em que eu quase poderia justificar um gasto tão extravagante, comprar uma exigiria algum esforço. E pedidos de

retribuição de favores. E, o horror dos horrores para uma escritora antissocial, talvez até mesmo alguma bajulação. Mas, primeiro, um período de obsessão. Esse eu conseguia suportar sem problemas. Afinal, as mães do Upper East Side são especialistas em obsessões. Seja terrorismo, encontrar uma colônia de férias para o verão, pesquisar sobre doenças de pele ou problemas na escrita de um filho, ou ainda passar de um apartamento clássico de nove cômodos para um menor a fim de comprar um lugar em Aspen sem vender o dos Hamptons, eu estava aprendendo que ficamos cada vez mais obcecadas, gastando longas horas localizando e depois devorando páginas na internet que apoiam e alimentam nossas fixações. Em nossos laptops e iPads, seguimos nossos devaneios das férias de verão perfeitas ou perseguimos aquele sapato que transformará nosso guarda-roupa e melhorará nossa vida. Minha amiga Candace marcou dezessete sites de imobiliárias em sua pesquisa. Uma pesquisa que, ela logo admite, nunca levará adiante: mudar-se para Bronxville. “Eu me sinto melhor com isso”, diz ela enquanto dá de ombros.

Minha busca obcecada me levou, inevitavelmente, a sites como bagsnobs.com e iwantabirkin.com. Passei noites e mais noites no eBay, depois que meu filho adormecia, pesquisando Birkins — os preços, as ferragens, os detalhes que separavam a Verdadeira de uma falsa. Uma noite, após ter passado literalmente horas isolada, meu marido entrou em meu “escritório” (o ex-quarto de empregada, ao lado da cozinha), e eu, morrendo de vergonha, logo saí do site.

— O que era aquilo? — perguntou enquanto a tela do computador engolia a imagem de uma Birkin Blue Jean de 35 cm. — O que você estava olhando?

Respondi honestamente:

— Desculpe. Estou tentando saciar os meus desejos.

Isso atraiu seu interesse, até ele perceber que os meus desejos eram por uma *bolsa*.

“Bem, por que não?”, perguntou Lily enquanto nossos filhos brincavam no parque em um dia ensolarado. “Essas Birkins são feitas como se fossem tanques. São umas das poucas bolsas realmente bem-feitas que ainda existem.”

De seu lugar privilegiado no mundo da moda, ela fazia a ideia de obter uma Birkin soar *sensata*.

Durante um almoço, conversei com Candace e concordamos, avaliando números, que a Birkin custava o equivalente a três mensalidades em uma escola particular ou a férias de inverno em um lugar quente. Representava dois ou até três meses de gastos domésticos. Duas vezes uma mesa n' *O Quebra-nozes* beneficente. "Bem, quando você coloca dessa forma" disse Candace, empurrando com lentidão sua salada picada pelo prato, agora pensativa, sua expressão mudando, "não é *tão* ruim assim... se você ficar com ela para sempre, o que você fará. E você vai usá-la o tempo inteiro. E vai parar de comprar outras bolsas. Quando fazemos as contas..."

A mãe da minha amiga JJ, que nos contou a anedota sobre a esposa da celebridade, tinha cinco Birkins e, pelo menos, o mesmo número de Kellys (ou seria Kellies?), e JJ sugeriu que ela poderia me apresentar à sua vendedora na Hermès. "Compre de uma vez", mandou ela. Muito embora não recebamos um grande salário; muito embora precisemos de uma como precisamos de um par de botas com lantejoulas em uma floresta tropical; muito embora seja insano e nada prático. Não fique aí parada, desejando, diziam Lily, Candace e JJ. Faça alguma coisa. Essa deve ter sido a chamada para agir mais estranha e extravagante de minha vida.



Meu marido soltou não mais que uma espécie de gemido quando contei a ele. Não era do meu feitio pedir algo caro. Sempre sinto certo enjoo quando as mulheres agem como se suas finanças e seu bem-estar financeiro nada tivessem a ver com os de seus maridos, como se essas bugigangas não onerassem o casal como uma unidade. Meu marido sabia que eu era basicamente bem resolvida nesse aspecto — quando perguntou o que eu queria de presente após o nascimento de nosso filho mais velho, pedi que colocasse dinheiro em minha poupança para a aposentadoria, para o horror de

uma de minhas amigas, que pediu diamantes — e isso valeu muito. “Só acho que eu devia ter uma bolsa Birkin”, expliquei. “Só quero muito, muito uma.”

Tudo bem, meu marido concordou. De que cor? Ele a compraria no dia seguinte. Ri — uma gargalhada alta, berrante, melancólica e mesquinha que pareceu alarmá-lo. Depois, suspirei. Ele *não conseguiria*, expliquei. Entreguei-lhe uma lista de contatos que eu havia escrito, começando com o nome da mãe de JJ e o número de seu celular.

— O que é isso? — perguntou ele, seus olhos apertados.

— Essa é a sua fornecedora — disse a ele. — Ou atravessadora. Ou seja lá o que for. Por favor, seja simpático com ela. Quero muito essa bolsa.

Meu marido teria que telefonar para a mãe de JJ (vamos chamá-la de Myra), que, por sua vez, telefonaria para a sua vendedora na Hermès (vamos chamá-la de Deirdre), que, por sua vez, atenderia meu marido quando ele fosse lá. Mas, primeiro, Myra, abençoada seja, teve uma conversa íntima com Deirdre. JJ me telefonou e disse, com alegria, que sua mãe tinha contado a Deirdre que eu era uma autora muito conhecida (“Sim, já ouvi falar dela”, dissera Deirdre — aqui, JJ e eu choramos de tanto rir pela ideia de alguém ser educada a ponto de fingir conhecer uma ninguém como eu), que eu seria uma cliente muito boa, que eu merecia uma Birkin e queria uma de couro preto de 35 centímetros, com ferragens douradas. Mesmo que Myra considerasse isso um grande erro; eu deveria comprar uma com ferragens de paládio, as quais, segundo ela, serviam para todas as ocasiões.

Depois que a conversa terminou e os preparativos foram encaminhados, meu marido soube por Myra que podia encontrar Deirdre, o que ele fez. E a vendedora, muito doce, informou-o que faria o possível, telefonaria para Paris e se empenharia para fazer isso acontecer. Talvez não a tempo do meu aniversário, que estava, afinal, bem perto, e ela estava, afinal, pulando a lista de espera — a qual, dependendo da pessoa com quem você falasse, era de três longos anos, um festival de desculpas esfarrapadas, ou estava encerrada. A noite em que meu marido me disse tudo isso, fiquei

acordada na cama até as duas da manhã, tendo despertado de repente ao perceber que eu nem sequer sabia quanto essa bolsa custaria de fato.

“Bem, compro as minhas em Paris e Roma, e, com a taxa de câmbio, nem sei. Não sei quanto elas custam em Nova York”, disse Myra, quando, um tanto hesitante e desajeitada, perguntei o preço exato em uma de nossas conversas telefônicas. “Só comprei aqui minhas Kellys.”



Meu amigo Jeff Nunokawa é professor de literatura inglesa. Sua especialidade é o romance vitoriano, e ele frequentemente escreve e dá palestras sobre a maneira peculiar como Dickens, Eliot e outros romancistas vitorianos retratavam as mulheres não apenas como consumidoras entusiastas de artigos de luxo, mas também como os artigos de luxo em si. Especulei sobre o que ele diria a respeito do consumo de luxo mais contemporâneo das mulheres, conforme exemplificado pelo Paraíso das Birkins, e a respeito da hostilidade e da competição entre as mulheres na calçada pós-baudelairiana. Antes, porém, tive de explicar os termos. Jeff não é um dos muitos amigos com quem discuto moda, e a princípio pensou que eu me referia às sandálias Birkenstock.

“Tenho certeza de que é uma bolsa bonita”, começou ele, corajosamente, após eu explicar que falávamos sobre bolsas, não sandálias, o que era uma bolsa Birkin e o que era a Hermès, além de resumir a loucura da caça às Birkins em Manhattan nos anos 2010. Em seguida, ele acrescentou com diplomacia: “E entendo *mesmo* que as pessoas se preocupem com essas coisas.” Ele fez uma pausa por um momento e, em seguida, reunindo várias linhas de pensamento, perguntou em um tom ao mesmo tempo erudito e brincalhão: “Mas por que as mulheres?”

Gostar de coisas “bonitas”, cobiçá-las, entrar em fila para comprá-las, ficar em uma lista de espera, submeter-se a várias humilhações

a fim de adquiri-las, querendo-as ainda mais porque são, ao que tudo indica, raras e fora de alcance. Em geral, logo desconsideramos tais atitudes como loucura feminina e uma falsa conscientização, como quem é ludibriado e “enganado pela moda”, sintetizou Nunokawa de maneira primorosa. Mas estamos errados, sugeriu ele. Claro, é uma loucura e, com certeza, quando vivemos em Nova York, esquecemos o quão maluca é tal busca, e ela passa a parecer algo normal. Por exemplo: as mulheres só querem bolsas Birkin. E esse processo ridículo de agradar uma vendedora a fim de conseguir uma, de ficar obcecada e usar pistolões, de torcer e esperar (“Vamos chamá-las de filas do bolo, certo?”, sugeriu alegremente Nunokawa), que parece ser a coisa mais estúpida e sem propósito: qual é o porquê disso? E por que as mulheres? Nesse ponto, Nunokawa voltou-se para o exemplo de uma personagem fictícia de outra época, Lily Bart, de Edith Wharton, julgando-a “tão real quanto é possível ser em um sentido — em sua relação com as coisas belas e caras”. À medida que a busca de Lily por um casamento se torna cada vez mais urgente, impulsionando a narrativa e mexendo com nossas esperanças, percebemos que Lily não apenas deseja coisas, lembrou-me Nunokawa, mas as deseja de modo espetacular e desesperado, pois também deseja — precisa — ser algo desejável.

O mesmo acontece com as mulheres em Manhattan e nossas buscas por Birkin, supôs Nunokawa.

“Não é que as mulheres, e me refiro a mulheres de uma determinada classe ou grupo social, as Lily Bart contemporâneas, amem o artefato da moda”, explicou ele. “É que elas *são* a forma do artefato.” De acordo com ele, essas perseguidoras de Birkin não são apenas iludidas ou tolas. Estão planejando algo, algo mais do que apenas empurrar umas às outras para fora da fila do bolo por uma bolsa. Ao perseguir Birkins, não estamos nos tornando só perseguidoras de bolsas. “Essas mulheres estão lembrando aos homens, à sociedade e a elas mesmas que vivem um relacionamento privilegiado e identificável com aquelas bolsas.”

Ao procurar e comprar algo precioso e raro, estamos tentando renovar nossa própria raridade, rejuvenescer o sentido de nosso próprio valor perante todos em nossa sociedade. Nossa proximidade

com um item de luxo suntuoso como uma Birkin é egoísta e frívola — e eficaz, concluiu Nunokawa.

Seja o que for, eu ia furar essa fila do bolo.



No fim, o que aconteceu foi o seguinte: meu marido viajou para a Ásia, e Deirdre sugeriu que lá ele poderia abocanhar uma Birkin com mais facilidade; ela faria alguns telefonemas. Mas em Hong Kong ele ouviu a mesma ladainha sobre uma lista de espera de três anos. E em Pequim disseram a ele a mesma coisa (foi assim que eu soube, antes dos economistas, que a China ultrapassara o Japão e se tornara a segunda maior economia do mundo). Em seguida, na última etapa da viagem, ele me ligou tarde da noite e disse: “Você gosta das douradas?” Ele tinha intimado uma vendedora em uma das lojas da Hermès em Tóquio a apresentar-lhe não apenas uma, mas três Birkins para ele escolher. Escolhi a dourada com ferragens de paládio, o que deixaria Myra satisfeita.

Pronto. Mas, naquela noite, fiquei me revirando na cama. Estava obcecada com a ideia de que Myra sentiria que eu, de alguma forma, a insultara ou comprometera sua posição com Deirdre ao desistir de comprar a bolsa em Nova York. A todo momento eu visualizava uma imagem vívida e aterrorizante: JJ enfurecida comigo por fazer tudo errado, criando uma situação em que ela estaria pressionada dos dois lados caso sua mãe achasse que eu quebrara regras tácitas, porém importantes, da etiqueta de aquisição das Birkins. Ou algo assim. No dia seguinte, acordei exausta de tanto pensar e passei o dia inteiro retomando as mesmas ruminções. Naquela noite, meu marido voltou para casa de sua viagem com cansaço, roupa suja e uma enorme caixa laranja.

“NÃO TOQUE NISSO”, gritei para meu filho quando ele se aproximou com fascinação. Por baixo das fitas, dentro da caixa, sob o papel fino, deitada sobre o travesseiro, estava a bolsa envolta no saco bege. Os metais estavam cobertos com feltro branco, para

evitar que arranhassem ou fossem arranhados. Retirei-o com o cuidado de uma cirurgiã para revelar os fechos prateados brilhantes e a ferragem. E dentro do objeto-fetichismo havia mais objetos-fetiches: o plástico cheio de ar, do tipo acordeão, que conservava o formato da bolsa. O cadeado pequeno e as chaves em seu invólucro de couro. E a proteção contra chuva. Sim, a Birkin vem com sua própria capa de chuva. Era mais leve do que eu imaginava. Era linda e simples, com habilidoso pesponto contrastante. Tinha 35 centímetros, e era impecável. Meu marido riu quando me viu pegar uma lanterna para inspecionar o interior e as costuras da Birkin. Depois, corri para o telefone e pedi flores e um cartão de agradecimento para enviar a Myra. Por toda a ajuda e pelo incômodo que causei.

Seria de se imaginar que eu ficaria simplesmente feliz ao obter o Santo Graal das bolsas. No entanto, em vez disso, acabei transferindo para a *própria bolsa* minha ansiedade quanto a talvez ter ofendido Myra, JJ e Deirdre pela forma como a tinha adquirido. Por dias, temi que minha Birkin, embora comprada em uma loja Hermès, pudesse ser falsa. Procurei o lugar em que estava a marca do artesão, inspecionei o pesponto e todos os detalhes de sua fabricação. *E se ela não fosse verdadeira?* Ah, pelo amor de Deus, é verdadeira! JJ (que no fim não ficara com raiva, e cuja mãe também não ficara com raiva, apenas feliz por mim, como faria uma mãe obcecada por Birkins) gritou comigo ao telefone. “Você só não consegue aceitar que a busca acabou. Você tem medo de se sentir vazia agora que conseguiu o que desejava! E sente como se talvez *você fosse uma fraude*. Talvez não a merecesse. Mas você merece!”

Se você vai viver no Upper East Side, é de grande ajuda ter uma amiga psicanalista.



Eu carregava minha Birkin para todos os lugares, exceto quando chovia. Nessas ocasiões, eu tinha de deixá-la em casa, por medo de,

bem, danificá-la. Um dia, com um tempinho de sobra antes de pegar meu filho na escola, entrei em uma loja de roupas do outro lado da rua. Aquele era um raro momento em que as compras eram para mim, e não para meu filho. Um raro momento em que fiz compras em vez de trabalhar ou me preocupar com o trabalho, e a sensação era de luxo e extravagância. A jovem vendedora me cumprimentou e, pouco tempo depois, se ofereceu para colocar no provador as peças que eu tinha escolhido.

“Você pode deixar sua bolsa no banco. Tomo conta para você.” Ela sorriu. “E prometo não roubá-la, ainda que eu queira muito uma dessas.”

Rimos, e como ela continuou a olhar a bolsa, entreguei-a e disse-lhe que a experimentasse. Ela aceitou, olhando-se de todos os ângulos nos vários espelhos da loja. Foi estranho e nada confortável ter algo que ela desejava. Ela me perguntou se eu gostava muito da minha Birkin. Para diminuir um pouco o desconforto, respondi que sim, era um burro de carga e bonita, mas, no fim das contas, era só uma bolsa, e que toda a comoção em torno dela me parecia exagerada. Ela sorriu e inclinou a cabeça enquanto fazíamos contato visual pelo espelho. “Uns dias atrás, alguém entrou com uma Birkin de *crocodilo* de duas tonalidades”, disse ela, docemente, “e foi a coisa *mais linda* que eu já vi”. Ela pausou por um momento, então continuou. “Depois de ver aquilo, é difícil ficar empolgada com uma bolsa como a sua.”

Ela estendeu o braço e me devolveu a Birkin.

Faz bem não ficar, pensei, porque você precisaria vender MUITOS suéteres de caxemira para poder comprar uma, até mesmo uma como a minha. Se é que conseguiria alguém na Hermès para vendê-la a você, o que duvido muito. Mas não disse nada disso. Somente pensei enquanto pagava pelas roupas que eu podia comprar e ela, não. E refleti sobre como, no Upper East Side, há muitas e muitas formas de tirar uma mulher da calçada.

CAPÍTULO QUATRO

Gueixa de Manhattan

Notas de campo

Os machos de muitas espécies lutam, se exibem, vocalizam e, de outras formas, competem pela oportunidade de acasalar com as fêmeas disponíveis. Isso é explicado pelo princípio de Bateman, o qual afirma que o sexo que investe a maior parte do tempo e energia em gerar, prover e proteger a prole se torna um recurso limitante a ser disputado pelo sexo oposto. Na maioria das populações de animais, as razões sexuais são, grosso modo, iguais. No entanto, como uma parcela das fêmeas está sempre excluída do grupo de potenciais parceiras devido à reprodução e ao cuidado intensivo com a prole (e à gravidez e à amamentação, no caso dos mamíferos), com frequência as fêmeas de muitas espécies acabam se tornando o "sexo limitante".

Contudo, os dados do censo mostram que, entre os primatas da ordem superior do Upper East Side, existem desequilíbrios drásticos nas razões sexuais. Devido sobretudo à migração oriunda de regiões distantes (transferências de bandos nativos), há duas fêmeas reprodutoras para cada macho. Essa circunstância ecológica singular modificou as relações entre os gêneros e entre as fêmeas de forma única e notável.

Os machos do Upper East Side parecem ter se tornado o que as fêmeas são em outros cenários: exigentes e comedidos observadores de demonstrações em seu próprio benefício. Enquanto isso, extremos da ornamentação e elaboradas "práticas de embelezamento" (que, muitas vezes, envolvem a mutilação física e a recomposição de seus corpos e rostos em um arranjo mais "agradável" por vários "xamãs do corpo e do rosto") são centrais na vida das fêmeas reprodutoras e até das pós-reprodutoras sob exame.

Assim também são os ritos coletivos diários de resistência física, coreografados com precisão e altamente competitivos. Acredita-se que eles não apenas purificam e potencializam o apelo do corpo feminino, mas também por meio de magia evitam os efeitos físicos do tempo, ou até postergam a mortalidade. As fêmeas realizam esses ritos em seu hábitat natural, mas os levam às últimas consequências em seus ambientes migratórios no verão, cerca de 160 quilômetros para o leste.

TIVEMOS OUTRO FILHO, um menino, não muito depois de o mais velho entrar para a escola maternal. E, dessa vez, eu estava mais consciente do que nunca de que os padrões exigidos das grávidas e novas mães em Manhattan — sobretudo no Upper East Side — eram assustadores. As gestações tanto em Uptown quanto em Downtown eram maratonas competitivas e arriscadas com nove meses de duração. Entretanto, não havia dúvida de que as mulheres do Upper East Side mereciam um troféu por seus esforços engajados e extremados quando se tratava da gravidez. À minha volta, mulheres nos últimos três meses de gestação bambeavam em saltos agulha e ficavam em jantares, restaurantes do momento e eventos de caridade até meia-noite. Usavam roupas para gestantes de estilistas famosos com caimento perfeito e estavam sempre espantosamente bem cuidadas e arrumadas. Da mesma maneira que continuavam a se vestir e socializar como se nada estivesse acontecendo, elas persistiam em correr ao redor do lago e trabalhar o abdômen em aulas de ginástica. Ao que parecia, a gravidez no Upper East Side correspondia a ter o melhor, mais torneado e magro corpo possível, o que significava agir como se simplesmente não se estivesse grávida. As expectativas com relação à aparência — ser glamorosa e linda — eram inflexíveis, exigentes e eternas.

Comparada às minhas colegas grávidas, eu era uma preguiçosa sem vergonha. Não conseguia de jeito nenhum acompanhar seus ritmos. Estava sempre cheia de gases e me coçando. Tinha acne. Sentia-me exausta antes mesmo de sair da cama. No âmbito dos cuidados pessoais, estava saindo dos trilhos, totalmente fora do roteiro social de gravidez em Uptown. Embora da primeira vez eu tenha feito ioga pré-natal, pilates pré-natal e tudo o mais pré-natal, na segunda gestação não fiz nenhum exercício além de me aventurar na execução de tarefas rotineiras ou caminhar (“andar como um pato” é uma descrição mais precisa) até o meu escritório compartilhado, onde eu pretendia escrever, mas logo caía no sono. Não pensava muito em comida, além de elaborar estratégias para não botar para fora o composto vitamínico que meu obstetra insistira

para que eu tomasse, já que estava perdendo peso devido aos enjoos matinais agudos. Meus olhos estavam sempre vermelhos — os vasos sanguíneos rompiam por causa dos frequentes vômitos diários. Segundo meu marido, eu parecia uma vareta que engolira uma bola de basquete. E percebi aos poucos que isso me tornou um tipo de para-raios para as mulheres ao meu redor, um teste projetivo de suas atitudes com relação a *seus* corpos e dietas. “Sua safada. *Eu* quero enjoos matinais terríveis da próxima vez!”, reclamou uma delas. “Ai, meu Deus, você está *fantástica*”, exclamou outra, entusiasmada, ignorando por completo a minha pele cinza e manchada, notando apenas meus braços e pernas de espantalho.

Meu filho em idade pré-escolar também era uma espécie de teste de Rorschach para as mulheres com quem eu agora passava meus dias. “Uau, ele é tão magro e tem pernas *tão* compridas”, sempre comentavam quando ficávamos na beira do parquinho observando as crianças. Algo no tom de voz sugeria que elas consideravam sua fisiologia uma conquista de minha parte ou da dele. Eu nunca tinha visto mulheres adultas focarem tanto no corpo de uma criança, ou extraírem tanto significado dele. Sinceramente, eu sentia saudades das bochechas e dos braços gordinhos de meu filho, as marcas da infância que o tornavam adorável. Contudo, poderia jurar que algumas dessas mães me invejavam por ter um filho magro.

Muitas de suas crenças e códigos culturais eram estranhos para mim, mas em outros aspectos eu tinha muito em comum com as mães do Upper East Side que conhecia. Suas preocupações e seus padrões, como o desejo de ter uma Birkin, começavam a tomar conta de mim. Esse processo de adaptação mais ou menos inconsciente é denominado *habituação*, a forma mais simples de aprender, na qual um animal, após certo período de exposição a um estímulo, para de responder e começa a se acostumar com ele. Depois de um tempo, os hipervigilantes e ariscos cães-da-pradaria que vivem próximos a humanos deixam de emitir alertas quando passamos por perto; para eles, começamos a parecer parte da paisagem. Os cervos se acostumam com nosso cheiro pavoroso (em Michigan aprendi que, antes de ver um cervo, às vezes se pode ouvi-lo resfolegar, emitir um ruído de nojo pelo nosso fedor terrível

quando se está na direção do vento) e se aproximam para se alimentar em nossos jardins. E assim, cercada por pessoas vestidas de formas que, apenas meses atrás, eu teria considerado perturbadoramente estranhas, passei a me vestir de maneira um pouco mais conservadora, um pouco mais cara e um pouco mais cuidadosa. Parecia a última rendição, o descarte de meu eu anterior. Entretanto, uma vez entregue a esse processo de habituação, ele deixou de ser algo desagradável. De certo modo facilitou minha vida ser como o cão-da-pradaria que parou de notar seus arredores, ou um cervo que decidiu que o cheiro não era tão alarmante, afinal. Essa parte anterior de mim, uma forma de reagir e de ser, a mãe jovem de Downtown com cabelos curtos e planos ambiciosos, desaparecera. Sim, vi-me desejando ter um cabelo macio e louríssimo, uma Birkin, um casaco Barbour, sapatilhas de veludo verde-esmeralda da Charlotte Olympia com caras de gatinhos. E me rendi. Foi assim que, logo após entrar em trabalho de parto em um radiante dia de outono, decidi me aventurar e fazer uma escova.

Primeiro telefonei para Lily, que acabara de ter um bebê, uma linda menina chamada Flora que sempre se acalmava quando deitava no peito de meu marido. Lily e eu analisamos minha última rodada de contrações para ver se era um alarme falso, como acontece com tanta frequência antes do grande dia e vinha acontecendo comigo por cerca de uma semana. Ela achou que não. Mas, por ter quatro filhos, era uma pessoa tranquila com relação a tempo. “Não é o *terceiro* bebê nem nada. Você sabe que esses escorregam pernas abaixo ou decidem nascer no táxi. Mas é o segundo. Dê uma pequena caminhada e veja o que acontece.”

Caminhei direto para o salão, onde lavaram e secaram meu cabelo. Calculei que ainda dava para fazer as unhas das mãos e dos pés. Após tudo isso, pensei em cuidar das coisas abaixo da cintura, mas minhas contrações agora vinham a cada minuto, então em vez disso liguei para meu marido.

“*O quê?! Temos que ir agora!*”, gritou. Enquanto atravessávamos o East Side para chegar ao hospital, o motorista do utilitário grande e excessivamente caro que meu marido chamara pediu: “Por favor, senhora, não tenha o bebê neste carro! Aguarde!” Minutos depois,

com as pernas para cima nos estribos, pedi desculpas ao meu obstetra pelo estado lastimável da situação lá embaixo. Ele comentou, enquanto a cabeça do meu filho apontava, que muitas de suas pacientes depilavam toda a região logo antes de dar à luz, algo que ele simplesmente não conseguia entender. Disse ainda que os pedidos de cesariana “para que as coisas lá embaixo não ficassem largas” tinham aumentado muitíssimo. E que muitas pacientes contratavam cirurgiões plásticos para retirarem seu excesso de gordura logo após o parto. Isso é loucura, pensei ao fazer força pela última vez para o bebê sair. Mas, mesmo enquanto colocavam meu bebê sobre o meu peito (ele era tão louro e tão grande! Era lindo!), desejei que minhas coxas estivessem depiladas quando o trouxe ao mundo. E, apesar de quase ter parido em um Escalade, não posso deixar de admitir que, quando vejo as fotos com meu filho após o parto, me sinto feliz por ter feito a escova.



Quase sem exceção, as novas mães ricas do Ocidente se submetem a sacrifícios físicos e emocionais para “voltar à forma anterior à gravidez”. A frase, tão natural e otimista, é também falsa e cruel, sugerindo que tal fantasia é tecnicamente possível. Afinal, primíparas e múltiparas (quem teve um ou mais filhos) não são nulíparas (quem nunca teve filhos). Não se recupera o corpo pré-gravidez nunca mais, porque não se consegue voltar a ser alguém que não é mãe. *Porque você é mãe.* O corolário para a compulsão de agir como se a gestação não a tivesse afetado é o desejo, após o parto, de fingir que ela (toda aquela coisa de seu abdômen, vagina, seios e quadril serem estendidos a extremos que você nem quer imaginar) nunca aconteceu. Nada de seios caídos ou barriga inchada. Como se isso já não fosse irreal o bastante, espera-se de nós, e nós mesmas esperamos, que sejamos capazes de “voltar ao normal” dentro de um prazo absurdo de tão curto.

Após o nascimento de cada um dos meus filhos, pensei com inveja no costume chinês de manter a mulher na cama por um mês inteiro após ela dar à luz e longe dos campos ou do trabalho por mais alguns meses. Ela é cuidada por mulheres da família e proibida de qualquer tipo de esforço, para que possa se concentrar apenas em amamentar e se recuperar. Já aqui os hospitais podem nos colocar para fora de 24 a 48 *horas* após o parto (a geração da minha mãe ficava no hospital uma semana). Para os pais do mundo não industrializado e não ocidental, esse costume parece bárbaro.

Para ser coerente com nosso roteiro social, voltei logo para casa com o meu novo bebê. Ao contrário de alguns exemplares de minha espécie que optaram pelo leite em pó porque, segundo me contaram, não queriam ficar com os seios caídos e os mamilos amassados, me comprometi a dar o peito, assim como fizera com o mais velho, e logo estabeleci uma rotina com nosso recém-nascido. Tive sorte porque dar de mamar era fácil para mim e também para meus filhos. Eu sabia que amamentar conferiria benefícios de longo prazo para o bebê, porém, como a maioria das mães de Manhattan, eu também gostava da ideia de dar o peito pois ouvira falar que ajudava a “voltar ao corpo anterior à gravidez” mais depressa. Minhas amigas me contaram que dar de mamar queima algo em torno de seiscentas a setecentas calorias por dia. No final, meus enjoos matinais diminuíram um pouco e consegui chegar ao peso recomendado. Então, agora eu insistia em amamentar não apenas por causa de meu filho, mas também por causa da minha cintura. E, mais tarde, quando o bebê tinha cerca de cinco meses, decidi que era hora de voltar a me exercitar.

Embora meu obstetra tenha aconselhado sabiamente que a gravidez e a recuperação pós-parto requeriam um total de “nove meses antes e nove meses depois”, como muitas de minhas iguais, eu não sentia que *tinha* nove meses. Estava com pressa, impaciente para recuperar meu velho e firme corpo, apreensiva e preocupada demais por achar que isso talvez nunca acontecesse. As mães de todo o país sentem uma versão desse medo; revistas femininas tais como *Fit Pregnancy* e *New Mommy Workout*, DVDs e aulas on-line de puxados exercícios pós-parto são manifestações de nosso terror

coletivo. No entanto, aqui no Upper East Side, as ansiedades e pressões são maiores. Apesar de as mulheres em Nebraska e Michigan poderem se exercitar na esteira do subsolo quando querem, deixar de comer doces e demorar a perder os últimos cinco quilos (talvez se conformando com a permanência de todos ou uma parte deles), minha tribo de mães tinha outra cabeça. Assim como tínhamos de nos destacar pela beleza durante a gravidez, também precisávamos ser as mães de recém-nascidos, bebês, crianças pequenas e pré-adolescentes mais fabulosas possível.

Como estava no Upper East Side, uma vez que eu tinha decidido me exercitar, a primeira coisa a fazer era ir às compras. A Lululemon era a marca da vez; tinha ultrapassado a Athleta e, quando eu enfim me vi pronta para a luta, havia se tornado uma parte intrínseca e onipresente do uniforme das mães do Upper East Side. Apertada, porém mais grossa do que as calças de lycra comuns, ridiculamente confortável, com detalhes divertidos (inúmeros padrões engraçados) e concessões inteligentes para a vida, as necessidades e os desejos das mulheres (bolsos em lugares que não criavam protuberâncias, por exemplo), a Lululemon era uma parte inescapável da vida em minha vizinhança. Transmitia a mensagem: "Tenho tempo para me exercitar, e aqui está a recompensa." Percebi na primeira vez que experimentei as calças e um casaco cintado que parte do apelo da marca estava no fato de esses itens não serem apenas implacavelmente apertados e justos. Não eram só itens de vestuário, também funcionavam como um tipo de espartilho ou exoesqueleto, eliminando ondulações, levantando e segurando tudo lá dentro enquanto pareciam expor demais. Pelo primeiro ou segundo ano após a Lululemon chegar às lojas, as mulheres vestiam calças Lulu com blusas ou casacos Lulu mais compridos para cobrir o bumbum e o quadril. Ou amarravam blusas de mangas compridas Lulu ao redor da cintura. E então houve o momento em que as mulheres declararam coletivamente: "Tenho púbis. E uma bunda. Aceitem." A habituação foi rápida. O que, a princípio, parecia corajosamente exibicionista (expor as laterais do ventre e das costas de uma fêmea *Homo sapiens* entre a cintura e o púbis) logo deixou de causar comoção. Que escolha os homens tinham a não ser se

dessensibilizarem pela quantidade excessiva de regiões baixas vestidas de Lululemon, pela exposição quase constante e inescapável?

E então vim a ter muitas peças da Lululemon. Comprei casacos e calças justos. Comprei blusas com mangas curtinhas e decotes profundos, e camisetas justas sem manga em cores vibrantes. Comprei tops confortáveis, desenhados para serem usados sob blusas e camisetas. Havia até calcinhas fio dental especiais e calcinhas feitas com microfibras para serem “invisíveis” — com bordas que desapareciam gradualmente, de maneira a não deixar marcas na roupa. Havia um alfaiate na Lululemon, que colocava você sobre uma caixa diante de um espelho com três lados, como um alfaiate comum faz, e falava com seriedade sobre que tipos de sapatos você deveria usar, qual seria o comprimento certo de suas calças, como se fossem calças de verdade e você, uma mulher de negócios na Brooks Brothers. Eu logo aprenderia que essa ginástica *era* um negócio, e sério.

Toda paramentada, procurei opções de atividades físicas e logo descobri que havia uma mudança gigantesca não apenas nas roupas de ginástica, mas também nas *modalidades* de exercícios desde o nascimento de meus dois filhos. Enquanto em minha ignorância eu fazia pilates, ioga e corria no parque quando podia, ao meu redor todas os membros da tribo que eu estudava tinham ingressado em subtribos, cada uma jurando lealdade a um de dois cultos superpopulares: uma aula com barra de balé chamada Physique 57 ou uma de *spinning* chamada SoulCycle. *Que ridículo*, pensei quando minha amiga Amy me enviou um vídeo do YouTube com mulheres na SoulCycle em bicicletas ergométricas, as partes inferiores dos corpos dando impulsos em círculos na velocidade da luz enquanto as partes superiores faziam várias posições de ioga. Imaginei como os arqueólogos do futuro ficariam perplexos ao verem tal artefato (“Elas se movimentam, mas não saem do lugar”). *Dá um tempo*, suspirei por dentro ao ouvir outra amiga descrever sua aula com barra de balé na Physique 57 quando estávamos em uma cafeteria, entoando com fervor que percebia mudanças em seu corpo depois de meras seis sessões de 57 minutos. Ela soava como uma

propaganda de TV. Depois, levantou a blusa para me mostrar o abdômen, e eu quase cuspi meu chá verde. Ela estava *sarada*. Com menos de seis horas. De repente, me convenci.

Analisando o site da empresa, fiquei sabendo dos estúdios sofisticadíssimos, instalações espelhadas em locais luxuosos, decoradas com equipamentos especiais — barras de balé de várias alturas, bolas para apertar e enrijecer os músculos, faixas de elástico para alongamento e trabalho abdominal, tapetes e travesseiros, carpetes que suavizavam o impacto do esforço no chão. Li a “história” da Physique 57: foi fundada por duas ex-discípulas de Lotte Berk depois que a guru dos exercícios inspirados no balé extremamente populares fechou seu estúdio nos Hamptons. Vi os relatos em vídeo de mulheres que tinham verdadeira adoração pelo templo da Physique 57 — das esqueléticas às mais musculosas. Muitas se emocionaram ao descrever sua transformação. A promessa era que eu perceberia os efeitos em meu corpo em oito sessões, cada uma das quais durava menos de uma hora, o que me fazia economizar 180 segundos do meu tempo cada vez que participava de uma sessão.

Trajando Lululemon, cheguei a um estúdio não muito longe da minha casa em uma manhã de primavera. O espaço era arejado e limpo, com pé-direito alto, paredes brancas e piso de madeira em algumas salas e carpete azul em outras. A jovem bonita da recepção fez minha matrícula, anotou que era minha primeira aula e me deu um formulário para assinar. Depois, perguntou em um tom animado: “Você trouxe suas *meias*?” Hã? Descobri que ela queria dizer meias antiderrapantes pretas ou cinza, até o tornozelo e com 57 bordado atrás, a sala salpicada de pontinhos azul-claros emborrachados para que eu não escorregasse no carpete. Comprei um par na hora e, ao calçá-las, pensei nos membros de uma seita que tinham cometido suicídio na década 1990 enquanto calçavam tênis Nike idênticos. “Você vai precisar de uma garrafa d’água”, observou a recepcionista de maneira solícita, segurando-a e me dizendo que acrescentaria o montante à minha conta. Como em um clube privado, eu tinha uma conta.

Fiquei aliviada ao ver minha amiga Monica, gerente de fundo de *hedge* ambiciosa, mega em forma e mãe de três filhos, se alongando no espelho. “Eu não sabia que você frequentava a Physique!”, falou entusiasmada quando nos beijamos na entrada. “Me dá isso.” Ela deixou minha garrafa d’água em um lugar com um metro de largura na barra de balé, diante da parede espelhada. Depois, pegou dois alteres de 2,5 quilos para mim, colocando-os perto dos dela no chão acarpetado. “Você precisa marcar seu território antes que todas cheguem”, explicou. Maravilha; eu tinha uma guia. A sala enchia ao meu redor enquanto conversávamos, as mulheres se aglutinavam, todas sérias e silenciosas de um jeito estranho, se alongando e olhando para o espelho à sua frente. Sem exceção, vestiam calças Lululemon pretas, tanto as longas quanto as capri, camisetas da mesma marca com as costas cavadas e meias antiderrapantes pretas da Physique 57. A maioria parecia incrivelmente sarada, com tríceps definidos, barrigas retas e bundas firmes que pareciam desafiar a gravidade. Não havia homens na aula, com exceção de um negro alto, magro, lindo e musculoso com um headset. “Bom dia, senhoras”, disse com suavidade. “Vamos *acelerar* esses corações!” Sua voz retumbou pelos alto-falantes estrategicamente posicionados nos cantos da sala, e todas paramos para prestar atenção.

Começou a tocar uma música da Beyoncé, e recebemos a ordem de dar um passo levantando bem a perna, dar outro passo igual, aproximar joelho e braço opostos, girar, girar. Assim teve início um treino tão rigoroso, difícil, diversificado e doloroso que em vários momentos temi vomitar. Trabalhamos com pesos cada músculo imaginável em nossos braços enquanto, ao mesmo tempo, fazíamos agachamentos paradas e com a perna à frente e flexões. Flexões de todos os tipos, uma após a outra. “Quando você chegar ao ponto de exaustão, quero que *se supere*”, entoou o instrutor, como se aquilo fosse nosso próprio movimento de direitos civis. Aqueles eram apenas os dez minutos de *aquecimento*. Então, recolocamos os pesos nas cestas de arame em suas estantes, localizadas no canto da sala. Fiquei surpresa com a agressividade com que as mulheres, a maioria na casa dos trinta e quarenta anos, atiravam os pesos e a

velocidade com que corriam para seus lugares na barra. De alguma forma, todas sabiam quais garrafas d'água e toalhinhas brancas, todas idênticas, eram as suas. *Como?* "Aqui", sussurrou Monica, e ocupei o lugar ao lado dela.

Para meu espanto, o instrutor pediu que "ficássemos na barra na quinta posição, retas, e começássemos com um movimento simples". Imittei minha amiga, achando que tinha entendido — íamos fazer mini-*pliés*, como no balé. Sem problema; eu tinha feito balé durante toda a infância. Mas, após repetir o movimento cem vezes, achei que minhas pernas fossem desmanchar. E era só o começo. Levantamos uma perna do chão e depois a outra, em uma sequência precisa que trabalhava todos os músculos delas até o ponto da exaustão completa e de uma dor inenarrável que queimava. Olhei ao redor para as outras mulheres, tentando atrair o olhar de alguém, como é a norma em circunstâncias tão horrendas, mas engraçadas, quando alguém levanta uma sobancelha em resposta ou sorri para dizer: "Você não está sozinha!"

Nada. Nem um sorriso na sala. Nem uma palavra. As mulheres evitavam olhares, habitando suas pequenas zonas de realização e tormento particulares e separadas. O que era aquilo, o *metrô*? Eu nunca havia experimentado um treino tão sofrido em uma sala tão desprovida de camaradagem divertida e amigável. Ou tão silenciosa. Não havia sequer um *opa*, um gemido, um *Ai, meu Deus* ou qualquer outro tipo de vocalização. Lembrava muito os corredores da escola do meu filho — você poderia desconfiar que nem sequer existia, tal era o distanciamento nada amistoso e o senso de desconexão que prevaleciam na sala lotada. De vez em quando, o instrutor fazia um comentário engraçado sobre uma de nós para quebrar o gelo, soltava uma palavra de incentivo ou corrigia um movimento. A sensação era de que ele se comunicava por todas nós e tinha a única personalidade da sala.

Embora eu tenha precisado parar diversas vezes, minha amiga continuou firme, não perdendo uma única batida, *plié* ou agachamento. Aquele era um treino para quem ia além. Observando-a pelo canto do olho, percebi que ela estava tão focada naquilo quanto ficava em suas tarefas profissionais ou no processo

de arranjar vagas em uma boa escola para os filhos. Como uma máquina, ela era cuidadosa, precisa e firme. Enquanto isso, todas ao meu redor, vestidas em uniformes idênticos, faziam todos os movimentos idênticos em sincronia e harmonia perfeitas. Braços levantados. Braços abaixados. Socar o ar. Puxar. Depois vieram comandos estranhos, em uma linguagem que todas ao meu redor entendiam.

“Flutuem! Vocês estão usando saltos gatinho”, bradou o professor. Depois: “Coloquem seus saltos agulha mais altos!” e “Vistam saia-lápis e sentem em uma cadeira giratória no trabalho”, o que significava dobrar os joelhos, girar e olhar a barra de um determinado ângulo. Em seguida, veio o comando “esqui aquático”, que pelo visto significava “Chegue perto da barra, se recline para trás com todo o peso do corpo, enquanto a segura com os braços doloridos e cansados, e levante o quadril”. Fizemos isso repetidas vezes, até nossas pernas tremerem e esquecermos que o movimento não podia ser mais sexual ou doloroso. Agora que o trabalho de coxas e de agachamento terminara (mesmo? Graças a *Deus*, porque minha bunda nunca tinha queimado tanto) era hora do trabalho abdominal. O nome mais correto poderia ser exibição vaginal. Sentamos com as costas na parede, levantamos as pernas acima da cabeça, erguemos as mãos para pegar a barra acima de nós e puxamos as pernas, posicionadas em triângulo, na direção da barra. De novo e de novo. Enquanto eu tentava não olhar para as dezenas de vulvas esticadas contra as leggings Lululemon, agradei por não ter nenhum homem na sala. Imaginei que todas deviam achar isso tão estranho quanto eu, porém mais uma vez não havia sorrisos, contato visual ou qualquer tipo de interação. Trabalhamos todos os músculos possíveis e imagináveis em nosso abdômen, girando para os lados, erguendo, levando um joelho ao encontro do cotovelo oposto, até eu querer me dobrar de tanta dor.

Depois disso, deitamos de costas em nossos tapetes, arqueando e levantando o quadril sob a pressão da música de Marvin Gaye “Let’s Get It On”. Achei que ia desmaiar — pela agonia física e pela estranheza indescritível causadas por essa experiência de sexo grupal desconectado. Quando terminamos, arfei um tchau para

minha amiga e manquei até chegar em casa. Tomei um banho quente com sais, amamentei o bebê e caí no sono com ele na cama. Por três dias, não consegui subir ou descer escadas, nem mesmo andar, sem sentir uma dor imensa. Contudo, quando me recuperei, voltei de imediato para a aula. Sentia-me motivada e determinada — a dominar os movimentos, perseguir o corpo perfeito por 57 minutos, colocar o resto de lado, esquecer do mundo. Eu tinha sido fisgada. E seguiria adiante.

Por um tempo, fui dia sim, dia não. Depois, passei a ir todos os dias. Foi quando percebi que havia mulheres que perguntavam umas às outras: “Você vai ficar para a próxima aula?” Algumas delas faziam aquilo *duas* vezes ao dia. Ocorreu-me que a dolorosa busca pelo corpo perfeito era um rito de passagem. Toda aula era uma minicerimônia de iniciação, uma versão diária e resumida da dança do sol nascente feita pelas meninas apaches uma única vez na vida para marcar a transição para a maturidade. Por quatro dias inteiros a menina menstruada dança sem parar uma coreografia específica e meticulosa. Veste roupas especiais e se pinta para destacar o caráter sagrado e específico desse momento da vida. Ao fazê-lo, demonstra seu compromisso com seu povo, sua tribo e seu gênero. No fim, está exausta — e foi iniciada. Ela sofre uma transformação total após a dança, torna-se um membro confirmado da maturidade feminina apache. E as mulheres da Physique? Elas provavam, aula punitiva após aula punitiva, que tinham a força, o tempo, os recursos e a energia para se comprometerem com sua transformação.

E eram, de fato, uma tribo reconhecível. A maioria tinha um tipo de corpo enrijecido bem característico, uma postura de dançarina fácil de identificar (para um conhecedor), um jeito de andar preciso e um aspecto físico que lembrava as bailarinas que eu havia conhecido. Aliás, em um desdobramento daqueles que só acontecem em Manhattan, muitas vezes me dei conta de que estava diante de bailarinas do American Ballet Theater, do New York City Ballet e das Rockettes durante meus treinos no Physique 57. Elas eram altas e impressionantemente flexíveis e, às vezes, sem nem perceber, eu tentava copiar o que faziam — chutar o mais alto possível, esticar o

mais longe possível e terminar o movimento tão bem quanto elas. Atingir a excelência na barra era difícilimo. Esperávamos ter um desempenho tão bom quanto o das profissionais porque nossos eus físicos, assim como nossa maternidade, haviam se profissionalizado. Era mais do que uma identidade: era um chamado, uma vocação, algo em que deveríamos nos destacar.

Meu corpo de fato mudou de forma considerável muito rápido. Claro, ainda fazia xixi quando tossia. Entretanto, eu estava alterada por fora e, pelos padrões de Manhattan, “melhorada”. Meus braços estavam fortes e definidos — um amigo gay comentou num almoço, quando usei blusa sem manga: “Que bíceps, hein!” Minha barriga não estava apenas reta, mas rija, com definição muscular. Pela primeira vez na vida, não me sentia constrangida com relação às minhas coxas. E minha bunda estava, modéstia à parte, bem arrebitada.

Meu marido ficou surpreso e satisfeito. Eu sempre fora relativamente magra e abençoada com um bom metabolismo, então não precisava me preocupar muito com o físico. No entanto, agora eu tinha mais energia durante o dia e dormia melhor à noite. Como resultado, estava de bom humor e era uma companhia melhor do que fora no período de confusão pós-parto. Por tudo isso, virei uma proselitista, tentando converter o máximo de amigas possível, o que não foi tão difícil quando elas viram e ouviram todos os benefícios que alcancei. Com algumas amigas felizes e sorridentes na sala para bloquear todo o autocentrismo antipático, essa rotina de exercícios era, por meus 35 dólares por sessão, perfeita.



Decidimos alugar uma casa fora da cidade para o verão, nos Hamptons. Eu passaria o verão inteiro lá para ficar com as crianças e escrever, cortesia de uma babá que me ajudaria todos os dias, e meu marido passaria os fins de semana conosco, trabalhando na cidade durante a semana. “Os Hamptons” é uma área de praia na

ponta oriental de Long Island — mas também é um lugar mítico e, para muitos, um sonho. Embora muitas pessoas comuns morem lá o ano inteiro ou o visitem, há tanto luxo no East End que os padrões de riqueza são alterados por completo. Mansões de 20 milhões de dólares (ou mais) de frente para o mar, com salas de cinema, adegas contendo vinhos de 500 dólares, heliportos, garagens para seis carros, estúdios de pilates e até sinagogas particulares não são tão incomuns. Muitas famílias dos colegas de escola do meu filho tinham casas de “fim de semana/veraneio” nesse estilo. Em comparação, nossa casa alugada nos Hamptons era bem modesta: tinha três quartos, piscina e um jardim com sombra, em um bairro residencial arborizado com uma praia comunitária na baía. Eu não poderia estar mais feliz naquele primeiro dia em que meu filho mais velho andou de bicicleta pela rua tranquila enquanto eu seguia atrás com o bebê, que virava a cabeça em seu carrinho, boquiaberto — era a primeira vez que ele ouvia pássaros. Para intensificar o caráter idílico desse verão que se projetava diante de nós, ainda havia um estúdio Physique 57 perto dali. Concluí que dirigir em vez de caminhar até o estúdio seria uma excursão divertida dia sim, dia não.

Na manhã seguinte, fui para a aula — e sofri um choque inesperado. Cheguei com uns bons quinze minutos de antecedência, mas o estacionamento já estava lotado. Enquanto procurava uma vaga na colina cheia de cascalhos que levava ao estúdio, uma mulher dobrou a esquina em um Maserati preto, derrapando em minha direção e quase batendo no meu carro. Nós duas pisamos no freio, e então ela me mostrou o dedo, roncou o motor e passou em disparada. Uma loura em um Range Rover preto atrás de mim se revoltou com o meu choque e a minha hesitação momentânea e buzinou, gritando: “Vamos lá. *Anda logo!*” Uma mulher com uma camiseta roxa berrante em um Porsche 911 conversível levantou as mãos irritada, balançando-as perto do rosto contorcido de raiva quando estacionei em uma vaga. Quem sabia qual era o problema *dela?*

Perturbada e correndo para chegar até o estúdio, encontrei um lugar no chão e logo fui cercada — pela mulher do Maserati preto, a

do Range Rover preto e a do Porsche vermelho. Que diabo, perguntei-me, as fez pensar que poderiam ser tão hostis com pessoas que poderiam se exercitar *bem ao seu lado* por uma hora? Talvez, ponderei, fosse o fato de que, uma vez lá dentro, elas ficavam tão obcecadas consigo mesmas, tão focadas em tornar seus corpos perfeitos, que as outras pessoas *literalmente não existiam*. Agora, enquanto lutávamos para respirar e fingíamos que não havia mais ninguém ali, percebi que eu também estava cercada por peitos enormes e siliconados. E maçãs do rosto superesculpidas. E rostos grandes e redondos, esticados por preenchimentos. Ao que parece, os Hamptons eram o ponto zero para uma cultura ambiciosa e competitiva ao extremo de exibição do corpo e de rostos eternamente jovens. Enquanto as mulheres no Upper East Side queriam estar em forma, as que iam para os Hamptons queriam estar em forma *de biquíni* mesmo cercadas por modelos com vinte e poucos anos e professoras de ginástica que iam até lá todos os verões para se divertir e arranjar namorados ricos. Agora, o objetivo estava tão distante que eu não conseguia mais vê-lo, muito menos esperar alcançá-lo. No entanto, minhas colegas não desistiram com tanta facilidade. Envelhecer, assim como ter nascido em um mês ruim, era um infortúnio, um golpe de má sorte — e algo a ser superado com esforço, comprometimento e zelo.

Outra coisa que me chamou a atenção na sucursal da Physique 57 dos Hamptons foi ela compartilhar o espaço físico com a SoulCycle. Os dois estabelecimentos tinham estúdios em um celeiro convertido na Butter Lane, em Bridgehampton. Agora que lutava com elas por uma vaga no estacionamento, passei a prestar mais atenção nessa outra subtribo. Pelo que percebi, elas eram iguais a nós em comprometimento, intensidade e na forte identificação com seu clã. E, claro, todas vestíamos as mesmas calças de ginástica apertadas, algumas com linhas que cruzavam a bunda, chamando atenção para elas de um jeito que lembrava as exposições rosa-shocking das primatas fêmeas não humanas em ciclo estral. “Olhem para mim! Estou no cio!”, pareciam gritar nossas bundas proeminentes e cobertas por leggings. Contudo, as semelhanças terminavam aí. Em primeiro lugar, as SoulCyclers eram mais grupais, se é que isso era

possível, pois eram mais amigáveis — *umas com as outras*, mas não com qualquer um. Descobri isso da pior maneira possível, quando cumprimentei um grupo de mães da SoulCycle que achei conhecer do Upper East Side — e fui completamente ignorada.

Sua afiliação tribal também se estendia aos uniformes, o que as unia e as distinguia de nós. Enquanto éramos aspirantes a bailarinas, elas eram aspirantes a motoqueiras, mães ricas que, de forma bem imprevisível e espantosa, se vestiam como gângsteres. A primeira vez que vi uma mulher com uma bandana vermelha na cabeça, no melhor estilo gangue de Los Angeles, e calças de ginástica apertadas com o nome de um grupo na lateral da perna, quis me aproximar e sussurrar: “Vi você mês passado, no *bat mitzvah* da filha de Margie Levine no Templo Emanu-El. Você não tem *nada* a ver com os Bloods ou os Crips!”

Não era só o que as SoulCyclers vestiam ou como agiam que as distinguia de nós, Physiquers. Era o que faziam. Elas compravam bicicletas no estúdio (ou estúdios) de sua escolha e pagavam até 8 mil dólares por ano por uma na primeira fileira. Durante as aulas, gritavam e gemiam à vontade enquanto pedalavam na batida da música ensurdecidora. Elas suavam. Xingavam. Provavelmente até peidavam. Elas se liberavam, entravam em contato com a fabulosa e arrebatada ciclista estacionária gângster que havia dentro delas. Uma mulher que frequentava as duas aulas me explicou que, enquanto a SoulCycle era uma mistura de boate ensopada de suor/aula quente de ioga (as luzes da sala eram apagadas e todas pedalavam à luz de uma vela), a Physique 57 era uma escola de meninas conservadoras.

A sensação de que elas eram mais selvagens, divertidas e descoladas, as Birkins para as nossas Kellys, fica evidente em uma das histórias mais contadas sobre a SoulCycle. Reza a lenda que uma das mães da restrita escola maternal do meu filho, casada com um bilionário do mercado financeiro e conhecido mulherengo, descobriu seu verdadeiro eu na SoulCycle. Dizia-se que, infeliz no casamento, ela se voltou para o *spinning* e se apaixonou por sua instrutora, o que a levou a largar o marido e viver e pedalar com sua alma gêmea na primeira fileira do estúdio East Side feliz para

sempre. Essa história diz tudo. Elas eram indômitas, audaciosas e gostavam de experimentar, e nós éramos austeras e avessas a riscos. Elas ousavam e viviam sem pudores, enquanto nós tomávamos goles cuidadosos de nossas garrafas d'água sem bisfenol A. Elas eram lésbicas e nós, heterossexuais. Ou elas eram machonas em Harleys estacionárias, e nós éramos femininas em saltos gatinho.

Não vou mentir: eu achava que as SoulCyclers eram um pouco *demais*. A Rainha das Abelhas-Rainhas era uma SoulCycler, e isso por si só teria sido um fator determinante na minha escolha. Entretanto, por ter morado em Downtown por anos, devo admitir que também ria por dentro da minha impressão (que talvez fosse equivocada) de que muitas mães da SoulCycle acreditavam que o exercício as tornaria não apenas mais bem preparadas fisicamente, como também *mais descoladas e mais antenadas*. *Dá um tempo*, eu pensava, quando elas assoviavam como se fossem rappers subversivas e chamavam umas às outras de "bandida". Elas lembravam adolescentes de classe média das áreas mais afastadas que usavam roupas de couro preto e pegavam um trem Metro-North, Long Island ou PATH para passar a noite na cidade, na tentativa de serem mais duronas e mais contracultura. Pensei quando as vi saindo da aula pela primeira vez: *Prefiro ser confundida com uma matrona puritana do que forçar uma barra dessas. Então, continuem me entendendo mal e me subestimando*. É verdade: em minha lealdade à Physique 57, eu tinha enlouquecido um pouco.

Mas, seja lá como se encare a Physique 57 e a SoulCycle (duas versões muito diferentes de exercício e "feminilidade" disponíveis para a tribo que eu estudava), ambas envolvem muito trabalho. E ambas conferem uma *identidade*, a fantasia de que frequentá-las não só eleva os seus batimentos cardíacos e a deixa mais em forma, mas, na verdade, muda quem você é. Naquele verão não parei de pensar nas aprendizes de gueixas no Japão pré-Segunda Guerra Mundial. O *okiya*, lugar onde são treinadas por gueixas mais velhas, é um mundo isolado, de hierarquia rígida, exigente ao extremo e com regras, crenças, códigos de beleza e conduta próprios. Levava-se anos de trabalho árduo e assíduo, assim como estudo dedicado, para dominar os ritos e rituais de aparência natural, porém

coreografados à exaustão da arte das gueixas, e para aprender a ser bonita de “um jeito gueixa”. Entretanto, após esse processo, cada menina deixava de ser uma pessoa comum e passava a ser uma “flor”. Ela era a coisa mais desejável para os homens, uma anfitriã irrepreensível e uma companhia perfeita, a encarnação do ideal cultural feminino mais celebrado. E assim despertava a admiração de uma sociedade inteira.

Todo esse exercício, zelo e empenho para ser um tipo específico de gueixa de Manhattan com filhos, fabulosa, em forma e chique, toda essa identidade e essa ambição imbricadas em sua atividade física, teria sido algo impensável para minha mãe e sua geração. Ela e suas iguais faziam dieta. Após terem bebês, sobreviviam com café, cereal sem açúcar com leite desnatado, melão, torrada e ricota com baixo teor de gordura por semanas ou meses. Mais tarde na vida, faziam caminhadas apressadas ou talvez tentassem correr. Contudo, na maior parte do tempo, vigiavam o peso controlando o que comiam. Para elas, era difícil ser magra depois dos trinta. Era-lhes permitido (e elas também se permitiam) um pouco de descontrole após certo ponto. Claro, elas saíam e se divertiam. Mas estavam cansadas e, em geral, não tinham babás o tempo todo ou nem mesmo por parte do tempo, devido à economia e à ideologia, e isso se refletia na aparência de muitas delas. Quando chegavam aos trinta e poucos anos, talvez até deixassem o cabelo ficar grisalho.

Nada poderia ser mais estranho para a tribo que estudei e na qual vivi. Desistir não era uma opção para elas. Nunca. O jejum lânguido e passivo do passado não era para elas, cuja busca pela magreza era ativa e comprometida, algo baseado em sempre *estar fazendo*. Como as gueixas que aprendem a árdua cerimônia do chá e as regras de conversação sofisticada, as mulheres ao meu redor estavam dispostas a quase se matarem na busca por parecer ter corpos naturalmente perfeitos e graciosos de meninas com vinte e poucos anos sem filhos. Quanto à alimentação, os artigos sem gordura e de baixa caloria eram de uma obsolescência patética. A comida tinha de ser orgânica, biodinâmica, desintoxicante e antioxidante. E precisava fazer tanto por elas quanto faziam por seus corpos ou simplesmente seria descartada. Ninguém conhece melhor

a rejeição repetida do que um garçom proferindo a palavra “canapé” em festas no Upper East Side ou no East End. Sua vida é um eterno *Não. Não, obrigada. Não para mim. Não. Não, obrigada. Não mesmo.*

Por quê? Qual a razão para todo esse esforço, essa luta interminável, as tentativas, a privação e, sobretudo, todo esse trabalho em nós mesmas? Afinal, os homens do Upper East Side e no East End não se dignavam a flertar, abrir portas ou olhar para você como fazem os homens em Roma, Paris ou em qualquer outro lugar no mundo. Na verdade, os homens extremamente bem-sucedidos do Upper East Side e dos Hamptons sempre pareciam um pouco distraídos e entediados — estavam o tempo todo cercados de uma variedade infindável de mulheres maravilhosas que se cuidavam e se enfeitavam para o desfrute deles. Mais de uma amiga europeia comentou que os homens daqui pareciam sempre estar olhando para além de você, para ver se havia uma mulher melhor, mais bonita ou mais importante do que você na festa ou em determinado ambiente. Eu suspeitava que essa era parte da razão por que nos esforçávamos tanto. A desproporção entre os gêneros, a abundância, para onde quer que se olhasse, de jovens belas e mulheres de aparência jovem para a sua idade tinha mudado tudo no que diz respeito à forma como homens e mulheres se relacionavam no meu mundo. Aumentar a exibição de seus corpos, seduzir seus maridos outra vez e atrair os olhares de outros homens era, talvez, uma tentativa de se destacar e impressionar homens habituados à beleza física.

E, no entanto, essa explicação não dá conta de uma das realidades sociais mais impressionantes do verão no East End. Assim como as próprias aulas da Physique 57 e da SoulCycle, era impressionante como o lugar todo era completamente segregado por gênero. As mulheres viajavam em junho, no instante em que o período escolar terminava, para organizar a casa com os filhos e as babás. Os maridos iam e vinham nos fins de semana, mas as esposas comandavam o espetáculo durante a semana. Para todos os cantos que se olhasse nos Hamptons, até onde a vista alcançava, havia mulheres e mais mulheres. Mesmo quando os homens

estavam lá, as mulheres da tribo que eu estudava costumavam evitar sua companhia em favor de noitadas com as amigas, reuniões noturnas só para mulheres para compra de quinquilharias, um leilão de bolsas noturno em benefício de uma escola ou um abrigo para mulheres vítimas de violência. Nos jantares a que eu ia, não era incomum homens e mulheres ocuparem mesas separadas, até mesmo mesas *em salas separadas*. Apesar de todos os corpos esculturais exibidos com esmero, não havia muita sensualidade no ar. Na verdade, sua ausência era notável. “É bom que alguém flerte comigo”, eu dizia para meu marido antes de sairmos para uma noitada em Manhattan ou nos Hamptons. Eu ficava chocada pela falta de interações divertidas entre homens e mulheres. Questionei-me: qual era a razão de se ter um corpo no qual se trabalhou feito louca para esculpir se não pudesse se divertir flertando? Diferente das gueixas, as mulheres que estudei davam a impressão de estarem acima de coisas como flertar. Todavia, como as gueixas, elas estavam acima do sexo. Claro, elas tinham bebês, então sabíamos que *tinham* transado. No entanto, seus corpos, sujeitos a exames tão rigorosos, cuidados tão meticulosos, desenvolvidos com tanto esforço, eram purificados e não se prestavam a atividades terrenas.

Na verdade, o exercício e a atenção minuciosa ao vestuário pareciam substituir o sexo de maneiras fundamentais. Quando tocávamos no assunto em jantares ou tomando drinques, todas concordávamos que em Manhattan as mulheres ficavam cansadas demais, estressadas demais, irritadas demais para transar. E, quando estavam nos Hamptons, longe dos elementos causadores de estresse da cidade, acalentadas pela praia e pelo clima delicioso, com os filhos passando o dia ou até semanas na colônia de férias, descansadas e relativamente felizes, elas ficavam longe dos homens. O lugar todo lembrava uma cabana menstrual e, aliás, nós, mulheres, passávamos tanto tempo juntas durante o verão inteiro que nossas menstruações muitas vezes se sincronizavam. Minha identificação com a tribo se aprofundou a cada aula de ginástica e posterior visita à loja de sucos, a cada almoço e “evento” noturno de

senhoras. Comparados com nossas amigas, nossos maridos nos eram estranhos ao fim do verão.

Descobri que esse era o código delas. Elas se esforçavam para serem bonitas tanto para os homens que não estavam lá quanto para as mulheres que *estavam*. Faziam isso para fortalecer o laço com seus pares, membros da tribo, mas também para se comparar às outras e avaliá-las, dia após dia, noite após noite, evento após evento, aula após aula. Eram como deslumbrantes cardeais machos vermelhos ou pavões machos de tirar o fôlego com as penas abertas, sempre prontos para serem vistos. Um corpo bonito e sem gordura e um rosto eternamente jovem eram sem dúvida "bens" prestigiosos. Entretanto, eram também uniformes indispensáveis, uma versão corpórea das meias antiderrapantes, das bandanas usadas nas aulas ou das pranchas de *paddle* que as mulheres carregavam na traseira de suas Range Rovers. Ao final do verão, tive a impressão de que meu corpo não era exatamente meu. Ele também pertencia à tribo. Foi feito para ser trabalhado e melhorado, de forma exaustiva, contínua, interminável, com o máximo de esforço possível, pelo máximo de tempo que eu pudesse aguentar.

CAPÍTULO CINCO

Uma noitada em casa com as meninas

Notas de campo

Os nativos parecem ter me aceitado. Após muitos meses observando seus modos tribais, tentativas incontáveis de imitá-los e de participar de seus ritos e rituais, além de vários esforços para fazer amizade, o período de trotes talvez tenha terminado. Fui convidada para uma reunião de mulheres importantes na cabana residencial de um cacique rico e poderoso e sua esposa.

A maioria dos eventos tribais é segregada por gênero. Os eventos dentro e fora da habitação pessoal parecem ser oportunidades para as mulheres fortalecerem seus vínculos; tecerem coalizões através da inclusão e exclusão social e da fofoca; e reafirmarem tanto seus lugares quanto os das outras dentro da hierarquia de domínio. Em tais contextos, a apresentação pessoal (incluindo adornar o corpo com determinados tecidos e o rosto com certos pigmentos e enfeites) é de suma importância.

O CONVITE CHEGOU por e-mail. “Não sei se você recebeu minha mensagem de voz no celular”, escreveu a mãe de um colega de escola do meu filho, “mas não recebi uma resposta sua. Eu adoraria que você viesse jantar aqui em casa na próxima quinta-feira. Com algumas amigas divertidas. ESR, Rebecca.”

Oops. Não, eu não ouvira a mensagem de voz; todos os meus amigos sabiam que era raro eu usar o celular para qualquer coisa que não mandar mensagens de texto e e-mails. Contudo, ainda assim me senti ansiosa e negligente, uma convidada mal-educada logo de cara, enquanto tentava decifrar o significado de “ESR” (“Espero sua resposta!”, explicou-me uma amiga mais tarde, surpresa por eu ainda não saber) e telefonava para Rebecca. Após deixar uma mensagem me desculpando por não ter respondido logo e dizendo que adoraria participar do jantar, também enviei um e-mail para ela. Como eu deveria assinar? Refleti um pouco. “Beijos”? Não, Rebecca não se despedira dessa maneira, então eu não deveria tomar tal liberdade.

Não era a primeira vez que eu enviava um e-mail para Rebecca, uma morena linda, mãe de quatro filhos, cujo marido era um dos operadores financeiros mais bem-sucedidos da cidade. Entretanto, era a primeira vez que eu recebia um. Antes disso, nossa correspondência por e-mail tinha sido memorável por sua unilateralidade; atendendo aos pedidos de meu filhinho, enviei sugestões amigáveis de que nossos filhos brincassem juntos, mas nunca recebi uma resposta. Às vezes, eu conseguia pegá-la no corredor para combinar algo para nossos filhos, sobretudo após ela ter me visto conversando com o Pai Alfa, que elevava meu status e o do meu filho com sua atenção. E ela ficou mais simpática quando passamos a nos esbarrar pela cidade, em aulas de ginástica e no Michael’s — um restaurante de Midtown que eu considerava a fogueira da tribo estudada por mim — e em outros contextos sociais que sugeriam termos algo em comum (as duas certo dia comprando *clutches* na Bergdorf Goodman para o mesmo evento; se encontrando em alguns eventos beneficentes).

Quando ficaram sabendo do meu projeto de escrever um livro (“Estou estudando o que é ser mãe no Upper East Side”, expliquei para quem me perguntava), Rebecca e várias outras mães claramente ficaram mais amistosas e interessadas em conversar comigo e me cumprimentar. Algumas até sugeriram que almoçássemos ou tomássemos café para discutir seus pontos de vista sobre como era viver e ser mãe aqui e o que tudo isso significava. Nem todas foram receptivas e simpáticas — talvez algumas não confiassem em mim, apesar de eu ter garantido que não estava escrevendo um livro de escândalos ou uma sátira e, sim, as memórias da minha experiência norteada pela sociologia, pela antropologia e também pelo senso de humor. Mas muitas foram. Queriam falar sobre assuntos além dos que costumávamos abordar nos corredores — o que vestíamos e onde passaríamos as férias. Algumas me contaram histórias sobre momentos difíceis de seus casamentos, sobre a infância pobre ou o sentimento de exclusão (“Sou de São Francisco. Para muitas dessas pessoas, isso é tipo ser de Marte. Elas nunca me aceitarão de verdade”). Nós tínhamos mais em comum do que eu esperava. Longe dos corredores da escola e dos almoços e festas de gala, elas eram acessíveis e acolhedoras. Como uma delas me disse: “Acho que a questão é que muitos desses pais e mães bem-sucedidos, ambiciosos e altamente competitivos podem ser muito simpáticos em uma conversa individual. Mas há algo na dinâmica do grupo que torna alguns deles pessoas horríveis.”

Era bom ver um ou dois rostos novos e amigáveis na hora da entrada da escola; apesar da elevação de status que o Pai Alfa conferira a mim e meu filho, aqueles corredores, lotados de mães alfa com olhares de aço sobre saltos altos, ainda podiam ser intimidantes. Minha vida em Downtown e minhas conexões ali continuaram a definhar à medida que eu dedicava mais energia ao trabalho e a cuidar dos meninos. Assim, ter bons relacionamentos com mulheres da escola do meu filho mais velho e do grupo de brincadeiras do caçula, uma vida social que andava em paralelo à dos meninos, era ao mesmo tempo eficiente e extremamente necessário. Ademais, nessa tribo obcecada por hierarquia e status,

ter sido convidada por Rebecca para ir ao seu apartamento era algo como um endosso, uma versão adulta de ser convidada para sentar na mesa de almoço das crianças populares. Parte de mim sabia que dar importância a isso era ridículo, mas outra parte (a que se empenhara com afinco para entender esse grupo de mulheres, conseguir alguns *playdates* para meus filhos e ter uma ou duas amigas) ficou satisfeita com o convite de alguém tão influente quanto Rebecca. E, se essas mulheres quisessem explicar seu mundo para mim, como eu torcia que fizessem na casa de Rebecca, melhor ainda. Apenas rezei para que a Rainha das Abelhas-Rainhas não estivesse lá. Paciência tem limite.

— O que você vai vestir? — quis saber Candace num almoço alguns dias depois. Ela era uma intérprete fluente dos códigos culturais de nossa cidade. — Tenho uma consulta no East Side mais tarde, por isso vim mais chique — explicou quando sentamos e ela me pegou reparando em seu casaco Chanel e na escova no cabelo esvoaçante.

— Não faço a menor ideia — admiti, explicando que não tinha como perguntar a nenhuma das mães da escola ou do parquinho, já que não sabia quem havia sido convidada para a casa de Rebecca. Candace assentiu enquanto tomava um gole de seu chá gelado, absorvendo a extensão e a natureza delicada da tarefa à mão.

— Vista-se para se encaixar no grupo, não para chamar atenção — sugeriu. — Você deve deixar a anfitriã brilhar, certo? Como em um casamento.

— Na verdade, é uma noitada de mães *dentro de casa* — ponderei. — Sem maridos. Então deve ser um pouco mais informal.

Candace pareceu duvidar. Havia meses ela ouvia, com respeito e solidariedade, minhas histórias sobre o excesso inacreditável dos vestuários e das atitudes de minha nova tribo. Por também ser socialite (“mas entre aspas”, como sempre dizia, ela também conhecia essas mulheres e suas maneiras em primeira mão, de noitadas em eventos beneficentes, em restaurantes e dos almoços para apoiar certas causas. Por ter crescido na Califórnia e ser casada com um nova-iorquino cujos pais, uma geração antes, tiveram destaque no circuito social, Candace via o mundo que eu estudava

com ironia e humor, e era o tipo de informante/outsider que eu apreciava, uma antropóloga nata.

— *Não* vai ser informal — disparou sem rodeios.

Logo percebi que ela estava certa sobre “discrição” ser um conceito estranho a este mundo. Os corpos perfeitos, esculpidos por horas na Physique 57 ou na SoulCycle, seriam complementados por roupas caríssimas, rostos que pareciam pintados com aerógrafo e cabelos perfeitos, porém sem exageros, houvesse homens presentes ou não. Parecia que todas estavam sempre prontas para um *close-up* ou um ensaio fotográfico, sem sequer uma ruga ou um fio de cabelo fora do lugar. Essa “beleza permanente” não era o mesmo que a beleza natural, sem esforço — era o seu oposto. As mulheres do Upper East Side que eu conhecia se empenhavam com tanto afincado para parecerem perfeitas no parquinho quanto o faziam para os almoços beneficentes, e isso não era segredo. Esse comprometimento, essa determinação de não deixar nada para o acaso quando se tratava de seus rostos e guarda-roupas, essa *consciência*, fazia parte de seus uniformes diários tanto quanto suas sapatilhas e as bolsas com alças que cruzavam o peito. Na verdade, elas andavam tão bem-arrumadas e dispostas que alguns dias eu esperava ver um daqueles painéis de patrocinadores — uma área com um painel ao fundo na qual se parava, como uma celebridade de verdade, para ser fotografada — do lado de fora dos grupinhos de brincadeira, em escolas e cafeterias próximas, nas festinhas de aniversário de 5 mil dólares para crianças de cinco anos e em qualquer outro lugar no qual a tribo se reunisse.

Manter constantemente a aparência no ponto perfeito para sair em uma foto demanda muito tempo e causa certa ansiedade — eu sabia disso ao me arrumar na maioria das manhãs e perceber, logo, que era a única a aparecer no portão da escola com os cabelos presos por um elástico e com as marcas do travesseiro no rosto. Passei a fazer escova no cabelo toda semana, troquei meu protetor solar por um com hidratante e cor de base e acrescentei um batom rosado a tais procedimentos. Pelo visto, até as roupas de ginástica tinham de ser bonitas, favorecer nosso corpo e, claro, estar na moda. Nos dias em que não podia usar roupas de ginástica por

causa de alguma reunião marcada para depois da entrada na escola, eu me questionava qual seria o look certo, gritando para meu marido que não tinha *tempo* para arrumar nosso filho para a escola — eu precisava *me* aprontar. Eu tinha consciência do absurdo do que dizia no instante em que as palavras saíam da minha boca; no entanto, tinha sido arrebatada pela maré cultural das grandes expectativas, as Pradas passando por todos os lados, os rostos imaculados e as deslumbrantes exposições diárias ao meu redor. Tudo isso antes das nove da manhã.

O fato de essas mulheres terem, basicamente, vários “uniformes” facilitava um pouco a tarefa diária de me vestir. Fora os looks Lululemon para deixar as crianças na escola e no grupinho de brincadeiras, o léxico do vestuário do Upper East Side era muito consistente, com variações muito sutis — se é que havia uma. Antes de tudo, havia a bolsa. As marcas e os estilos favoritos eram Céline (Luggage, Luggage Nano ou Trapeze); Chanel (Boy Bag grande); e Hermès (Evelyne, Jypsière pequena ou Kelly com alça transpassada; Garden Party Tote na primavera e no início do outono; o Santo Graal das bolsas, a Birkin de 30 ou 35 centímetros preta, Blue Jean ou dourada). A bolsa cravejada de pedras preciosas da Valentino é linda e está super na moda, mas ninguém na tribo que frequentei e estudei tinha uma. Não era *comme il faut*; simplesmente não se usava.

As sapatilhas eram populares nos meses de pouca ou nenhuma chuva — Lanvin, Chanel e Chloé eram as preferidas, sobretudo das mulheres altas. As de salto anabela da Lanvin e os tênis com salto anabela de Isabel Marant eram escolhas populares para deixar as crianças na escola em dias de “descontração”, quando as mães não tinham nenhum compromisso logo depois, uma vez que estavam sempre, pelo que sei, procurando uma vantagem em termos de altura, um algo mais em relação às outras. Plataformas altíssimas e saltos finos com solas envernizadas de vermelho brilhante diziam: “Vou a algum lugar — e não vai ser de metrô.” Claro que havia botas no outono, no inverno e no início da primavera — botas pretas de cano alto e instáveis, de couro e de camurça macios, de Manolo Blahnik, Christian Louboutin e Jimmy Choo, algumas delas abertas

de dedos de fora, e botas *biker* forradas de pelo de Brunello Cucinelli. Jeans skinny e leggings de couro eram as escolhas para os dias informais. Nos dias chuvosos, as roupas eram cobertas pelos clássicos *trench coats* (sempre com alguma novidade que mantinha a pessoa em um estado de compras permanente, tal como mangas de couro ou uma bainha cortada a laser) e combinadas com galochas Pucci com estampas extravagantes, além das singulares Chanel com suas camélias características. No inverno, as mães vestiam casacos de matelassê pretos e brilhantes da Moncler. Os coletes de pele eram tão populares entre as mães de alto status que uma amiga sugeriu, brincando, que deveria haver um ensaio fotográfico sobre eles em todos os jornais escolares do Upper East Side. E, nos dias mais frios, havia mais peles — castores suntuosos, zibelinas pretas brilhantes e casacos de chinchila incrivelmente macios (eu sabia disso por ter roçado a mão nua em um desses, dentro de um elevador lotado). Lustrosos e impressionantes, eu sabia que custavam mais do que o adiantamento do meu primeiro livro, porém eram vestidos com o tipo de autoconfiança despreocupada que costuma ser associada a uma jaqueta jeans.

E, nos dias em que havia um café da manhã beneficente ou por alguma causa especial após a entrada da escola ou uma sessão do grupo de apoio Mommy & Me, era um pandemônio elegante, intenso e generalizado. Havia vestidos de couro com mangas compridas simples, porém deslumbrantes, da The Row; casacos Chanel divertidos, brilhantes, joviais e franjados por cima de vestidos Chanel franjados; conjuntos florais Givenchy finalizados por sapatos de salto amarrados no tornozelo; vestidos justos da cintura para cima e soltos na parte de baixo de Alexander McQueen, que exibiam pernas torneadas e barrigas chapadas. Havia leggings de couro de cobra, jaquetas de couro tão fino quanto papel e blusas de seda bege, lindas e recatadas, para contrabalançar a ousadia. Tudo era incrustado e embelezado. Certa manhã, impressionada pelo casaco fúcsia bordado com pedrarias usado por uma mãe de três filhos, alta e loura pelos corredores da escola, mais tarde fiz uma pesquisa no meu escritório e descobri que custava 7 mil dólares.

Mas não se tratava apenas de poder comprar. Entre um determinado grupo de mães muito refinadas no ambiente já muito refinado do Upper East Side, atribuía-se grande importância ao fato de ser a primeira. Descobri isso quando uma mãe de dois filhos, que sempre andava na última moda, surgiu em uma manhã de fevereiro com um vestido branco de algodão, cuja frente parecia folheada a ouro, e sapatos verde neon com pedraria abertos atrás. Ela tremia de frio, mas cruzara a linha de chegada antes das outras. E agora o restante de nós, se usássemos aquele vestido específico, estaríamos *apenas* a imitando. Isso também acontecia no início do outono: mulheres vestidas com suas melhores roupas outonais, lãs leves, botas novas e a mais recente jaqueta da Chanel, apesar do calor que ainda pairava no ar. Muitas mulheres em Manhattan amam moda. Contudo, isso era algo muito diferente, essa necessidade de constranger todas à volta por ser a primeira a usar algo, essa corrida aparentemente nada prazerosa para ter algo antes das outras e exibi-lo melhor.



A competição intrasexual (competir com outros membros da mesma espécie e do mesmo sexo) é uma forma de pressão muito comum à seleção natural. Por muitos anos, primatólogos e biólogos focaram quase exclusivamente na competição intrasexual *masculina*, talvez por esta ser tão evidente. Adaptações como tamanho maior do corpo, armas, exibições ritualizadas em disputas agressivas, enfeites e comportamentos dramáticos nas demonstrações de cortejo sexual são todas bem visíveis e muito fáceis de interpretar. Elas conferem ao macho da espécie uma vantagem em ganhar e manter acesso a uma fêmea reprodutora, ou várias delas — o jogo evolucionário mais importante para os machos de todas as padronagens, penas e tamanhos.

Contudo, mais recentemente os biólogos e primatólogos passaram a focar os aspectos mais sutis da competição intrasexual *feminina*.

Em geral, os mamíferos do sexo feminino (sejam camundongos, chimpanzés ou *Homo sapiens*) competem, quando necessário, por oportunidades de reprodução e para atrair parceiros preferidos, da mesma forma como fazem os machos. No entanto, para as fêmeas as expressões de agressão são específicas ao contexto. Se um camundongo fêmea (*Mus musculus domesticus*) vive em um lugar onde não há muitas outras fêmeas por perto e há muitos machos disponíveis, seu corpo não se dá ao trabalho de secretar proteínas especiais (MUPs, na sigla em inglês) que deixam um odor forte em sua urina, comunicando com clareza para outras fêmeas: “Fique longe!” Entretanto, quando cercada por outras fêmeas sua urina muda drasticamente para que possa transmitir sua mensagem: “Este território é *meu*, senhoras!” Tal adaptabilidade foi desenvolvida pelo fato de a sinalização competitiva, como os biólogos a denominam, ser *custosa*. São necessários energia e tempo para secretar tais proteínas, energia e tempo que, de outra forma, poderiam ser gastos pelas fêmeas para se manterem bem nutridas, otimizar a fertilidade, buscar materiais para o ninho, engravidar, amamentar e cuidar dos filhotes.

Uma vez que a agressão é potencialmente perigosa e a sinalização competitiva é onerosa, acredita-se hoje que os mamíferos fêmeas, incluindo os primatas, aprenderam ao longo dos milênios a competir “de forma velada”. Isto é, infligem violência social em vez de física, através de coalizões, sinais sutis e agressões não físicas. Quando excluem, ignoram e acoçam uma fêmea que acaba de se integrar ao bando, os chimpanzés fêmeas deixam bem claro seu posicionamento — “Você está abaixo de nós” — sem nunca colocarem a si mesmas ou sua prole em risco físico como faria uma agressão corporal verdadeira. Entre as fêmeas humanas, a recusa de cooperar com alguém, a destruição de sua reputação (para que outras se recusem a cooperar com ela), a fofoca e a exclusão social são todos modos efetivos de eliminar uma concorrente em potencial. E, como as punições costumam ser impostas de maneira indireta e simultânea por vários membros do grupo, não há como “se defender”. Os olhares agressivos e as atitudes arrogantes da Rainha das Abelhas-Rainhas e suas acólitas nos corredores da escola e nos

parquinhos não eram confrontados porque, se comparados com um soco no meio do peito, eram sutis. Mas tinham efeito parecido.

Os cientistas observaram que, por serem agudamente conscientes da atração que uma novidade exerce sobre os machos, as primatas fêmeas em grupos estabelecidos podem ser vigilantes e hostis ao extremo com relação às recém-chegadas, sobretudo quando a razão sexual está desequilibrada a favor do lado masculino, como ocorre de forma tão marcante no Upper East Side, onde há duas fêmeas em idade reprodutiva para cada macho. Os cientistas que estudam a agressão crescente entre as mulheres afirmam que esta é reservada apenas para situações altamente competitivas, que rendem grandes recompensas reprodutivas ou a defesa (pelo menos a percepção de defesa) do status de seu parceiro ou de sua prole. E, como vimos com os camundongos, a agressão é “adaptável”, isto é, moldada ao ambiente, às condições e aos recursos ecológicos específicos. É por isso que, em um treino de futebol, uma mãe se recusou a se virar ou a sequer reconhecer minha presença quando eu lhe disse, sentada logo atrás dela, que meu filho gostaria de participar do grupo de verão que ela estava organizando. É por isso que, quando outra mãe interveio e disse “O filho de Wednesday também”, a mãe de status alto retrucou, com as costas ainda viradas para mim, “Ok. Caroline, Nancy, Sarah, Pamela, Daniela, Julia e *ela*.” É por isso que, ao olhar em meu armário o mesmo vestido de algodão branco enfeitado usado em fevereiro pela mãe estilosa para levar o filho à escola, sinto que ela o encharcou de urina.



Ainda que essa competição e agressão veladas fossem menos onerosas no sentido biológico, elas deviam ser muito *caras*, pensei. O que será, pensei alto com Candace enquanto nossas saladas Cobb surgiam diante de nós, que *precisava* ser feito para uma mulher com filhos ser bonita o suficiente nesse mundo? E quanto isso de fato custava em dólares e centavos? Os olhos castanhos de Candace,

sem pés de galinha graças aos seus bons genes, à boa dieta e a uma boa e estratégica aplicação recente de botox, brilharam. “Vamos calcular!”, sugeriu. Por que não tínhamos pensado nisso antes? Nossas saladas foram logo esquecidas — isso era mais divertido do que comer. Quando terminamos de discutir quanto uma Gueixa de Manhattan da tribo do Upper East Side que eu estudava gastava em cuidados pessoais (com base em conversas, observações e uma versão muito exagerada do que nós mesmas fazíamos), nossas anotações ficaram assim:

Análise da cabeça aos pés do custo anual de manutenção de uma mulher que mora no Upper East Side, tem status alto ou médio-alto e filhos em uma escola particular

Cabelo e couro cabeludo

Corte e coloração (cinco vezes ao ano a 500 dólares cada) 2,5 mil dólares e escova (70 dólares por semana, incluindo gorjeta) 3,5 mil dólares = 6 mil dólares

Cabeleireiro e maquiagem para eventos (dez vezes ao ano a 150 dólares) = 1,5 mil dólares

Consulta e acompanhamento de especialista que não aceita plano de saúde, para tratar da queda de cabelo devido a coloração, estresse, hormônios e/ou doenças autoimunes causadas por estresse e hormônios = 2 mil dólares

Rosto

Aplicações trimestrais de botox, Restylane e preenchimentos (mil dólares x 4) = 4 mil dólares

Peeling mensal (300 dólares x 12) = 3,6 mil dólares

Limpeza de pele mensal (250 dólares x 12) = 3 mil dólares

Depilação mensal das sobrancelhas: com cera, pinça ou linha (50 dólares x 12) = 600 dólares

Laser (para danos causados pelo sol, estimulação de colágeno etc.) = 2,5 mil dólares

Produtos para tratamento do rosto (sabonete, hidratante, sérum, protetor solar, creme para a área ao redor dos olhos) =

1,5 mil dólares
Maquiagem = mil dólares

Corpo

Aulas de ginástica = 3,5 mil dólares
Personal trainer = 7,5 mil dólares
Nutricionista = 1,5 mil dólares
Sucos detox = 3,5 mil dólares, se semanais
Manicure/pedicure = 2 mil dólares
Massagem = 9 mil dólares, se semanal; 4,5 mil dólares, se a cada duas semanas
Bronzeamento artificial = 500 dólares
Fins de semana em spas = 8 mil dólares, se duas vezes por ano
Cirurgia plástica, incluindo silicone, lipoaspiração = imprevisível

Guarda-roupa

Roupas

Outono/inverno = 3 a 20 mil dólares
Primavera/verão = 3 a 20 mil dólares
Eventos = 5 a 20 mil dólares
Resort/férias
Hamptons = 5 mil dólares
Palm Beach = 5 mil dólares
Aspen (casaco, calças, gorro(s) e luvas para esquiar) = 2,5 mil dólares

Outros

Sapatos/botas = 5 a 8 mil dólares
Bolsas = 5 a 10 mil dólares

“Estarrecedor”, declarou Candace enquanto calculávamos os valores e colocávamos nossos cartões de crédito na mesa. Algo em torno de 95 mil dólares, por baixo, só para ser bonita, bem-vestida, bem calçada e bem cuidada o suficiente para entrar no jogo. “*Não vamos contar a nossos maridos*”, entoou minha amiga de um jeito sério, enquanto nos despedíamos com beijos e seguíamos cada uma

o seu caminho — se bem que talvez fosse uma boa ideia, já que éramos parceiras mais baratas em comparação a outras mulheres que conhecíamos. “Ei!”, gritou ela, segundos depois, da janela do táxi que acabara de pegar: “Nós nem computamos os motoristas e táxis para ir e voltar das lojas e dos compromissos!”

Ela estava certa. Mas eu não queria revisar os números. Estava tonta. Apesar disso, eu tinha um look para planejar e algumas compras a fazer.



E assim me vi refletindo sobre o que vestir para uma noitada em casa com as meninas. Eu sabia que muitas das mulheres com quem agora convivia contratavam cabeleireiros e maquiadores, às vezes até para almoços com as amigas na Rotisserie Georgette, além de *personal stylists* para montar seu guarda-roupa — pensando em festas e eventos, mas também, surpreendentemente, na hora de pegar e deixar os filhos na escola. O comércio de Manhattan é um sistema bizantino de dois níveis, a ser trabalhado e manipulado pelos nativos informados se você deseja comprar o único tamanho zero da cidade. Qualquer um pode entrar na Prada. E é por isso que, além de um estilista, você “precisa” de uma vendedora exclusiva em sua loja ou lojas preferidas. Ela envia mensagens de texto com fotos das novidades que talvez a agradem e, quando você vai até lá, ela a coloca na maior cabine e traz água e champanhe enquanto você experimenta as peças. Não tem tempo para ir à loja? Ela pode mandar artigos para sua casa, por um mensageiro, “sem compromisso”. Muitas mulheres usam as roupas e as devolvem depois. Mais para o fim da estação, sua vendedora telefona e sussurra: “Quando posso fazer uma *pré-liquidação* para você?” Tradução: “Quando você pode vir até a loja e escolher as peças prestes a entrar em liquidação e pagar o preço menor *agora*?” Não havia dúvida de que as mulheres da tribo exigiam mimos especiais e muita privacidade em suas experiências de compra. Com frequência,

eram realizados eventos beneficentes em boutiques exclusivas após o horário comercial, onde se podia dar uma olhada nos artigos com as amigas ao lado, um drinque na mão e uma parte de cada dólar gasto doado para uma boa causa: o museu Guggenheim, o Children's Aid, o Children's Museum of the East End — seja lá qual fosse, havia uma noite para compras de caridade na Chanel, na Lanvin, na Dolce&Gabbana e na Dior.

Graças a alguns “eventos de compras por uma boa causa”, eu agora podia decidir, após remexer minhas camisetas e calças e vasculhar o meu armário, por uma calça jeans *skinny* com *stretch*, padronagem de cobra e cor rosa-shocking, uma camiseta branca solta simples com uma flor bordada em vermelho e preto na frente e uma jaqueta que imitava Chanel verde berrante, com franjas nos punhos e ao longo do zíper. Eu sabia que nenhuma parte desse look pareceria exagerada para as mulheres na casa da Rebecca.

Agora eu só precisava decidir o que calçar. A maioria das casas que eu agora visitava havia adotado o esquema “sem sapatos”, os pais em toda a Manhattan tinham aderido ao costume de não trazer para dentro de casa a sujeira da rua em suas solas. Entretanto, eu tinha a suspeita muito forte de que nessa noite seríamos autorizadas a manter os sapatos nos pés. Imaginei que do contrário as mulheres se sentiriam vulneráveis demais ao perderem a sensação reconfortante de serem um pouco mais altas e mais magras. Ficar descalça traria a sensação de descompostura e exposição. Rebecca teria consciência disso. Quando puxei uma das minhas *open boots* que sempre usava “para sair”, vi que um dos saltos estava esfolado. Não dava tempo de consertar no Leather Spa e eu não tinha muitas opções no armário. Então me vi diante de um dos dois altares da moda dessa tribo: a Barneys. A que ficava na Madison, claro.



“Todos os sapatos custam 600 dólares”, avisou o vendedor, enquanto eu experimentava as belezas arrebatadoras de todas as alturas e configurações que ele escolhera quando lhe falei do evento na casa da Rebecca (scarpins D’Orsay, saltos finos e grossos) e então olhei atônita para os preços. “E todas as botas custam 1.200 dólares”, acrescentou ele conforme eu revirava com ansiedade uma bota de camurça azul-marinho de que gostara para ver o preço na sola. Em seguida, ele retirou o papel fino de uma mule de salto plataforma de Christian Louboutin. Era de camurça preta com listras vermelhas e cor-de-rosa, aberta nos dedos e com uma tira atrás. Foi então que soltou o comentário sagaz: “Elas são *um escândalo*.”

De fato, esse último par de sapatos era superior, como uma joia para os pés e ainda robusto o suficiente para me garantir equilíbrio. E estava em liquidação. Contudo, eu temia que, dados a altura e o fato de apertar meu dedão esquerdo, não fosse um investimento inteligente. “Dá para usar por períodos curtos”, ponderou o vendedor. “E, se você tiver de encarar uma noite longa, pode tomar uma daquelas *injeções*.”

Como é que é?

Ele riu por eu nunca ter ouvido falar das injeções para anestesiar os pés, ou parte deles, a fim de passar a noite inteira sobre saltos assassinos. Pelo que entendi, havia podólogos que agiam como capacitadores de mulheres obcecadas por salto alto ali e em Hollywood, e eles poderiam me ajeitar (ou melhor, me agulhar) por um preço. Ergui as sobrancelhas em descrença, achando que o vendedor estava de gozação comigo. “É *vero*.” Ele sorriu, fazendo o sinal universal de “maluquice” com o dedo perto da orelha, enquanto eu entregava meu cartão de crédito.



A beleza custa caro. E, na maioria das vezes, são as mulheres que assumem o ônus de seus diversos custos — as exigências em geral desgastantes de tempo, energia e coragem física que motivaram

nossas avós a criarem o adágio “A beleza dói”. Esse truísmo se confirma em muitos outros países e culturas — na China, onde a prática de enfaixar os pés aleijou gerações de mulheres aristocráticas; na Tailândia, onde as mulheres da tribo kayan usam colares de metal para dar a impressão de terem um pescoço alongado (quando, na verdade, estão pressionando os ossos da coluna cervical e dos ombros para baixo); e nas tribos africanas e amazonenses, onde discos alongam os lábios até, em alguns casos, ficarem do formato e tamanho de um CD. Entre a tribo de mulheres no Upper East Side que estudei, a “beleza” poderia significar um aumento dos seios que os deixava rígidos, com aparência artificial e insensíveis, tornando literal a ideia de que as mulheres são objetos que fornecem sensações para outros, em vez de sujeitos que desfrutam dessas sensações. Ou poderia significar injeções para paralisar o rosto, torná-lo mais “cheio”, esticado e estrategicamente arredondado (para aparentar juventude e evitar rugas), mas isso tinha um preço.

Estudos sugerem que a incapacidade de movimentar o rosto com ênfase enquanto se ouve alguém falar reduz os sentimentos de conexão. Em essência, é provável que, ao anestésias o rosto, se anestésie as próprias emoções: em exames de imagem, os sujeitos que usam botox mostram menos atividade cerebral nas regiões responsáveis pelas emoções do que os que não usam. Tudo para que um rosto jovem seja admirado pelos outros. Mas quais são as consequências disso? Confrontados com um rosto sem emoção, que nada expressa enquanto falamos com seu dono, nós, humanos, nos sentimos confusos, desconectados e aflitos. Sem dúvida eu me senti assim quando encontrei uma amiga que ficou me encarando, sem expressão, pelos cinco minutos em que conversamos na rua, dando risadas aparentemente forçadas enquanto eu compartilhava uma história engraçada sobre meus filhos. Ela estava zangada? Eu a tinha ofendido da última vez em que a vi? Achava que não. Então lembrei que, em nosso último encontro, ela estava a caminho da dermatologista.

Outros aspectos imprevistos da paralisia dos músculos faciais são estéticos. “Por que aquela mãe tão bonita parece tão estranha? O

que aconteceu com ela?”, perguntou meu marido um dia em que levou nosso filho mais novo ao parque. Achou que ela estivesse se divorciando ou que havia perdido um dos pais — o rosto dela parecia ter envelhecido drasticamente anos em semanas. Eu sabia de quem ele estava falando. Várias mães vinham comentando sobre isso durante o café depois da “aula”. O consenso era de que ela havia aplicado botox cedo demais e agora a mulher linda que antes tinha a aparência fresca de alguém com trinta e poucos anos, a dos olhos brilhantes e do sorriso fácil, tinha o Rosto — que a princípio associávamos à juventude (sem rugas), mas agora associávamos à idade e ao botox. Uma esfinge inexpressiva. Infeliz. Velha.

Sempre considerei as mulheres de rosto simétrico e paralisado ao meu redor, muitas das quais tinham feito plástica no nariz antes de casarem, zumbis bonitos e perfeitos. Elas ficavam lindas, mas pareciam não sentir nada; os olhos, cercados de botox para evitar os pés de galinha, mortos em seus rostos mesmo quando riam ou sorriam. Às vezes, eu as imaginava me perseguindo pelos corredores da escola ou pela Madison até Sant Ambroeus, com os braços esticados, me encurralando no elevador ou em um banquete requintado no qual devorariam meu cérebro. Eu tinha clara preferência pela acupuntura facial, após ter ficado com uma imensa mancha roxa ao redor dos olhos devido à minha primeira experiência com o botox. Apesar desse fato, me juntar a elas (zumbificada, injetada e paralisada) parecia inevitável. Então vieram os preenchimentos. Eu conhecia mulheres com rostos tão grandes quanto bolas de basquete por causa dos intermináveis retoques com Restylane e Juvéderm. Os rostos redondos como a lua sobre corpos subnutridos pareciam perfeitos para um ensaio fotográfico na *National Geographic*: “Práticas de beleza bizarras entre a exótica tribo 10021 de Kroywen”.

Em busca de um tipo diferente de entendimento sobre a disposição das mulheres em fazer tanto e ir tão longe em prol da beleza, procurei Richard Prum, professor de ornitologia, ecologia e biologia evolucionária da Universidade de Yale. Especialista no campo da escolha de parceiros, seleção sexual e evolução estética nas aves, Prum também tem grande interesse na evolução humana.

Enquanto conversávamos em seu escritório (no qual parecia terem brotado pilhas imensas de livros e latas de chá verde ao longo dos anos), ele sugeriu que a insanidade causada pela beleza perpassa as espécies. “Grande parte da beleza das aves, e dos humanos, tem a ver com a questão da beleza *sexual*, todas as características observáveis que tornam um parceiro específico atraente e desejável”, explicou. Para as aves, isso poderia envolver escolher um cara que não apenas é bonito, mas também *canta* bonito. Marrom e branco com asas pretas, aparentando usar uma pequena boina vermelha, o club-winged manakin macho (*Machaeropterus deliciosus*), oriundo do noroeste andino do Equador, não é tão diferente de pássaros de canto semelhantes. É o som deles, e como os produzem, que os distingue.

Em suas exibições de cortejo sexual, o club-winged manakin macho bate as asas como se tocasse um violino. Emite um som estridente e de estalidos que costuma ser associado com os grilos, que produzem música da mesma forma. “É um jeito *ridículo* para uma ave se comunicar!”, disse-me Prum, entusiasmado. “Esses caras são mais do que capazes de se comunicar vocalmente. Então a pergunta é: por quê? Por que esse tocar de violino?” A resposta: para conquistar a garota. As club-winged manakins fêmeas *gostam* da música. Acham bonita. São atraídas por ela, e escolhem os machos que sabem tocá-la. E, ao longo de muitas gerações, tal preferência havia pressionado e por fim modificado o comportamento do club-winged manakin macho. O que mais impressionou Prum e seu assistente pós-graduando na época, Kim Bostwick, foi a descoberta de que essa preferência da fêmea tinha um impacto profundo não apenas sobre o comportamento do club-winged manakin macho (música), mas também sobre sua morfologia (estrutura corporal). Todas as outras aves do planeta têm uma ulna oca. Já no caso do club-winged manakin macho, a ulna é engrossada, retorcida e plana — e de osso sólido. A preferência feminina por “asas” *versus* “canto” teve um efeito inesperado e consequências estranhas. A ulna superdesenvolvida do macho facilita a produção da música-manakin-apreciada-pelas-fêmeas, porém dificulta o voo e, assim, a fuga dos predadores, significando

que... os club-winged manakins machos estão morrendo por causa da beleza. “É um traço estético que evoluiu apesar de prejudicar a eficiência reprodutiva do macho”, observou Prum, maravilhado.

O ponto de vista predominante na biologia e na psicologia evolutivas há muito tem sido de que “beleza” tem a ver com utilidade e adaptação. Prum resumiu a questão com precisão: “Presume-se que a beleza seja repleta de informações. É suposto que ela comunica ‘Sou saudável! Você *me* deseja!’” Essa é uma visão funcional da beleza, a beleza como um barômetro de saúde, os rostos e corpos como um tipo de estenografia, a manifestação externa de genes “saudáveis”. De acordo com esse modelo, dentes retos e traços simétricos “significam” que um parceiro em potencial não tem parasitas ou doença cardíaca. Entretanto, parcialmente baseado na música do club-winged manakin macho, uma música irracional, exuberante e decadente que atrai a garota mas não traz nenhum outro benefício, Prum discorda da crença popular de que beleza é apenas informação; para ele, é mais provável que seja um conjunto de “coisas acontecendo” — coisas que ajudam aves individuais a atraírem outras. Desenvolver um bico capaz de quebrar uma noz é bem simples, “mas seduzir uma mente é um problema eterno”, observou Prum com surpresa, arregalando os olhos. Segundo o pesquisador, a seleção natural por si só não pode ser responsável por preferências estéticas como a do solo de violino enlouquecido do club-winged manakin, que pode levá-lo a conseguir parceira, sexo e prole, mas que também o ameaça de uma maneira muito básica, de modo que ele talvez não obtenha nenhuma dessas coisas. Prum sugeriu que no mundo dessa espécie, assim como no mundo sofisticado das primatas fêmeas que estudei, a beleza costuma ser decadente, irracional e fora dos limites. Pode ser exuberante e incrível, destruidora e potencialmente mortífera. É muitas vezes um sistema estanque, desprovido de praticidade e funcionalidade, um mundo à parte.



Rebecca morava em um triplex imenso em um “edifício maravilhoso” da Sutton Place. Tal localização a alinhava a um Upper East Side um pouco mais velho, mais refinado, antes de ele ter se espalhado, como o Destino Manifesto, para abranger até as 90th Streets. Dizia-se que o marido dela primeiro comprara o apartamento dos sogros e, em seguida, o edifício inteiro. Ele não era empreiteiro; era um cara de fundo de *hedge* e, pelo visto, a compra de um edifício (aquele em que morava) era algo a ser feito. O elevador dava para dentro do apartamento de Rebecca. Lá, entreguei o casaco a um dos empregados, absorvendo a vista estonteante do rio — nunca o tinha visto daquela altura ou distância, bem do outro lado da rua e no nível da cobertura, uma perspectiva que dava a ele e ao restante da vizinhança o aspecto de um diorama ou de um cenário. Então outro elevador me levou até o terceiro andar do apartamento, o último andar do edifício e, ao que parecia, o ninho particular de Rebecca. Havia flores claras por toda parte, móveis bege e uma bela e longa mesa de mármore bege de frente para as janelas altas. Os empregados, vestidos em tons de bege, ofereciam bebidas transparentes (vodca, tequila e vinho branco) e canapés simples e lights. Havia um Hockney (parecia um retrato de Rebecca), um enorme Cecily Brown e um Tauba Auerbach. Eu já tinha ouvido falar de casais com “orçamentos para arte” de até 200 milhões de dólares, o que se tornava bem crível ao se observar os itens nas paredes de Rebecca. Ao lado, havia uma mesa Eames off-white, cheia de presentes em sacolas da Tiffany, Ladurée e Diptyque. O meu mimo para a anfitriã (biscoitos que eu assara com meu filho) foi aceito na porta, com prazer e gratidão, por seus adoráveis filhos gêmeos. Reparei que havia algo mais sobre a mesa — uma mistura do que pareciam ser pedras preciosas. Ao chegar perto, vi que todas as convidadas tinham trazido bolsinhas e as deixado ali — Kellys da Hermès minúsculas em tons de pedras preciosas (uma parecia ser de crocodilo vermelho brilhoso) e bolsas Chanel de matelassê, grafitadas e envernizadas, além de bolsas Dior minúsculas com Ds e placas em formato de coração pendurados. Deixei minha bolsa (uma *clutch* preta, um tanto humilde, com uma rosa vermelha) com as

outras. E respirei fundo. Aquilo com certeza não seria um bando de mães pedindo pizza e batendo papo.

Rebecca, de aparência radiante, flutuou até onde eu estava e me levou para o centro da sala, apresentando-me às convidadas que eu não conhecia. Muitas delas eram casadas com bilionários donos de redes de televisão, de empresas do ranking da revista *Fortune* ou comandavam impérios imobiliários e fundos de *hedge*. Algumas eram mães da escola e outras, não. Havia uma ex-editora de moda que agora era fashionista e mãe de três filhos em tempo integral, com o quarto a caminho. Havia uma ex-âncora de telejornal que recentemente largara o emprego para passar mais tempo com os três filhos. Ela estava grávida de gêmeos. Havia, como era inevitável, algumas “consultoras de arte” lindíssimas e inteligentíssimas, uma profissão de nicho que se expandia e contraía dependendo das fortunas do 1% Mais Rico. Nenhuma era gorda. Nenhuma era feia. Nenhuma era pobre. Todas estavam bebendo. E todas pareciam confortáveis e amigáveis como não eram na escola, na rua ou em eventos. A habitual cautela desaparecera. Percebi que as mulheres estavam *relaxadas*. Também relaxei um pouco ao ver que a Rainha das Abelhas-Rainhas não estava presente e que meu uniforme estava em sincronia com os looks das outras — acertara em cheio, digamos assim, apesar de meu investimento ter sido bem menor.

A conversa se desenrolou para além do bate-papo usual sobre filhos e férias. Conversamos sobre política, sobre uma amiga ausente por ter acabado de se separar e sobre outra amiga de muitas do grupo que estava na enésima tentativa de fertilização, supostamente na esperança de que outro bebê manteria seu marido viajante interessado e mais perto de casa. Algo mexeu comigo quando falaram (em voz baixa, de olhos abaixados, com óbvia tristeza e solidariedade) a respeito dos abortos anteriores dessa mulher e dos devastadores resultados da amniocentese de outra amiga. Fiquei envergonhada por ter presumido, por pura estupidez, que as vidas das mulheres ao meu redor eram abençoadas em todos os aspectos. Não eram. Depois o assunto mudou de novo e, como sempre, passou a ser o que todas vestiam.

O cenário magnífico e extravagante e o grupo impecavelmente vestido e maquiado não podiam estar mais distantes dos povos efe e aka da floresta tropical Ituri na República Democrática do Congo ou dos !kung san do deserto de Kalahari. Esses caçadores-coletores são igualitários radicais, o que significa que vivem em grupos sem hierarquia ou estratificação socioeconômica, como fizeram os humanos por quase toda a pré-história de nossa evolução. Entre essas tribos, ninguém possui nada ou tem status superior ou inferior ao de qualquer outro — não se conhece a noção de propriedade. Tal arranjo é reforçado por vários mecanismos, sendo um deles a demanda por objetos. É comum que uma mulher chegue diante de outra e exija as contas de seu pescoço, por exemplo, ou que uma criança se aproxime de um adulto que não é seu parente e exija uma porção de sua comida, ou então que um homem exija e receba pontas de lanças de outro para caçar. É impossível dizer não. Essas exigências reforçam a ideia de que todos são donos de tudo. Fazer-se de modesto e subestimar os próprios feitos e os dos outros é mais uma forma de garantir que nenhum senso de hierarquia se desenvolva. “Não sabemos quem matou o antílope que encontramos sob a acácia”, anuncia alguém após uma caçada bem-sucedida, sabendo muito bem quem foi. “Talvez tenha sido alguém de outro grupo. Vamos ficar com ele, *todos* nós, e o distribuiremos entre *todos*.” O homem que fornece a carne desejada não pode assumir ou receber crédito pelo feito. Todos e ninguém mataram o antílope, e então todos são e permanecem iguais.

Claro, as mulheres bem-vestidas à perfeição na casa de Rebecca (elegantes, refinadas, bem-educadas e ricas) desmaiariam se eu me dirigisse a uma delas e exigisse: “Jane, me dá AGORA os seus três anéis da Pomellato e a bolsa Happy da Lanvin!” Contudo, havia uma etiqueta rígida de elogios que me chamou a atenção nesse ambiente como nunca antes, lembrando-me daqueles caçadores-coletores africanos. A todo custo e de todas as maneiras, as exaltações a si mesma tinham de ser agressivamente evitadas nesse e em outros ambientes exclusivos para mulheres. Durante toda a noite, frases como “Essa blusa é da Chloé? Essa cor lhe caiu tão bem!” recebiam respostas do tipo “Essa coisa já tem quatro anos. E a minha cara é

de quem não dorme há uma década!”. Quando lhes diziam “Sua pele está linda!”, a resposta apropriada era “Tenho espinhas o tempo todo. Se parece boa, é apenas por causa da maquiagem, acredite!”. “Você emagreceu? Está ótima” era replicada com uma negação direta e um desvio como “Não, essas calças é que apertam tudo feito um espartilho. Mas soube que você está se exercitando com a Tracy [Anderson] todos os dias, dá para ver o resultado!”.

A princípio, achei que essas evasivas, negações e retribuições serviam para aplacar a inveja. Se alguém gostasse de algo seu, era preciso diminuir o valor disso para que a pessoa não se ressentisse com você e a prejudicasse (no Mediterrâneo e no Oriente Médio, isso é chamado de “afastar o olho gordo”). Mas eu estava errada. Na verdade, é por meio desse bate-pronto discursivo, desse vaivém de elogios respondidos com abnegação, que a hierarquia entre mulheres de bens infinitos — um sistema que poderia sem dificuldade alguma estar em constante fluxo dada a facilidade com que se podia ter qualquer coisa que se desejasse — se mantém estável. O elogio era um teste: você afirmará que é uma de nós e responderá como respondemos? Você sabe qual é o seu lugar? Ou você vai tentar brilhar e ficar por cima? Percebi que apenas Rebecca estava autorizada a aceitar um elogio. Ao ouvir que estava fantástica (e de fato estava), ela sorriu e disse: “Você é um amor!” Como a mãe rica e influente da criança do grupo de brincadeiras que apenas assentia com condescendência e dava um sorriso forçado quando alguém lhe dizia que estava maravilhosa (a mesma que tinha teatralmente me isolado e a meu filho do grupo de brincadeiras do verão), Rebecca estava no comando ali, e todas reconheciam isso. Todas podiam estar lindas, mas ninguém admitiria. Esse era o pacto.

Durante um jantar delicioso (sem glúten, orgânico e saudável, colocado com discrição à nossa frente pelos empregados), a conversa voltou-se para alguém da Costa Oeste que se intrometera na cena social de Nova York. Um casal abastado de Los Angeles, sobretudo a mulher, recentemente ofuscara um titã da indústria, um colaborador de longa data de causas beneficentes, em um evento de gala em sua homenagem. No momento em que foi anunciado que ele doaria 1 milhão de dólares para a causa em questão, a morena

insolente se levantou e gritou: “Nós vamos doar 2 milhões!” O salão ficou em silêncio por sua gafe e ousadia. Ela foi criticada de imediato pelos mandachugas do circuito de caridade em Nova York — pelo falatório, por veículos impressos e pela exclusão social. As opiniões ainda estavam divididas na sala de Rebecca. “Ela é muito Los Angeles. Sem papas na língua”, observou uma delas sutilmente. “Quando fomos apresentadas, ela perguntou quem tinha colocado o meu silicone. Disse: ‘Impossível eles serem de verdade.’ Mas eles são!” As outras riram e entraram em acordo de que o casal de Los Angeles ainda não conhecia as regras, as leis e os códigos sociais específicos de Manhattan que elas próprias tinham internalizado havia muito tempo.

A dança social sazonal e peculiar de Manhattan tem, pelo menos, cem anos. Durante a “temporada de gala”, que vai de abril a junho e depois é transferida para os Hamptons por todo o verão e então volta à cidade de setembro até novembro, há jantares para homenagear alguém que pagou muito por tal privilégio, cafés da manhã em prol da caridade e de boas causas e uma sequência infindável de almoços. A causa pode ser as pesquisas sobre uma doença, a preservação da natureza, uma questão tal como a alfabetização ou o apoio a uma instituição cultural. Todos, exceto os jantares, quando os maridos se materializam, são eventos muito segregados por sexo, sendo exclusivos às mulheres. As regras são claras. Você pode comprar um convite, ser convidada para ficar na mesa de alguém ou comprar uma mesa se apoia a causa, se o evento é ligado a um conselho ao qual você pertence ou a um comitê para o qual cedeu seu nome e/ou tempo. Uma mesa para você e nove de suas melhores amigas pode custar de 3.500 a 7.500 dólares por almoço e 10 mil dólares ou mais por um jantar. Muitos desses eventos também incluem leilões silenciosos, mesas longas com itens de luxo pelos quais se oferece um lance anônimo em um cartão, arrecadando assim ainda mais dinheiro para a tal causa. Sempre que ia a esses cafés da manhã ou almoços só de mulheres, eu me lembrava do comportamento de catação dos primatas não humanos — os bugios, macacos-prego e babuínos cuidam dos pelos dos “amigos”, às vezes por horas, reforçando o senso de conexão

entre eles por meio da proximidade e dos toques carinhosos, pavimentando o caminho para alianças que poderiam, literalmente, salvar vidas em algum momento. Não estávamos catando insetos dos pelos umas das outras, mas bem que poderíamos. Ao falarmos, comermos e bebermos juntas, perguntando sobre roupas, crianças e trabalho, reunidas por uma causa, também estávamos nos conectando, tranquilizando e tocando umas nas outras. É um fenômeno que os primatólogos chamam de *altruísmo recíproco* (“Você cuida de mim, eu cuidarei de você”) está presente em pleno vapor durante toda a estação de gala: “Eu vou/doarei para o seu evento beneficente se você for/doar para o meu!” Essa é uma das maneiras como os relacionamentos são construídos e mantidos entre as privilegiadas de Manhattan. Também é uma forma de doar para uma causa ao mesmo tempo que se *mostra* que tem condição de fazê-lo. Como todos os primatas, os humanos gostam de se afiliar e são seres sociais. E, como tantos humanos vivendo à sombra da agricultura, tendemos à hierarquia e à estratificação. Esse circuito social de café da manhã-almoço-jantar em prol de causas e da caridade comprova isso.

Nos eventos noturnos, com os maridos presentes, é mais provável a realização de leilões *ao vivo*, nos quais plaquetas são levantadas para mostrar que alguém pode pagar um preço exagerado por uma viagem a Anguilla, ações por um jatinho, um camarote em um jogo dos Yankees ou ingressos para assentos junto à quadra para uma partida dos Knicks no Madison Square Garden. Ouvi dizer que, em um leilão de gala ao vivo em uma escola, um pote de biscoitos feitos pelos alunos do quarto ano foi arrematado por 60 mil dólares. Um trabalho coletivo de pintura com dedos saiu por 20 mil dólares. O consumo ostensivo nunca foi tão virtuoso (ou, no caso da pintura das crianças, tão modesto). Gastar dinheiro faz parte da equação. Mas quem você conhece no evento, com quem conversa, onde se senta, de quem é convidado ou quem são seus convidados, tudo isso é levado em conta para determinar seu status. Aqueles que não seguem o roteiro — a mulher de Los Angeles e, antes dela, Felix Rohatyn, que reclamou em público que seria mais eficiente passar cheques para as instituições de sua preferência em vez de

comparecer a várias rodadas de excessivos “Bailes do Câncer”, foi logo excluído socialmente e acabou escrevendo no *The New York Times* uma explicação de suas opiniões, em parte um mea-culpa — aprendem depressa o quanto os comportamentos da tribo são arraigados e inflexíveis.

O “alpinismo social” é algo real em Manhattan, e, quando ouço a expressão, vejo diante de mim mulheres em saltos altos finos (a Rainha das Abelhas-Rainhas e suas amigas no topo, as outras vindo logo atrás), em vestidos Chanel e macacões black-tie de Yves Saint Laurent, carteiras de festa reluzentes nas mãos ou penduradas nos ombros, subindo com destreza uma árvore ao anoitecer, negociando os galhos, escolhendo um lugar em uma altura ideal que lhes dê a vista perfeita da floresta abaixo ou da savana à frente. Tal perspectiva as faz, como aos primatas de todas as espécies, incluindo nossos próprios ancestrais *Homo sapiens*, se sentir seguras. E ricas.

À medida que a noitada chegava ao fim, as mulheres iam embora depois de agradecer a Rebecca e dar beijos umas nas outras. E aquela noite, como sempre, disseram ao partir: “Nos vemos naquele evento na quinta? Você vai à reunião na escola amanhã?” Como a rejeição aos elogios, a confirmação do próximo encontro afirmava que elas eram um só grupo.



As mulheres da tribo que eu estudava pagavam um preço alto pela beleza, parecendo paralisadas, desconectadas, famintas e com o corpo exercitado até a prostração. Elas faziam o trabalho infundável de forjar e manter conexões e status social para si mesmas, seus filhos e para o casal. Contudo, eram os homens que pagavam a conta. Na noitada no apartamento de Rebecca, era fácil acreditar que todas aquelas mulheres ricas, competentes e bonitas eram também poderosas. Entretanto, havia sempre o fato perturbador para mim da inegável separação e do distanciamento dos homens.

“Assim é mais divertido!”, respondiam as mulheres sempre que eu perguntava. “Você está brincando? Preferimos assim!”, disseram os homens em um jantar especialmente encantador e simpático, no qual homens e mulheres se acomodaram em mesas separadas em salas separadas. Assim como o “ficar em casa” com os filhos, a segregação por sexo me parecia um arranjo que, era muito provável, indicava alguma realidade mais profunda e significativa, porém mascarada, de simples preferência, feito o participante de um baile à fantasia. Igual a um vestido de marca pendurado em um closet, um entre muitos, a segregação por sexo, me diziam, era uma “escolha”.

No mundo inteiro, os dados etnográficos contam outra história: quanto mais estratificada e hierarquizada é a sociedade, e mais segregada em termos de sexo, menor é o status das mulheres. Deve-se considerar a possibilidade, a princípio aparentemente improvável, de que o Upper East Side não seja uma exceção. O que os homens faziam enquanto as mulheres de minha tribo saíam juntas para os diversos eventos sociais e de compras pela cidade (os comitês femininos de conselhos, os lugares sofisticados para tomar café da manhã perto das aulas de música das crianças, as academias de ginástica imensas e os spas luxuosos) e conversavam sobre filhos e a Associação de Pais? Em geral, ficavam com outros homens, no trabalho, no mundo público de quase-só-homens e do comércio. Às vezes, promoviam a Noite do Pôquer dos Pais, um evento do outro lado da cidade para angariar fundos em prol de uma escola particular, no qual nenhuma esposa ousa aparecer e nenhuma pergunta é feita. E, às vezes, as mulheres ao meu redor demonstravam preocupação e admitiam suspeitar que os homens poderosos e ricos com quem estavam casadas se divertiam com flertes, galanteios e casos extraconjugais — aos quais os biólogos de campo se referem, quando ocorrem entre animais, como “cópulas extrapar”.

Segundo a óptica da antropologia e da primatologia, essa é em grande parte uma questão não tanto de imperfeição moral, mas de circunstâncias. Claro, muitos homens da tribo que eu estudava haviam escolhido a monogamia. Entretanto, vários fatores conspiravam para permitir que no mundo todos os homens ricos e

de alto status se envolvessem em cópulas extrapar a seu bel-prazer, sem consequências hipotéticas e reais. Seguindo o padrão típico entre todos os grandes macacos, são as fêmeas *Homo sapiens* que tendem a se dispersar ao atingir a maturidade sexual, perdendo o apoio social crucial de suas famílias e tornando as alianças entre as fêmeas (não aparentadas) de uma fragilidade previsível. (As fêmeas dos bonobos, as únicas entre os grandes macacos, inventaram uma estratégia para melhorar essa situação e construir laços: encontros homossexuais frequentes com suas colegas de bando.) É fácil entender como a dispersão e os laços sociais relativamente fracos tornam mais difícil partir com os filhos em comparação à vida em um acampamento tribal (ou uma savana) com sua própria família de origem, cercada por parentes acolhedores que a apoiam. “Não posso voltar para a casa dos meus pais em Long Island e bagunçar a vida dos meus filhos”, contou uma mulher a uma amiga em comum, explicando o que a compelia a ficar com o marido mulherengo até as crianças partirem para o colégio interno.

A dispersão feminina não é a única coisa que dá aos machos mais poder do que suas parceiras. *Homo sapiens* fêmeas enfrentam uma dificuldade fundamental, inédita no mundo dos primatas não humanos: elas são singularmente dependentes. Somos as únicas primatas a praticar o compartilhamento intensivo de comida e recursos; a única espécie na qual as fêmeas, em muitas sociedades, dependem dos machos para terem abrigo e sustento. As aves fêmeas, as mães efe e os chimpanzés fêmeas com prole nunca param de buscar e encontrar comida sozinhas. Aliás, entre os !kung san, mesmo as mulheres com crianças muito pequenas providenciam mais de 85% das calorias diárias do grupo. As mulheres agta das Filipinas caçam durante a gravidez. Seu status como “provedoras” lhes dá poder — para deixarem seus parceiros quando desejarem, terem amantes, irem embora ou voltarem, terem uma voz ativa e influente em suas comunidades. Como no deserto de Kalahari e na floresta tropical do Sudeste Asiático, os recursos são de suma importância no Upper East Side e nos casamentos de lá. Se você não levar para casa caules e raízes, se não ganhar dinheiro, seu poder diminui no casamento. E no mundo. Ponto final.

Os homens que observei e com os quais socializei (muitas vezes de forma desajeitada — todos pareciam um pouco enferrujados) tinham mais do que as circunstâncias a seu favor. Assim como os primatas machos em todos os lugares, os mais bem-sucedidos têm um repertório de estratégias para compelir suas fêmeas a ficarem, não importa o que aconteça. Os babuínos-sagrados machos usam um piscar de olhos ameaçador e mordidas no pescoço não só para controlar as fêmeas em seus “haréns”, mas também para desencorajá-las a acasalarem com outros ou mesmo a se afastarem para muito longe. Em Porto Rico, os macacos rhesus perseguem e às vezes ferem as fêmeas que tentam copular com machos de status baixo. E muitos primatas não humanos praticam o infanticídio, matando o filhote mais jovem de outro macho para que a fêmea volte ao cio e, assim, possa ter os filhos *dele*.

Os primatas machos da Park Avenue sem dúvida são mais sutis em suas táticas. Subjugam suas fêmeas dependentes, garantindo acesso contínuo e exclusivo a elas, qualquer que seja seu próprio comportamento, ao controlar o acesso delas aos recursos. Fornecer e deixar de fornecer presentes luxuosos, férias caras, dinheiro para atualizar o guarda-roupa com a chegada da nova estação e “trabalhar” o rosto e o corpo, quantias para fazer doações em eventos beneficentes das mulheres, seu ingresso para o mundo público, tudo isso faz parte de práticas corriqueiras entre um determinado grupo. Várias mulheres me contaram que também são comuns os “bônus de fim de ano” para as esposas, que podem ser regidos por um acordo pré-nupcial ou simplesmente fornecidos por “generosidade” — e também podem deixar de ser dados por qualquer motivo. É um segredo aberto, sobre o qual se conversa com aquelas que já estão por dentro do assunto, nas reuniões de conselho ou nas noitadas das mulheres: “Não sei quanto posso dar este ano porque ainda não sei de quanto será minha mesada para doações.” “Meu bônus anual ainda não foi estipulado [pelo meu marido], então não sei se vou comprar uma mesa como patrona ou doadora.” Essas são as táticas coercivas, disfarçadas como seduções agradáveis e generosas, que muitos homens de status alto usam

para reforçar seu poder considerável em sua sociedade e seu poder total em seus casamentos.

Quanto mais observava, mais eu via as assimetrias de poder em ação, não apenas as interpessoais entre mulheres, mas as institucionais, sociais e culturais. Os homens financeiramente bem-sucedidos de Manhattan ocupam posições elevadas em conselhos de hospitais, universidades e importantes fundações de combate a enfermidades, conselhos com metas de doações e coletas (o valor que se aceita doar e angariar com outras pessoas) de pelo menos 150 mil dólares. Suas esposas costumam figurar em conselhos de menor relevância, em comitês femininos e museus em bairros mais distantes com metas de doações e coletas de 5 a 20 mil dólares. Os maridos ricos e poderosos são dignitários de escolas particulares de prestígio; suas esposas são “mães de turma”, cuja missão é ser um centro social e comunicativo não remunerado para todas as outras mães. Enquanto os maridos ganham milhões, as mulheres privilegiadas com filhos rendem-se, sem muita escolha (“Preciso ser uma boa voluntária para que meu filho entre em uma boa escola”, sempre diziam essas mães) à “mãeconomia” do Upper East Side. Elas cedem de graça suas habilidades adquiridas na graduação, na pós-graduação e em suas alardeadas profissões para a escola de seus filhos — organizando festas de gala, editando informativos, administrando bibliotecas e promovendo a venda de doces e bolos para arrecadar dinheiro. As escolas afundariam sem essa casta de mães voluntárias privilegiadas, que, por ano, fornecem centenas de milhares de dólares sob a forma de trabalho gratuito. De certa maneira, a participação das mulheres na mãeconomia é um jeito de elas se sentirem úteis e ocupadas. É também um ato de extravagância, um motivo para se gabar — “Eu trabalhava fora, eu *posso* trabalhar, mas não preciso.” Mas compare isso com o que alguns de seus maridos fizeram e aspiram fazer: juntar dinheiro suficiente não só para largar o emprego, mas também para apresentar a “Promessa de Doação”, um compromisso público assumido pelos bilionários de doar metade de sua fortuna.

As esposas almoçam com outras mães no Freds e na Bergdorf Goodman, enquanto os maridos gorilas transitam com facilidade

entre *seus* points. Alguns anos atrás, no 21 Club, podia-se ver Henry Kissinger, Roger Ailes e William Safire, todos sentados a poucos metros uns dos outros, circulando entre as mesas e reforçando sua dominância do mundo. Para todos os efeitos, o Grill Room é um clube dos homens, observou meu marido certo dia, quando a razão entre mulheres e homens ali era de uma para quatro (outros homens me contaram que a razão em geral era de uma para dois). São lugares onde negócios são fechados, e na tribo que estudei os negócios costumam ser feitos pelos homens.

Naquela noite, à espera de um táxi diante do prédio de Rebecca, pensei na vista das janelas imensas de seu apartamento no 26º andar. No setor mais elitizado da economia mais elitizada do mundo, numa esquina minúscula de uma vizinhança específica, uma proliferação de mulheres largou o emprego ou nunca teve que trabalhar. De uma perspectiva antropológica, essas mulheres ricas que parecem e são tão afortunadas também estão isoladas em seu mundo segregado por sexo em seus conselhos de menor importância, em seus cafés e almoços de caridade, em seus grupos de brincadeiras e em suas casas nos Hamptons durante todo o verão. Com a razão sexual a seu favor, com os recursos sob seu controle, com as esposas dependentes cuidando de sua prole ainda mais dependente, os homens privilegiados do Upper East Side podem fazer o que quiserem. Os homens podem falar a língua do companheirismo na ausência de uma genuína paridade econômica no casamento e agir como verdadeiros companheiros, mas esse arranjo é frágil e contingente, e nesse caso as mulheres ainda são dependentes de seus homens — um marido pode simplesmente ignorar seu compromisso a qualquer momento. O acesso ao dinheiro do marido pode parecer bom, porém o estudo comparativo da sociedade humana com a de nossos parentes primatas mostra que tal acesso não pode comprar o poder adquirido por ser quem ganha o dinheiro. E saber disso, até mesmo ter uma ideia, apenas sentir o desequilíbrio, o abismo que separa a sua versão de poder da versão do seu marido, pode levar uma mulher pensante à insônia.

CAPÍTULO SEIS

Um ansiolítico e um bloody mary: as mães de Manhattan à beira de um ataque de nervos

Estou usando um vestido verde-escuro com bolsos grandes e sapatos práticos com sola de borracha, e me dirijo de maneira furtiva ao segundo andar da Bergdorf Goodman. Carregada com sacolas de compra cor de lavanda para me camuflar no lugar, estou à caça do Alvo Perfeito entre Pradas e Lanvins. Nada feito. Ajustando minha zarabatana, do tipo que os biólogos usam em ações de campo, subo de elevador até o quinto andar, onde fica a selva dos designers "jovens e divertidos!". É difícil escolher entre os espécimes ao meu redor, uma vez que muitos se encaixam nos critérios: fêmeas de meia-idade férteis do Upper East Side, muitíssimo magras, estressadas, insones e economicamente privilegiadas. Mas elas tendem a andar em bandos e a usar leggings de couro e jeans, então minha tarefa se complica; trata-se não apenas de encontrar o animal certo, mas também o momento certo. Posso esperar. Isso é importante. Até agora, estudei mais os comportamentos coletivos do bando. Agora, preciso entendê-las individualmente, de dentro para fora. Uma amostra de sangue poderia revelar muito sobre sua psicologia e suas emoções.

E então, em um canto, uma se desgarra das colegas para olhar a prateleira de Balenciagas. Melhor ainda, está vestindo calças de tecido leve. Vejo-a e, com um sopro em minha zarabatana, logo a acerto no traseiro. Ela anda, atordoada, até a cabine e desaba no carpete macio e felpudo em pouco menos de vinte segundos. Enquanto a arrasto, atravessando as pesadas cortinas para entrar na maior cabine espelhada, Robert Sapolsky, um neuroendocrinologista e primatólogo que fez carreira estudando a vida e o exame de

sangue dos babuínos-anúbis na reserva Maassai Mara, no Quênia, me chama para dentro e reconhece: "Você está ficando cada vez melhor nisso."

Verificamos seus sinais vitais e tiramos o sangue com rapidez e eficiência, pois sabíamos que não havia muito tempo. Nossa macaca pequena e bem-vestida acordará no carpete felpudo, verá a taça de champanhe que deixamos na mesa da cabine e, culpando-se, ficará envergonhada demais para dizer a alguém o que aconteceu. Enquanto isso, saímos de lá e nos dirigimos ao laboratório Quest Diagnostics — o da East 57th, entre a Park e a Lexington. Sinto uma onda de alegria e tenho vontade de assoviar. Estou ansiosa para ouvir a história que o sangue dela, ainda quente nos frascos em meu bolso, nos contará.



Enquanto escrevia este livro, tive tal devaneio inúmeras vezes, fosse atravessando o parque no ônibus M86, ou comprimida naquela depressão de plástico que se passa por assento no metrô, ou sentada no banco em um canto do parquinho, conversando com outras mães e observando meus filhos. Mas a morfologia de muitas das mães do Upper East Side que conheci na escola do meu filho mais velho e nos parquinhos do mais novo (seus corpos e rostos) contava uma história própria. Quando eu passava por elas nos corredores da escola, nos almoços para mulheres e nas festas de gala a que todas íamos, sua aparência esquelética e os torsos e membros rijos que pareciam sempre prontos para saltar me lembravam animais em constante alerta de luta ou fuga. Seus dedos e polegares voavam sobre seus iPhones e BlackBerries. As mandíbulas cerradas. As testas enrugadas, a menos que tivessem aplicado botox, e nesse caso a história se expressava em suas bocas, as quais muitas vezes ficavam fechadas ou mostravam sorrisos forçados, do tipo que *não* demonstra prazer, felicidade ou descontração e, sim, o contrário: "Ei, vejo você, mas estou com

pressa.” Na maioria das vezes, no entanto, tudo era dito pelos olhos — amplos, alertas, vigilantes em excesso e absorvendo tudo, feito uma gazela analisando as proximidades com minúcia, como se sua vida dependesse disso.

A essa altura, eu já sabia dos ritos de passagem e das cerimônias de iniciação pelas quais uma mãe privilegiada do Upper East Side passava. Eu sabia que sua identidade era forjada, em parte, por meio de determinados rituais acordados quase de modo explícito: fazer aquilo que os narradores dos romances ingleses do século XVIII chamavam de “um arranjo vantajoso”; passar na entrevista do conselho da cooperativa e fazer obras no apartamento; inscrever os filhos nas escolas particulares mais prestigiadas; frequentar aulas diárias de exercícios torturantes; e participar da “mãeconomia”, círculo de almoços de caridade e eventos tanto escolares quanto sociais que permitiam a formação de alianças estratégicas, consolidando ou elevando seu status. Mas, muitas vezes, me perguntei *como* seria estar casada com um alfa (ou a segunda melhor opção, um beta) e ser mãe de crianças pequenas no Upper East Side. Apesar de ter vivido como se fosse nativa, eu seria sempre uma ingressa tardia para o bando, com menos dinheiro do que muitas ao redor. Meu status era baixo, e eu ainda era relativamente novata. Então, não tinha certeza se minha sensação de estresse e desconforto na entrada da escola, em um evento escolar ou no grupo de brincadeiras era um indicador preciso do que *elas* sentiam. Tomando café ou saindo de reuniões escolares, algumas mães acessíveis do Upper East Side colocaram palavras no que seus rostos diziam.

Elas disseram: “Quando o radiador faz barulho, pulo de susto.”

E: “A professora da nossa filha me disse que ela está tendo dificuldade em encontrar um grupo para brincar no recreio, e eu caí em prantos.”

E: “Meu marido tocou meu ombro para me perguntar alguma coisa e isso me assustou tanto que gritei e caí da cadeira. *Na minha própria casa.*”

“Sei *exatamente* sobre o que você deveria escrever”, disse Candace, esbaforida, em um almoço. Logo retirou algo da bolsa e

colocou na boca. Ela chegara atrasada, reclamara do trânsito e se desculpara, 24 horas após ter sabido que o filho sofrera uma concussão jogando futebol. Seu marido estava procurando um novo emprego. Candace não dormira bem, deduzi; estava com olheiras profundas. Perdera peso, também, e parecia tão magra que podia quebrar. Eu queria confortá-la, mas também queria ouvir o que tinha a dizer, pois ela realmente entendia os homens e as mulheres supercompetitivos e muitíssimo bem-sucedidos cujas vidas eu estudava. Afinal, estava casada com um e, por ser uma planejadora de eventos de alta qualificação, já organizara chás de bebê, festas de aniversário extravagantes para crianças e bailes de algumas das figuras mais ricas e poderosas de Manhattan. Ela os tinha visto em seus piores momentos e indefesos.

— *Ansiedade* — sussurrou Candace, com urgência, do outro lado da mesa. — Sua tribo de mães e a ansiedade.

— Certo — disse. Confirmei com a cabeça, pensando. Depois, arrisquei. — Hum, o que era aquele comprimido, Candace?

— Ativan — respondeu, com naturalidade. Expirou com um sorriso e se recostou na cadeira de couro, os ombros e o rosto enfim relaxados. Ela parecia linda e radiante de novo, bem como costumava ser, e perguntou: — Vamos pedir um vinho?



A ansiedade e o estresse são doenças do Ocidente, aflições dos WEIRD (iniciais que formam a palavra "esquisito" em inglês) — sigla criada pelo antropólogo Jared Diamond para designar os povos ocidentais, cultos, industrializados, ricos e democráticos. Uma olhada nos dados multiculturais relativos a uma medida confiável da ansiedade fora de controle, a fobia social, é um bom indicativo disso. Embora as taxas de fobia social em países como China, Coreia, Nigéria e Taiwan sejam todas inferiores a 1%, a dos Estados Unidos é quase dez vezes maior. Um em cada quatro americanos sentirá ansiedade severa e constante em algum momento da vida.

E a população urbana, em especial, é extraordinariamente estressada e ansiosa, informam os pesquisadores. As ruas e os ônibus lotados, roupas, comida e moradia caras e o barulho de britadeiras, ao que parece, produzem sentimentos de ameaça e diminuem nossa sensação de controle, gerando grande ansiedade, tensão e taxas cada vez maiores de enfermidades relacionadas ao estresse. Aliás, tais condições específicas ao nicho urbano mudaram o cérebro humano, alterando o córtex cingulado e as amígdalas de maneira que, em um exemplo clássico de círculo vicioso, somos menos capazes de lidar com o estresse do que nossos primos interioranos.

Robert Sapolsky, biólogo e neurocientista da Universidade de Stanford, meu cúmplice no devaneio da Bergdorf, identificou como o estresse, antes uma adaptação indispensável, foi distorcido, criando o problema contemporâneo singular do estresse crônico e sua companheira emocional, a ansiedade crônica. “Para um mamífero típico, o estresse corresponde a três minutos de terror na savana, após os quais o estresse acaba — ou então você acaba”, explica ele. O estresse se desenvolveu como um estado psicológico útil do ponto de vista fisiológico, salvador e de duração extremamente curta: seu coração acelera para bombear oxigênio; seus pulmões trabalham mais; e seu corpo desliga tudo que não é essencial para a sobrevivência imediata (não é hora de ovular, crescer, ou gastar energia para reparar tecidos quando se é perseguido por um leão — isso pode ficar para mais tarde). Essas breves explosões de terror são acompanhadas pelo aumento dos hormônios do estresse, tais como a adrenalina e o cortisol. Uma vez que o leão tenha sido despistado ou deixado para trás, os níveis desses hormônios caem.

Hoje, no entanto, “acionamos nossa reação de estresse por estados que são apenas psicológicos, e não foi para isso que ela se desenvolveu”, observa Sapolsky. Nossa pressão sanguínea aumenta para 18 por 12 não para salvar nossa vida, e sim enquanto estamos presos no trânsito ou preocupados com o terrorismo. E não podemos encontrar o botão de desligar. Então, por um momento, o estresse adaptativo se torna estresse crônico e ansiedade perpétua. Nos dias de hoje, “os hormônios que costumávamos secretar para

salvar nossa vida estão sendo secretados (...) o tempo todo, quando nos preocupamos com a camada de ozônio, ou precisamos falar em público”. Uma das descobertas mais importantes de Sapolsky foi que, entre os mamíferos hierárquicos, como os babuínos ou os humanos do Upper East Side, o status social pode causar um enorme estresse, modificando o sangue, a mente e o corpo, sobretudo onde o status é instável e os indivíduos disputam posições. Agora estávamos chegando a algum lugar.



Uma gota de sangue, tão parecida com uma gota de vinho, podia nos ensinar muita coisa, pensei enquanto me sentava à mesa de meu cunhado e sua esposa no Upper East Side, numa reunião para comemorar a Páscoa judaica. Meu filho mais velho adorava esse feriado, com todos aqueles alimentos ritualizados, lavagens de mãos e rezas. Meu pequeno adorava as atenções carinhosas que recebia dos primos mais velhos e as canções, mas não gostava de ficar sentado sem se mexer. Cheguei a essa tradição, e ao judaísmo, assim como chegara à maternidade no Upper East Side: por meio do casamento. Então, enquanto meus sobrinhos e sobrinhas, meu marido e sua família seguiam rituais conhecidos, tudo era novo e fascinante para mim, assim como para meus filhos. No ponto do Hagadá em que listamos as dez pragas do Egito, as punições de Deus ao Faraó por sua recusa em libertar os israelitas da escravidão, enfiávamos o dedo em nossos copos, deixando gotas de vinho nas bordas dos pratos, uma para cada praga. Água em sangue. Rãs. Piolhos. Moscas. Doenças nos animais. Sarnas que rebentavam em úlceras. Chuva de granizo. Gafanhotos. Trevas. Morte dos primogênitos. Enquanto eu ouvia, listava em minha mente outra versão das pragas, as aflições da tribo de mulheres que eu agora conhecia tão bem. Piolhos na cabeça. Matrículas na escola. Campanhas de arrecadação. Maridos que viajam. Competição

intrassexual. Investigações da Comissão de Valores Mobiliários. Divórcio. Eu sabia que havia mais. Muito mais.

Deus abençoe as gotas de vinho.



Conforme me aproximava de muitas mães do Upper East Side, enquanto outras continuavam a manter distância, tornei-me cada vez mais preocupada com o que o “pertencimento” poderia significar — para mim, para as mulheres que agora eram minhas amigas e para as que não eram. Parte de mim desejava ser abraçada por todas em meu bando adotado. Afinal, primatas têm um prazer imenso em se afiliar e são bastante pró-sociais, características que nos diferenciam de outras espécies: assim como acontece com chimpanzés, babuínos e macacos, a conexão com os outros significa mais para nós do que praticamente qualquer outra coisa, mesmo quando se é uma mãe um tanto cínica de Downtown. Eu ainda estava perturbada por ter sido, todos aqueles meses atrás, um pária do *playdate*. Eu sabia que tais “trotes” não eram incomuns entre os primatas das variedades humana e não humanas, e duvidava de que as exclusões e viradas de costas teatrais tivessem sido, alguma vez, dirigidas com precisão à minha pessoa. Mas eu ainda guardava, nas partes mais primitivas da minha mente, o medo de ser excluída de novo. Todas as mulheres desejam se encaixar — sejam elas hippies em Berkeley, mães da Associação de Pais e Professores em Omaha, ou transferidas de TriBeCa, aquelas que migram do Upper East Side para Downtown. Parte de mim agora estava determinada a seguir as regras: usar roupas que não destoassem, ajudar os comitês da escola, ir a almoços. Entretanto, meu lobo frontal estava intrigado com o que aconteceria se eu *não* me adequasse, ou não conseguisse me adequar. Como você era dispensado? E o que aconteceria depois?

Divórcio e diminuição de renda (as pragas DD, como eu as chamava) pareciam ser dois eventos capazes de precipitar a

exclusão do grupo. Quando uma mulher se divorcia, é provável que não tenha dinheiro para manter o mesmo nível, para comprar ingressos de eventos, participar de festas “a jato” em lugares como St. Barths, Paris e Miami. Ela receberá menos convites por causa disso — e por outro motivo também. As mulheres divorciadas, em geral, provocam em seus pares o medo de que “isso também pode acontecer comigo”. E a sensação de que “ela está à caça e pode tentar roubar o marido de alguém”. Como um membro divorciado da tribo me contou: “É tchau, tchau, querida. As seguradoras de vela são assustadoras.” Um membro divorciado da tribo pode até manter uma amiga ou duas, mas descobrirá que a vida social fica muito mais limitada.

Sem dúvida, era ameaçador pensar que sua vida como você a conhecia podia desabar com o fim do casamento. Mas a história que eu não conseguia mesmo esquecer era a de uma mulher que chamarei de Lena. Após a quebra da bolsa de 2008, dizem, ela e o marido perderam quase tudo. A casa de frente para o mar nos Hamptons. O apartamento na Park Avenue que combinava um clássico de oito aposentos com um de sete. Tiraram os filhos de escolas particulares de prestígio, onde foram doadores e membros do conselho com alguma influência sobre quais filhos seriam aceitos — o que, por sua vez, lhes dava um capital cultural imenso. Acabou. Eles se mudaram para a 110th Street. Sem contar a ninguém, Lena conseguiu emprego em uma loja de departamentos luxuosa em uma área residencial de Manhattan. De um ponto de vista, era um ato de simples necessidade. Mas, de outro, era uma atitude corajosa, pois significava descer um degrau. Várias mulheres que ela conhecia apareceram na loja certo dia e ficaram chocadas ao descobrir que Lena estava então “do outro lado”, trazendo sapatos para elas experimentarem. Outras amigas poderiam ter apoiado Lena, organizado uma excursão em massa para a loja chique onde ela trabalhava para lhe dar grandes comissões. Poderiam ter se movimentado e ajudado. Gosto de pensar que eu teria agido assim. Em vez disso, as ex-colegas de Lena simplesmente a evitaram. Por alguma razão, isso não me surpreendeu. Mas me irritou. Serviu para me lembrar de quão diferentes são algumas mulheres ao meu redor,

da divisão entre o que sentiam e como agiam e das minhas próprias reações. Era como se vivessem em um sistema de castas, e Lena estivesse agora para sempre maculada, ritualmente impura. Ela e seu trágico destino eram apavorantes — e ela se tornou um objeto tabu. Talvez essas mulheres acreditassem que Lena acharia humilhante estar com elas, mas duvido. E isso lá era razão para abandonar uma amiga?

“É como se neste mundo a atitude quando sua amiga está por baixo fosse ‘ou afunda, ou nada’”, explicou uma mulher recém-divorciada de seu marido rico e poderoso enquanto tomávamos um café. A Rainha das Abelhas-Rainhas não falava mais com ela, disse, e sugeri que isso talvez fosse uma vantagem. Mas eu sabia como era ficar no ostracismo e ser abandonada, por isso senti pena dela, assim como de Lena.

Por fim, dizem, Lena e o marido deixaram a cidade. Fiquei interessada e aliviada ao ouvir que ela virara budista e estava feliz. Mas, para um determinado grupo de mulheres, ela não existia mais.

“Acho que se mudou para algum lugar hippie. E entrou para uma seita ou coisa parecida”, descreveu uma mulher a quem perguntei sobre Lena. Ela estava morta.



A cultura do Upper East Side na qual elas viviam era, em si mesma, uma grande praga em minha tribo de mães. A pressão para se adequar, a necessidade de perfeição, a ênfase no visual e em manter as aparências são extraordinárias e implacáveis. Minha constatação, no início da minha vida por lá, de que eu precisava estar bem-vestida até para comprar leite na esquina foi apenas a ponta do iceberg. Só uma pessoa socialmente alienada não sentiria a pressão para estar perfeitamente vestida, arrumada, penteada e sempre no evento certo, com a pessoa certa e na hora certa. Mas havia algo mais profundo acontecendo também. A história de Lena me ensinou que, da mesma maneira que os círculos sociais dos beduínos e dos

ciganos, o mundo do Upper East Side é uma cultura de honra/vergonha. A vergonha e o medo de não se adequar, de cair em desgraça ou ficar no ostracismo, em vez de o medo de ir para o inferno ou para a prisão, são os principais meios de controle social. E, no Upper East Side, assim como na China ou em determinadas tribos de nativos americanos, pode-se perder a honra ou a “face” — não a coisa física com que você fala, come e na qual coloca maquiagem, mas seu prestígio, sua reputação, e, na verdade, seu próprio *eu*. Marcel Mauss escreveu sobre os indígenas do noroeste dos Estados Unidos:

Os nobres kwakiutl (...) têm a mesma noção de “face” que os chineses (...) Dizia-se, a respeito de um dos grandes chefes míticos que não gostava de oferecer banquetes, que ele tinha uma “face podre” (...)

Perder a face é perder o espírito, que verdadeiramente corresponde à “face”, à máscara dançante, ao direito de encarnar um espírito e usar um emblema ou um totem. É a *persona* verdadeira que está em questão, e pode ser perdida na cerimônia festiva assim como ao dar e receber presentes, na guerra ou por meio de algum erro no ritual.

Ou, Mauss poderia acrescentar hoje sobre as mulheres que estudei, pode ser perdida quando não se tem mais a fortuna. Ou ao ter percevejos.

Embora percevejos e piolhos sejam coisas inconvenientes e estressantes na vida das pessoas em toda a cidade de Nova York, para uma mãe privilegiada do Upper East Side, como minha amiga Gina, eles significam outra coisa. Gina chorou por dias — não apenas porque se livrar deles é muito caro, exaustivo e demorado. Não apenas porque ela estava coberta de mordidas que coçavam, e à noite não encontrava sossego na cama, só estresse. Não apenas, nem principalmente, porque a família poderia não conseguir vender o apartamento por vários anos, devido às novas leis exigindo que os vendedores revelem quando seus maiores bens têm problemas de infestação. Não. Acima de tudo, Gina tinha muito, muito medo de

que suas amigas descobrissem aquilo. Sua identidade girava em torno de receber crianças em *playdates* e ter uma casa perfeita, entre outras coisas. Os percevejos insinuavam a possibilidade ameaçadora de ser isolada do grupo.

“Ninguém mais virá aqui!”, contou ela. Se seus filhos não tivessem uma vida social, ela tampouco teria. E sabemos o que acontece com alguém não conectado à sociedade em um mundo associativo e hierárquico: a morte social (e até mesmo a morte física, se você for um babuíno).

Muitas das mães que conheci compartilhavam a sensação exacerbada de vergonha e humilhação social de Gina — não só por eventos catastróficos da vida, tais como o divórcio ou a falência, mas também por aqueles três quilos a mais, ter um filho que precisa de terapia ocupacional ou não ter dinheiro para passar duas semanas em Aspen. É fácil perder a face em uma cultura de honra/vergonha, um mundo em que se espera que você não tenha nem sequer um furinho de celulite ou um cabelo fora do lugar, um mundo em que todo o seu ser depende de quanto você doa em um evento de caridade, de como mantém sua casa ou de não ter filhos com problemas. Não existe pecado e, provavelmente, nenhum deus (a tribo é monoteísta por tradição, mas em grande medida pós-religiosa), mas existe a vergonha. Por mais estranho que isso possa parecer, quando se entra na lógica cultural de perder a face, fica claro como a própria possibilidade de tal humilhação pública é capaz de estressar de maneiras muito concretas. Suas faces exaustas e magras. Outra gota de vinho.



Candace estava quase sempre certa em seus comentários sobre a tribo e, seguindo suas dicas, de fato descobri que havia uma diferença marcante entre os gêneros na ansiedade. As mulheres nos países desenvolvidos (mas não aquelas em países em desenvolvimento) são, de maneira surpreendente, *duas* vezes mais

propensas a distúrbios de ansiedade do que os homens. Mesmo assim, eu achava que minha tribo era uma exceção. Afinal, sabia por experiência própria que ser uma mãe privilegiada de Manhattan conferia uma vantagem crucial: a habilidade de se proteger não apenas das catástrofes, tais como ficar doente sem ter plano de saúde ou não ter dinheiro para alimentar os filhos, mas também das agressões da vida cotidiana na cidade, por meio de uma massagem ou um fim de semana no campo. Com a riqueza muito maior e os aviões particulares, as férias de três semanas no Caribe/em Aspen (ou nas ilhas Turcas e Caicos/Vail), os passeios de uma semana com as amigas no Canyon Ranch, as casas nos Hamptons para se afastarem da loucura da cidade, imaginei que as mães riquíssimas da escola do meu filho e dos grupos de brincadeiras seriam muito mais calmas. Ter seus filhos na melhor escola ou ter a melhor babá possível (encontrada por uma agência que cobrava um honorário polpudo para apresentar aos pais o *crème de la crème* das cuidadoras) não daria a você um certo grau de calma e confiança com relação ao bem-estar deles? Eu pressupunha que tudo isso seria suficiente para aplacar as preocupações de qualquer um; e que qualquer outro estresse ou ansiedade era algo que as mulheres que conheci criavam por se preocuparem com as coisas erradas, em vez de viverem o momento e desfrutarem de tudo que possuíam.

Eu estava errada.

No fim, o velho ditado é verdadeiro — uma vez que você controla fatores como pobreza, doença e fome, o dinheiro não compra felicidade. E com certeza não compra a solução para a ansiedade. O caso parece ser o exato oposto, já que muitos fatores específicos a seu nicho ecológico, maiores do que os estressores cotidianos da vida urbana, jogam as mães ricas do Upper East Side no mais absoluto nervosismo. A maternidade em um estado de liberação ecológica e em uma cultura de honra/vergonha, eu fui aprendendo, era de muitas maneiras uma combinação ideal para gerar ansiedade. As vidas perfeitas daquelas mães eram, de um jeito fundamental, a pior coisa para a mente delas próprias.

O culto da “maternidade intensiva”, próprio ao Ocidente e à riqueza, era decerto uma praga para as mães que estudei. A

socióloga Sharon Hays, que cunhou o termo, define a maternidade intensiva como “um modelo específico ao gênero que [compele] as mães a gastar uma quantidade tremenda de tempo, energia e dinheiro na criação de seus filhos”. Disponibilidade emocional constante, monitoramento permanente do estado psicológico dos filhos, planejamento sem fim de atividades e “promoção” do “desenvolvimento intelectual” dos filhos são tarefas esperadas das mulheres com posses, observa Hays, e deixar de fomentar sua criação em todos os aspectos possíveis, ou apenas deixá-los ser, beira a negligência. As mães da minha tribo, ao contrário da minha mãe, estavam sempre em ação, assando bolos para ensinar frações aos filhos, fazendo visitas educacionais a museus e se “envolvendo” com a escola. Nesse paradigma, a maternidade é uma tarefa de alto risco, incessante e cansativa que provoca ansiedade. No Upper East Side, não existe a ideia de que deixar uma criança fracassar e se frustrar pode aumentar sua resiliência e torná-la mais feliz, mais forte. Não, se seu filho fracassasse (em atingir 99,9% no exame do ERB, em fazer um ótimo trabalho na aula de desenho, em se sair bem em um curso ou numa corrida de obstáculos) seria menos uma oportunidade de aprendizagem e mais uma prova do seu próprio fracasso como genitora.

Mas, se você é uma mãe que pratica a maternidade intensiva a todo vapor, também corre o risco de ser chamada de “superprotetora” e ser repreendida por arruinar seus filhos. Não surpreende que um estudo com 181 mães com filhos pequenos tenha determinado que quem abraçava a maternidade intensiva tinha níveis altos de ansiedade e depressão. Entretanto, optar por não fazer isso e ficar lendo uma revista enquanto os filhos assistem à televisão torna você uma mãe ruim. É difícil imaginar algo mais distante do roteiro evolucionário da maternidade (crianças de idades diversas reunidas em grupos o dia inteiro, as mais jovens aprendendo habilidades com as mais velhas e assim se preparando para ajudar em casa, enquanto as mães passam tempo com as irmãs e as primas, e juntas tomam conta das crianças) do que a praga da maternidade intensiva. Outra gota de vinho ao lado do prato.

Por fim, percebi que ter escolhas e dinheiro para fazê-las era outra praga sobre minha tribo de mães. Isso me surpreendeu a princípio: muitas vezes dizemos que as pessoas ricas têm opções que as pobres não têm, e ter escolhas é um privilégio. Estamos certos. É uma clara vantagem a possibilidade de poder mandar seu filho para uma escola particular com turmas pequenas em vez de uma escola pública com turmas lotadas. Assim como é vantajoso ter a opção de escolher entre os dois carros mais seguros, pois você pode pagar por ambos, em vez de precisar comprar o mais barato com uma baixíssima taxa de sobrevivência em caso de acidente. Nesses e em outros exemplos, a capacidade de escolha e o privilégio econômico que a possibilita (qual Volvo, especialista em câncer ou babá de alto nível?) não apenas melhoram a qualidade de vida, mas também protegem a vida da pessoa. Contudo, após observar e criar filhos com as mães ao meu redor, aprendi o que a pesquisa mostra: ter escolhas demais é estressante. Dispor de mais do que três ou quatro opções aumenta os efeitos negativos, tais como arrependimento, expectativas exageradas e decepções. À medida que as opções aumentam, os efeitos negativos se agravam, levando à *ansiedade*. Apenas um fator mitiga esse efeito: *se os participantes não são considerados responsáveis por suas escolhas*. A maternidade intensiva e abastada apresenta a situação oposta. Você é 100% responsável pela escolha com potencial decisivo do melhor e mais seguro carrinho de bebê, da cadeirinha para o carro e das cenouras orgânicas.

“Não faço a menor ideia de quem escolher”, exclamou uma mãe no café da escola um dia, uma pilha de currículos de babás à sua frente. Ela precisava voltar ao trabalho em tempo integral. “E não é uma escolha qualquer. São *meus filhos*.”

Pode chamar de “problema de primeiro mundo”, mas só se você entender que é isso de verdade: na maior parte do mundo, cuidar de crianças não é uma questão, uma vez que o provérbio “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança” é uma forma de vida, não apenas um adesivo de carro. Isso permite às mulheres trabalharem, se sentirem realizadas e terem uma vida separada da maternidade sem culpa. Ou ansiedade. Outra gota de vinho.

Babás, empregadas, faxineiras e governantas são as aliadas mais importantes das mães privilegiadas. E muitas vezes, conforme aprendi na pele e com as outras mães, elas podem ser suas maiores adversárias. E uma grande fonte de ansiedade. Antes de ter filhos e me mudar para Uptown, sempre imaginei que seria fácil ter um bom relacionamento com as pessoas que trabalham em sua casa. Se eu fosse “boa” e respeitosa, nossa babá ficaria “feliz” e faria um bom trabalho. Fim de papo. As mulheres que tinham problemas com suas babás e empregadas, imaginei, exerciam seu poder de maneira injusta contra pessoas sem poder algum, e pagavam por isso. No entanto, logo descobri que de fato viver esse relacionamento é aprender o quanto ele é mais interessante, complexo e indutor de ansiedade do que sugere *O diário de uma babá*. Primeiro, existe a questão do dinheiro. Muitas das babás que conheci ganhavam 100 mil dólares por ano ou mais e viajavam pelo mundo em jatos particulares. Elas tinham férias pagas, metade ou todo o plano de saúde pago, além de generosos bônus de férias. Portanto, não estamos falando de trabalhar em uma mina de sal. Essa é a razão pela qual sempre me surpreendeu quando tais babás e suas patroas (sim, patroas, pois é muito, muito raro um pai da tribo que estudei exercer um papel ativo na administração da casa) entravam em disputas de poder.

“Ela achou que eu precisava dela mais do que ela de mim”, disse uma mulher mal-humorada sobre o que eu notei ser um problema bastante típico na relação babá/empregada/patroa. “Quando ela percebeu o quanto era essencial, ficou exigindo mais. Chegou a um ponto em que nos sentimos realmente explorados.”

A verdade é que, embora as mães tenham a maior parte do dinheiro, as babás têm o poder — o poder de tornar nossas vidas mais fáceis, ou virar nossos cronogramas e vidas de cabeça para baixo, com ou sem intenção, além do poder tremendo de cuidar dos membros mais vulneráveis de nossas famílias. Há muitas babás maravilhosas e carinhosas por aí. Uma babá de uma amiga minha frequentava seminários sobre cuidados de crianças no Centro Comunitário Judeu do bairro — não porque foi obrigada, e sim porque desejava fazê-lo. Minha amiga só descobriu que ela tomara

essa iniciativa quando encontrou suas anotações, escritas em um inglês ruim, cheio de erros de ortografia, e depois cuidadosamente traduzidas para o espanhol, dobradas e deixadas na bancada perto de sua bolsa. De forma espontânea e sem remuneração, essa mulher se esforçara muito, não apenas por dedicação à criança de quem cuidava ou aos patrões, mas também pela ideia de se tornar uma babá melhor. Outra babá arriscou a própria vida quando os andaimos diante de uma mercearia no Upper West Side desabaram sobre o objeto de sua responsabilidade, um bebê. Livrando-se dos socorristas que chegaram à cena e lhe disseram que era perigoso demais, ela mergulhou nos escombros, encontrou e resgatou o bebê (que não se ferira, mas poderia ter se ferido não fosse a coragem e dedicação de sua cuidadora).

Há também aquela babá ressentida, que não tem especialização ou qualquer interesse em cuidar de crianças e trabalham nisso “até descobrir o que realmente quer fazer” (a de vinte e poucos anos, com formação universitária), ou porque não possui qualificação para qualquer outra coisa. Algumas minam sua autoridade. Outras não conseguem se controlar. Outras ainda são levianas e têm comportamentos terríveis. Em um dia com tanto vento que a polícia solicitou às pessoas que ficassem em casa, uma amiga ligou para sua babá e mandou que voltasse para casa com as crianças. Mais tarde, seu filho de sete anos contou que a babá desligara o telefone e dissera a ele: “Sua mãe é muito ridícula.” A verdade é que existem babás que, de forma passivo-agressiva, alegam estar doentes quando as mães têm eventos importantes no calendário familiar. Ou deixam a casa bagunçada para mandar um recado. Babás e mães entram em disputas de poder. Discutem. Muitas vezes, fervem em silêncio sob o mesmo teto, precisando uma da outra e se ressentindo uma com a outra. Elas confrontam e negociam as complicações causadas pelas diferenças socioeconômicas e culturais (no caso das babás de outros países), pelos abismos entre gerações (no caso daquelas com vinte e poucos anos) e pela inveja (“Minha filha fica mais com ela do que comigo!”, pode ralhar uma mãe; “Por que ela precisa ter tanto e eu tão pouco?”, pode esbravejar uma babá), tudo dentro das paredes da mesma casa. Pode ser útil ou

enlouquecedor ter uma babá, ou ser uma babá e ter uma mãe como patroa. Mas nunca ouvi alguém descrever isso como sendo fácil.

A química com uma babá, com quem o relacionamento pode ser tão complexo quanto um casamento, é um fator de incerteza e um dos aspectos que mais determinam, se não o que mais determina, os níveis de ansiedade e a qualidade de vida das mães no Upper East Side. Em dado momento, eu teria pensado, incrédula: "Mas você tem o poder de demiti-las!" Após ter vivido isso, agora me pergunto, *E depois?* Numa cultura em que, como observou Anne-Marie Slaughter, não temos infraestrutura para cuidar de crianças e nenhum padrão governamental, vigilância ou monitoramento das cuidadoras, as mães e as babás são interdependentes demais e as opções escassas demais para que seja tão simples assim. Outra gota de vinho.

E depois existe o nó górdio, a praga tríplice sobre meu povo: a interação entre restrição calórica, queda do estrogênio e insônia, que aflige quase todas as mulheres com filhos pequenos com quem falei. Não estou exagerando: percebi, em um determinado momento da minha carreira como mãe no Upper East Side, o quão ansiosa e infeliz uma pessoa pode ser se privada de sono, hormônios e comida. As mulheres que se casam e têm filhos mais tarde podem ter uma perspectiva mais ampla e cérebros mais cobertos de mielina do que as de vinte e poucos anos, e melhor estabilidade social e financeira. Mas somos menos energéticas do que nossas contrapartes mais jovens. E é mais difícil conseguir o descanso de que tanto precisamos para recarregar nossas baterias. À medida que os níveis de estrogênio declinam (e em alguns casos despencam) a partir dos trinta e poucos anos, dormir se torna difícil. Níveis baixos de estrogênio fazem mais do que manter você acordada. Os pesquisadores agora estão notando que a vulnerabilidade das mulheres à ansiedade e aos distúrbios de humor pode ser explicada, em grande parte, pelo declínio dos níveis de estrogênio. Esse hormônio reduz a reação de medo nas mulheres saudáveis e também nas ratas: quanto mais estrogênio havia no sangue de mulheres treinadas em tarefas de extinção de medo por pesquisadores, menor era a probabilidade de se assustarem. Em resumo, quando o

estrogênio começa a cair, o mesmo acontece com a sensação de calma.

Agora, acrescente a essa mistura a praga de um dos imperativos mais bizarros do Upper East Side: estar em forma esplêndida, ter o mínimo de gordura e ser o mais parecida possível com uma sílfide. Em uma viagem a negócios para Abuja, na Nigéria, meu marido foi a uma feira em busca de um presente para mim. Uma mulher gordinha, vestida em trajes típicos vibrantes e que o ajudava a checar as roupas coloridas da barraca, perguntou:

— Sua esposa é gorda?

Ele respondeu, confuso:

— O quê? Não, é bem magra!

A mulher baixou os olhos, constrangida. Ela quis dizer: “Sua esposa é saudável e bonita? E você é um homem rico?” Ela não fez contato visual, relatou meu marido, nem quando pagou e lhe agradeceu por toda a ajuda. Sua esposa era magra, e ele *admitira* isso. Era como se estivesse coberto por furúnculos. Mas, aqui no Upper East Side, nada vende mais rápido do que um tamanho 00. As mulheres são magras, magricelas, macérrimas. É nossa marca registrada de beleza e saúde, e o padrão é exigente.

“Exceto em Hollywood e no mundo das modelos, não conheço nenhum outro lugar em que haja tanta pressão para ser magra”, observou Stephanie Newman, psicanalista de Manhattan, em seu consultório particular no Upper East Side, onde tem tratado muitas pacientes com distúrbios alimentares. E, quanto mais magra você é, dizem os endocrinologistas, menos estrogênio você tem. A gordura não é necessariamente saudável, mas as células adiposas contêm estrogênio, o que ajuda a acalmar a ansiedade. Pelo visto, nervosismo e magreza andam juntos assim como Dolce&Gabbana.

Ser magricela, sentir fome e substituir uma refeição adequada por um suco de couve são formas de vida da tribo que estudei, e todas elas afetam mais do que os níveis de estrogênio. As condições de um famoso estudo sobre privação alimentar, feito com 36 objetores de consciência durante a Segunda Guerra Mundial, quase replicam as práticas diárias de muitas mulheres no Upper East Side e as típicas recomendações americanas para perda de peso hoje: um

déficit diário de quinhentas a seiscentas calorias para atingir a meta de perder de meio quilo a um quilo por semana (os homens do estudo ingeriam 1.600 calorias por dia e caminhavam quarenta quilômetros por semana com o objetivo de perder um quilo por semana). No estudo, os homens logo passaram a sentir letargia, irritação e uma ansiedade significativa, assim como tonteira, intolerância ao frio, perda de cabelo, zumbido nos ouvidos, dificuldade de concentração e perda de desejo sexual. Eles ficaram obcecados por comida e desenvolveram rituais elaborados quando se sentavam para comer, muito semelhantes aos dos anoréxicos ao prepararem e consumirem sua comida.

Em resumo, toda a experiência foi muito parecida com um almoço no Sant Ambroeus em um dia de semana. E vale a pena observar que tais restrições alimentares levaram 6% dos participantes motivados e saudáveis do estudo da Segunda Guerra Mundial a acabarem em um hospital psiquiátrico: um homem adquiriu fortes tendências suicidas, outro decepou três dedos da mão. Não surpreende que as mulheres ao meu redor, para quem “sucos”, jejum, “desintoxicação” e exercícios rigorosos durante horas são uma forma de vida, estivessem no limite. Era um milagre que estivessem só trocando olhares invejosos nos elevadores da escola em vez de usarem machadinhas em si mesmas e nas outras.

De fato, a queda de estrogênio constatada em mulheres muito magras de meia-idade, uma descrição que enquadra perfeitamente a minha tribo, as torna mais agressivas. Em um estudo, pesquisadores aplicaram um jogo de paradigma de agressão a mulheres que se encaixavam no critério de grande ansiedade e a outras que não, utilizando como base a subtração de pontos. Eles observaram uma taxa mais alta de ataque em mulheres extremamente ansiosas e, surpresos, perceberam que a opção de ataque não tinha qualquer vantagem instrumental para o ganho de pontos, “portanto, constituía um caso puro de agressão reativa e cruel”. *Ahá*, pensei enquanto lia isso, relembro as esbarradas diárias no lugar em que eu me estabeleceria.



E, para cada praga, uma gota de vinho. Ou uma taça. Ou algumas.

No Upper East Side, os maridos ricos colecionam vinho tinto. As adegas em suas casas nos Hamptons são uma forma de capital cultural e sugerem que não são apenas consumidores ricos; são conhecedores refinados e eruditos. Eles abrem uma garrafa de tinto por diversão, para compartilhar, mas também para demonstrar poder. Como faz a arte contemporânea certa, o Pomerol '94 certo transmite o que você tem e sobretudo o que você *sabe*. É o marido, às vezes após consultar o outro marido à mesa, que pede as garrafas com preço de três dígitos quando casais jantam em um restaurante de Manhattan.

Enquanto isso, as esposas bebem em geral vinho branco (o tinto, dizem elas, tira o sono) para acompanhar. Ser uma mulher com filhos jovens no Upper East Side significa beber vinho. Em toda a nação, as mulheres são a força motriz por trás da venda de vinhos — e todas as que moram nos códigos postais 10021, 10075 e 10028 sabem disso. O Departamento de Saúde e Higiene Mental da cidade de Nova York descobriu que os moradores do Upper East Side são mais saudáveis do que os outros nova-iorquinos em quase todos os quesitos. Mas são reprovados em um: são 35% mais propensos a tomar um porre do que qualquer um na cidade. Um em cada cinco adultos da tribo que estudei, em outras palavras, relatou ter tomado um porre no último mês. Quantos desses bêbados contumazes são mulheres? Não existem estatísticas, mas, com base em meu trabalho de campo e em participação ativa *versus* observação de participantes, minha resposta quase científica é: muitas. Entornar quatro taças de vinho numa noite não é nada, nada mesmo, para elas. Nos estúdios de artesanato aonde as mães levam os filhos para festas de aniversário e em dias chuvosos, o vinho é servido muito cedo, às onze horas da manhã. As mães que eu conhecia bebiam todas as noites — vinho branco, vodca, tequila e, para aquelas que desejavam aprovação masculina ou destaque, um escocês ou qualquer outro uísque de "homem". Exceto às segundas-

feiras. Esse era um dia de penitência: um jejum com sucos para compensar o fim de semana de bebidas e comidas em excesso. De terça a sexta, as bebidas retornavam.

“E no fim de semana não há limites”, explicou uma amiga quando perguntei a ela sobre as regras. Ou seja: começar de manhã se quiser, beber vinho no almoço, um coquetel antes do jantar e mais vinho no jantar. Para muitas mulheres com filhos que conheci em Manhattan (mulheres que usavam óculos escuros nos corredores da escola nas manhãs de quarta, quinta e sexta), beber era uma maneira de se acalmar e se automedicar, uma espécie de solução, algo para fazer dormir, uma recompensa por sobreviver à viagem no táxi, por cruzar a cidade de um lado a outro, pelas discussões com a babá. Ver alguém comer pouco e beber muito em uma festa de gala ou em um restaurante ou ver alguém que precisa da ajuda do motorista para entrar no carro não eram coisas incomuns. As pessoas podiam sussurrar sobre o acontecido no dia seguinte se você ficasse *muito* doida, mas há um entendimento básico, um acordo tácito: “Nós bebemos. Nada de mais.” Claro, existe um espectro enorme entre a abstinência total e o alcoolismo. No entanto, o que me surpreendeu enquanto eu bebia com as mulheres ao meu redor era que, fosse algo psicológico, social ou emocional, beber era sobretudo tribal a meu ver. É praticamente *comme il faut* porque faz parte da cultura, e faz parte da cultura em grande medida porque age nas preocupações.

“Deveria haver um bar na emergência pediátrica!”, disse Candace, com ênfase, após ter ido até lá com o filho.

E não é só álcool. No Upper East Side, a benzodiazepina é o melhor amigo das mulheres. Muitas mães em Manhattan que conheci dependiam diariamente de medicamentos fortes. Ativan. Xanax. Valium. Klonopin. Ambien. Elas tinham todos e não tinham medo de tomá-los. Muitas vezes, misturavam os medicamentos com vinho, prática comum de uma estilista de moda glamorosa e mãe de dois filhos cuja cabeça estava, muitas vezes, caída no prato de um restaurante renomado do Upper East Side — na hora do almoço. As mulheres que conheci tomavam ansiolíticos para dormir. Elas os tomavam no meio da noite, quando acordavam com o coração

disparado, em pânico por causa das escolas, do dinheiro ou da possível infidelidade do marido. Elas os tomavam para acalmar os nervos antes de deixar as crianças na escola ou de um almoço em que esperavam encontrar mais inimigas do que amigas (a simples ideia de ver a Rainha das Abelhas-Rainhas em um evento, com seu jeito arrogante e falso, me dava vontade de tomar um frasco inteiro). E elas os tomavam de novo quando o efeito passava. Não sou eu que vou criticar. Também usei benzos para me medicar contra a fobia de avião e, um dia no elevador da escola, ouvi sem querer outra mãe, uma perfeita estranha, dizer à amiga que odiava voar e que os ansiolíticos não ajudavam. Virei-me para ela e sugeri, com grande autoridade e sem qualquer constrangimento: *"Isso é porque você precisa tomar o comprimido com um bloody mary!"* Nunca mais nos vimos, muito menos conversamos.

Algumas mulheres desistem do vinho e dos benzos quando os filhos crescem. Para elas, são formas de aplacar o estresse de cuidar das crianças, das pessoas que cuidam das crianças e tudo o mais ao redor, o tempo inteiro. Quando os filhos ficam mais velhos e passam o dia na escola e a fase intensiva de participação diária começa a diminuir, o uso de calmantes também diminui. Mas, para uma parte dessas mães, bebida e drogas são mais do que uma fase. Para elas, a maternidade não só incita o desejo de beber e misturar, como também o mascara, fornecendo um pretexto conveniente e uma camuflagem. Todo mundo faz. Então, ninguém repara. Algumas mães privilegiadas acabam desenvolvendo "um problema". Em um posto avançado dos Alcoólicos Anônimos no Upper East Side, localizado em uma igreja entre as lojas Prada e Ralph Lauren na Madison Avenue, mães maravilhosas e magras, vestidas de Chanel, Céline e Valentino, grifes com lojas a poucos quarteirões ao sul, beneficiam-se da creche do programa para poderem ir a uma reunião. Elas fazem parte de uma tribo secreta dentro de uma tribo e nunca, jamais, admitirão isso. Nas festas, chegam cedo e, com cuidado, pedem uma taça com algo que se pareça com vinho. Em um jantar de mães no Serafina, fingem que uma água tônica com limão é uma vodca tônica. Dizem que não estão bebendo por causa de antibióticos, de uma dor de cabeça ou porque têm uma consulta

cedo no dia seguinte. Mantêm as aparências e preservam a dignidade, porque essa é a regra e a forma de agir. Em suas reuniões do A.A., elas se acomodam na cadeira sem jamais relaxarem de fato, remexendo-se como cavalos de corrida magros e nervosos, os rostos tensos de esforço e preocupação. Na verdade, daria na mesma se fosse um almoço no Le Bilboquet, restaurante discreto e local de encontro da tribo na esquina. Tudo o que falta são taças de vinho.



Mas vinho não pode aplacar as maiores ansiedades. Após a noite na casa de Rebecca, percebi que uma delas era a *dependência*. Quanto mais eu observava, ouvia, almoçava e bebia com as mães do Upper East Side ao meu redor, mais via que muitas delas, sua vida, sua felicidade e sua própria identidade dependiam de coisas e pessoas que escapavam por completo ao seu controle.

Comecei a acreditar que a dependência econômica dos maridos mantinha muitas mulheres que eu conhecia acordadas à noite, mesmo que não se dessem conta disso. Saber que os maridos podiam deixá-las por outras, a simples percepção de que não tinham como se sustentar sem eles, parecia incomodar algumas dessas mulheres tanto quanto as dores da fome que sentiam. Aos sussurros, algumas me disseram que, da mesma maneira que suas mães e avós, elas mantinham contas secretas em bancos onde guardavam suas “mesadas” e outras rendas às quais teriam acesso em caso de “emergência”. Várias mulheres me falaram sobre os “bônus de fim de ano” que seus maridos lhes davam — como se fossem empregadas em vez de companheiras.

“Minha mãe me disse para conseguir o máximo de joias possível do meu marido. Servem de seguro”, contou uma mulher com ironia enquanto conversávamos, no banco de um parquinho, sobre o divórcio público e espetacularmente amargo de uma conhecida nossa. Minha interlocutora se formara com louvor máximo em uma

universidade da Ivy League. Ela também tinha um MBA. Mas nunca trabalhara.

“O tipo de mulher que se sente atraída pelos homens mestres do universo pode acabar se sentindo marginalizada em sua própria casa, temerosa de não ter como se sustentar e sustentar seus filhos”, explicou a psicóloga clínica de Manhattan e autora Stephanie Newman, quando perguntei sobre ansiedade e dependência econômica em seu consultório no Upper East Side.

E, se as coisas derem mesmo errado no casamento, “o divórcio pode não ser a solução, em termos práticos e emocionais, para uma mulher cujo conceito de si mesma é inteiramente construído em torno da ideia de um casamento perfeito”, observa a advogada e psicanalista Rachel Blakeman. Para muitas dessas mulheres, não existe saída para tal dilema (ser casada com um homem rico e poderoso) que parecia, a princípio, ser A Resposta.

“Ela não devia flertar com o marido das outras!”, disseram-me, sutilmente, algumas mulheres a respeito da linda mãe francesa que trabalhava em um banco de investimentos, mãe de outra escola e cujos filhos eram mais velhos do que os meus, quando perguntei por que tantas mães do nosso meio pareciam ter sentimentos ambivalentes com relação a ela. A francesa havia sido transferida para o bando por ter casado com um nova-iorquino rico e, pelo visto, achava as práticas de segregação por gênero da tribo tão confusas quanto eu. E, assim como eu, podia ser vista, muitas vezes, falando com homens nas festas de aniversário de crianças e em concertos. É provável que estivesse tentando fazer negócios, imaginei, e também se divertir. Eu a considerava glamorosa e inteligente, e sempre a procurava. Também fiz questão de colocar meu marido em seu caminho. Qualquer mulher que flertasse com ele não estaria me fazendo um favor? Se ele ficasse de bom humor, minha vida ficaria mais fácil. Divertimento seguro e flertes não pareciam ser muito a tolerar em troca de uma vida inteira de comprometimento. Mas, para quem sente que o casamento e a maternidade são suas identidades completas e que o marido é sua única tábua de salvação, o flerte induzia ansiedade e até mesmo

amedrontava. Ele sugeria a possibilidade e era um lembrete de que tudo poderia ser perdido.

Algumas dessas mulheres eram economicamente dependentes não apenas de seus maridos, mas também dos pais deles. Grande parte da riqueza espetacular no Upper East Side atravessa as gerações, o que leva a relacionamentos de uma infantilidade esquisita entre adultos jovens (e adultos não tão jovens) e seus pais ou sogros. Mais de uma mulher descreveu para mim a estranha pressão de precisar agradar os sogros porque eles controlavam o dinheiro.

“Meu marido vai herdar uma fortuna, e isso dá aos pais dele um poder muito grande sobre a nossa vida”, explicou, de maneira franca, uma mulher durante uma excursão da escola, enquanto andávamos atrás do grupo. Uma conversa sobre as mensalidades escolares, que, segundo ela, eram pagas pelos sogros, nos levara até esse ponto. Ela me mostrou o calendário do iPhone, com vários compromissos e almoços aos quais ela levaria e acompanharia sua sogra na semana seguinte. “Não se trata de não querer ajudar. O problema é a ideia implícita de que eu *devo* isso a eles, porque compraram nosso apartamento como presente de casamento, e meu marido trabalha no negócio do pai.”

Outra mulher descreveu uma situação típica do Upper East Side: ela e o marido queriam um lugar na praia só para eles e os filhos jovens. Os pais do marido vetaram a ideia, alegando que o lugar que possuíam era muito maior, que havia espaço para todos lá e que, por isso, o plano não fazia “sentido”. Seus sogros estavam sendo generosos, tanto pelo lado financeiro quanto pelo emocional, mas isso custava algo à geração mais jovem, pois ao mesmo tempo estavam sendo controladores.

“Seria bom sentir que somos adultos” disse ela, sem rodeios. “Seria bom ter nosso próprio lugar e alguma independência.” A situação dela é mais comum do que se pensa na tribo que estudei. Muitas pessoas ricas em minha cidade esperam, em algum nível, que seus familiares mais velhos e ainda mais ricos morram, e têm sentimentos ambíguos a respeito disso.

Outras mulheres ricas que conheci no Upper East Side tinham dinheiro “próprio” — mas, muitas vezes, isso significava ser financeira e emocionalmente dependente dos *pais*. “Não estou reclamando”, revelou uma mulher, a respeito da riqueza considerável dos pais, que ela e a irmã herdariam e da qual ela se beneficiava todos os dias na forma de seu apartamento, viagens a Aspen e educação paga para os filhos. “Mas é estranho para meu marido.”

Com frequência, o marido trabalha para o sogro poderoso, ou utiliza o capital cultural do sogro para promover a própria empresa, suas relações profissionais e os negócios. Esse estado de coisas costuma ser complicado, uma vez que a dependência econômica quase nunca sai de graça. Rachel Blakeman me disse: “Não importa quão bom o esquema pareça do ponto de vista financeiro, estar atrelado a alguém para garantir seu bem-estar e o de seus filhos tem, muitas vezes, um custo alto. Pode criar ressentimento, insegurança e muitos outros problemas para uma pessoa e um casamento.”

Nossas ancestrais, mulheres que coletavam (e algumas que caçavam, como as mulheres agta ainda fazem hoje em dia), tinham autonomia, uma voz em suas comunidades e poder em seus relacionamentos, pois a comida que traziam e as calorias que forneciam as tornavam indispensáveis. Não houve muita mudança. E assim, não raro, as mulheres que estudei, conheci e com quem tomava café pareciam estar em um estado que ia além da dependência econômica. Em muitos casos, suas próprias identidades pareciam contingentes e relacionais, dependentes de seus relacionamentos — com amigos, sogros e pais, mas, sobretudo, com maridos e filhos. Se você não está em um casamento perfeito (e quem está?), como pode ser a mulher perfeita de um homem poderoso? Se você não tem filhos perfeitos (e quem tem?), como pode ser uma mãe perfeita, ou até mesmo uma boa mãe? E como preservar a dignidade? O divórcio não é uma opção, tampouco trocar os filhos imperfeitos que você ama por filhos perfeitos. Diversas mulheres que conheci sofriam de uma ansiedade estranha e culturalmente específica por serem extensões e reflexos de outros.

Nesse sentido, até as suas identidades, seus próprios eus, não eram precisos ou inteiramente seus.

“Graças a *Deus* isso acabou”, exclamou Candace, em um almoço após seu marido conseguir um emprego novo. Pensei que ela queria dizer que era estressante não saber onde ele acabaria, ou passar por um período sem rendimentos. Mas Candace fez que não com a cabeça. “Não, quero dizer que *eu* posso relaxar agora. Eu precisava manter uma aparência ótima o tempo inteiro enquanto ele procurava emprego, porque é assim que as coisas funcionam aqui, sobretudo se você está pedindo alguma coisa a alguém. Me passa o pão.”

Ali estava — aquele estresse único. Nessa cultura de honra/vergonha, ter um marido de status alto torna você uma esposa de status alto. Mas ter uma esposa com aparência maravilhosa (linda, com um corpo e guarda-roupa invejáveis e conexões sociais com esposas de outros homens poderosos) podia também reforçar, e até mesmo melhorar, o status social e profissional do marido. O marido de Candace devia sua carreira, em parte, à boa aparência da esposa em seus vestidos Azzedine Alaïa, à sua perícia social e à sua capacidade de seduzir quase todo mundo. As esposas eram os acessórios e os vinhos caros de seus maridos, prova de seu poder, e os maridos eram os bilhetes premiados de suas esposas. Quanta ansiedade. Outra praga. Outra gota de vinho. Outra taça. E mais outra.



E então há uma última praga, a que arrefeceu o desejo do Faraó e seu coração. Após os piolhos e as sarnas afligirem seu povo, após as águas em sangue, rãs, moscas, doenças dos animais, chuva de granizo, gafanhotos e trevas, o Faraó ainda assim não demonstrou piedade. E, então, Deus disse: *Agora, tomarei para mim todos os primogênitos, excluindo os israelitas.*

Quando um dia Candace me telefonou tentando segurar as lágrimas, ela me ensinou outra lição sobre mães ansiosas, uma que

era, pensando bem, impressionantemente óbvia, mas que me escapara por completo. Ela me contou que estava escondida no banheiro, para que ninguém a ouvisse. Seu filho se recuperara bem da concussão que o levava à emergência do hospital — ou assim parecia. Após uma semana de “descanso cerebral” em um quarto escuro, sem ler ou olhar para uma tela, e outra semana sem qualquer esforço físico, ele estava de novo em pé e correndo, engraçado, inteligente e animado como sempre, igual à mãe. Mas havia algo mais agora, catorze dias depois do acidente. Senti meu coração acelerar quando Candace me contou o que ocorrera. Respirei fundo fazendo o mínimo de som possível, para que, o que quer que me dissesse, eu pudesse ficar calma para ajudá-la. Então, ela disse, desesperada: “O *dente* dele.” *O dente?*, pensei. *Só o dente?* Senti uma onda de alívio, mas ela continuou angustiada. “Está cinza. É *horrível*.” Ela começou a chorar. Murmurei que tudo acabaria bem e perguntei o que o dentista dissera, procurando ganhar tempo, ouvindo. As palavras jorraram depressa: foi só um acidente. Uma briga. Ele e outro menino tinham colidido. Houve sangue. Só isso. Ele estava bem. Mas o dente tinha ficado cinza, morto pelo impacto. “Está morto na boca”, disse Candace, soando triste e distante.

Eu ouvia meu filho pequeno brincar com os potes e panelas no chão da cozinha. Deixei ele ali para ter tempo de conversar. Mas, em minha cabeça, revi as fotos na parede das salas de todos os apartamentos que visitara com Inga, tantos meses antes. Nenhuma das crianças tinha um dente cinza. Pensei como uma simples imperfeição podia ser catastrófica — feito uma onda imensa e superpoderosa que levava toda a sua identidade de boa mãe, de uma pessoa que se sentia segura, e derrubava você. Candace chorava muito, e eu apertava o telefone na orelha, dizendo-lhe que tudo acabaria bem, tudo daria certo, apertando minha barriga por instinto. Porque havia ainda mais.

Era um dente perfeito que morreria. Era a cria do Faraó e todas as outras crianças, tiradas por Deus. Era apenas um dente. Apenas uma história. Mas ela significava que algo estava errado e era um sinal de que as coisas podiam ficar piores ainda. Significava que

podíamos perdê-los. Era o fantasma no cerne do comportamento de tantas mães de Manhattan que me parecia, até então, incompreensível, louco. A necessidade de ser perfeita e ter uma vida perfeita, os empurrões nas calçadas, o estresse de escolher carrinhos e colchões não tóxicos, as brigas para colocá-los na escola certa, contratar alguém para ensiná-los a andar de bicicleta — essas são a fauna e a flora barrocas e bizarras que brotam de um terreno úmido e fértil de pânico. *Por favor, pensei, outra gota de vinho.*

CAPÍTULO SETE

Um dia chuvoso

EM ALGUM MOMENTO que não consigo precisar, eu havia mudado. Após dois anos morando com dois filhos no Upper East Side, descobri-me menos observadora-participante do que participante, menos “insider/outsider” e mais alguém para quem não havia mais a noção do “de fora”. Minhas conexões em Downtown tinham quase desvanecido — eu via essas amigas, muitas das quais artistas e acadêmicas solteiras, no Dia de Ação de Graças e talvez no Natal. Nessas ocasiões, elas liam para meus filhos, davam-lhes doces e presentes e faziam piadas carinhosas sobre minha transformação, a qual consideravam compreensível, bizarra e, de alguma forma, encantadora. Elas estavam certas sobre minha mudança. Sem dúvida, não éramos bilionários. Nosso apartamento na Park Avenue estava longe de ser imenso (embora eu tivesse um armário só para as minhas bolsas). Eu insistia que meus filhos ajudassem com as tarefas domésticas. Não lhes dava festas de aniversário estrondosas e, quando eles eram convidados para algo que eu considerava um exagero — assentos na primeira fila, logo atrás do *home plate*, num jogo dos Yankees, uma festa na casa de alguém nos Hamptons com passeios de pônei e equilibristas em corda bamba —, eu me assegurava de que entendessem o quanto eram privilegiados. Não queria que achassem que a vida inteira era uma sequência de experiências fantásticas de primeira classe. Não queria elevar demais suas expectativas ou privá-los da capacidade de se deliciar com lugares e coisas simples.

No entanto, eu agora era uma mãe do Upper East Side, pois passara a me preocupar com as coisas com que minhas colegas mães do Upper East Side se preocupavam: para qual escola meus filhos iriam; se eu estava fazendo o suficiente por eles; se suas professoras sabiam o que estavam fazendo; se minhas amigas não

eram apenas gratificantes e saudáveis para mim, mas também úteis — para mim, meus filhos e a carreira do meu marido. Eu queria uma vida confortável e bem organizada. Queria um corpo invejável, roupas bonitas e sapatos Dolce&Gabbana e Prada, mesmo se comprados em liquidação, e o tipo de cor linda nos cabelos que exige despesas com cuidados a cada dois meses. Queria uma casa na praia. Ao contrário de muitas das minhas amigas do Upper East Side, eu também queria trabalhar — escrever coisas das quais me orgulhasse. Contudo, como elas, eu queria ser uma boa esposa e, também como elas, queria sobretudo ser uma boa mãe. Não uma mãe boa o bastante, mas uma que fizesse tudo o que devesse fazer, tudo o que pudesse fazer pelos filhos.

Como moradora do Upper East Side, como moradora do Ocidente industrializado que era, eu entendia a maternidade de uma determinada maneira. Concordava com o roteiro da maternidade intensiva, mesmo sabendo que esta era específica do meu nicho privilegiado e, talvez, autodestrutiva. A maternidade, no mundo que primeiro observei, depois adotei e por fim abracei, significava dar a vida e, então, exaurir-se, sacrificando partes de si ora com alegria, ora com irritação, exasperação e ansiedade, para protegê-la. Eu me enervava e me preocupava junto às outras mães privilegiadas que conhecia, é verdade. Às vezes, era uma pilha de nervos com meus filhos. Como Candace, me via por algumas horas ou um dia inteiro arrasada por causa de um dente cinza e tudo o que ele sugeria. Como todas ao meu redor, eu fora condicionada por anos de abundância, pediatras e pré-escolas, insensível à proximidade do perigo por viver como eu vivia, protegida em um edifício alto e em um utilitário confortável. Por causa desse halo de segurança, com a ajuda e o apoio proporcionados pela vida em um estado de liberação ecológica, abundância e vacinas, eu, como todos os ocidentais, coloco minha prole em risco de formas que nossos antepassados e os caçadores-coletores contemporâneos, que vivem como nós vivemos durante quase toda a nossa pré-história evolucionária, nunca sonhariam fazer.

Por valorizar a “independência” — a deles e a nossa —, colocamos nossos recém-nascidos em cadeirinhas de balanço enquanto

tomamos banho. Contratamos babás que não conhecemos, ou conhecemos apenas por meio de referências verbais ou de uma agência, para tentar fazer algumas coisas, em vez de carregar nossos bebês continuamente e entregá-los a parentes próximos de vez em quando por alguns minutos ou horas. Nós os colocamos para dormir e comer em horários rígidos, em vez de nos adequarmos ao seu ritmo. E, para a surpresa das mães e dos pais em outras culturas, chegamos ao ponto de deixar nossas crianças sozinhas em engradados de madeira, longe de nós, a noite inteira. Ali, eles dormem sozinhos... e choram. Muitos são os antropólogos que relatam ter descrito essa prática para pessoas tradicionais — caçadores-coletores e agricultores forrageiros que deixam seus bebês sentados e engatinhando perto de fogueiras e permitem que crianças pequenas brinquem com machadinhas e facões —, as quais ficam chocadas pelo que consideram uma negligência impensável e cruel com nossos filhos. Quando informados de que, muitas vezes, deixamos nossos pequenos “chorarem até cansar”, eles a princípio não acreditam, depois ficam horrorizados. Questionam como podemos ser tão insensíveis com algo tão precioso e dependente quanto um bebê.

Não se trata apenas daquilo que fazemos, mas do que acreditamos que diferencia a nós, pais ocidentais relativamente privilegiados, do restante. Pressupomos que nossas famílias de dois, três, quatro, cinco e até seis filhos não apenas sobreviverão, como também serão bem-sucedidas. As crianças superarão resfriados, gripes e catapora, se pegarem tais doenças, evitando as coisas mais terríveis — deformações, paralisias, além de enfermidades fatais como sarampo, coqueluche e pólio — graças a vacinas. Nossos filhos irão para a escola e depois para a faculdade. E para cursos de pós-graduação em medicina, administração ou direito. No devido tempo, eles casarão e terão filhos. Eles nos farão sentir orgulho. Eles nos enterrarão. Esse é o nosso roteiro.

E então, enquanto eu desempenhava a função de mãe, dia após dia, da maneira que se faz no Upper East Side, não contemplava de nenhuma forma consistente, cuidadosa ou séria o quanto os

territórios da maternidade e da perda se sobrepõem. É um segredo, até que acontece com você.



Como posso estar grávida? Como a protagonista de uma série cômica — ou de uma novela melodramática —, olhei as duas listras roxas no marcador ensopado de urina e, depois, reli as instruções na embalagem.

Não! Não era possível. É verdade que usamos um método contraceptivo que falhou uns dois meses atrás. Mas *sabíamos* que tinha falhado, e então imediatamente tomei a pílula do dia seguinte prescrita pelo meu médico, seguindo as instruções ao pé da letra. Depois menstruei. Pouco, mas era uma menstruação. *Menstruei duas vezes*. Assim, não havia como eu, aos 43 anos e mãe de uma criança pequena e outra de sete anos, estar grávida. Quais eram as chances de a pílula do dia seguinte falhar após um contraceptivo falhar? *E quais eram as chances de engravidar sem querer aos 43?* “Como você conseguiu *isso?*”, podia ouvir minhas amigas que passaram por várias sessões de fertilização me perguntando. Agarrando a bancada de mármore do banheiro, agora me lembrava vagamente de lendas familiares sobre ancestrais cherokee e escoceses que tiveram bebês em idades tardias e pouco prováveis. Minha avó os chamava de “bebês de mudança da vida”, um eufemismo bizarro que sugeria se tratar de um acontecimento frequente o suficiente para que um termo fosse cunhado. Então era possível. Por pouco. Talvez o teste estivesse errado. Peguei um segundo, esperançosa, com as mãos tremendo, e mijei nele.

Por outro lado, pensei enquanto dava a descarga e esperava, as duas linhas roxas podiam explicar certas coisas. Nas semanas que antecederam esse momento, tive certeza de estar passando por uma menopausa precoce e muito repentina. Ou de estar enlouquecendo. Ou morrendo. Minha cabeça estava atordoada. Não conseguia raciocinar. Tratava meus filhos e meu marido com rispidez. Tudo —

Onde está o meu celular? Por que os professores não o ajudam mais? Quando a reforma no andar de cima vai terminar? — me irritava mais do que o normal. E eu estava cansada, tão sonolenta que dormia sobre a mesa, na fila do mercado (“Com licença, senhora? Hã...”) e no pilates, bem no meio do alongamento reparador. Liguei para o meu médico e falei que algo estava errado. Marcamos uma consulta — para o que, eu não sabia: para conversar sobre como era enlouquecer e adoecer de repente por causa de um inexplicável, porém inegável... seja lá o que fosse? — e esperei. Café não ajudava em nada meu mal-estar misterioso, cansativo e enfraquecedor; o cheiro me deixava enjoada.

Ai, meu Deus, eu estava *enjoada*. Por causa do café. E agora percebia que outras coisas também me causavam náuseas. Muitas coisas. *Era óbvio*. Olhei para baixo. Sim, claro: duas linhas roxas. Não havia erro.

Naturalmente, nada naturalmente, contra todas as possibilidades, eu estava grávida.



Chuí uma bala de gengibre na sala de espera do meu obstetra enquanto aguardava. Eu estava ali para dizer-lhe o que iríamos fazer, ele e eu. Ao olhar as capas das revistas com grávidas sorridentes e felizes, pensei em como era peculiar e, porém, perfeitamente previsível a situação em que agora me encontrava — de acordo com a formulação da primatóloga e bióloga evolucionária Sarah Hrdy, por ser uma primata de grande porte, bípede, sem pelos, semicontinuaamente receptiva do ponto de vista sexual, vivendo na sombra da agricultura.

Durante toda a nossa pré-história evolucionária, e como ainda ocorre com muitos forrageiros e caçadores-coletores hoje, as mulheres tinham bebês com intervalos de três, quatro ou cinco anos. Afinal, uma vida de forrageio, coleta e consumo calórico apenas suficiente de plantas, nozes e só um pouco de carne mantinha o

indivíduo em forma. As mulheres com pouca gordura corporal ovulam e menstruam com menos frequência — talvez quatro vezes ao ano. Isso, somado ao trabalho de produzir leite, amamentar e criar os filhos enquanto buscavam alimentos, mantinha nossas ancestrais em um estado de fertilidade baixo após o nascimento de seus bebês. Quando o bebê seguinte chegava, elas já tinham uma criança com quatro anos para ajudar um pouco com o recém-nascido. Contudo, com as mulheres em fazendas, em um estado drasticamente mais sedentário do que o da coleta e com calorias mais abundantes, logo se elevam as taxas de gordura corporal — e de fertilidade. Esse estilo de vida, com suas menstruações mensais características, permaneceu conosco quando nos mudamos dos campos e das casas de fazenda para os shoppings, as mansões e os prédios, é claro. Então, filhos com uma diferença de dois anos entre si acabaram se tornando a norma. Essa é a razão pela qual, em toda cidade dos Estados Unidos, é comum ver uma mãe empurrando um bebê em um carrinho enquanto outro filho, de dois anos, fica em pé na pequena plataforma atrás do irmão. Ao longo do tempo, o estado de coisas primitivo e pré-agricultural passou a parecer estranho. Nós, seres humanos, estamos sempre mudando nosso próprio jogo.

Portanto, lá estava eu. Com um filho pequeno, um no segundo ano do fundamental (simplesmente dava de ombros e dizia “É o intervalo parental do Pleistoceno” sempre que perguntavam sobre a diferença de idade dos meninos) e grávida de dez semanas, calculei. Quando meu médico me chamou para entrar no consultório e fechou a porta, perdi a calma aparente. Expliquei-lhe, chorosa, o que meu marido e eu conversamos após o dia em que vimos as duas linhas roxas duas vezes seguidas — na minha idade, com uma criança pequena, meu histórico médico e tudo o mais, simplesmente não seria possível. Meu obstetra assentiu e disse o que esperávamos. Ele me deu alguns formulários que assinara, fui para o hospital e preenchi mais formulários para fazer o procedimento. Senti os membros dormentes enquanto escrevia as informações e entregava a prancheta para o administrador compassivo e tranquilo que me disse, com um sorriso solidário e constrangido, para voltar na manhã seguinte.

Em vez de ir para casa ou para o escritório, fui até o Central Park e sentei perto do lago, em um pagode de madeira sob as árvores. Era uma manhã de um dia de semana ensolarado e fresco, mas não frio, e não havia quase ninguém por perto. Enquanto observava algumas tartarugas nadarem pela água turva e coberta de algas, refleti sobre a maternidade. Pensei sobre ser, ao mesmo tempo, uma mãe carinhosa, generosa, presente e coruja e uma estrategista flexível e impassível, jogando friamente com as probabilidades, como as aves-mãe de David Lack. Pensei nos cálculos relativos à reprodução e nos cortes de gastos exigidos pelos cuidados maternos — aqueles momentos, todos aqueles momentos ao longo da pré-história e da história evolutiva, em que as fêmeas procriadoras de todas as espécies tiveram de tomar decisões difíceis. Alimentar os dois gêmeos ou só um deles? Às vezes há apenas tanto, e tanto de si mesma, para dar. Enviar esse bebê para um orfanato, onde poderá até morrer, para continuar a trabalhar e a sustentar os filhos que já conseguiram passar pela zona mais perigosa da infância ou mantê-lo em casa para investir em seu bem-estar e, assim, provavelmente prejudicar as chances dos outros? Largar o filhote enquanto fujo do predador para ter uma chance maior de sobreviver? Só se eu for uma canguru jovem o bastante para procriar de novo e disposta a apostar que as condições ecológicas serão as certas — comida abundante, clima bom, poucos predadores — da próxima vez. E assim por diante.

Tudo o que diz respeito à maternidade sempre envolveu escolhas e negociações difíceis, como afirma a socióloga e estudiosa da maternidade Sarah Hrdy. De forma análoga a nossas ancestrais *Homo* e animais no mundo inteiro, buscamos equilibrar o bem-estar de nossa prole com o da prole futura e o nosso próprio. De outro modo, todos morrem ou têm uma vida pior do que poderiam ter tido. Hrdy observa que, sejam privilegiadas ou pobres, “as mulheres precisam constantemente fazer escolhas entre a subsistência e a reprodução que são, em essência, igualmente problemáticas”. Meu conflito era antigo, nada especial, porém parecia catastrófico.

Permaneci no parque, perto da água, por horas. Quando estava quase escuro, fui para casa e conversei por um bom tempo com

meu marido. Liguei para a secretária eletrônica do meu médico, e ele me retornou logo depois. Por fim disse-lhe que não faria o procedimento na manhã seguinte. Ele perguntou se deveríamos remarcar, e respondi que não, simplesmente não o faríamos mais. Após desabar na cama algumas horas depois, nossos filhos dormindo nos próprios quartos, fiquei maravilhada com a maciez e o conforto do colchão. Sonolenta, satisfeita e enfim em paz, coloquei o braço do meu marido ao redor dos meus ombros. “Temos sorte” disse, e ele concordou.



Ser um bebê ou uma criança sempre foi uma experiência relativamente perigosa. Na pré-história, na história e mesmo hoje, não existe período do desenvolvimento humano mais perigoso do que a infância — exceto quando se é um feto. Mesmo nos Estados Unidos industrializado, com tantos cuidados pré-natais, a maioria das concepções não chega a termo. Um estudo de 1988 muito citado descobriu que 31% das gestações clinicamente reconhecidas acabam em abortos espontâneos. Quando se leva em conta as gestações desconhecidas, muitas estatísticas sugerem que mais da metade de todas as gestações “termina de forma espontânea”.

Após o nascimento, as probabilidades estão fortemente a seu favor nos Estados Unidos e, claro, em muitos outros países desenvolvidos. Quase 994 em cada mil bebês nascidos nos Estados Unidos sobrevivem à infância. Contudo, um milhão de bebês ainda morrem no mundo inteiro todos os dias — a maioria devido a complicações decorrentes da prematuridade, de doenças e desnutrição. Os riscos durante a infância eram tremendos em nosso passado histórico não muito distante e desconcertantes em nossa pré-história evolucionária, e assim permanecem para muitos povos tradicionais. Por exemplo, 43% das crianças que vivem em grupos de caçadores-coletores “intocados” morrem antes de completarem quinze anos. E Sarah Hrdy, de maneira surpreendente, estima que

metade de todas as mulheres !kung san morrem sem filhos — mas não porque nunca deram à luz. Em média, elas têm 3,5 filhos. A matemática devastadora é personificada no caso de Nisa, uma !kung san que foi entrevistada diversas vezes pela antropóloga Marjorie Shostak na década de 1970: Nisa sofrera dois abortos, dera à luz quatro crianças, perdera duas antes de chegarem à adolescência e depois perdera as outras duas antes de se tornarem adultas.

Se a infância é perigosa, como a maternidade poderia não ser assustadora devido à sua contingência delicada? Mesmo hoje, em um contexto em que se pode esquecer que ser criança é, ou mesmo foi, perigoso e que ser mãe é uma loteria, para mim começava a parecer que nunca poderíamos *de fato* esquecer — enquanto eu observava as mães ansiosas e a mim mesma pegando e deixando crianças na escola, acarinhando-as e perdendo a paciência com elas.

Comecei a suspeitar — conforme segurávamos a respiração nos parquinhos e procurávamos, com cautela, marcos no desenvolvimento da turminha e aliviávamos a tensão nas noitadas só de mulheres — que existe dentro de nós uma verdade profunda, uma calamidade coletiva inescapável moldando nossa maternidade: desde sempre, perdemos nossos bebês tanto quanto os mantemos. Enterrar nossos bebês faz parte de nossa experiência de maternidade herdada, profunda e fundamental, assim como segurá-los e amamentá-los. O consolo a nós mesmas e às outras pela perda de um filho muito possivelmente está presente, dentro de nós, cada vez que consolamos nossos filhos quando esfolam o joelho. Em meus anos no lugar mais ostensivamente seguro de todos, o Upper East Side, acabei me convencendo de que, como é o caso com tantas outras pressões que contribuem para fazer de nós quem somos, tantas outras realidades que formam o pano de fundo mutante e variável contra o qual nos tornamos mães, o software da perda materna está, e deve estar, ainda presente. E, em algum nível, o mais profundo, ele não deve determinar cada decisão e escolha que fazemos com relação a nossos filhos? Não estamos todas pensando nisso o tempo inteiro, mesmo quando não percebemos que estamos, justamente como fez Candace?

Os psicólogos evolucionistas que buscam entender o impacto da perda nas mães e em nossa espécie como um todo definem a questão da seguinte maneira:

A morte de crianças desempenhou um papel importante na evolução humana. De todos os estágios de desenvolvimento, e em todos os tempos históricos além da história moderna, a infância tem sido associada às mais altas taxas de mortalidade. Em comparação a outras pressões evolucionárias, tais como sobreviver quando adulto ou encontrar um parceiro e ter filhos, as chances de fracasso em contribuir diretamente para nossa linhagem genética são maiores na infância. A enorme e potencial pressão evolucionária exercida pela mortalidade infantil deve ter influenciado de forma significativa as adaptações psicológicas humanas. Apesar dessa influência potencial, a mortalidade infantil talvez seja uma das influências menos estudadas na psicologia evolutiva humana. (Volk e Atkinson, 2008)

Em um lugar como Manhattan, em uma tribo tão privilegiada como a que estudei, o impacto de uma tragédia é estranhamente duplicado. Primeiro se é agredido pelo fato em si e depois por outra dor persistente — a certeza de que não se está nem protegido nem seguro, apesar de todas as tentativas de garantir isso. Você se planeja. Você memoriza o telefone do pediatra. Sua casa tem uma apólice de seguro detalhada e está organizada com esmero — pelo amor de Deus, você tem um organizador profissional a 200 dólares por hora para arrumar o caos e manter a incerteza sob controle. E mesmo assim. Quando procurei saber, descobri que quase toda mãe que eu conhecia, ou sua irmã, ou sua melhor amiga, tinha perdido um filho de maneiras que são quase inenarráveis. Com duas ou doze semanas de gravidez. Com 39 semanas, o cordão umbilical enrolado no pescoço do bebê, uma videira matando uma flor. O recém-nascido sufocado pela babá que, dormindo, rolou sobre ele durante a noite. A criança de dois anos que caiu no parquinho — uma queda pequena, nada de mais, ela nem parecia ter batido a cabeça — e

morreu de concussão poucos dias depois. A criança que caiu de uma janela, morrendo em meio ao trânsito, partindo todos os corações da cidade. O bebê de um ano que foi para o melhor hospital da cidade para fazer um procedimento simples e rápido e nunca mais voltou para casa. Três meninas engolidas por um incêndio. A ferocidade do fogo, da perda. Aqui. Bem aqui. Em nosso mundo. No Upper East Side, um lugar que parece seguro, um lugar onde qualquer coisa é possível, até não ser mais.



Tive muitos enjoos durante a gravidez, enjoiei como nunca, mas ninguém ficou alarmado com isso. Eu vomitava todos os dias, mas isso também acontecera nas outras gestações. Eu vomitava assim que acordava, depois quando escovava os dentes e mais tarde quando levava meu filho para a escola. Vomitava no meio de uma conversa com as mães na saída da escola e ao telefone. Vomitava em sacolas dentro de táxis. Considerei isso um sinal de que o bebê estava bem, já que essa é a interpretação da maioria dos obstetras. No entanto, ficar enjoada e exausta todos os dias trouxe consequências, e me senti mal por não conseguir brincar com meu caçula como ele gostaria. “Vamos fingir que a mamãe é uma bolha e você é um menininho”, eu dizia, deitando no chão do quarto dele. Ele pegava todos os brinquedos e brincava à minha volta. Mais adiante na gravidez, ele passou a dar uns tapinhas em meus seios e na barriga, sorrindo. “Engraçado”, balbuciou ele um dia pela chupeta.

Perdi peso, mas isso também aconteceu na última gravidez, e o bebê estava progredindo bem, passando com louvor por todos os testes genéticos, de medidas e amniocentese. Quando descobrimos que era uma menina, ficamos deslumbrados — *Não temos nenhuma menina! Só temos meninos!*, queríamos contar a quem quer que controlasse essas coisas —, e foi então que meu marido, que se mostrara ambivalente sobre começar tudo de novo após os

cinquenta anos, mudou de ideia. Às vezes, ele dizia, animado: “Vamos ter um bebê!”

Esse bebê, de certa forma, era um fardo, reivindicando nosso espaço, roubando o berço do mais velho, exigindo o pagamento de uma escola particular, uma faculdade e uma reforma, além de mais quatro ou cinco anos de babá em tempo integral. Foi por isso que senti, até o último segundo possível, que não havia jeito de ter esse bebê. Mas agora, quanto mais nos preparávamos para recebê-la, mais animados ficávamos de ter uma bebê por quem planejar. Nós nos preparamos, conspiramos e dormimos tranquilamente. Decidi que ela teria meu sobrenome, e meu marido, que começara discussões terríveis sobre isso quando engravidei dos meninos, concordou sem fazer qualquer objeção. Decidi também, sem contar ao meu marido, que queria que ela se chamasse Daphne. Como eu não me renderia a ela, a esse bebê que tanto queria nascer? Como eu não lhe daria um nome?



Ninguém pensa na cidade de Nova York como um lugar repleto de natureza, mas ela é. Havia muitas árvores em nosso quarteirão, e uma entrada arborizada para o Central Park não muito longe. No início das manhãs de verão, as aves não cantavam — elas guinchavam. Eu as ouvi antes mesmo de sair do elevador e passar pelo saguão do nosso prédio, a caminho do meu obstetra logo cedo naquele dia chuvoso. Eu telefonara para ele na tarde anterior para contar que talvez estivesse sangrando, era difícil ter certeza ao olhar para a calcinha preta, mas, quando passei um lenço de papel, ele ficou rosa-claro, não vermelho, então estava tudo bem, não é? Com a voz séria, o meu médico me disse para deitar — com base naquele tom, entendi que era para deitar *mesmo*, e não para adotar aquele semideitar maternal em que se fica levantando para ler uma historinha para as crianças ou preparar o jantar —, beber água e ligar para ele em seguida. Depois, liguei para meu marido, que

disse: “Você costuma sangrar quando está grávida. Sempre sangrou. É o que o seu corpo faz.” Concordei com um suspiro, mencionando que meu médico parecia estar preocupado, mas que tudo ficaria bem. Ele foi a um evento de trabalho, após a babá concordar em ficar até mais tarde. “Provavelmente, não é nada”, falei para ela.

Quando liguei para o meu obstetra como me pedira, ele me disse para beber mais água e ficar bem quieta até chegar ao seu consultório no dia seguinte bem de manhã.

Agora, o porteiro escancarava as portas do saguão e o som das aves era quase opressor, a maioria delas gaios-azuis com seus gritos urgentes que não pareciam ser de uma ave, e saímos primeiro para debaixo do toldo e depois na chuva em direção ao táxi executivo que nos esperava. Foi quando meu marido, que nunca fora do tipo grosseiro, questionou: “Não tem guarda-chuva?” Os porteiros do nosso prédio costumavam levar os moradores até seus carros sob a proteção de um guarda-chuva quando chovia. Dessa forma, você experimenta um conforto constante, de porta a porta. Mas a chuva não estava forte — ainda não — e o nosso porteiro deu de ombros com uma risada, como eu. Então, entrei no carro e deitei no banco de trás com a cabeça no colo do meu marido, que disse: “Qual é o problema das pessoas?” Ele olhou pela janela enquanto passávamos pelo parque. Silencioso, desolado e cinza por causa da chuva, não era o parque energizado, lotado e insípido dos fins de semana ensolarados, mas o parque que eu adorava, mais vazio, quieto e pensativo. Meu marido balançou a cabeça. “Ele devia ter aberto a porra de um guarda-chuva. Meu terno está ensopado.”



“O que você está vendo?”, perguntei ao médico. Não estava nervosa. Já tinham me dito antes para ficar de repouso por ser bem provável que eu tivesse sofrido um aborto espontâneo — a última vez um ano e meio atrás, lembrava agora, com os pés pressionando os paninhos da Minnie Mouse, ou seja lá o que eram, que cobriam os estribos, e

tudo tinha acabado *bem*. Lily, a mãe mais calma que eu conhecia, tinha trocado e-mails longos e tranquilizadores comigo por dias e falado comigo ao telefone por horas enquanto eu chorava. Fiquei de repouso, e contratamos uma auxiliar de enfermagem que fazia sudoku e preparava macarrão à bolonhesa para mim. Assisti a *The Real Housewives of Orange County*. Descrevi cada episódio, com riqueza de detalhes, a Lily e Candace, e elas ouviam, riam e me animavam. Tudo ia *bem*, assim como se deu com todos os outros problemas: a vez que comecei a sangrar vermelho vivo em minha primeira gestação e o médico disse que as chances eram de 50%; a vez, durante o parto do meu primogênito, que a enfermeira, observando os sinais vitais instáveis do bebê durante o trabalho de parto absurdamente longo, exclamou para o médico: “Este bebê está indo e vindo, e não gosto disso!”; os problemas com a ex-mulher do meu marido e as filhas dele enquanto tentávamos começar nossa vida juntos; os dramas e desastres que pareciam nunca terminar. Tudo sempre acabava bem.

“Você não vai querer saber”, respondeu o médico, que suspirou debaixo do pano rosa, dobrado com cuidado sobre a parte de baixo do meu corpo. Em seguida, ele empurrou para trás a cadeira de rodinhas até onde eu poderia vê-lo, e, quando fui me apoiar no cotovelo para conversar, ele disse com muita calma: “Deite.”

É estranho receber uma má notícia deitada. A menos que a pessoa se debruce sobre você ou você feche os olhos, fica simplesmente fitando o teto e ouvindo. E depois, dependendo da gravidade da má notícia, você pode sentir o que eu antes pensara ser um clichê ou um artifício dramático — pode se pegar olhando para baixo, para o próprio corpo. Uma voz estava dizendo “membranas protuberantes”, “incompetência cervical” e “o pé dela está meio que saindo da sua pélvis”, e eu me perguntava *Como cheguei aqui em cima, e quem é aquela mulher ali embaixo que parece tão triste?* Era como se todo o seu rosto estivesse chorando — contorcido, vermelho, se desmanchando. As raízes de seus cabelos também estavam horrorosas.

Quando meu marido pegou minha mão, voltei ao meu corpo. Foi uma sensação dolorosa, como bater com o cotovelo, só que o corpo

inteiro é o cotovelo, e me senti tonta e arrasada ao perguntar, com a voz grasnada e incrédula: “O quê?” Então, vi o rosto do meu obstetra quando ele disse com simplicidade e uma tranquilidade forçada: “Essas coisas em geral não terminam bem.” Ele parecia pálido e cansado. Notei então que eu estava apertando as mãos, mas a sensação era de estar ao mesmo tempo procurando algo e estar esfregando-as para me livrar desse algo; e me forcei a parar.

“Então, você acha que vou perder o bebê?” Nesse momento, eu me sentia quase serena. Isso era o pior da notícia? Tudo bem. Ele ia dizer algo pior? Eu duvidava. No início não tínhamos certeza se queríamos essa bebê e decidimos no último minuto que a desejávamos, e agora talvez não a tivéssemos. Mas teríamos. Não teríamos? Tudo acabaria bem. Ele mencionou uma cerclagem, pela qual se dá um pequeno ponto ou dois para manter o colo do útero fechado. Eu disse que sabia o que era, contei que já tinha escrito um artigo sobre o tema para uma revista feminina. O procedimento impediria que uma entrevistada entrasse em trabalho de parto prematuro, depois ela ficou pendurada de cabeça para baixo por algumas semanas e tudo acabou *bem*.

Aquilo deve ter parecido só um balbúcio para o meu médico, que assentiu e repetiu que estava me mandando para o hospital naquele instante.

“Você quer dizer agora mesmo?” Ele confirmou. Meu marido, apertando minha mão, quis saber quanto tempo eu ficaria internada. “Bem...” Hoje, presumo que meu obstetra tentava ganhar tempo; depois ele disse, devagar e com precisão: “Realmente depende. Pode ser por bastante tempo. Ou não.” Prosseguiu contando que havia um médico no hospital especializado em casos de alto risco, mencionou seu nome — eu tagarelei: ah, sim, eu adorava esse médico, ele fizera minha amnio nas três gestações, era maravilhoso — e disse que ele talvez tivesse alguma outra ideia. Então vá. “Agora mesmo?”, indaguei de novo, ciente de que perguntara isso antes, mas incapaz de lembrar a resposta. Ele respondeu que sim sem sorrir. Preparei-me e ele elogiou os meus sapatos. Disse-lhe que eram sapatilhas plásticas, próprias para dias de chuva, e que as garotas se divertem muito mais do que os homens.



Quando dei entrada no hospital, perguntei a uma residente por que eles não elevaram os pés da minha cama. Por que eu estava deitada reta? Não era para manter o bebê lá dentro? Ela sorriu. “Você realmente acha que é uma boa ideia passar as próximas dezoito ou vinte semanas com os pés para cima? Pense bem.” Eu a encarei, ela sorria para mim como se compartilhássemos um segredo, como se soubéssemos as mesmas coisas. Assenti confusa; parecia que meu impulso para concordar não fora afetado pela percepção de que muito possivelmente eu estava concordando com uma tragédia. Por um momento, entendi o que ela dizia, observei e então desviei os olhos.

Que diabo ela *achava* que eu pensei? Pensei que haveria uma maneira de melhorar aquela situação. Eu aguardava a consulta com o obstetra especializado em gestações de alto risco que tinha feito minha amnio todas as vezes, aquele que era tão jovem, bonito e inteligente que todas as mães e grávidas o chamavam de Doogie Howser pelas costas. Ele era capaz de dar um jeito em tudo, e daria.

Eles fariam uma ultrassonografia mais tarde, horas e horas mais tarde, por isso meu marido poderia dar uma passada em casa. Fiz uma lista de coisas que queria que ele trouxesse para mim quando voltasse naquela tarde, o que incluía maquiagem e itens de higiene pessoal, uma coletânea de ensaios acadêmicos sobre mulheres e agressão e um romance de Henry James que eu já tinha lido quatro ou cinco vezes. E eu queria uma foto dos meus filhos. Olhar para o rosto deles seria como ler Henry James de novo e de novo — eu sabia como terminava, mas era tranquilizador, apesar da dificuldade e às vezes da dor, delinear aqueles mesmos contornos familiares repetidas vezes com os olhos e com a mente. Alguém me trouxe uma gelatina de um verde horrivelmente vívido. Agradei-lhe e pedi que fosse retirada. Com um sorriso compreensivo, ela a levou embora. Mais tarde, outra médica veio e me perguntou como eu estava e o que eu fazia. Quando contei que era escritora e pesquisadora, ela disse: “Não pesquise isso, por favor. Você vai

enlouquecer.” Prometi que não faria e depois comecei a chorar; ela então me disse algumas palavras carinhosas, como todas costumavam fazer. Apontando para a foto dos meus filhos que eu colara perto da cama (o mais velho rindo enquanto o irmão bebê berrava, talvez por estar levando um beliscão escondido da câmera ou talvez sem razão específica), eu lhe disse que já tinha dois filhos. Comentei que, se não fosse por eles, não sei se conseguiria suportar aquilo. Então, podia ser pior. Ela olhou para mim por um instante e disse: “Podia ser pior, mas também podia ser melhor.” E ela estava certa.



— Aqui está o bebê, estes são os batimentos cardíacos dele — explicou a técnica de ultrassonografia, incapaz de fazer contato visual comigo. Depois, ela saiu da sala, deixando a prancheta e os óculos.

— Vou ser franco com você — alertou o dr. Doogie Howser ao entrar, olhando para o ultrassom projetado na parede. A silhueta da minha linda bebê, flutuando em seu mundo granulado e sombreado de cinza, o mundo misterioso do não saber, do desconhecido, o som dos seus batimentos cardíacos tocando alto, suaves, tranquilizantes, como algo que nunca irá parar.

— Tudo bem — respondi. Tudo acabaria bem.

Ele começou a falar depressa, como quem quer terminar logo, e foi nessa qualidade que reparei antes de ouvir ou entender de fato as palavras. A verdade era que Daphne estava condenada. Não havia saída. Bem, havia medidas extraordinárias, mas a probabilidade de que a salvassem era dolorosa e nauseantemente pequena. E o risco para mim era imenso: infecção, pressão alta, morte. Daphne estava morrendo dentro de mim, simplesmente prematura e frágil demais para sobreviver do lado de fora, mesmo em um dos melhores hospitais neonatais do mundo. A voz dele prosseguiu, calma e rápida, urgente e firme, uma voz equilibrada

mesmo ao dizer coisas ilógicas, insanas e impossíveis. *Não haverá um bebê. Ela não estava de fato dando tchauzinho para você naquele ultrassom da semana passada. Você não a queria e depois mudou de ideia, e agora não pode tê-la.*

Eu disse *Não*, querendo interrompê-lo, pretendendo dizer *Não, espera, e se* e levá-lo por outro caminho de entendimento da situação, guiá-lo para a parte da sala, da frase ou da ideia em que Daphne estava bem e tudo estava bem, para o lugar em que as coisas quebradas podiam ser salvas e recompostas. Mas devo ter gritado, porque a médica ao seu lado disse “Oh, meu Deus” muito baixo e cobriu o rosto com as mãos. Depois ela se esticou para acender a luz. A sala ficou clara e antisséptica, e não havia como esconder nada. Não havia mais sombras granuladas e lindas, nenhum bebê de Rorschach para ver, para ser ninado, para seguir para outro lugar.

O médico disse que algumas mulheres preferiam ter o parto induzido e parir o feto inviável, já outras preferiam “deixar a natureza fazer seu trabalho” e expelir o feto...

— Elas são *loucas*?! — disse a ninguém em particular, interrompendo-o. Contudo, pelo visto Doogie Howser achou que eu realmente queria uma resposta, então respondeu:

— Bem, algumas mulheres descobrem que, para terem uma sensação de conclusão, querem passar pelo processo e ver o...

Interrompi-o mais uma vez:

— Qual é o tamanho dela?

— Nós não sabemos ao certo...

Mas naquele momento eu precisava saber com urgência e praticamente uivei:

— Qual é o tamanho dela? *Diga quanto ela pesa!*

Então ele fez uma estimativa, e comecei a chorar de novo, mas era uma decisão fácil agora que eu sabia. Ela era alguém para mim, e eu não podia esperar e deixá-la desvanecer até sumir por completo; não podia ser um adeus lento e gradual para o meu bebê. Percebia agora que os olhos do meu marido estavam fechados, e ele os manteve assim durante um longo tempo enquanto eu o observava. Daphne chutava muito agora, e, quando olhei para baixo,

percebi o quanto eu parecia absurda e extraordinariamente grávida para alguém com apenas seis meses de gestação. Por eu ser pequena e ela ser meu terceiro bebê, minha barriga cresceu logo e a gravidez parecia muito mais adiantada. Naquele momento, era insuportável contemplar o imenso nada que se abria no ponto exato em que houvera um corpo que mudou e cresceu; planos, um quarto recém-decorado, um bebê.

O médico me alertou que deixar a natureza fazer o seu trabalho talvez demorasse alguns dias, e agora eu sabia o que as pessoas queriam dizer quando escreviam ou falavam que se sentiam encurraladas “como um animal selvagem”. Eu estava presa em uma armadilha, agachada em um ponto que ficava cada vez menor e usei minhas palavras para tentar me libertar, mas era difícil falar — as palavras saíam como sopros e respirações profundas, e eu estava irritada comigo mesma por isso.

— Ela não está sofrendo — dizia Doogie Howser agora — e você não fez nada de errado.

— Como você sabe? Como você sabe que não foi culpa minha? — perguntei a ele, que franziu o cenho, fechou os olhos por um instante e, em seguida, os abriu e respondeu:

— Porque sei. Simplesmente sei que não foi sua culpa.

Parecia que algo atravessara sua expressão quando disse isso — de repente, ele era uma pessoa falando com outra pessoa, tentando trazê-la de volta para o mundo.



Fiquei sozinha no hospital na noite anterior à cirurgia, insisti que meu marido tinha que ir para casa e ficar com as crianças. Por estar na maternidade do hospital, ouvi bebês chorando enquanto dormia. Fiquei revirando de um lado para o outro na cama, dando-me conta de que estava no hospital em que dera à luz meus filhos, pensando que precisava pegar o meu bebê, que era a minha menininha que choramingava ali perto.

O dr. Doogie Howser era quem faria a cirurgia, e ele chegou no dia seguinte de manhã para me dizer, um pouco envergonhado, que ela estava marcada para as três da tarde. Disse que lamentava o atraso e em seguida olhou para o que eu estava lendo e conversamos um pouco sobre Henry James. Depois esperei, primeiro sozinha, então com meu marido, conversando e sem fazer nada. Não conseguia comer, mas também não queria. Daphne chutava tanto, estava tão agitada, que era possível ver seus movimentos através da minha camisola. Os médicos explicaram que isso tinha a ver com o vazamento do líquido amniótico. Para mim, aquilo soou muito como se ela estivesse sufocando. Eu ficava pedindo desculpas a ela, em minha mente e em voz alta, e prometendo que não demoraria muito mais. Em dado momento, virei-me para meu marido e disse: “Tivemos bons momentos.” É o que sempre lhe digo quando passamos por algo terrível, e ele sorriu.

Achei que estava bem quando eles me levaram para a sala de cirurgia, que realmente parece tão dramática quanto nos programas de televisão, quando mostram aquelas tomadas da perspectiva de quem é levado na maca. Eu estava bem até entrarmos ali, um lugar muito quieto e triste, com muita luz e pessoas vestidas com aventais, máscaras verdes e toucas de banho. Elas me transferiram da maca para a mesa de operações — é assim que se chama? — e Daphne se agitou e chutou. Apesar de ou por eles terem me dito que isso se devia ao fato de quase todo o líquido amniótico ter vazado e ela não poder sobreviver, tudo pareceu tão patético que eu disse algo como *Por favor, andem logo, não aguento mais, ela está chutando muito*. Vi que uma enfermeira estava chorando — ela usava uma máscara cirúrgica rosa —, e então Doogie Howser segurou minha mão e falou comigo. Ele me perguntou se eu tinha algo surpreendente, como piercings, sobre o qual ele deveria saber, e eu ri e conversamos sobre todas as surpresas desse tipo que ele tivera. Ele continuou segurando a minha mão por um longo tempo, o que foi ao mesmo tempo estranho e tranquilizador, quase como um namorico, mas um com alguém prestes a realizar um procedimento cirúrgico na sua bebê que está morrendo, por ela não ter qualquer chance de vingar e você não suportar a espera para colocá-la para

fora. Perguntei à anestesista o que ela ia me dar, e ela respondeu: “Algo para fazer você dormir.” Doogie Howser, mostrando irritação, disse: “Acho que você não tem noção de com que estamos lidando. Diga a ela *exatamente* o que vamos dar e a quantidade *exata*.” Ela falou — era algum tipo de benzodiazepina —, e me lembro de dizer que queria a dose máxima para apagar por completo, mas sem correr o risco de morrer. À medida que adormecia, consegui dizer que queria linhas novas; eu tinha filhos e só me faltava morrer de alguma infecção estúpida e evitável.



Mais tarde meu obstetra estava lá com meu marido; conversamos e depois o dr. Doogie Howser chegou, provavelmente para saber como eu estava. Ele nos cumprimentou e perguntou:

— Você se lembra do que falamos após a cirurgia, quando você estava acordando?

Esubugalhei os olhos, sentindo-me alarmada, pensando, procurando por alguma lembrança. Não fazia ideia do que ele estava falando.

— É algo que não podemos repetir na frente do meu marido? — arrisquei, e todos riram, exceto Doogie Howser. Por fim, ele saiu da sala e fiquei tentando descobrir o que diabo teria dito. *O que eu disse?* Até hoje penso no que poderia ser; até hoje minha resposta para a perda de Daphne é imaginar o que diabo eu falei para o dr. Doogie Howser no momento em que emergia da escuridão. A preocupação ansiosa e perturbadora é um cordão negro que me conecta a ele, e a ela.

Os médicos todos diziam “a gravidez” e “o feto” quando discutíamos o que estava acontecendo e tudo o que não podia ser feito. O feto não podia ser salvo. Os médicos não podiam tomar qualquer providência para evitar sua morte. Não poderia ser revertido ou contornado ou evitado. O feto não era viável. Então, a assistente social que surgiu depois da “cirurgia” chamou-a de “o

bebê". É de se supor que essa mudança semântica, aguda e repentina, fosse intencional. Desligue a mãe que existe em seu cérebro para que possa fazer o procedimento. Ligue a mãe em seu cérebro, agora que ela está morta e descartada, para que possa viver o luto. Assim como sempre fizemos pela eternidade em que perdemos nossos bebês. A assistente social quis saber se eu desejava um funeral, e respondi que não. Doogie Howser já tinha perguntado isso e me disse que, se não quiséssemos, ela teria um "funeral de hospital", explicando que basicamente seria descartada como lixo hospitalar. "O que ela não é", acrescentou ele depressa, no que retruquei: "Bem, talvez seja", uma vez que não pudemos doar qualquer célula-tronco ou usar os tecidos de qualquer outra maneira. Agora a assistente social queria saber se eu queria uma caixa de lembranças. Explicou que a caixa continha um boné de bebê, o atestado de óbito e uma mãozinha e um pezinho impressos. Acho que fiz uma careta, sentindo que aquilo era, de certa forma, cruel e ridículo. Pensei no que eu poderia fazer com a tal caixa. Enfiá-la em um lugar escuro do armário? Colocá-la em um depósito? O quê? Conversamos sobre como eu me sentia alvo de uma grande injustiça — quem perde um bebê aos seis meses de gravidez? Você se sente segura após as doze semanas; quem podia esperar? E *por quê?* —, e ela mencionou que todas as mulheres naquela ala do hospital tinham perdido seus bebês durante o segundo ou o terceiro trimestre. *Uma ala inteira para nós*, pensei. Algo para me fazer sentir bem.



A maternidade é moldada tanto pela esfera da morte tanto quanto pela esfera dos vivos. Ninguém me avisou disso. Nem os pediatras, nem as revistas otimistas, como *New Mom!* e *Fit Pregnancy*. Mas, quando me voltei para a antropologia, para os livros que já estavam em minha estante e os que comprei nos meses após perder Daphne na tentativa de entender, vi esse imenso e verdadeiro segredo

esgarçado, mas nunca rompido, que remontava ao que pareciam ser milênios. As perdas de Nisa me ajudaram a entender a minha. E então aprendi algo mais, a lição óbvia que nunca me ocorrera antes: quando um bebê ou uma criança morre, o mundo para. De uma maneira pequena, porém muito real, uma maneira que não pode ser desfeita ou negada, o mundo acaba. E depois, aos poucos, ao longo das semanas, meses e anos, é trabalho de todos que adoravam aquele bebê ou criança, que já amaram *qualquer* bebê ou criança, refazer o mundo, fazê-lo recomeçar. E então, mais uma vez, outro trabalho, mais esforço para de alguma forma descobrir um jeito de viver em um mundo em que algo assim pode acontecer. De viver com o gosto amargo e a injustiça do dia a dia, a sensação vazia e angustiante de ter sido virada do avesso, de estar desprotegida. A necessidade alucinada, porém lógica e urgente, de esconder o mais novo que ficou, o medo obsessivo de que agora ele ou ela será atropelado, se afogará em uma piscina ou, de algum modo, de algum jeito, será extinto. Dia após dia, semana após semana, eu pensava: há quanto tempo as mulheres se sentiam dessa forma, tinham conhecido essa sensação, esquecido e lembrado? Estava dentro de nós, eu sabia.

Quando a filha de três anos de Lily morreu — de maneira inesperada e rápida, basicamente por causa de uma gripe —, choramos e caímos no chão, todas nós que a amávamos, todas nós que amávamos nossos próprios filhos, todas que souberam. Partindo de Lily, o impacto chegou primeiro a nós, suas amigas. E de nós se espalhou para todas as nossas amigas mais próximas, para todas as amigas delas e depois para toda mulher e homem com um filho em uma pré-escola de Manhattan. Estávamos em estado de choque, com rostos pálidos, vozes embargadas e olhos vermelhos quando levávamos nossos filhos para escola e conversávamos nos corredores, durante um café e ao telefone. Choramos e choramos. Ainda estamos chorando. Mesmo aquelas que só conheciam alguém que conhecia alguém que conhecia alguém que a conhecia. *Não*. Como isso pôde acontecer? Não pode ser. O que exatamente aconteceu? Por quê? O que a mãe dela vai fazer?

Flora tinha três anos e nove meses. Seu cabelo era fino e louro, seus olhos, imensos e azuis. Ela criava caso na hora de comer e não gostava que ninguém tocasse sua cabeça. Adorava cozinhar, ir à escola e ao balé. Estava começando a se tornar ela mesma. Certa noite, cerca de uma semana antes de seu colapso, ela e a irmã foram à minha casa brincar com meus filhos e, enquanto eu me arrumava para sair com Lily e meu marido, ouvi um toque muito leve na porta, e lá estava Flora, com um presente embrulhado em papel fino branco com um laço dourado. *Isso é para você*, disse envergonhada, sorrindo, olhando para o chão e depois arriscando, por um momento, olhar diretamente em meus olhos. Ajoelhei e a beijei. “Obrigada, Flora”, agradei. Ela tinha caminhado lá de longe, por todo o corredor do nosso apartamento, afastando-se da mãe, da irmã mais velha, das outras crianças e da sala quente e clara com a televisão que exibia *The Cat in the Hat* para ir até onde eu estava. Ela me ajudou a abrir o presente — uma saia que Lily tinha feito — e depois voltou pelo corredor, sozinha. Mais tarde, contei essa história a Lily, que soluçou, dizendo: “Ela estava ficando tão corajosa. Estava fazendo mais coisas desse tipo.”

Ela esteve aqui, e depois se foi. A mente entende isso em partes, as menores partes. Não compreende o *Ela se foi*, mas sim o *Ela nunca mais vai vestir aquele suéter minúsculo com flores amarelas ou aquelas galochas cor-de-rosa*. O armário dela na escola, o que guardava sua mochila rosa e tudo o que fizera de arte naquela semana, é esvaziado. Estou segurando seu guarda-chuva de princesa e ela não vai, não pode, usá-lo novamente. Quanto tempo? Quanto tempo levaria para juntar os pedaços em um todo e absorvê-lo, a perda dela, a verdade de que ela se foi?

As mães de babuínos-geladas, chimpanzés e gorilas-das-montanhas têm sido observadas carregando, abraçando e cuidando dos corpos de seus filhotes mortos. Muitas vezes, elas fazem isso por tanto tempo que os restos mortais de seus bebês ficam mumificados. Nos casos dos chimpanzés e dos babuínos-geladas, as mães carregam os cadáveres de sua prole de modos muito atípicos — pelos membros, com uma das patas, ou pela boca —, sugerindo que, mesmo enquanto cuidam deles com delicadeza, sabem que

seus bebês não existem mais. Eu me sentia conectada a elas sempre que pensava naquilo, como um animal, arrastando meu coração partido, minha esperança iludida e meu instinto para cima e para baixo das avenidas, e suspeitava que Lily fazia isso também. Não se pode comparar a perda de uma criança, uma pessoinha que você conheceu e amou por quase quatro anos, com a perda de um bebê que nunca chegamos a conhecer. Tomei cuidado para não fazer essa comparação. No entanto, Lily, por vezes, dizia: “Sinto que você me entende porque algo terrível aconteceu com você.” Com todas nós. Porém, muito mais, da maneira mais terrível possível, com Lily. Com Nisa. Com tantas outras, escolhidas para sentirem uma tristeza singular, universal, comum, impressionantemente insuportável.



Levou muito tempo para perceber, para de fato entender, que eu não estava mais grávida. Certo dia, juntei todas as roupas para a maternidade e o período pós-parto — as blusas, sutiãs e suéteres macios, com fendas esquisitas para amamentar — e as enfiei em uma sacola, que coloquei na área de serviço, o lugar para lixo, reciclagem e também de coisas a serem passadas adiante, no ciclo de dono-para-porteiro-para-família-do-porteiro-ou-igreja característico dos edifícios daqui. *Pronto*, pensei.

Foi então que um tipo de nevoeiro desceu sobre mim, e eu nunca conseguia me lembrar onde estavam minhas chaves, respondia e-mails quatro vezes e ficava irritada. Ficava irritada comigo mesma por colocar minha carteira fora do lugar habitual e jogar meus sapatos na lata de lixo depois de tê-los tirado, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Ficava irritada ao perceber que esquecera o celular na geladeira. Ficava irritada com meu médico por ele não entender que eu tinha Alzheimer. O que mais poderia explicar essa incapacidade para lembrar o que eu tinha dito e feito e onde tinha estado e o que tinha prometido? Eu sentia frio o tempo inteiro. Meu filho mais velho fez um desenho que encontrei em seu quarto: duas

figuras-palito, uma com uma barriga imensa carregando um corpo minúsculo com Xs em vez de olhos; a outra com uma caixa da qual saíam linhas. *O que é isso?*, perguntei, e meu filho respondeu: “É quando o bebê morreu. Esse é o médico e a máquina dele.” Ele escreveu cartas, uma para Daphne e outra para Flora. *Sou feliz por você ser minha irmãzinha, mesmo você tendo morrido*, escreveu para Daphne. A carta para Flora terminava com *Sinto saudades de você, por favor entre em contato se puder*.

Parecia que estávamos isolados, porém juntos, nossa pequena família, em nossa tristeza. Meu marido não entendia a profundidade de minha angústia e raiva — como poderia? — e, nos piores dias, eu sentia que havia um muro até mesmo entre mim e ele, como se ele fosse alguém que apenas aparecia e desaparecia contra o pano de fundo da minha perda. Tentei trabalhar, achando que escrever ajudaria, mas minha mente não era confiável e me desobedecia. Eu não conseguia me lembrar de certas palavras — algumas que qualquer um pode esquecer, como *efêmero*, mas também palavras como *que* e *também*. Eu ligava para Candace ou para o meu amigo Jeff, o professor de inglês, e pedia que me falassem o que eu queria dizer, o que estava tentando dizer. Eles tentavam me ajudar a superar a desorientação e a amargura, uma palavra de cada vez.

Às vezes, o mundo fora da nossa casa parecia estar refluindo. As coisas que antes eram importantes para mim ou nas quais focava — não apenas o meu trabalho, mas também o trabalho de encontrar um lugar para mim e para meus filhos em um mundo que passara de completamente estranho e hostil a familiar e quase normal — pareciam ridículas para mim agora, distorcidas e refletidas pelas lentes da perda. De que adiantava? Quem se importava com mais um livro? Quem se importava se meu filho tinha sido convidado para uma festa de aniversário ou excluído de um *playdate*? Por que cheguei a dar tamanha importância para tudo aquilo? Eu estava vulnerável e ferida, mas tinha certeza de que agora não tinha paciência para os joguinhos mais tacanhos da maternidade em Manhattan. Achava que, se alguém me desse um olhar de desprezo ou dissesse ou fizesse algo cruel com meu filho, eu daria a essa pessoa uma lição, a pegaria ao anoitecer, jogaria em sua cara coisas

que importavam de verdade. Estava doida para que a Rainha das Abelhas-Rainhas — que, segundo diziam, nos corredores da escola tinha recentemente agarrado e virado a gola do casaco de outra mãe que se recusara a dizer onde o tinha comprado para, em seguida, ridicularizá-la com a afirmação de que era “barato”— se aproximasse de mim. Creio que, felizmente para nós duas, isso não aconteceu.

Mas outra coisa aconteceu. Todos os dias, sem exceção, ouvia de algumas das mães que conhecia da escola do meu filho ou do grupo de brincadeiras. “A amnio dava sempre igual, mas continuamos esperando, torcendo. Então, a gravidez estava *realmente* muito adiantada quando... você sabe”, contou-me uma mulher que me dera a impressão de ser ridiculamente rica, indiferente e vaidosa enquanto tomávamos um café. Então olhou para mim e disse: “Sei como é isso, e sinto muito de verdade.” Eu estava emocionalmente esgotada e cansada, mas ela insistiu que a encontrasse. Não nos conhecíamos bem. Então comecei a chorar — por causa de Daphne e do bebê dela também —, e ela disse: “Vou ajudar você.” Ia mesmo. E ajudou. Ela era parte daquilo, e sabia disso. Todas elas sabiam. De maneira surpreendente e inexplicável, as mães, muitas das quais eu havia descartado por considerá-las antipáticas, autocentradas e superficiais, me mostraram quem eram, me mostraram o que é a maternidade.

Uma a uma, dia após dia, elas entravam em contato comigo. Levaram-me para almoçar, enviaram flores e nos convidaram para suas casas de veraneio. Mandaram e-mails só para dar um oi. Compartilharam comigo suas histórias. “Perdi gêmeos quando estava com 22 semanas. Bem, quer dizer, um nasceu morto e o outro viveu por duas semanas, mas depois morreu. E eu só queria lhe dizer que entendo. Eu entendo.” Outra mulher da escola do meu filho contou como perdera seu bebê na décima nona semana e quase morreu de hemorragia. Ela recebeu várias transfusões de sangue e sonhou com seus outros filhos. Andamos pelo caminho de cavalos do Central Park em nossas roupas de ginástica, e ela me ouvia e eu a ouvia e me indagava quantas outras mulheres no parque ou nos edifícios ao seu redor, e quantas mães em círculos concêntricos maiores na

cidade, no país e no mundo, estavam pensando sobre perdas semelhantes naquele exato momento, enquanto dobrávamos a esquina e víamos o que meu caçula chamava de “árvore torta”, um lugar perfeito para alguém bem pequeno sentar, com o braço de alguém que o amava sustentando-o por trás.

Mulheres me contaram histórias de perda de bebês na semana e no dia em que dariam à luz. Soube que uma mulher que eu considerava incompreensivelmente fria tinha entrado no quarto da filha de seis meses e descoberto que ela estava morta, devido à síndrome da morte súbita infantil. Outra me contou que sua filha morreria, pelo visto do nada, aos oito meses de idade. Contou-me essa história de passagem, como se a minha perda fosse a *verdadeira* questão, e estiquei o braço para tocá-la. “Nunca vai ficar tudo bem, mas vai”, disse ela com um sorriso sentido enquanto estávamos paradas na calçada.

Fiquei ao mesmo tempo envergonhada, confusa e aliviada ao perceber que muitas das outras mães que eu descartara, cuja reserva ou espírito quase tribal tinham me magoado e intimidado, haviam sido desprezadas de forma muito prematura. Várias mulheres que eu julgara maliciosas e irritantes agora não aceitavam qualquer recusa minha. Elas se ofereciam para receber meu filho mais velho para dormir em sua casa ou levá-lo ao cinema. Mandavam-me comidas. E, quando nos convidavam para passar o fim de semana com elas, nós íamos. Comíamos, conversávamos e nadávamos com os nossos filhos e os filhos delas em suas piscinas. Chamamos aquilo de Turnê do Bebê Morto. Achei que minha perda aumentaria o abismo entre mim e elas, mas ela o fechou. Elas também haviam perdido filhos. Brincamos, as outras mães que tinham perdido e eu, que deveríamos encomendar camisetas com os dizeres: “Vomitei por seis meses... e tudo o que consegui foi essa camisa horrorosa.” Eu tinha dias bons, dias ruins e dias muito piores. Contudo, as outras mães, algumas delas empurradoras de calçadas e portadoras de Birkins, as que tinham feito eu sentir que meus filhos e eu éramos párias do *playdate*, não desistiram de mim. Algumas que tinham me maltratado e acossado vieram tomar uma taça de vinho comigo. Elas sentaram, ouviram e mostraram uma

capacidade incrível e impressionante de compreender minha dor e minha raiva, e também de se preocupar comigo. Por semanas, meses e, em alguns casos, por anos.



Uma das maiores mudanças da última década na antropologia, uma das descobertas no campo que mudou tudo, é a constatação de que evoluímos como procriadores cooperativos. Criar os filhos em uma família nuclear é uma novidade, um pontinho na tela da vida familiar humana. Nunca criamos as crianças sozinhas, isoladas e afastadas dos outros ou com apenas uma outra pessoa, o pai delas. Isso é árduo e anômalo, e não é a forma que “deveria” ser. Na verdade, desde sempre, confiamos em outras fêmeas — as integrantes da família e as gentilmente dispostas — para nos ajudar a criar nossa prole. Na maior parte do tempo, vivemos como Nisa — em grupos pequenos e multifamiliares que tomam conta uns dos outros, cuidam uns dos outros e criam os filhos uns dos outros. Ainda se vê isso hoje em dia em partes do Caribe, onde qualquer adulto em uma cidade pequena pode dizer a qualquer criança para obedecer às regras — e assim faz, e a criança obedece. Ou no Havaí, onde tanto pais quanto filhos dependem das relações *hanai* — tias e tios, familiares honorários respeitosos e indispensáveis que têm um interesse genuíno no bem-estar e na educação de uma criança que não pertence à sua família. Os antropólogos hoje chegam a um consenso: não, não foi o fogo, a caça ou a díade heterossexual que nos deu um empurrão; foram as nossas ancestrais *Homo* que seguravam, tomavam conta, cuidavam e até mesmo amamentavam os bebês de outras fêmeas. *Essa* é, em grande parte, a razão pela qual o *Homo sapiens* prosperou e ainda prospera, enquanto outros homínídeos e pré-homínídeos da antiguidade pereceram. Essa história de interdependência compartilhada, de servir e cuidar, talvez explique a capacidade única das mulheres de manter amizades profundas com outras mulheres. Temos contado umas com as outras

para cuidar dos filhos, da sanidade e da sobrevivência literalmente desde sempre. A perda do seu filho pesa muito em mim nessa rede de conexões porque ele ou ela é um pedacinho de mim.

Eu sabia disso. Tinha aprendido sobre cuidados cooperativos e amamentação comunal na faculdade e em minhas pesquisas. Tinha analisado e escrito sobre isso. Mas agora eu sentia.

O que aconteceu comigo deve ter sido terrível para as mães que não haviam passado por tal experiência e um lembrete quase insuportável para as que o vivenciaram. Entretanto, elas não paravam de me perguntar como eu estava e não paravam de querer saber. Muitas vezes há concorrência e agressividade impressionantes entre as mães de Manhattan — os duelos de looks e os olhares gelados nos elevadores da escola. Contudo, descobri depois de perder Daphne que também há cooperação e apoio extraordinários quando se trata de cuidar umas das outras — ou seja, cuidar dos filhos umas das outras. Assim como as mães em uma cidade pequena, assim como as mães do passado distante, as mulheres com filhos no Upper East Side formam redes estreitas de relacionamentos que funcionam em parte como apoio emocional e em parte como um sistema suplente de cuidado infantil. Elas não desistiram de mim, porque simplesmente não podiam fazê-lo.

CAPÍTULO OITO

Notas de campo resumidas

Após cerca de seis anos de trabalho de campo no Upper East Side de Manhattan, entre um grupo com cerca de 150 mães de filhos pequenos vivendo em uma área que gira em torno de cem hectares, minha imersão e identificação com a tribo que estudei era total. Nada teria sugerido tal resultado. No início, eu era uma recém-transferida para esse bando específico de primatas de alto status: eu me dispersara de um grupo geográfica e culturalmente distante quando atingi a maturidade sexual, depois vivi no extremo sul da ilha por muitos anos, assimilando as práticas e maneiras de ser que prevaleciam lá, antes de migrar para o hábitat setentrional do bando, um nicho de superabundância, em busca de oportunidades para mim e minha prole. Eu não praticava a religião da tribo que estudei; adotei diversas práticas de uso de adornos, vestuário e banhos ritualísticos até aprender seus costumes, e então me esforcei para resistir a eles; meus padrões de migração voluntária sazonal eram diferentes; e eu tinha menos recursos em termos relativos. Não foi nenhuma surpresa que eu, como tantos outros exemplares recém-chegados do sexo feminino aos grupos de primatas humanos e não humanos pelo mundo, tivesse um status inferior, fosse maltratada e até mesmo assediada pelos membros do bando com status mais elevado (que tinham, em geral, herdado essa condição de seus pais e maridos) por muitos e muitos meses. Às vezes, eu suspeitava que isso duraria para sempre.

Mas o primatólogo Robert Sapolsky e outros observaram, com base em anos de trabalho de campo entre os primatas não humanos, que, embora o status inferior possa criar estresse e o status superior seja herdado e garanta todo tipo de benefício, o prestígio talvez seja mais dinâmico e menos estático entre os primatas do que muitos cientistas de campo acreditaram de início.

Por exemplo, um babuíno de status inferior pode, por meio da construção de coalizões engenhosas (via catação, formação de alianças durante combates, compartilhamento de comida e cuidados com filhotes), criar circunstâncias de vida e resultados agradáveis para ele próprio e para sua prole. Sapolsky, e outros depois dele, sugerem que os betas podem ter níveis de estresse inferiores aos dos alfas nos grupos de primatas não humanos. A vida talvez seja melhor quando não se está no topo, se defendendo o tempo todo da inveja e das tentativas de golpe.

Embora as implicações dessas descobertas para os humanos não estejam claras, após meses de trabalho assíduo para encontrar aliadas e construir coalizões, por fim eu estava satisfeita com meu status, com minhas amigadas e, mais importante para um primata, com as perspectivas de minha prole, após vários anos de vida naquela que, com o passar do tempo, vim a considerar minha tribo. Em parte, a melhoria em minha situação poderia ser atribuída ao meu “esforço” social — o cultivo de ligações e afiliações para mim e meus filhos; a persistência teimosa (e talvez, na opinião de alguns, patética) nas tentativas de construir alianças enquanto eu ignorava que era ignorada, e assim não perdia a dignidade; e o aproveitamento máximo das atenções passageiras de um macho alfa. No entanto, o evento que precipitou a transformação de meu status talvez tenha sido a interrupção de minha gravidez em estágio avançado, que despertou uma compaixão inesperada de meus pares. É provável que esse evento tenha ativado tendências profundas de generosidade, cuidado e empatia entre um grupo de mulheres que haviam evoluído como procriadoras cooperativas e cujas ancestrais cuidavam, com regularidade, das crianças dos membros de sua família e de suas colegas no bando. Embora essa prática não prevaleça mais em condições ecológicas e ambientais completamente diferentes, é claro que, quando se trata de procriação cooperativa, cuidados comuns e simples carinho, nas palavras do antropólogo Steve Josephson, “o software continua instalado”.

EM *A DIARY in the Strict Sense of the Term*, vemos o deslocamento do antropólogo Bronislaw Malinowski ao revelar o lado pessoal até então desconhecido de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, sua etnografia oficial da vida entre os nativos das ilhas Trobriand, perto da costa de Papua-Nova Guiné. Após se mudar para um arquipélago remoto em nome de uma “ciência” social incipiente, cujos praticantes lutavam para se distinguir dos missionários, comerciantes e administradores coloniais, Malinowski com frequência oferece um retrato de si como “perdido”. Esse eminente pai fundador da antropologia sentiu raiva de seus informantes, que, por vezes, se afastavam após ele lhes dar tabaco, ignorando suas “obrigações” de oferecer, em troca, verdades sobre eles mesmos e sobre sua cultura. Ele expressa toda espécie de insegurança pessoal e profissional e até mesmo um tipo de queda livre emocional e psicológica, à medida que se ajustava ao seu ambiente desconcertante — a moradia em uma cabana, o sol quentíssimo, uma língua estrangeira e uma forma de vida inteiramente estranha. Ele imagina, repetidas vezes, que está doente e à beira da morte. Sente ansiedade, solidão e frustração sexual.

Pensei muitas vezes em Malinowski, sobre quem escrevi minha tese de doutorado, enquanto passava meus dias no Upper East Side. Pensei em sua honestidade visceral a respeito de um dilema além de seu controle, embora em essência provocado por ele mesmo. Pensei em como ele parecia imperfeito, ressentido, mesquinho e pouco científico às vezes, o quão superficial e subjetivo poderia ser em seus escritos pessoais e particulares, em contraste com a voz fria, analítica, distante e profissional em *Argonautas*. Malinowski, acompanhado por um punhado de colegas, basicamente “inventou” a antropologia, uma disciplina que sempre adorei por ser uma mistura poderosa de narrativa e percepção, uma justaposição inquietante e inegável da experiência pessoal do indivíduo forasteiro e a narrativa dominante de uma cultura. Não sou uma antropóloga acadêmica — não me formei em antropologia, ainda que a tenha estudado e, mais tarde, feito uma carreira entendendo-a,

escrevendo sobre ela e ensinando sua história em meus cursos de estudos culturais. Tampouco fui até algum lugar remoto para observar e registrar o comportamento de chimpanzés, macacos ou babuínos, como fazem os primatólogos. Antropologia e primatologia foram apenas disciplinas e formas de pensar que estudei, pelas quais me apaixonei e que, em seguida, apliquei à minha experiência de mudanças e ajustes para viver em uma cultura estrangeira, uma sociedade cujos ritos, crenças e rituais desconhecidos me deixaram confusa e isolada de início.

Embora eu nunca tenha deixado Manhattan nem tenha precisado aprender uma nova língua, as experiências sobre as quais Malinowski escreveu em *Diary* (de irritação e deslocamento cultural) são, não obstante, muito familiares para mim. Eu ansiava pertencer e, às vezes, ficava muito ressentida com as pessoas ao meu redor que pareciam tão indiferentes, por vezes até mesmo desdenhosas, a todas que não faziam parte de seu grupo; eu me sentia menosprezada quando minhas tentativas de amizade ficavam sem resposta e reciprocidade; experimentei uma versão do choque cultural por causa desses ambientes estranhos e práticas culturais novas, e por ser ignorada e deixada de lado; e, por vezes, reprimi um desejo mesquinho de ironizar aquelas que eu buscava entender. Com muita frequência, mesmo sabendo que os maus-tratos que experimentei não eram, em específico, dirigidos à minha pessoa, me senti absolutamente hostil com relação a elas ("Meu sentimento [com relação a meus informantes é, às vezes] 'Extermine os selvagens'", escreveu Malinowski em um momento de raiva.) Eu entendia muitos desses "sentimentos de trabalho de campo", todos os dias.

Mas a tribo de mães que estudei e com quem convivi por anos acabou me surpreendendo. Acho que nunca fui tão maltratada na minha vida quanto nos primeiros meses de meu trabalho de campo, é verdade. Mas também nunca recebi tanto carinho e cuidado, sendo vista de fato como amiga, desde que perdi minha filha Daphne antes de seu nascimento. As outras mães, antes implacavelmente distantes, passaram a me apoiar. As mães que pareciam arrogantes e até mesmo cruéis, as que, eu sentia, me

olhavam de cima, zombavam de mim, me ignoravam sem cerimônias e me transformavam em um pária do *playdate*, as que haviam perdido ou tinham irmãs ou amigas que haviam perdido — essas mães o fizeram com envolvimento, dedicação e generosidade, o que me surpreendeu. Por fim, acho, elas esqueceram a causa da aproximação comigo, o que as motivara a serem carinhosas e generosas em vez de insensíveis, indiferentes e às vezes até asquerosas no começo. E então simplesmente continuaram a ser gentis.

“Como foi que nos tornamos amigas, mesmo? Estou tão feliz por isso... Será que foi na escola?”, ponderou uma amiga com cabelos brilhosos e óculos escuros Chanel quando nos encontramos na Madison Avenue, ao sol, após o café em uma manhã. Não lhe disse o que a aproximara de mim, pois o núcleo da amizade era profundo e me pareceu ser uma pena perturbá-lo. Deixei para lá.

Às vezes, ainda encontro mulheres com filhos pequenos no Upper East Side que são amigas de uma amiga ou fazem parte de comitês ou conselhos junto com alguém que conheço — uma conexão tênue —, e elas me parecem, após a primeira, segunda ou até mesmo terceira impressão, distantes ou antipáticas. Não sou nenhuma Poliana com relação à minha espécie, mas agora, à medida que observo a indiferença de outra mãe, sua distração ou crueldade, um comentário desdenhoso ou competitivo, tenho a sensação, nascida da experiência, de que é provável que em circunstâncias ruins eu veria uma parte melhor e mais profunda dela, e ela veria o mesmo em mim.



O primatólogo Frans de Waal está na vanguarda do campo emergente da empatia animal, que lida não somente com os primatas, mas também com caninos, paquidermes e até roedores. Todos esses mamíferos, mas talvez sobretudo os primatas, ele explica, “são sensíveis às emoções uns dos outros e reagem aos que

estão passando por alguma necessidade”. A afirmação parece modesta o bastante, a mesma que de Waal, Jane Goodall e Robert Sapolsky têm feito, baseados em evidências de seu trabalho de campo, por muitos anos. Existem, literalmente, milhares de casos documentados, aponta de Waal, de chimpanzés consolando com beijos e abraços seus pares angustiados. Macacos “abrirão de maneira voluntária uma porta para oferecer acesso a comida a um companheiro, mesmo se perderem parte dela no processo”. Os bugios procuram recompensar os outros, preferindo, quando oferecidos dois prêmios diferentes, o “pró-social”, que recompensa tanto o próprio bugio quanto o companheiro. A ciência demora em aceitar qualquer coisa que cheire a antropomorfismo — a projeção de nossas próprias características humanas nos animais —, porque parece frágil, sentimental e incorreto.

No entanto, é impossível ignorar a preponderância de indícios que sugerem que os animais cuidam uns dos outros, muitas vezes a um custo para si mesmos. O coração congelado da ciência é derretido quando começa a aceitar uma versão “menos ensopada de sangue” de nossa história evolucionária (caracterização feita por de Waal), uma que enfatiza como fomos formados pela cooperação e pela compaixão, tanto quanto pelo conflito violento e pela indiferença. Em parte, essa hipótese sobre as origens cooperativas da humanidade deriva da observação daquilo que os primatas não humanos fazem todos os dias. Sim, os chimpanzés podem ser muito agressivos e estão afinados com o poder de maneiras que, sem dúvida, provocariam a admiração do mais competitivo gerente de fundo de *hedge* de Manhattan. Certos primatas não humanos são quase maquiavélicos, observa de Waal — ele até estudou Maquiavel no início de sua carreira para entender melhor os chimpanzés que, pelo que constatou, “bajulam e conspiram”, e não expressam a mínima emoção ao ver a matança de um rival. Entretanto, eles também vivem em comunidades unidas e podem mostrar um carinho impressionante pelos outros, como quando uma fêmea chamada Daisy, que adorava lascas de madeira, acumulou uma grande quantidade e depois doou todo o material armazenado para um macho doente chamado Amos, para que ele pudesse deixar o

ninho onde descansava mais confortável. Acreditando que ele gostaria de tê-las, baseando-se nos *próprios* sentimentos (“Adoro as lascas de madeira, elas são tão confortáveis!”), ela se prejudicou (nenhuma lasca para ela naquele dia ou noite) para diminuir o desconforto de Amos. Esse ato de altruísmo foi baseado não em — ou não apenas em — um cálculo do que ela receberia em troca. Foi, ao contrário, motivado por um senso profundo de empatia. Ela estava, observou de Waal, essencialmente ajeitando os travesseiros na cama de hospital de alguém com quem se preocupava, sabendo que o faria se sentir melhor.



Por que se preocupar?

De Waal sugere que “para os mamíferos, o cuidado maternal é a forma prototípica de altruísmo e o molde para todo o restante”. Gestar um feto, dar seu corpo (e, como muitas mães humanas podem confirmar, sua mente) para algo que se desenvolve dentro de você e depois dar à luz a ele, produzir leite para amamentá-lo (ou de outra forma fornecer o alimento) e torná-lo o centro de seu universo não por horas, dias ou mesmo semanas, mas durante *anos* — esses atos cotidianos de maternidade tornam indistintos, de maneira fundamental e profunda, os limites entre o eu e o outro, entre o interesse por si mesmo e a compaixão, a empatia e os cuidados literalmente desgastantes com outra pessoa.

Sarah Hrdy sugere que as origens da empatia, aquele entendimento mútuo e profundo que nos leva a tratar os outros como gostaríamos que nos tratassem, mesmo que a um custo tremendo, podem ser encontradas não só no cuidado maternal, mas também na procriação cooperativa — a prática e a filosofia do “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, lembrada sobretudo pelo livro de Hillary Rodham Clinton no Ocidente industrializado, mas ainda evidente em toda parte nas outras

culturas, nas quais, como se diz em vários países e línguas do oeste africano, “uma criança tem muitos pais”.

Hrdy, a antropóloga Kristen Hawkes e mais recentemente Katie Hinde mostram que, nas palavras de de Waal, “o espírito de equipe dos humanos começou com cuidados coletivos de [nossos próprios] jovens, não apenas por parte das mães, mas pelos adultos ao redor”. Esses adultos incluíam homens, mas eram na maior parte, conforme nos mostraram Hawkes e Hinde, outras mulheres — familiares e amigas que ajudavam quando era necessário, e que eram ajudadas, por sua vez, quando precisavam. A ciência sugere que ser uma criadora cooperativa não apenas significa praticar o bem, mas também nos faz *sentir* bem. Para de Waal, os macacos rhesus demonstram de forma eloquente que os cuidados maternos e comunais dão uma sensação boa àqueles que os praticam. Todas as primaveras, quando os macacos rhesus têm bebês, as fêmeas jovens ficam frenéticas para tentar ajudar — e colocar as mãos neles. Ficam por perto das mães dos encantadores infantes, cuidando de maneira incansável e atenciosa, até uma mãe concordar que a cuidadora pode passar um tempo com seu bebê. Essas cuidadoras pegam os bebês com zelo total, relata de Waal, “virando-os de cabeça para baixo para inspecionar os genitais, lambendo suas caras, limpando-os por todos os lados e, por fim, adormecendo com os bebês encaixados com firmeza em seus braços”. Esse cochilo com os bebês acontece com regularidade e sem exceção, “dando a impressão de que as babás estão enfeitiçadas, ou talvez tenham entrado em êxtase”. Segurar os bebês libera oxitocina no cérebro e no sangue das babás, embalando-as em um sonho delicioso. Invariavelmente, elas levantam após alguns minutos para devolver os bebês para as mães.

Tais observações de nossos parentes primatas não humanos, assim como experiências extensivas com imagens neuronais, levaram o antropólogo James Rilling a concluir que “temos vieses emocionais que favorecem a cooperação e que podem ser superados apenas com controle cognitivo consciente”. Em outras palavras, cuidar é nosso primeiro impulso; apenas nossa mente nos impede de agir sempre assim.



Nossos dois filhos acabaram sendo aceitos em escolas no Upper West Side, e com meu trabalho e o do meu marido, ir e vir do East Side todos os dias durante o horário de pico parecia um fardo grande demais. Mudamos para o outro lado da cidade. As mães do Upper West Side são consideradas mais informais, amigáveis e descontraídas do que as do Upper East Side, e, em geral, constatei que isso é verdade. Ninguém transforma o *playdate* em uma grande questão; as crianças só vão para um parquinho próximo após a saída da escola. É raro ser objeto de provocações aqui; nunca me sinto malvestida. E agora vivo mais perto de Candace e Lily.

Às vezes, no entanto, sinto saudades do estado imaculado do Upper East Side, a sensação de segurança, sua serenidade bem cuidada e formal. Quando quero ver minhas amigas do Upper East Side ou ter uma experiência Upper East Side (almoçar no Sant Ambroeus, dar uma olhada na Charlotte Olympia ou passear pela Madison Avenue), é relativamente fácil e rápido atravessar o parque. Muitas amigas minhas do East Side têm filhos que agora estudam em escolas no Upper West Side, então às vezes nos encontramos no meu lado da cidade também. Como tantos outros habitantes de Uptown, passo de um lado para o outro. Mas esses dois lugares — Upper East e Upper West — ainda parecem muito diferentes para mim, assim como para a maioria dos outros nova-iorquinos. Consigo amar, apreciar e abraçar a diferença, agora que não estou mais nas trincheiras do East Side, tentando decifrar tudo e de alguma forma me incluir nelas.

Tive que aposentar minha Birkin. Em Paris, de férias, consultei uma médica no Sexto *arrondissement* sobre uma dormência constante em meu braço. O neurologista que consultei em Nova York descartou a possibilidade de ser algo sério, mas não tinha solução para oferecer, tampouco causa para sugerir. Eu não conseguia digitar, o que era, no mínimo, inconveniente para uma escritora. Passei vários dias de nossa viagem preocupada e massageando meu braço direito. Sentada à sua mesa, a médica

parisiense chique avaliou, exatamente por ser uma parisiense chique, não apenas a minha história de escritora incapaz de escrever, mas também a forma como eu me vestia, minha bolsa, todas as partes de minha aparência externa. Depois, falou de maneira enfaticamente francesa. Culpou minha bolsa pesada, pronunciando “É a Birrkahn, ou a escrita. Você escolhe”.

Lily teve filhas gêmeas dois anos atrás e me convidou para ser madrinha. Eu vejo as meninas quase todas as quintas-feiras e assumi a missão de mimar e dar a elas tudo que for possível. Elas são animadas, curiosas, bonitas e também divertidíssimas. Lily é mais mãe do que qualquer uma que conheço, melhor nisso e mais calma do que eu jamais fui com um bebê de cada vez. Às vezes falamos sobre Flora, e ela me conta que a situação não melhorou nem ficou mais fácil, mas que com frequência está feliz, e eu digo que entendo.

Meus filhos são meninos grandes agora. Podem fazer tudo que nós no Ocidente tanto desejamos que façam — ler, escrever e fazer o dever de matemática. Eu os motivo a arrumar a cama, largar seus iPads, escrever cartões de agradecimento, olhar os adultos nos olhos e falar com educação. E depois sinto preguiça e os deixo fazer o que quiserem. No verão, vamos para a praia e fico observando-os nadar na piscina e brincar no balanço de pneu. Eu os vejo encontrando outros grupos de crianças, crianças que conhecem e não conhecem, na praia e na vizinhança, enquanto converso com mães e pais que conheço e não conheço, absorvendo o fato de que, mesmo em um lugar tão metido a besta, organizado e privilegiado como o Upper East Side e seu satélite, o East End, a infância pode ser bagunçada, espontânea e fácil, e a maternidade pode ser relativamente simples. Nessas horas, sinto-me bem.

Algumas vezes por ano, meu marido e eu viajamos sem os meninos (para a Europa, na maior parte das vezes, e a outros lugares para onde seus negócios o levam), e, enquanto estamos lá, desejo estar com meus filhos. Fico maravilhada ao ver como a infância e a maternidade são diferentes de continente para continente, de cidade para cidade, de lugar para lugar. E como as práticas de uma tribo minúscula em um canto minúsculo de uma ilha

minúscula que estudei certa vez pareciam estranhas, interessantes e emocionantes se contempladas à distância. Penso nas palavras de Charles Darwin, não do Darwin cujo trabalho foi supersimplificado e utilizado para justificar o autointeresse implacável e racionalizar a noção de “gene egoísta”, mas do Darwin pai, aquele que perdeu três filhos, viveu seu luto de maneira tão profunda que quase ficou incapacitado, ajudou com alegria a esposa a criar mais sete até a idade adulta, equilibrou o trabalho que adorava com a paternidade e que tanto nos ensinou: “Os instintos sociais levam um animal a tirar prazer da associação com seus companheiros, a sentir alguma solidariedade por eles e a realizar vários serviços para eles.”



Sim, eu me sentia otimista, misericordiosa, generosa e solidária, sem mencionar que estava de bem comigo mesma no papel de mãe e escritora, quando fomos a uma festa para famílias no gramado imenso e imaculado da casa imensa e imaculada de alguém nos Hamptons, não muito tempo atrás. Eu tinha vendido um livro e entregado o manuscrito. Hollywood estava interessada. Nos círculos pequenos e fofoqueiros que eu ainda frequentava, isso era novidade, e as pessoas queriam falar. Grande parte da conversa era bem-intencionada e positiva, pais de crianças que meus filhos conheciam, pessoas que eu vim a conhecer por meio da maternidade, expressando a esperança de que tudo acabasse bem, que o livro fosse um sucesso, junto com uma porção de perguntas jocosas sobre se eu revelaria nomes. Enquanto conversávamos sobre isso e outras coisas, tais como as escolas onde nossos filhos agora estudavam e se gostavam dela, meu filho mais velho se aproximou. Ele estava vermelho e disse ofegante:

— Mãe, não estou me sentindo muito bem.

Virei-me para tocar em sua testa, ele estava com febre alta.

— Pega essa garrafa d’água e senta na sombra daquela árvore onde não tem ninguém por perto, já vou lá e depois vamos para

casa, querido — disse a ele, passando os olhos pela festa para encontrar meu marido e nosso filho mais novo.

Foi quando ela se materializou na minha frente — a Rainha das Abelhas-Rainhas, a pessoa mais cruel das Mães Malvadas. Eu conseguira evitar contato por muitos meses, enfiando-me nas escadas sempre que a via no corredor da escola, voltando-me para amigas verdadeiras quando a via em um evento e, em geral, simplesmente rezando para que ela passasse direto. Agora, dei um pequeno suspiro sem querer, torcendo para que estivesse indo para algum outro lugar. Em geral, ela não se importava comigo — por que se importar com alguém cuja presença você nem percebe? Mesmo vista pelas lentes delicadas da criação e dos cuidados cooperativos, mesmo após perdoá-la em minha mente (ela tinha um distúrbio alimentar; parecia que seu marido a traía; não era bom ser ela, ainda que sempre usasse roupas Chanel da última coleção), ela era, para mim, mais do que difícil de suportar. Relatos recentes de sua crueldade abundavam. Ela dizia a certas mulheres, na frente de suas amigas, que elas eram feias e burras, e que havia algo de errado com seus filhos. Eu a achava uma grossa metida a valentona e, pior ainda, uma imperatriz nua, mesmo usando Chanel. Por ela ser tão rica e poderosa, as pessoas que mostravam irritação por suas costas ficavam petrificadas demais para, de fato, confrontá-la a respeito de seus atos cruéis. Os administradores da escola faziam vista grossa porque ela fazia grandes doações. Todas as outras aceitavam submissas suas humilhações e se sentavam à sua mesa nos eventos, esperando por migalhas de não sei o quê. Negócios? Dinheiro? Um babado ou laço de suas roupas de alta-costura?

— Oi — disse ela, parecendo olhar através de mim. Minha mente entrou em parafuso. Minha cabeça sacudiu.

— Ah, me desculpe, meu filho está... — comecei, nervosa, olhando com agitação de um lado para o outro à procura de uma rota de fuga. Ela não deu a mínima para o que eu falava e me interrompeu, como se eu não tivesse o direito de responder à sua saudação.

— Ouvi falar de sua história ou livro ou... seja lá o que for. Como se chama? — Seus olhos varreram o gramado em busca de

possibilidades melhores. Senti meu filho mais velho tocar meu cotovelo.

Disse-lhe o nome do livro, virei para tranquilizá-lo e dizer que, sim, já íamos embora, imediatamente.

— É um bom título — disse ela sem rodeios, seu olhar pousando por um instante em meu filho, com certa indiferença.

— Ah, obrigada; temos que...

— Aposto que foi seu editor que deu esse título. — Não era uma pergunta. Era uma afirmativa. Não era possível, de forma alguma, que eu tivesse um título bom dentro de mim, muito menos um livro bom etc. Eu me endireitei e virei para olhá-la nos olhos. Ela sorriu com desprezo.

— Não, foi ideia minha — respondi com dureza, sem dúvida, fitando-a agora. Meu filho tossiu.

Ela disse, com um sorriso sarcástico:

— Claro que foi.

Por um segundo, imaginei fazer o que, segundo ouvi, uma mulher que vivia em Downtown fizera quando a Rainha das Abelhas-Rainhas insultou seu filhinho. Pelo que contam, ela tinha colocado a mão no ombro da Rainha e dito solenemente: "Ninguém. Gosta. De. Você." E depois foi embora. Ela era como Paul Bunyan, essa Mulher que Ousou, cuja lenda perdurava em músicas e fofocas.

Agora, antes que eu pudesse decidir o que dizer ou fazer, meu devaneio foi interrompido por meu filho. Como em câmera lenta, com obediência, após anos de treinamento, ele estendeu a mão na direção da Rainha, sem saber que esse caso era diferente. Imaginei-me, também em câmera lenta, como um herói de filme de ação, saltando pelo espaço que os separava, dramaticamente interceptando sua mão e gritando "NÃÃÃÃÃÃÃÃO!" para salvar outra mãe de um pavoroso resfriado ou uma febre no começo do ano escolar. Tudo para cuidar dela, como aquelas que mostraram compaixão comigo tinham feito, porque ela, com certeza, precisava. Eu me vi deitada no chão, meu vestido sujo e coberto de grama devido ao meu ato bondoso e heroico. A Rainha das Abelhas-Rainhas olhava para mim com surpresa e gratidão.

E então, voltou a ser um dia normal em um gramado brilhante, e eu não fiz nada quando ela pegou a mão de meu filho — frouxamente, sem qualquer interesse nele. Puxei-o para longe sem dizer adeus e agradei depressa aos anfitriões enquanto partia, após encontrar meu marido e meu filho mais novo. Quando me virei para dar uma última olhada na festa, percebi com um sorriso de satisfação que a Rainha, que também estava indo embora, limpava os olhos e o nariz com a mesma mão usada para cumprimentar meu filho febril.

Meu filho ficaria bem com alguns analgésicos e repouso, eu sabia. O sol estava se pondo no céu azul radiante, e senti uma onda gradual e intensa de felicidade me cobrir enquanto minha família ia para casa, com as janelas do carro abertas, desfrutando da linda tarde.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMEISTER, Roy, e Dianne Tice. "Anxiety and Social Exclusion", *Journal of Social and Clinical Psychology*, v. 9, n. 2, 1990, pp. 165–95.
- BECK, Taylor. "Estrogen and Female Anxiety: Study Suggests Lower Levels Can Lead to More Mood Disorders", *Harvard Gazette*, 9 ago. 2012.
- BELL, Adrian, Katie Hinde, e Lesley Newson. "Who Was Helping?: The Scope of Female Cooperative Breeding in Early Homo". *PlosOne*, Disponível em: www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0083667. Acesso em: dez. 2013.
- BENNETTS, Leslie. *The Feminine Mistake: Are We Giving Up Too Much?*. Nova York: Voice, 2007.
- BLURTON-JONES, Nicholas. "The Lives of Hunter-Gatherer Children: Effect of Parental Behavior and Parental Reproductive Strategy". PEREIRA, Michael E., e Lynn A. Fairbanks, org. *Juvenile Primates: Life History, Development, and Behavior*. Nova York: Oxford University Press, 1993, pp. 309–26.
- BOGIN, Barry. "Evolutionary Hypotheses for Human Childhood", in: *Yearbook of Physical Anthropology*, v. 40, 1997, pp. 63–89.
- CAMPBELL, A., e M. Haussman. "Effects of Oxytocin on Women's Aggression Depend on State Anxiety." *Aggressive Behavior*, v. 39, n. 4, pp. 316–22.
- CARMON, Irin. "Strong Proof: 'Drink' and 'Her Best-Kept Secret'", Sunday Book Review, *New York Times*, 13 nov. 2013. Acesso em: 14 abr. 2014.
- CRONK, L., N. Chagnon, e W. Irons, orgs. *Adaptation and Human Behavior: An Anthropological Perspective*. Hawthorne: Aldine de Gruyter, 2000.

- DE WAAL, Frans. *The Bonobo and the Atheist: In Search of Humanism Among the Primates*. Nova York: W.W. Norton, 2014.
- DEANS, Emily, MD. "Dieting Can Make You Lose Your Mind", *Psychology Today*. Disponível em: www.psychologytoday.com/blog/evolutionary-psychiatry/201103/dieting-can-make-you-lose-your-mind. Acesso em: 24 mar. 2011.
- DONNER, Nina, e Christopher Lowry. "Sex Differences in Anxiety and Emotional Behavior", *European Journal of Physiology*, v. 465, 2013, pp. 601–26.
- "Generalized Anxiety Disorder: An In-Depth Report", *The New York Times*. Disponível em: www.nytimes.com/health/guides/disease/generalized-anxiety-disorder/print.html.
- GESQUIERE, L., *et al.* "Life at the Top: Rank and Stress in Wild Male Baboons", *Science*, v. 333, pp. 357–60.
- GLASER, Gabrielle. "Why She Drinks: Women and Alcohol Abuse", *Wall Street Journal*, 13 jun. 2013. Acesso em: 12 abr. 2014.
- _____. *Her Best-Kept Secret: Why Women Drink—and How They Can Regain Control*. Nova York: Simon & Schuster, 2013.
- GRANT, Adam M., e Barry Schwartz. "Too Much of a Good Thing: The Challenge and Opportunity of the Inverted U", *Perspectives on Psychological Science*, v. 6, 2011, p. 61.
- HAYS, Sharon. *The Cultural Contradictions of Motherhood*. New Haven: Yale University Press, 1996.
- _____. "The Ideology of Intensive Mothering", in *From Sociology to Cultural Studies: New Perspectives*, Elizabeth Long (org.). Nova York: Blackwell, 1997.
- HEWLETT, Barry, e Michael Lamb, (orgs.) *Hunter Gatherer Childhoods: Developmental and Cultural Perspectives*. Piscataway: Aldine Transaction, 2005.
- HOFFMAN, Stephan, e Anu Asnani. "Cultural Aspects in Social Anxiety and Social Anxiety Disorder", *Depression and Anxiety*, v. 27, n. 12, dez. 2012, pp. 1117–27.
- HRDY, Sarah Blaffer. *Mothers and Others: The Evolutionary Origins of Mutual Understanding*. Cambridge, MA: Harvard University

Press, 2009.

_____. *Mother Nature: Maternal Instincts and How They Shaped the Human Species*. New York: Ballantine, 1999.

KONNER, Melvin. *The Evolution of Childhood: Relationships, Emotion, Mind*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

KRAMER, Karen. *Variation in Children's Work among Modern Maya Subsistence Agriculturalists*. Dissertação. Universidade do Novo México, 1998.

_____. *Maya Children: Helpers at the Farm*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

LUREY, David. *The Anthropology of Childhood: Cherubs, Chattel, Changelings*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press, 2008.

MAUSS, Marcel. *The Gift*. Nova York: W.W. Norton, 2000.

OFFER, Shira, e Barbara Schneider. "Revisiting the Gender Gap in Time-Use Patterns: Multitasking and Well-Being among Mothers and Fathers in Dual-Earner Families", *American Sociological Association*, v. 76, n. 6, 2011, pp. 809–33.

SAPOLSKY, Robert. *A Primate's Memoir: A Neuroscientist's Unconventional Life Among the Baboons*. Nova York: Scribner, 2002.

_____. "Peace Among Primates" e "How to Relieve Stress". Disponível em www.beinghuman.org/mind/robert-sapolsky.

SCUTTI, Susan. "Binge Drinking — Rich Women Most Likely to Binge Drink", *Medical Daily*, 24 abr. 2013. Acesso em: 14 abr. 2014.

SHOSTAK, Marjorie. *Nisa: The Life and Words of a !Kung Woman*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

SMALL, Meredith. *Our Babies, Ourselves: How Biology and Culture Shape the Way We Parent*. Nova York: Random House, 1999.

_____. *Kids: How Biology and Culture Shape the Way We Parent Young Children*. Nova York: Random House, 2002.

SMITH, Harriet J. *Parenting for Primates*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

SMUTS, Barbara. "The Evolutionary Origins of Patriarchy", *Human Nature*, v. 6, n. 1, mar. 1995, pp. 1–32.

- STERCK, Elisabeth, *et al.* "The Evolution of Female Social Relationships in Nonhuman Primates", *Behavioural Ecology and Sociobiology*, v. 41, 1997, pp. 291–309.
- STOCKLEY, P. e A. Campbell, (orgs.). Female Competition and Aggression: Interdisciplinary Perspectives. *Philosophical Transactions of the Royal Society/Biological Sciences*, out. 2013.
- "Summary of Vital Statistics 2012, The City of New York: Pregnancy Outcomes", New York City Department of Health and Mental Hygiene, 2014.
- SYMONS, Jane. "Caveman Fasting Diet May Leave Women Diabetic", *Express* (site do *Daily Express* e *Sunday Express* do Reino Unido), 27 jan. 2013. Acesso em: 13 abr. 2014.
- "Take Care Upper East Side", *Community Profiles*. New York City Department of Health and Mental Hygiene, 2006.
- THOMPSON, Clive. "The Ecology of Stress", *New York Magazine*, 15 set. 2010. Disponível em: <http://nymag.com/nymetro/urban/features/stress/10888/>.
- VOLK, A. A., e J. Atkinson. "Is Child Death the Crucible of Human Evolution?", *Journal of Social and Cultural Evolutionary Psychology*, v. 2, 2008, pp. 247–60.
- WALTER, Chip. "Why Are We the Last Apes Standing? How Childhood Helped Modern Humans Conquer the Planet", *Slate*, 29 jan. 2013. Disponível em: www.slate.com/articles/health_and_science/science/2013/01/evolution_of_childhood_prolonged_development_helped_homo_sapiens_succeed.html.
- WARNER, Judith. *Perfect Madness: Motherhood in the Age of Anxiety*. Nova York: Riverhead Press, 2005.
- WEISNER, Thomas, e R. Gallimore. "My Brother's Keeper: Child and Sibling Caretaking", *Current Anthropology*, v. 8, 1977, pp. 169–90.

AGRADECIMENTOS

Sou muito grata às mulheres com filhos pequenos que me ensinaram a ser uma mãe do Upper East Side. No início, eu desconfiava delas tanto quanto elas de mim, mas acabaram provando o que todos os primatólogos sabem: somos seres incrivelmente pró-sociais e associativos, cujas trajetórias parentais longas, intensivas e extremamente cooperativas têm sido, em grande parte, responsáveis por nos tornarem quem somos. As mães do Upper East Side que abraçaram a mim e ao meu projeto foram guias nativas capacitadas e generosas, mostrando-me o Caminho e revelando o sistema de crenças por trás dele com inteligência, animação e um ótimo humor. Elas compartilharam histórias hilárias e pungentes sobre todas as grandes questões dos primatas — poder, criação de filhos, sexo, ansiedade e perda, para citar apenas algumas. Mostraram-me os bastidores, abriram suas casas, compartilharam seus pontos de vista, pensamentos, sentimentos e (algo muito importante para nós, macacos de grande porte) sua comida. Graças a elas, deixei de ser uma forasteira e passei a conhecer o calor de sentar em volta de uma fogueira na companhia de outras. Tenho uma dívida do mesmo tamanho com as amigas que ouviram, aconselharam e colocaram as coisas em contexto. Obrigada, então, a Regan Healy-Asnes, Jill Bikoff, Lindsay Blanco, Jackie Cantor, Vivien Chen, Amy Fusselman, Elizabeth Gordon, Lauren Geller, Barrie Glabman, Judith Gurewich, Marjorie Harris, Eva Heyman, Suri Kasirer, Jennifer Kingson, Kelly Klein, Beth Kojima, Ellen Kwon, Nancy Lascher, Simone Levinson, Wellington Love, Eve MacSweeney, David Margolick, Jennifer Maxwell, Jackie Mitchell, Liz Morgan Welch, Arianna Neumann, Solana Nolfo, Jeff Nunokana, Debbie Paul, Rebecca Rafael, Barbara Reich, Tina Lobel-Reichberg, Jessica Reif-Cohen, Atoosa Rubenstein, Jackie Sackler, Erica

Samuels, Jen Schiamberg, Caroline Schmidt, Adam Schwartz, Carole Staab, Dana Stern, Rachel Talbot, Amy Tarr e Amy Wilson.

A edição de Trish Todd foi reveladora, incisiva e paciente, realizada com a sensibilidade de uma mãe que sabe exatamente como outras mães protegem seus bebês. Ela foi e é um xamã dos livros por excelência. Obrigada a Richard Pine, que foi além de suas obrigações, e a Sandi Mendelson, que nunca descansa. Bethany Saltman deu uma ajuda imensa com a pesquisa. Sou grata aos professores Katherine MacKinnon, Richard Prum, Katie Hinde e Dan Wharton, por dispensarem tempo para instruírem uma forasteira, cujos mal-entendidos grosseiros de suas visões de mundo não conseguiram diminuir a generosidade ou a paciência deles. Quaisquer deficiências com relação a assuntos científicos no livro são de minha exclusiva responsabilidade. Agradeço também aos especialistas Heidi Waldorf, MD, Dennis Gross, MD, Stephanie Newman, ph.D, e Rachel Blakeman, JD/LCSW, cujas ideias sobre beleza e ansiedade aclararam minhas dúvidas sobre esses tópicos.

Sem a dedicação de vários pais postiços que cuidaram dos meus filhos, eu não conseguiria ter escrito este livro. Agradeço a Carlos Fragoso, Elizabeth Dahl e Sarah Swatez. Meus filhos também formaram ligações muito genuínas e significativas com seus primos, tios e tias, avós e meias-irmãs carinhosas, com quem estou em dívida. Agradeço a minha mãe, que, de alguma maneira, encontrou tempo para me ensinar a amar antropologia, biologia, Gloria Steinem e Jane Goodall e seus chimpanzés de Gombe, mesmo enquanto criava três filhos longe de sua família, sem babás à vista. Agradecimentos especiais à minha amiga Lucy Barnes, que, com generosidade e gentileza singulares, me perguntava quase todos os dias "Como está indo o livro?" e me fez madrinha de suas filhas, Sylvie e Willa.

Meus filhos, Eliot e Lyle, me ensinaram a assumir o risco do amor maternal. Amo vocês, macaquinhos. Por fim, meu melhor leitor e a melhor escolha que já fiz na vida, meu marido, Joel Moser. Graças a ele, tornei-me mãe e aprendi que o vínculo monogâmico, apesar de ser uma anomalia e uma raridade em termos evolucionários, dá uma

sensação de segurança e tranquilidade. Por isso, sou eternamente grata.

SOBRE A AUTORA



© 2015 BY ELENA SEIBERT

Wednesday Martin, ph.D., lecionou estudos culturais em Yale, onde concluiu o doutorado em literatura comparada e estudos culturais com foco em antropologia e em história da psicanálise. Atua há mais de vinte anos como escritora e pesquisadora social na cidade de Nova York. É colaboradora da edição virtual da revista *Psychology Today* e tem artigos publicados em veículos como *The New York Times*, *Cosmopolitan* e *Glamour*. Foi colunista na área de maternidade e estilo de vida do *New York Post* e colaborou com o *Daily Telegraph*. Wednesday mora em Nova York com o marido e os dois filhos.

LEIA TAMBÉM



[*Bling Ring: a gangue de Hollywood*](#)
[Nancy Jo Sales](#)



[*Um brinde a isso*](#)
[Betty Halbreich com Rebecca Paley](#)



Grito de guerra da mãe-tigre
Amy Chua

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Introdução](#)

[Capítulo Um: Comme il faut](#)

[Capítulo Dois: Pária do playdate](#)

[Capítulo Três: Virando nativa: mamãe quer uma Birkin](#)

[Capítulo Quatro: Gueixa de Manhattan](#)

[Capítulo Cinco: Uma noitada em casa com as meninas](#)

[Capítulo Seis: Um ansiolítico e um bloody mary: as mães de Manhattan à beira de um ataque de nervos](#)

[Capítulo Sete: Um dia chuvoso](#)

[Capítulo Oito: Notas de campo resumidas](#)

[Bibliografia](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia também](#)